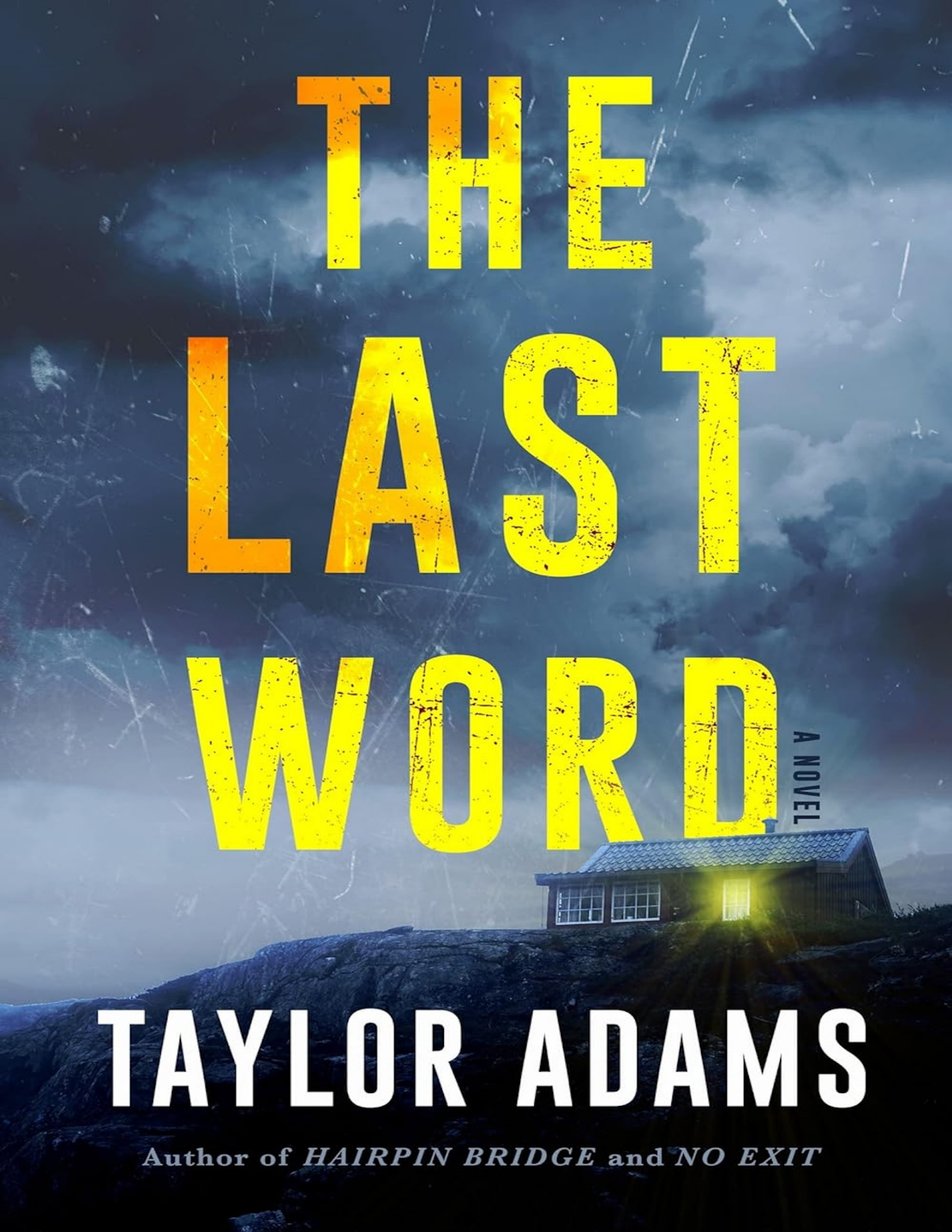
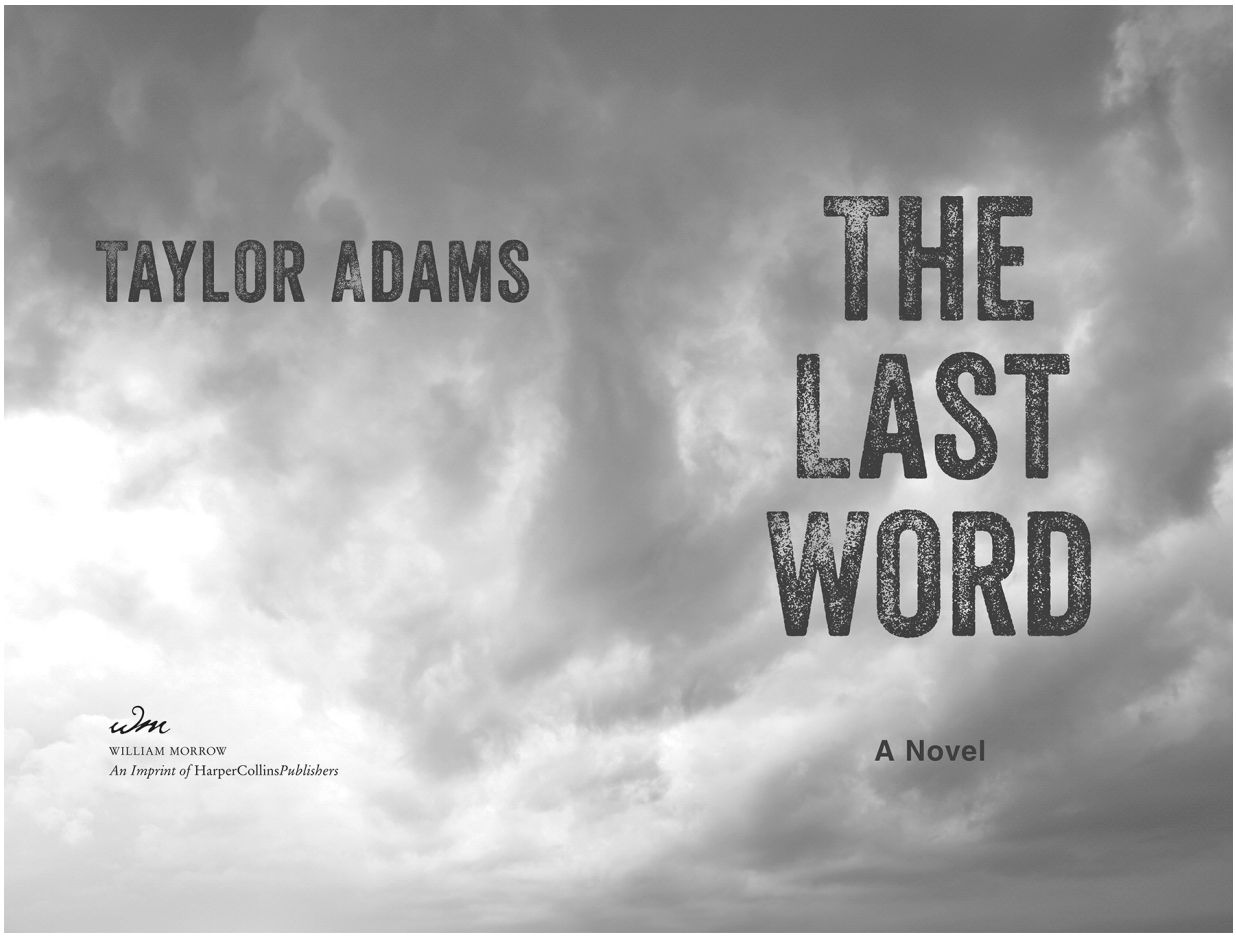
THE LAST WORD

A NOVEL



TAYLOR ADAMS

Author of *HAIRPIN BRIDGE* and *NO EXIT*



WILLIAM MORROW
An Imprint of HarperCollins*Publishers*

Dedicação

Para Nolan

Dedicação

Para Nolan

Conteúdo

Cobrir
Folha de rosto
Dedicação

Prólogo

Parte um
1
2
3
4
5
6
7

Parte dois
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

Parte TRÊS
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

Parte Quatro
31
32
33
34
35
36
37
38
Intersticial
Intersticial
39

Epílogo

Agradecimentos
Sobre o autor
Também por Taylor Adams
direito autoral
Sobre a editora

Parte TRÊS
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

Parte Quatro
31
32
33
34
35
36
37
38
Intersticial
Intersticial
39

Epílogo

Agradecimentos
Sobre o autor
Também por Taylor Adams
direito autoral
Sobre a editora

Prólogo

O fim.

Emma Carpenter deixa cair seu e-reader. Como se estivesse saindo de um mergulho profundo com os pulmões doloridos, ela nunca ficou tão grata ao ver essas duas palavras em sua tela branca como papel.

"Graças a Deus." Ela esfrega os olhos.

Ela baixou este e-book bizarro por noventa e nove centavos por recomendação do vizinho. A arte da capa do romance era preta e inexpressiva com um título branco da Comic Sans: Murder Mountain. Sinistro, mas de uma forma lo-fi, como uma fita VHS. Por menos do que o custo de uma barra de chocolate, como você pode errar?

Após a compra, ela notou o subtítulo: O livro mais assustador que você já leu.

Ah, ah.

A sinopse delirante estava entre aspas, para parecer citada de uma crítica ou de uma pessoa notável, mas não havia nenhuma fonte atribuída. Foi o orgulho pessoal do autor.

Ah, ah.

Emma perseverou e continuou lendo de qualquer maneira, enquanto o romance de terror seguia dois estudantes universitários viajando sozinhos no sopé dos Apalaches. Um é formado em psicologia e o outro é estudante de direito que estuda para o LSAT. Elas são mais enfeites do que pessoas: vaidosas, estridentes, estúpidas e talvez as lésbicas menos convincentes já escritas. É revelador que o personagem mais autêntico de todo o livro é o serial killer.

Além das queixas habituais de Emma com a fórmula de ficar preso em um lugar remoto com uma pessoa assustadora (Por que nunca há sinal de celular? Por que ninguém carrega uma arma? Pelo amor de Deus, por que eles continuam se separando?), a única coisa que a manteve lendo essa marcha da morte de cem mil palavras foi uma escolha artística interessante: desde a primeira página, o romance é narrado inteiramente do ponto de vista do vilão em primeira pessoa.

As duas mulheres - os personagens pelos quais os leitores devem simpatizar - só são descritas através dos olhos do assassino.

Escrito no pretérito.

Mais uma vez: ah, ah.

Não é surpresa, então, que depois de horas de perseguição tediosa, o narrador/assassino pegue Psych sozinha em sua tenda e comece a estrangulá-la. Prelaw intervém para salvá-la, mas - em vez de pegar o rifle de visão noturna do assassino, que ele descuidadamente deixou de lado - ela opta por lutar corpo a corpo como um idiota. Ela é imediatamente estripada e Psych é promovida a Final Girl. Psych também perde o memorando para pegar a maldita arma e, em vez disso, foge gritando pela floresta, tropeçando em uma cabana abandonada que fica a uma curta distância, mas nunca mencionada até agora. É claro que o caminhão estacionado não dá partida. É claro que ela se prende no único cômodo sem saída. É claro que ele dirige para casa com a cabeça dela em uma mochila.

O fim.

Graças a Deus por isso, pelo menos.

A Amazon tem a audácia de pedir que ela avalie o livro. De cinco estrelas? Um. Ela garante que zero não seja uma opção. Então ela digita uma breve resenha – provavelmente melhor escrita do que Murder Mountain inteira – mas antes de clicar em Enviar, ela hesita.

Por que?

Ela não tem certeza. Seu dedo paira em uma pausa repentina. Ela imagina seu próprio futuro alertando desesperadamente sobre algo terrível no horizonte, que ela está prestes a assinar sua própria sentença de morte e que esta é sua última chance de mudar de rumo. O e-book ainda não foi avaliado, então sua crítica de uma estrela será a primeira e única. O autor irá lê-lo pessoalmente?

Algo bate na janela atrás dela. É um som estranho e carnudo, repugnante por seu peso. Seu coração bate forte no peito.

Ela se vira, mas vê apenas o céu aguado lá fora. Acres de grama amarela, orvalhada pela chuva e ondulando com o vento fraco. As ondas brancas do oceano além.

Um pássaro.

Ela está sozinha.

Um pássaro voou pela janela.

Mesmo assim, ela se levanta, veste uma capa de chuva e verifica o quintal. Com certeza, ela encontra o pássaro imóvel no canteiro arenoso logo abaixo das janelas do chão ao teto. Uma coisa frágil, marrom e avermelhada. Pálpebras fechadas, como se estivesse dormindo.

Com as mãos em concha, Emma coloca o pássaro em uma cadeira de jardim

sobre uma toalha de praia azul amarrotada. Às vezes, ela sabe, eles voltam à vida. Seus pequenos cérebros só precisam ser reiniciados.

Ela retorna para dentro.

Em seu e-reader, ela descobre que sua crítica de Murder Mountain já foi publicada. Seu dedo indicador deve ter se contraído de surpresa. Aí está. Suas palavras. Uma estrela. Tarde demais agora.

Então ela exclui o romance e tenta esquecer os dois estudantes universitários fictícios e seus assassinatos cuidadosamente detalhados. Ela tem inúmeros outros e-books para ler. A internet é um vasto oceano de histórias e, preocupantemente, ela está percebendo ultimamente que a qualidade do livro nem importa. Excelente, medíocre - tanto faz. Só deve ser um mundo suficientemente diferente do de Emma, aqui nesta costa arenosa e cinzenta.

Ela estuda suas próprias palavras por mais um momento. Ela foi muito dura com esse estranho? Pelo que ela sabe, esse autor poderia ter doze anos. Na verdade, isso explicaria muita coisa.

Quem se importa?

Pare de olhar para isso.

Ela decide que vai passear com seu golden retriever, Laika, na praia antes que a próxima tempestade chegue. Ao sair, ela passa pelo pássaro na cadeira de jardim, ainda imóvel, e espera que, quando voltar, ela o encontre. encontre a toalha vazia, o animal atordoado vivo e livre.

Ela nunca mais pensará em Murder Mountain.

Até duas horas depois, quando ela volta para dentro com sal no cabelo e areia nos tênis, e um ícone vermelho no canto do navegador informa que sua avaliação de usuário recebeu um comentário.

Ela sente um leve puxão no estômago. As opiniões são como idiotas, diz o ditado, e a internet tem milhões de ambos. Mas de alguma forma ela já sabe exatamente quem comentou.

Ela clica.

O Wi-Fi via satélite funciona brevemente antes de exibir:

> Olá Emma86,
>
> Prazer em conhecê-lo! Sou o autor do aclamado thriller MURDER MOUNTAIN. Muito obrigado por ler meu romance. São leitores como você que tornam tudo isso possível!
>
> No entanto, vejo que você não gostou do meu livro. E tudo bem! Mas deixe-me perguntar: por que revisá-lo, então? Os leitores devem postar apenas suas críticas positivas. E você pode não ter nada em jogo aqui, mas eu tenho. Outros leitores em potencial verão sua crítica de 1 estrela, e isso pode desencorajá-los de comprar meus livros, o que me prejudica

financeiramente!

Eu trabalho duro para que um dia possa largar meu emprego e escrever em tempo integral. Tem sido o meu sonho de vida desde que eu era criança. Tenho certeza de que você é uma pessoa maravilhosa na vida real e não gostaria de atacar minha segurança financeira, então gostaria de saber se você poderia, por favor, remover seu comentário.

Muitas felicidades,
HG Kane

Ela lê duas vezes.

S Ela nunca viu um autor comentar uma resenha online de seu próprio livro, muito menos pedir sua remoção. Isso quebra alguma regra não escrita, certo? Ela estende a mão para fechar o laptop, puxando a tela até a metade, mas algo aqui precisa ser respondido.

Não faça isso.

Talvez seja a alegria fabricada, vinda de um escritor que descreveu os tendões do pescoço de uma mulher “estalando como fios de espaguete claros”. Ou talvez sejam os pontos de exclamação excessivos, como conversas de bebê.

Não responda.

Ou talvez seja a vitimização, a implicação desagradável de que este “autor” tem direito a viver a tempo inteiro com um emprego, sem ser realmente competente para isso.

Não-não-não-

Ela reabre seu laptop. Rapidamente ela digita:

Oi. Obrigado por reservar um tempo para comentar minha análise. Lamento que seu livro não tenha sido para mim. Mas vou respeitosamente optar por manter minha crítica publicada, porque este é um fórum para os leitores compartilharem suas opiniões honestas, tanto positivas quanto negativas.

Ela quase adiciona suas próprias iniciais, mas não o faz. Ela clica em Enviar, desta vez sem pausa. O comentário dela surge abaixo do dele.

Feito.

O nome do autor fica preso em sua mente. HG Kane.

Parece vagamente familiar. Talvez essa pessoa tenha projetado sua personalidade de caneta para soar assim, como uma transmutação sexy de H. G. Wells e Stephen King? Ele ou ela não pode realmente ser famoso, se a própria Emma acabou de postar o primeiro e único de Murder Mountain—

Ela recebeu outro comentário. Já.

Seriamente?

Um arrepio percorre sua espinha enquanto ela lê:

Emma86, com todo o respeito, passei 6 meses escrevendo MURDER MOUNTAIN. Você levou apenas alguns segundos para digitar aquela crítica odiosa e manchar todo o meu trabalho duro. Pequenos idiotas como

você não entendem o que realmente está em jogo para mim.

Eu imploro que você anote seu comentário.

Melhor,

HGK

Este, ela só pode ler uma vez.

Eu te imploro. Alguém neste século ainda diz isso? E pequenos idiotas como você – isso é um insulto? É tudo tão descaradamente estranho.

As teclas rangem sob seus dedos.

Desculpe, mas minha resposta ainda é não. Boa sorte com seus futuros livros.

Ela considera, antes de acrescentar:

Além disso, para sua informação sobre seus livros futuros, nenhuma mulher NUNCA andaria de salto alto.

Isso está ficando insuportável. Ela se pergunta se outros usuários lerão esta cadeia e entrarão. O que eles pensarão? De que lado eles ficarão?

Não há lados, ela lembra a si mesma. Os leitores devem ter opiniões. Os autores não deveriam comentar sobre eles. E quanto mais ela relê as palavras desse estranho, mais sua pulsação acelera em seu pescoço. Por que Emma deveria se importar com o fato de esse autoproclamado “escritor” ter passado seis meses de sua vida produzindo aquela evacuação literária? Ela passou quatro horas dela lendo. Ambos perderam.

Ela precisa de ar. De novo.

Ela percebe que se esqueceu do pássaro atordoado lá fora.

As primeiras gotas de chuva estão caindo quando ela volta para verificar a cadeira de jardim. Para sua decepção, o corpo emplumado ainda está ali, na toalha. Exatamente como ela deixou. Pernas duras enrijecendo. Olhos fechados. E agora, sob o estrondo de um trovão que se aproxima, Emma percebe algo que ela não percebeu antes.

Uma gota de sangue seco entre as pálpebras estremecidas de uma ave, como uma minúscula lágrima vermelha.

Ela retorna para dentro.

Na tela dela, outra mensagem do autor – agora com um toque de ameaça.

Não vou perguntar de novo.

Sem sentar, ela responde.

Bom.

Então ela fecha o laptop.

você não entendem o que realmente está em jogo para mim.

Eu imploro que você anote seu comentário.

Melhor,

HGK

Este, ela só pode ler uma vez.

Eu te imploro. Alguém neste século ainda diz isso? E pequenos idiotas como você – isso é um insulto? É tudo tão descaradamente estranho.

As teclas rangem sob seus dedos.

Desculpe, mas minha resposta ainda é não. Boa sorte com seus futuros livros.

Ela considera, antes de acrescentar:

Além disso, para sua informação sobre seus livros futuros, nenhuma mulher NUNCA andaria de salto alto.

Isso está ficando insuportável. Ela se pergunta se outros usuários lerão esta cadeia e entrarão. O que eles pensarão? De que lado eles ficarão?

Não há lados, ela lembra a si mesma. Os leitores devem ter opiniões. Os autores não deveriam comentar sobre eles. E quanto mais ela relê as palavras desse estranho, mais sua pulsação acelera em seu pescoço. Por que Emma deveria se importar com o fato de esse autoproclamado “escritor” ter passado seis meses de sua vida produzindo aquela evacuação literária? Ela passou quatro horas dela lendo. Ambos perderam.

Ela precisa de ar. De novo.

Ela percebe que se esqueceu do pássaro atordoado lá fora.

As primeiras gotas de chuva estão caindo quando ela volta para verificar a cadeira de jardim. Para sua decepção, o corpo emplumado ainda está ali, na toalha. Exatamente como ela deixou. Pernas duras enrijecendo. Olhos fechados. E agora, sob o estrondo de um trovão que se aproxima, Emma percebe algo que ela não percebeu antes.

Uma gota de sangue seco entre as pálpebras estremecidas de uma ave, como uma minúscula lágrima vermelha.

Ela retorna para dentro.

Na tela dela, outra mensagem do autor – agora com um toque de ameaça.

Não vou perguntar de novo.

Sem sentar, ela responde.

Bom.

Então ela fecha o laptop.

Parte um

Nunca reescreva.

—H. G. Kane, “Dicas de redação de um autor profissional”, 2015, hgkaneofficial.com

Parte um

Nunca reescreva.

—H. G. Kane, “Dicas de redação de um autor profissional”, 2015, hgkaneofficial.com

1

Algum tempo depois das três da manhã, Emma acorda e vê um homem parado no canto escuro de seu quarto. Ele está quase todo obscurecido pela sombra negra angular da porta.

Ela pisca, esperando que a figura desapareça como um sonho que se desvanece.

Ele ainda está lá.

Ela foca os olhos e a sala fica mais nítida. Um raio de luar atinge um pedaço de tecido do casaco no ombro da aparição. Uma dobra de carne flácida no pescoço. E a borda de um chapéu. Como algo que um gangster usaria em um filme antigo.

Olhando para ela.

Observando-a dormir.

Ela não ousa se mover. Nem mesmo um dedo do pé. Se ele perceber que ela está acordada, o momento frágil será destruído. Ele avançará e cortará sua garganta ou arrancará seus olhos ou pior. Ela pisca novamente, tentando encontrar mais detalhes na escuridão, tentando não abrir muito os olhos.

A figura também não se move.

Ela percebe que está prendendo a respiração. Seus pulmões queimam. Ela inspira o mais silenciosamente que pode, com um leve silvo entre os dentes. Ela se pergunta se ele pode ouvir.

Há quanto tempo ele está parado ali, me observando?

A sala oscila no fio da navalha.

Emma mora sozinha. Este quarto fica no segundo andar. O telefone dela está carregando lá embaixo. Não há armas em casa. E nenhum vizinho perto o suficiente para ouvi-la gritar. Ela pensa em se livrar dos cobertores agora, ficar de pé e passar correndo pelo estranho e descer as escadas. Mas ainda está muito escuro para ter certeza. Ele ainda pode ser apenas um casaco pendurado, ela diz a si mesma. Uma ilusão.

À sua esquerda, há um abajur de cabeceira com uma corrente. Ela desliza a

mão em direção a ele, enfiando os dedos sob os lençóis como uma serpente debaixo d'água.

Silêncio.

A figura não se moveu. E ele não viu a mão dela se mover – pelo menos ainda não. Emma fecha os olhos e se concentra nos sons ambientes. O rugido baixo das ondas. O barulho das gotas de chuva nas telhas. Ela tenta localizar a respiração do estranho ou a flexão de seu casaco, mas ele está estranhamente quieto. Ela se prepara para o rangido de uma tábua do piso anunciando o primeiro passo dele em direção à cama dela. Isso nunca acontece.

Um, ela conta. Sua mão desliza livre do cobertor agora, seus dedos subindo como uma aranha pela porcelana fria. Sentindo pela corrente.

Dois.

Ela encontra. Um clique seco entre os dedos. Ele ouviu isso? Se sim, ele ainda não atacou. Nenhum movimento.

Três?

Ela tem medo de quebrar a quietude. Mas ela engole o medo. Ela está totalmente acordada agora, seus músculos tensos sob os lençóis, e ela deve estar pronta. Sem desculpas.

Três.

Ela puxa a corrente. Um flash nuclear. Ela estremece sob um raio de luz e joga os cobertores para a esquerda enquanto levanta o corpo para a direita, caindo com força sobre os pés descalços. Ela gira – cotovelos levantados para se defender – e sai correndo em direção à porta do quarto. Ao correr em direção a ele, ela vislumbra o local onde o estranho de chapéu estava parado, agora uma parede nua.

Ele se foi.

Ela está sozinha no quarto iluminado.

Ele estava lá?

Emma tenta voltar a dormir, mas não consegue.

Ela decide limpar a casa cômodo por cômodo.

Primeiro, o andar superior – um quarto principal, um banheiro com pia dupla e um closet. Ela verifica cada canto, cada sombra, cada lacuna onde um intruso possa estar à espreita.

Piso superior: claro.

Depois lá embaixo. O andar principal é assustador - um espaço familiar cavernoso, além de uma cozinha aberta e área de jantar exposta ao exterior por três paredes de vidro do chão ao teto. Parte casa de praia, parte aquário. Depois,

dois quartos, um banheiro e uma lavanderia com rampa para o andar de cima. Longas linhas de visão, mas repletas de esconderijos perigosos. Ela abre todas as portas e examina cada centímetro quadrado. Ela metodicamente acende as luzes à medida que avança, criando uma zona de luz cada vez mais segura. É satisfatório, como reivindicar território.

Primeiro andar: claro.

Resta um nível.

“Foda-se esse porão.”

Uma escada leva a uma boca de escuridão. Ela para na porta, inalando o odor de caverna. Alguns degraus abaixo, a escada faz uma curva de noventa graus sob um cano baixo de cobre, visivelmente carcomido pela ferrugem. Mesmo com um metro e noventa de altura, Emma tem que se abaixar. Depois, dez passos mais fundo, cheirando mofo e fezes de rato, como se entrasse no estômago da casa. No fundo, seus pés descalços tocam a base de cimento, escorregadia de umidade.

Está sempre úmido aqui. Porões são raros perto das praias por esse motivo. Mesmo com uma bomba de depósito, como nesta casa, é impossível manter seco um porão costeiro. A única luz lá embaixo é controlada por uma saída de plástico na parede de concreto à sua esquerda – escura demais para ser vista. Ela está tateando com as pontas dos dedos estendidas quando algo se move atrás dela. Uma corrente de ar toca a parte inferior exposta de suas costas. Ela reconhece imediatamente o calor disso. É uma respiração exalada.

Ela recua surpresa e seu cotovelo bate em uma prateleira. Algum objeto pesado cai no cimento, um som tão ensurdecedor quanto o de um tiro.

Ela perdeu o interruptor da luz. Escuridão total.

A próxima respiração está a poucos centímetros dela. É mais profundo, quase arrogante. Um nariz frio pressiona sua pele nua.

“Laika”, Emma sussurra, “você é o pior cão de guarda do mundo”.

Ela encontra o interruptor. Que haja luz.

Laika é uma golden retriever, mas não é exatamente dourada. Ela é uma raça creme inglesa com pelagem quase branca, por causa da qual os espectadores muitas vezes a confundem com um laboratório branco ou um Grande Pirineu. Emma se agacha agora para bagunçar o pelo sedoso sob as orelhas de Laika. “Você teria latido se Ted Bundy estivesse dentro de casa. Certo?"

Olhos negros respondem a ela. Plano, burro e ansioso.

"Certo?"

Nada.

"Certo?"

Eis o vazio.

Talvez não seja um latido, Emma decide. Mas a amigável Laika teria seguido

um intruso escada acima, cutucando ansiosamente sua coxa para chamar a atenção. Ela está se sentindo melhor agora. A figura em seu quarto era apenas um fragmento de um pesadelo.

Porão: claro.

Emma está perfeitamente sozinha. Do jeito que ela gosta. Esta casa solitária – três metros acima do nível do mar, a trezentos metros da maré alta – é o seu navio seguro, um minúsculo ponto de luz numa vasta costa. Às vezes ela olha pelas janelas e imagina que é a última sobrevivente na terra. Apenas o céu vazio, quilômetros de grama nas dunas e o barulho surdo das ondas mais além.

No andar principal, ela verifica se as portas da frente e de trás estão trancadas (estão) e se todas as janelas estão intactas (estão, impecavelmente). Depois disso, o que você pode fazer? Um intruso não poderia ter escapado sem tropeçar no perímetro das luzes do sensor de movimento do lado de fora. Mesmo assim, ela mantém as luzes internas acesas enquanto o céu do Pacífico fica cinza com o amanhecer. Mesmo com todos os cômodos revistados e os sentidos aguçados de seu golden retriever ao seu lado, ela ainda precisa se lembrar de que o estranho não pode ficar trancado dentro de casa com ela.

De volta ao andar de cima, ela esperava que a luminária do quarto revelasse suas próprias roupas penduradas descuidadamente sobre uma cadeira onde a figura estava, ou uma capa de chuva pendurada como um espantalho. Mas há apenas uma parede nua. E ela sabe que viu a borda de um chapéu.

Certo?

Ela prepara chá de gengibre e estuda as janelas, tentando focar os olhos tanto na costa enevoada lá fora quanto no reflexo do interior da sala, meio que esperando notar a figura parada atrás dela em um solavanco estridente de violino. Ela já viu esse filme antes.

Ela serve uma tigela de comida para Laika. O retriever fareja com indiferença.

“Eu sei”, diz Emma. “Eu também não estou com fome.”

À tarde, ela leu mais dois e-books do início ao fim. Um decente, outro muito bom. São sucessos rápidos, quatro horas cada, pequenos dioramas confortáveis com detetives falhos, suspeitos peculiares e assassinatos sem derramamento de sangue. Arenque vermelho. Histórias trágicas. Ela já tem outro baixado para a noite. É bom mergulhar no mundo de outra pessoa, deleitar-se com os detalhes artesanais e admirar os tetos falsos. Em tempos mais felizes, Emma gostava de ler Tolstoi e Dostoiévski e sabe que está aproveitando as pechinchas e as listagens gratuitas da Amazon. Ela não está lendo exatamente por prazer ou

enriquecimento – mas, novamente, não há nada de errado em ler para escapar, não é?

No final de cada um, a Amazon solicita que ela escreva um comentário.

Ela recusa.

Ela esqueceu o nome daquele autor estranho, mas a experiência ainda a incomoda. Ela raramente se envolve com estranhos, mesmo online. Desde que chegou a esta praia, há três meses, ela tem feito grandes esforços para cortar todos os laços sociais e se proteger do contato humano. Seus livros são teletransportados do ciberespaço. Suas compras se aglutinam magicamente à sua porta. Sempre que ela ouve uma van de entrega vindo pela estrada de quatrocentos metros, ela se esconde. O tempo desacelera para um rastreamento estranho e túrgido quando você é um adulto crescido escondido sob uma janela.

Ela perdeu cinco quilos desde que chegou aqui. Não de propósito. Talvez algo esteja errado com seu corpo, mas comer se tornou um processo enfadonho e pouco gratificante, tão triste quanto sentar no vaso sanitário. Alguns dias ela esquece completamente. Outros, ela deseja apenas dormir e precisa se arrastar pelos corredores como um zumbi. A casa parece ter quilômetros de largura. Ferver uma chaleira de chá de gengibre é intransponível. Nada vale o imenso trabalho que será necessário.

Ela não tem certeza de quando ouviu uma voz humana pela última vez. Quatro semanas atrás?

Ou cinco?

Disseram a ela que personalidades introvertidas recarregam as energias sozinhas, algo como gerenciar uma bateria social. E embora isso seja correto - porque a maioria das pessoas tende a esgotar o amor eterno de Emma - ela sempre se imaginou mais como argila, uma forma disforme que relutantemente se transforma para atender às necessidades diárias do ambiente. Sorria para os filhos do vizinho. Pague o seguro do carro. Marque uma consulta odontológica. E aqui, nesta costa desolada, ela descobriu uma verdade pior: sem emprego, tarefas, amigos, família, Emma Carpenter ficará feliz em se separar. Cada molécula de si mesma seguirá o caminho de menor resistência. Às vezes ela se vê em espelhos ou vidros refletivos, um rosto cinzento e informe que ela não reconhece. Sem olhos, sem boca, nariz achatado e transformado em mingau encharcado. Seu próprio fantasma.

Muito pouco a assusta – a pior coisa que pode acontecer a qualquer ser humano já aconteceu com ela meses atrás – mas ela teme o que se torna quando está sozinha, para onde sua mente irá se ela a deixar vagar.

Sua dieta constante de fast food digital – distrações de noventa e nove centavos, boas, ruins e tudo mais – é suficiente para mantê-la ocupada.

Por agora.

Uma tempestade se aproxima.

Emma o vê pela primeira vez da lavanderia enquanto sobe na secadora, abre uma pequena janela, torce a coluna em um arco de escorpião e fuma um cigarro. Ela aciona um leque de plástico Dollar Tree a cada baforada, certificando-se de que cada grão de cinza flutue do lado de fora enquanto ela observa nuvens de tempestade pairando sobre o oceano. Então ela esmaga o cigarro com as pontas dos dedos lambidos e o coloca em um saco ziplock junto com os outros.

Com certeza, gotas de chuva batem nas janelas enquanto ela começa a ler seu terceiro e-book no sofá. O vento sopra forte e ela se pergunta se está realmente ouvindo a porta esquecida de um armário abrir no quarto ao lado. Ou passos furtivos lá embaixo? Dedos enluvados segurando um facão?

Periodicamente ela para de ler e escuta.

Esta casa está cheia de sons. Mesmo depois de morar aqui por três meses, ela ainda descobre novas esquisitices. As portas se recusam a fechar. As calhas pingam um batimento cardíaco constante. O banheiro de hóspedes às vezes dá descarga sozinho. A primeira vez que ela ouviu isso acontecer do outro lado da casa foi de arrepiar, mas agora é uma espécie de peculiaridade encantadora, como se um fantasma parasse ocasionalmente para cagar. Esta é a primeira vez que Emma cuida de uma casa e parece muito mais invasivo do que apenas alugar. Talvez a questão seja se são os seus talheres na gaveta da cozinha ou os deles, mas ela se sente como uma ladra à noite, andando culpada pela sala de estar de um estranho.

O dono da casa? Uma simpática senhora de Portland chamada Jules Phelps.

Pelo menos Emma pensa que é uma senhora.

Eles nunca se conheceram fisicamente.

E parte do motivo pelo qual parece tão invasivo é que Emma não consegue evitar tirar conclusões sobre a vida privada de Jules. É inevitável. Você não pode deixar de fazer isso. Há remédios para pressão arterial e amaciante de fezes no armário do banheiro – Jules deve ser de meia-idade ou mais? Há uma câmera Polaroid antiga na prateleira – Jules deve se interessar por fotografia? Um quarto foi limpo recentemente, mas um almíscar adolescente ainda está presente - Jules deve ter criado um filho? Num cartaz ali, um estóico guerreiro samurai se ajoelha sob um arbusto de bambu iluminado pela lua e afia sua espada. Talvez o menino tenha ido para a faculdade. Talvez ele tenha se mudado. Talvez Jules o tenha assassinado e seus membros cortados estejam apodrecendo nas paredes agora.

Talvez Emma esteja lendo muitos romances policiais.

Mas algo naquele quarto sempre a perturbou. Ela se vê evitando o quarto do adolescente e mantendo a porta fechada, para que sua energia nociva não se espalhe em uma onda turva de spray corporal Axe, Mtn Dew e meias. E outra coisa – algo azedo. Velho. Levedura.

Continue lendo.

Não é da conta de Emma. Ela está aqui para ligar os aquecedores, observar vazamentos no telhado e trazer a correspondência de Jules. Todo o resto é como as ondas: ruído branco.

A ilha de Strand Beach, em forma de corda, com onze quilômetros de extensão (conhecida pelos habitantes locais como Strand), une-se ao continente por uma ponte de pista única. É uma área plana e gramada repleta de casas remotas como esta, todas separadas por hectares de espaço negativo e servidas principalmente por uma estrada chamada Wave Drive. Há serviço de celular irregular, pressão fraca da água e, quando o tempo coopera, largura de banda de internet via satélite suficiente para Netflix em 480p. Não é nenhuma surpresa que noventa e nove por cento destas casas sejam escuras de outubro a abril – retiros de verão de propriedade de moradores urbanos abastados como Jules, fechados e desativados durante a miserável estação chuvosa. Em precipitação anual, Strand Beach perde apenas para uma certa cidade de Washington, a uma curta distância de carro ao norte, famosa por seus vampiros brilhantes.

Aqui, Emma não tem vizinhos no plural – ela tem um vizinho. Este único humano confirmado ocupa a próxima casa em Wave Drive, quatrocentos metros ao norte. Do seu local de leitura no sofá, a estrutura distante lembra uma lápide contra o céu aguado. Ela pode ver um leve brilho interior. E na janela da sala, um quadro branco.

Com uma mensagem manuscrita.

"Finalmente."

Ela abaixa o e-reader. Ela passa por cima de Laika, que ronca no tapete de pele de urso, e se aproxima do telescópio náutico perto da janela. Ela se inclina na direção da ocular, ajustando o foco até que a mensagem distante do vizinho fique mais nítida.

Isso é . . . um boneco palito. Pendurado em uma forca desenhada à mão.

"Droga."

Outra perda. Seu palpite – oxigênio – não estava nem perto.

Ela não sabe o nome completo do vizinho idoso, apenas como ele se apresentou espontaneamente no quadro branco uma tarde (OLÁ. SOU DEEK). Há uma ou duas semanas, seu quadro continha um convite amigável (QUER JOGAR HANGMAN?), que soa como algo que Jigsaw diria se você nunca

ouviu falar do popular jogo de quadro branco Hangman. Emma não tinha.

Resumindo: um jogador tenta adivinhar as letras de uma palavra misteriosa enquanto o outro desenha um boneco palito em um laço, adicionando um membro para cada palpite incorreto. Um boneco completo significa que o pobre rapaz está enforcado. Deek, ao que parece, é uma fera absoluta em Hangman. Suas suposições são cirúrgicas, suas palavras impenetráveis. Emma não ganhou nenhuma vez.

É impossível conhecer alguém através de um telescópio, mas, como acontece com quem cuida da casa de um estranho, você acaba registrando observações de qualquer maneira. Emma sabe que o velho mora sozinho em meio a pilhas de lixo – uma área de vendas inteira da Ikea com móveis lotados, arquivos abarrotados, torres de livros empilhados e um banheiro (presumivelmente) desinstalado na varanda dos fundos. Ela sabe que ele mantém um revólver antigo emoldurado sobre a lareira. Ela sabe que ele só bebe café antes das três e só uísque depois — e que, nas noites de maior merda, ele às vezes solta fogos de artifício aéreos diretamente da varanda.

Geralmente Emma deixa passar horas entre as suposições do Carrasco — o ritmo agradavelmente glacial da vida em Strand —, mas ela vislumbra movimento. O velho eremita está em sua cozinha. Então ela destampa seu marcador, desenha uma forca em seu próprio quadro branco e escolhe uma palavra.

Ele adivinha em quatro voltas.

ZÉFIR?

"**I**diota."

Ela não tem certeza de como ele faz isso.

Às vezes, ela gosta de estudar as janelas chuvosas do vizinho em busca de pistas e especular sobre a carreira exótica de um homem que mora sozinho com uma arma de cowboy e cinco toneladas de lixo acumulado. Ela está adivinhando há semanas. Negociante de antiguidades? Arquivista? Estrela de cinema aposentada? Ele se parece um pouco com George Clooney, se você enfiasse Michael Clayton em um desidratador. Seja qual for o seu passado, o homem que se autodenomina Deek é um mistério fascinante.

Agora seu vizinho se levanta do telescópio, como se tivesse se assustado com um barulho agudo. Ele pega seu marcador azul e escreve no quadro: QUEM É ESSE?

Emma faz uma pausa no meio do gole.

Ela coloca a caneca de chá sobre a mesa – um clique ossudo – e levanta as mãos num encolher de ombros exagerado: O quê?

Ele está escrevendo mais. Mas a tempestade se intensifica, batendo nas

janelas e borrando suas palavras com gotas escorrendo. Ela aperta os olhos em seu telescópio.

HOMEM NA SUA SALA
ATRÁS DE VOCÊ

Ela se afasta da ocular. Ela sente um leve frio no quarto atrás dela, como uma brisa de ar deslocado. Mas ela ignora e levanta seu marcador.

BOA TENTATIVA, ela escreve.

Ele está brincando, ela sabe. E ela não vai cair nessa.

A quatrocentos metros de distância, o velho balança a cabeça. Ele acena atrás de um vidro aguado. Então ele volta para o quadro branco.

ESTOU SÉRIO, ele rabisca. QUE É AQUELE?

Ele aponta para ela.

Não. Atrás dela. Para a sala adjacente. A três metros de distância.

Ela se recusa a olhar para trás. "Não."

ELE ESTÁ CERTO AÍ

"Bocejar."

TEM FACA

"Uma faca? Seja mais imaginativo."

Ela mantém contato visual duro com seu vizinho através das janelas manchadas de água da chuva, segurando-o, segurando-o, muito além do ponto em que qualquer serial killer que se preze teria agarrado seu couro cabeludo, torcido sua cabeça para trás e cortado sua garganta. Finalmente o velho desiste e dá de ombros. Invejosa derrota.

Eu venci, ela pensa.

Deek é um brincalhão incessante, e isso só aprofunda o mistério do velho. Talvez o tédio aqui enlouqueça a todos de uma forma um pouco diferente, mas este é o terceiro assassino a perseguir a casa de Emma. Ele também disse a ela que a estrutura é mal-assombrada, que Jules já havia feito um show burlesco no porão e que a babá anterior era um assassino em série. Existem tantas pegadinhas que você pode pregar a um quarto de milha, então na semana passada (presumivelmente depois de observar que ela era uma leitora), Deek recomendou o pior e-book que ela já leu: Murder Mountain, de H. G. Kane.

Para isso, ela escreve: VOCÊ ME DEVE 99 CENTAVOS

ESPERE. Deek faz uma pausa. VOCÊ REALMENTE COMPROU?

Ela assente.

SERIAMENTE?

Ela balança a cabeça com mais força.

UAU. DESCULPE. O velho faz uma pausa e balança a cabeça, genuinamente perplexo. E VOCÊ LEU TUDO?

Ela sorri culpada. Deek subestima muito seu tempo livre.

OK, ele escreve. DEIXE-ME FAZER UMA PERGUNTA

"Claro."

VOCÊ ABRE A GELADEIRA

Ela assente.

VOCÊ TOMA UM GOLE DE LEITE

"OK."

TEM GOSTO DE ESTRAGADO

Ela suspira. “Eu sei onde isso vai dar.”

VOCÊ:

A. JOGAR O LEITE FORA?

B. BEBA A CAIXA INTEIRA, PARA TER CERTEZA DE QUE ESTÁ ESTRAGADA?

Ela finge rir para o telescópio de Deek, mas está sem som, sem ar. Ela aprecia o senso de humor excêntrico do velho – pelo menos ela pensa que sim, da mesma forma que tem certeza de que aprecia ostras minúsculas e caras servidas cruas – mas Deek não consegue entender sua situação. Ele ainda é apenas um espectador. Desde que chegou aqui, Emma baixa seus e-books aos montes, escolhendo as listas gratuitas e de pechinchas da Amazon todas as semanas. Não se trata da qualidade da história. Trata-se de se distrair, de colocar a mente na esteira.

Qualquer coisa é melhor do que ficar sozinha com seus pensamentos.

Até mesmo a Montanha do Assassinato.

Ainda sorrindo, Deek escreve: JÁ OUVIU FALAR DO FILME CLÁSSICO “PLAN 9 FROM OUTER SPACE”? ACHO QUE FOI FEITO COM MUITO HABILIDADE

Ela revira os olhos.

UM FILME INTELIGENTE E ASSUSTADOR

“Dick.”

O ASSASSINO AINDA ATRÁS DE VOCÊ, A propósito

“Talvez ele mate você em seguida.”

POSSO LER LÁBIOS

Ela tem quase certeza de que ele não pode. É muito longe.

Entre centenas de casas de veraneio desocupadas, é uma espécie de milagre estatístico que duas casas ocupadas sejam adjacentes desta forma. Emma visualiza a si mesma e a Deek como pilotos de duas espaçonaves em vetores diferentes, passando brevemente ao alcance dos olhos um do outro. Capaz de transmitir e receber mensagens escritas enquanto durar a janela.

Seu sorriso desaparece. Ele escreve: VOCÊ ESTÁ BEM?

Ela tenta não pensar demais em sua resposta. SIM

TEM CERTEZA QUE?

Oh vamos lá. Agora, para a parte real, as partes das relações humanas nas quais Emma sempre foi deficiente. De repente, até um quarto de milha parece muito próximo. Ela desenha outro andaime do Carrasco, mas ele ainda está escrevendo, encostado torto no quadro branco antes de recuar e revelar: EU VI VOCÊ

Ela congela. O que?

NA PRAIA
ONTEM

Um leve arrepio percorre sua espinha quando Deek acrescenta um ponto de interrogação com um ponto enfático: O QUE VOCÊ ESTAVA FAZENDO?

Então ele se recosta em seu próprio telescópio.

Observando ela.

Esperando.

Emma gira seu marcador entre os dedos. Ela sorri fracamente, culpada, sem saber se o velho realmente consegue ler os lábios. Se sua ampliação for poderosa o suficiente para detectar uma mentira.

Diga alguma coisa, Ema.

Ele está esperando pela resposta dela.

Diga qualquer coisa.

Finalmente ela consegue.

APENAS ANDANDO. ESTOU BEM

Então ela tampa o marcador e volta para o sofá. Desta vez ela quase tropeça em Laika, que acorda com um bufo de surpresa. Ela odeia se sentir estudada pelas lentes do vizinho. A nave espacial de Deek chegou alarmantemente perto da dela. Ela levanta seu e-reader e finge ler seu livro atual – um procedimento policial sobre um serial killer que comparece aos funerais de suas vítimas – sabendo que o velho ainda a está observando. Ela finge não vê-lo. Ela espera até ter certeza de que ele perdeu o interesse e seguiu em frente.

Durante o resto do dia, ela evita seu telescópio – até mesmo aproximar-se dele pode provocar outra conversa de longa distância – mas se ela apertar os olhos, ainda poderá ler a mensagem de Deek.

EMMA – SE VOCÊ PRECISAR FALAR, ESTOU AQUI

Ela se lembra de que esses telescópios ampliam nos dois sentidos. Ela também está sendo vigiada. E, estranhamente, ao longo de vários meses, dezenas de bonequinhos pendurados e inúmeras conversas no quadro branco, ela não consegue se lembrar de ter dito seu nome.

Deek sempre foi sobre-humanamente bom em adivinhar, certo?

Quando Emma caminha pela praia, ela gosta de fechar os olhos e deixar sua mente ficar em branco de forma perfeita e indolor.

Se você pudesse ter um superpoder, qual seria?

Numa vida passada, ela tinha 22 anos e dividia uma garrafa de vinho de sete dólares com o namorado sobre um tabuleiro de xadrez em seu estúdio. Tentando focar em peças borradas. Laika era apenas um cachorrinho naquela época, um rechonchudo branco arranhando seus tornozelos.

Um superpoder, Em. Ir.

Ela não sabia.

Vôo? Telepatia? Super-reflexos?

Ela encolheu os ombros.

Por que é tão fácil para algumas pessoas falar sem parar? Ela se sente quebrada às vezes. Ela tenta se autoeditar em seu cérebro e, quando sabe o que quer dizer, é tarde demais para dizê-lo. Ela frustrou os primeiros encontros sozinha devido à sua incapacidade de manter uma conversa. Mas Shawn era diferente e, de alguma forma, mesmo naquela época, ela já sabia que o amava. Ele falou o suficiente para os dois (o que tirou um pouco da pressão de Emma), mas para empurrá-la gentilmente, ele também gostava de fazer perguntas desconcertantemente aleatórias. Qual é o seu musical favorito? Suas férias favoritas? Aparentemente, ele estava pensando em super-heróis naquela noite, enquanto Shawn explicava seu próprio superpoder ideal: viver para sempre. Imortalidade.

Isso é um superpoder terrível, disse Emma, bebendo diretamente da garrafa.

Ele riu. Uma das primeiras vezes ela ouviu o que conheceria como uma risada de Shawn: um latido abrupto e genuíno de surpresa.

Ok, ele disse. Por favor explique.

Ela respirou fundo. Sem autoedição.

Um.

Dois.

Três.

Ok, ela disse. Primeiro, se você for imortal, não envelhecerá, certo? Mas todos ao seu redor o farão. Seus amigos, sua família — ela bateu no peito — eu, esperançosamente. Você verá todas as pessoas de quem você gosta envelhecerem, adoecerem e morrerem, e no início você sofrerá e seguirá em frente e formará novas conexões com novas pessoas. Mas você continuará usando-os. Observá-los murchar como espinafre.

Ele assentiu. Ainda ouvindo.

E se você for imortal, sua percepção do tempo também mudará. Você já

percebeu como, à medida que envelhecemos, o tempo parece acelerar? Imagine isso na velocidade warp. Você terá, tipo, sua octogésima sexta esposa e filhos, com mais descendentes do que você pode imaginar, e cada aniversário e formatura passarão num piscar de olhos. Você começará a se perguntar: qual é o sentido se eles continuarem virando pó, afinal?

E essa nem é a pior parte.

Em algum lugar por aqui, ela se lembrou de respirar.

Eventualmente, a humanidade acabará. Ela levantou a garrafa e tomou um longo gole. Você sabe. Eu sei isso. Poderia ser um asteróide. Guerra nuclear. Super Nova. Ou, dentro de alguns bilhões de anos, o Sol simplesmente se transformará em uma gigante vermelha e incinerará a Terra de qualquer maneira Certo? Isso vai acontecer. E onde isso deixa o Immortal Shawn? Você não pode queimar ou morrer. Mas a terra desaparecerá. Sem pessoas, sem cidades, sem terreno para se firmar. Você ficará à deriva no vazio sem atrito do espaço por toda a eternidade. Incapaz de se mover e incapaz de morrer, não importa o quão desesperadamente você queira. E eu prometo, você vai.

Sua voz baixou para um sussurro.

Flutuando.

Para sempre sozinho.

Desejando que você tivesse escolhido um superpoder diferente.

Ela colocou a garrafa vazia entre eles como se fosse um microfone. Silêncio novamente. Shawn apenas olhou para ela por cima do tabuleiro de xadrez esquecido, olhando, olhando, até que ela teve certeza de que o havia perdido, ou pior, o assustado, que o resto da noite iria correr bem, mas ele educadamente terminaria com ela algum dia. na próxima semana em busca de um modelo menos complicado.

Em vez disso, o seu futuro marido sorriu.

Você deveria conversar mais, ele disse.

Algo sobre isso deu a Emma um calafrio.

Ainda existe, seis anos depois e três estados a oeste, na beira do oceano. A água fria do mar atinge seus tornozelos agora. Seus tênis estão encharcados.

Há uma violência nas ondas de tempestade em Strand Beach que fascina Emma. Você não pode saber disso pela segurança da costa. Você tem que estar lá, com o vapor salgado nos olhos, ou melhor ainda, dentro dele, enquanto ondas de três metros batem aos seus pés, empurrando e puxando com um milhão de toneladas rolantes. É como ficar na beira de um moedor de carne – alguns passos adiante e você será arrancado. Até o som é profundo o suficiente para se perder.

Ela sussurra: “Estou com saudades de você, Shawn”.

Ela ouve o rugido por mais um momento.

E outro.

Outro.

Até que os cabelos de sua nuca se arrepiam e ela imagina um globo ocular cheio de lentes e veias subindo por suas costas. Durante todas essas semanas, nunca lhe ocorreu — apesar do velho possuir um maldito telescópio — que Deek pudesse observá-la na praia. Ele obviamente foi ontem. Agora ele está preocupado com ela, o pobre rapaz decente.

Ela se viraria e acenaria alegremente para a casa dele, se pudesse. Nada para ver aqui.

Tudo está bem.

. Então ela se afasta do oceano, como se fosse uma caminhada normal à tarde, e volta para casa com sapatos molhados e encharcados.

Tudo está bem.

No caminho, ela percebe um segundo rastro de pegadas na areia escura ao lado das suas. Corredores às vezes passam por aqui, embora ela não se lembre de ter visto ninguém em Strand hoje. Ela olha para trás, certificando-se de que a praia ainda está vazia, e então anda um pouco mais rápido.

Está tudo perfeitamente bem.

s

s

E outro.

Outro.

Até que os cabelos de sua nuca se arrepiam e ela imagina um globo ocular cheio de lentes e veias subindo por suas costas. Durante todas essas semanas, nunca lhe ocorreu — apesar do velho possuir um maldito telescópio — que Deek pudesse observá-la na praia. Ele obviamente foi ontem. Agora ele está preocupado com ela, o pobre rapaz decente.

Ela se viraria e acenaria alegremente para a casa dele, se pudesse. Nada para ver aqui.

Tudo está bem.

Então ela se afasta do oceano, como se fosse uma caminhada normal à tarde, e volta para casa com sapatos molhados e encharcados.

Tudo está bem.

No caminho, ela percebe um segundo rastro de pegadas na areia escura ao lado das suas. Corredores às vezes passam por aqui, embora ela não se lembre de ter visto ninguém em Strand hoje. Ela olha para trás, certificando-se de que a praia ainda está vazia, e então anda um pouco mais rápido.

Está tudo perfeitamente bem.

2

A caminhada de volta sempre parece mais longa.

Laika a cumprimenta na beira da trilha, feliz e distraída como sempre, e Emma se agacha. O cachorro se inclina contra ela e, por um momento, o amor forte de um golden retriever é tudo de que ela precisa. Ela agarra punhados de pelos branco-creme.

“Cão Espacial”, ela sussurra.

Sou eu, aqueles olhos negros parecem dizer.

"Eu te amo."

Eu também te amo.

Laika não consegue compreender isso, mas seu nome é uma homenagem ao primeiro cachorro da história no espaço. Em 1957, os cientistas da União Soviética lançaram o Laika original (um vira-lata adotado) para a órbita baixa da Terra dentro do cone de quase dois metros do satélite Sputnik 2. Como é se lançar tão longe de cada alma na bola de gude? Emma só pode imaginar.

Laika torce o pescoço para olhar para ela, agora estranhamente direto, e Emma se pergunta o quão bem os golden retrievers podem intuir as emoções humanas. Ler rostos é uma coisa: depois do funeral, Emma dominou o sorriso estremecedor de eu ficarei bem. Mas isso engana Laika? Já aconteceu?

Eu sei, dizem aqueles olhos negros.

Eu sei tudo.

Ela percebe que as presas de Laika estão vermelhas. “O que há de errado com sua boca?”

É sangue.

Ela pega o focinho do cachorro, abre a mandíbula com os nós dos dedos e passa os dedos atrás dos dentes. Ela recupera um nó de cartilagem viscosa.

“Laika?”

Hálito quente em seu rosto. Caprino, rançoso. Emma luta para segurá-la.

“Laika—”

Enquanto o retriever volta para algo na grama. Um pedaço de carne clara do

tamanho de uma mão, polvilhado com areia, pateava. Azedo com decadência.

Laika olha para cima com orgulho.

Eu encontrei um tesouro.

Emma estuda isso. Carniça? Um pedaço de leão marinho, apanhado por gaivotas? Virando-o com o pé, ela vê que o tecido está muito nu, cortado com perfeição demais. Como algo embrulhado em plástico no departamento de carnes de uma mercearia. Outra possibilidade interrompe seus pensamentos, mas ela sabe que há uma explicação mundana, que ela lê muitos romances policiais e não pode ser carne humana.

Ainda.

Ela cava uma trincheira na areia com o sapato e enterra. Laika observa com decepção, outra gota de baba de sangue pendurada em seu lábio. Ela cortou a boca, provavelmente num pedaço de osso afiado.

Emma enxuga tudo. "Seu idiota."

Então ela a puxa de volta para casa sem olhar para trás. “Vamos consertar sua boca.”

A noite cai enquanto Emma limpa o corte com água oxigenada. Tem 2,5 centímetros de comprimento e corta a gengiva externa de Laika. Doloroso, mas não sério. Não são necessárias suturas. Laika está deitada imóvel no azulejo da cozinha, aquelas pupilas negras presas às de Emma, choramingando apenas ocasionalmente por causa da picada anti-séptica do cotonete. Essa confiança parte seu coração. Nenhuma criatura deveria confiar tanto em outra.

Eu te amo mãe.

"Sim? Pare de comer merda estúpida.

Sim. Eu comi uma coisa ruim.

Desde que chegou a Strand, Laika devorou alegremente caranguejos podres, águas-vivas e algas marinhas. Cada maré baixa revela um novo banquete de dentes lascados e um inferno gastrointestinal. Ela lambe as gengivas, observando Emma esconder a água oxigenada debaixo da pia.

Foi uma coisa ruim.

Mas não me arrependo.

Por último, Emma amarra a bandana Don't Stop Retrievin de Laika na gola em volta do pescoço. Por alguma razão, Laika adora genuinamente esse estúpido pedaço de tecido. Quando está desligado, ela fica deprimida. Quando está na lavanderia, ela procura por ele em casa. Emma se lembra de quando Shawn o comprou em uma loja de animais anos atrás — sem motivo, só porque ele gostava do cachorro dela —, um daqueles pequenos gestos brincalhões que, com

o tempo, se tornam parte da sua vida. Ela pensa nele toda vez que vê isso.

As bordas estão desgastadas. Vai desmoronar em breve.

Emma toma banho. Ela fuma um único cigarro em sua pequena janela para fumar na lavanderia, certificando-se de soprar até a última molécula para fora com seu ventilador portátil. Ela termina sua pizza de queijo frio e volta ao seu e-book sobre o serial killer que frequenta os funerais de suas vítimas – uma premissa estúpida, honestamente. A cada poucos capítulos, ela dá uma volta no Hangman.

Em silêncio, sua mente volta a pensar em coisas perturbadoras.

O homem no quarto dela naquela noite era apenas um sonho. Ele não poderia ter evaporado através de portas trancadas como um fantasma.

A menos que . . .

Não. Não é possível.

Ele não pode ainda estar dentro da casa gigante. Emma já procurou cada centímetro. Ela até checou lugares ilógicos, como dentro do cesto de roupa suja cheio de teias de aranha. Mas agora sua mente retorna ao marco zero: o quarto principal. No banheiro, uma penteadeira longa e luxuosa com pias duplas (Jules deve ter sido casada pelo menos uma vez) leva a um box amplo com azulejos aquecidos e uma banheira de ferro fundido com pés que ela nunca usou. Curiosamente, as válvulas quentes e frias são estrelas do mar. Mas voltando àquela longa vaidade. . . é tão longo, na verdade, que o banheiro tem duas entradas.

Seu estômago se agita.

Porque um intruso astuto poderia ter circulado silenciosamente pelos quartos superiores enquanto ela procurava. Ele ainda pode estar lá em cima, agora...

Ela se detém. Estou sendo paranóico.

Se ela fosse uma pessoa espiritual, poderia ter ficado tentada a acreditar que a casa é mal-assombrada. A estrutura está repleta de rangidos e gemidos suspeitos, e Laika frequentemente reage a ruídos sutis demais para serem detectados pelos ouvidos de Emma. As calhas pingam. A fiação estala. A umidade transpira das paredes e piscinas no porão. Um dos eventos semiparanormais mais frequentes é também o mais estranho. Algumas vezes por semana, Emma fica impressionada com o cheiro de manteiga, nauseante por sua riqueza oleosa. O odor parece circular pela casa, às vezes permanecendo nas portas, às vezes flutuando nos armários. Parece gostar especialmente do quarto do adolescente. Mas ela não é espiritual – nem remotamente – e é apenas uma casa. Apenas madeira, pregos e concreto. E paredes de vidro voltadas para o mar.

Seja qual for a merda que ela sente aqui, ela sabe: eu trouxe comigo.

E levarei para onde eu for.

Ao longe, Deek já adivinhou a palavra dela.

AUSTRÁLIA?

Ela o afasta.

Não deveria ser possível. Ultimamente ela tem trapaceado pesquisando no Google palavras que são estatisticamente mais difíceis de adivinhar. Não ajudou. Deek a intimida todas as vezes, como se seu telescópio pudesse ver a cavidade aberta de seu cérebro. É perturbador. Emma não gosta de ser vista. Ser visto sobrecarrega você com uma imagem que você precisa manter.

Mesmo aqui, a quilômetros de sinais de celular e semáforos, Emma deve estar consciente de suas roupas. Sua higiene. Suas rotinas diárias têm um observador, tão benevolente e presumivelmente imparcial quanto Deek (um homem com um banheiro extra em seu deck). Ela ainda deve usar uma camisa. As pessoas, por mais gentis que sejam, ainda significam trabalho para Emma. Ela muitas vezes deseja que a nave espacial de Deek se desvie ou que esse pequeno milagre nunca tenha acontecido.

FALAR ALGUMA VEZ? seu vizinho escreve esperançosamente. EM PESSOA?

Ela responde de uma forma perfeitamente evasiva, editando primeiro em seu cérebro para encontrar a combinação correta de cordial e indiferente. Sem promessas, mas sem desculpas. Ela dança essa dança há anos e conhece cada passo.

Ela não é anti-social.

Ela pensa.

Quando criança, ela se lembra de sentir paranóia por estar sendo observada, por cada superfície reflexiva ser na verdade uma câmera secreta à la The Truman Show. Um mundo cheio de olhos estudando-a, julgando-a, narrando suas ações. Nenhum quarto era seguro. Em nenhum momento ela esteve sozinha. Mais tarde na adolescência, ela passou por episódios de pavor repentino e avassalador, uma onda de medo estranho que a atingiu sem aviso e a fez parar. Não havia causa, nem explicação. Toda tensão. Sem lançamento. Ela se lembra de se esconder em um banheiro da escola porque apenas as paredes de cerâmica pareciam seguramente opacas, com os braços cruzados sobre o peito e respirando fundo e depois dizendo à mãe: Não entendo o que há de errado comigo. Meu coração dispara às vezes e sinto que estou com medo de alguma coisa.

Mas não há nada lá.

Isso se chama hormônios, sua mãe riu, sorvendo uma caixa de vinho no sofá.

Nenhum deles sabia que o fígado da mãe iria falhar naquele ano. Ou que ela receberia um transplante que salvaria sua vida no mês de outubro seguinte. Ou

que ela continuaria a beber seus vinhos de merda, mataria seu novo fígado e morreria de complicações três horas antes do baile de formatura de Emma. Ela estava vestindo o vestido na casa de uma amiga quando recebeu a ligação.

As coisas melhoraram na faculdade, quando Emma concentrou toda a sua energia no curso de física. E Shawn era uma pessoa excepcionalmente boa, talvez salvando vidas por sua bondade. Durante alguns anos, ela foi feliz em Salt Lake City — mesmo com seu trabalho insatisfatório —, com o amor de Shawn e uma pequena casa em Wasatch Hollow, rezando todos os meses para que um bebê ocupasse o quarto de hóspedes.

Agora, aqui no Strand, ela está com tudo de novo. Mas não é mais paranóia. Transformou-se em algo pior: um entorpecimento alarmante. Ela está ciente de seus sentidos, mas não consegue realmente senti-los. Pizza de queijo não tem gosto. O ar do oceano é inodoro. Lençóis de flanela não parecem nada contra sua pele. Às vezes, ela sente um choque nauseante, como perceber que o freio de mão está puxado e o carro está se movendo sem a sua permissão.

Ela nunca escolhe caminhar até a beira do oceano.

Ela simplesmente se encontra lá.

E agora, enquanto ela dança essa dança pela milionésima vez em sua vida, ela sabe que não se trata mais de ler ou cuidar de si mesma – ela está mantendo Deek à distância para protegê-lo.

Ele escreveu uma mensagem final, iluminada por uma luminária de mesa distante.

SAIBA QUE VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHO

A casa dele está escura. Ele está dormindo.

De repente já passa das dez, como se o tempo tivesse parado, e a lâmpada embutida acima do sofá de leitura de Emma é a única outra iluminação em quilômetros. Sem carros. Não há passagem de navios ou aviões.

Ela percebe que Laika está rígida.

"O que é?"

Aqueles olhos caninos negros olham para a noite. Suas orelhas normalmente caídas avançam com atenção.

Emma se levanta. "Você ouviu alguma coisa?"

Ela se junta ao seu golden retriever nas janelas do chão ao teto e olha para o vasto panorama da praia escura. As estrelas estão sufocadas por nuvens de chuva. Isso a deixa estranhamente triste – a lua nova de dezembro sempre foi sua época favorita para ver a espiral de Messier 31 com Shawn. A Galáxia de Andrômeda, densa de estrelas.

Laika choraminga preocupada.

“Não se preocupe, Cão Espacial. Eram-"

Sozinho, ela está prestes a dizer, quando algo aciona a luz do sensor de movimento lá fora.

O holofote LED é estéril e tingido de azul, como a iluminação de uma ala cirúrgica, destacando cada folha de grama do lado de fora. A entrada de cascalho é desenhada com detalhes nítidos.

Emma semicerra os olhos através das janelas e examina o mar de grama que chega até a cintura em busca de uma bunda de veado, de um rosto humano, de qualquer coisa. Ela sabe que Jules tem quatro luzes ativadas por movimento instaladas para deter intrusos, uma protegendo cada direção. Ela acendeu as luzes antes de si mesma e sabe que o alcance de ativação é extremamente curto. Cerca de trinta metros da casa.

Significa que tudo o que se moveu, agora mesmo, está próximo.

Mais perto que a entrada.

As janelas frontais são estreitas. Sua vista é limitada. O lado interno da casa é quase todo de parede, enquanto os outros três são quase todos de vidro. Ela considera destrancar a porta da frente e sair para a varanda para ver melhor.

Provavelmente era um cervo.

Ela fica na porta da frente. Ela aperta os dedos na maçaneta, um por um. Com a outra mão, ela encontra a trava.

Laika choraminga novamente. Não abra a porta.

“Está tudo bem”, ela sussurra.

Mas algo não está. Ela não consegue explicar. Então ela encosta o rosto na madeira e verifica primeiro o olho mágico. A lente olho de peixe mostra uma varanda vazia e iluminada, mas Emma não se deixa enganar. Ela sabe que a visão da abertura é limitada. Um estranho pode ficar ao lado da porta, a centímetros de distância, e permanecer invisível. Ela se lembra de Jules mencionar uma vez que há uma câmera instalada na campainha, mas Emma não tem o aplicativo para visualizá-la.

Ela percebe que seus dedos já estão destrancando a porta automaticamente, sem memória muscular. Ela se detém.

Laika observa nervosamente. Por favor, mãe.

Não.

O polegar e o indicador seguram a trava exatamente na borda. Mais um milímetro e ele será liberado. Isso emitirá um som distinto, um clique-clack de fechadura, audível para alguém que está do lado de fora. Ele saberá que a porta está destrancada.

Lá fora, o holofote se apaga silenciosamente. Escuridão novamente.

Isso também não significa nada, ela sabe. É apenas um sensor de movimento Você pode enganá-lo ficando parado. Um intruso poderia estar escondido na varanda, a poucos centímetros dela. Bem ao lado desta porta fina. Esperando com o peito cheio de respiração tensa que as pontas dos dedos empurrassem a trava o último milímetro, para cometer o erro que custa tudo.

Em vez disso, Emma o trava de volta no lugar. Clique.

Ela dá um passo para trás. “Provavelmente era um cervo”, ela diz a Laika. "Seu covarde."

Na cozinha, ela bebe o resto do chá de gengibre, agora repugnantemente frio Impressa na caneca de café de Jules, uma fotografia de um chihuahua de olhos esbugalhados que parece ter cerca de noventa anos: Stewie 2008–2020. Ela fica de olho nas luzes de movimento, no entanto.

Antes de ir para a cama, ela verifica todas as janelas e ambas as portas – todas trancadas e seguras. Não há como um intruso entrar sem quebrar alguma coisa. Mas ela continua pensando nisso e, quando finalmente adormece, seus pensamentos se transformam em um redemoinho tóxico. A carniça viscosa nos dentes de Laika, o segundo conjunto de pegadas na areia, a profecia acidental nas palavras de Deek: Saiba que você não está sozinho.

Naquela noite, ela vê a aparição novamente em seu quarto.

Isso também não significa nada, ela sabe. É apenas um sensor de movimento. Você pode enganá-lo ficando parado. Um intruso poderia estar escondido na varanda, a poucos centímetros dela. Bem ao lado desta porta fina. Esperando com o peito cheio de respiração tensa que as pontas dos dedos empurrassem a trava o último milímetro, para cometer o erro que custa tudo.

Em vez disso, Emma o trava de volta no lugar. Clique.

Ela dá um passo para trás. “Provavelmente era um cervo”, ela diz a Laika. "Seu covarde."

Na cozinha, ela bebe o resto do chá de gengibre, agora repugnantemente frio. Impressa na caneca de café de Jules, uma fotografia de um chihuahua de olhos esbugalhados que parece ter cerca de noventa anos: Stewie 2008–2020. Ela fica de olho nas luzes de movimento, no entanto.

Antes de ir para a cama, ela verifica todas as janelas e ambas as portas – todas trancadas e seguras. Não há como um intruso entrar sem quebrar alguma coisa. Mas ela continua pensando nisso e, quando finalmente adormece, seus pensamentos se transformam em um redemoinho tóxico. A carniça viscosa nos dentes de Laika, o segundo conjunto de pegadas na areia, a profecia acidental nas palavras de Deek: Saiba que você não está sozinho.

Naquela noite, ela vê a aparição novamente em seu quarto.

3

“Ficando cansado dessa merda.”

Na manhã seguinte, Emma anda de cômodo em cômodo e espalha uma fina camada de areia sob cada porta e parapeito de janela. Apenas uma camada de poeira, fraca demais para chamar a atenção, mas suficiente para deixar marcas nas marcas dos sapatos de um intruso. Então da próxima vez – se houver uma próxima vez – ela terá provas.

Ela verifica novamente as portas. Ainda trancado.

A aparência do fantasma estava mais confusa desta vez. A noite estava tempestuosa e o quarto estava quase escuro como breu. Ela sentiu uma sombra humanóide perto da porta do armário, mas não conseguiu distinguir nenhuma característica. Sem chapéu. Sem casaco. Em meio à névoa do sono, ela nem tinha certeza se ele estava realmente ali, não fosse pelo barulhinho que ele fez dessa vez.

Arranhar.

Apenas audível durante a chuva. Seco e como papel.

Arranhar.

Pode ter sido esse som que a acordou, sutil, mas alarmantemente próximo. Ela não pode ter certeza do que era exatamente. Poderia ter sido tão inocente quanto coçar uma coceira.

Arranhar.

Quando ela acordou completamente, o quarto estava vazio. De novo.

Emma ainda está convencida de que sonhou com essa figura. É a explicação mais lógica. A única explicação lógica.

Ela tem sido assombrada por pesadelos desde que chegou aqui. E até agora sempre foi o mesmo sonho: que ela estivesse presa debaixo d'água. Muito abaixo e ainda mergulhado na escuridão gelada, observando as estrelas aquosas desaparecerem acima. Sua boca está aberta. Ela já inalou. Já está feito e ela se afogou, com os pulmões, a garganta e os seios da face cheios de água do mar gelada. Mas de alguma forma, como Immortal Shawn, ela não está morta. Ela só

está acordada e sozinha na escuridão, no fim do mundo.

Ela sempre tenta pensar em Shawn enquanto adormece - às vezes ela até ouve sua própria voz meio adormecida pronunciando o nome dele - mas nunca funciona.

O mesmo pesadelo. Toda noite.

Ela precisava de uma atualização, certo?

Mesmo assim, ela verifica a areia ao longo do dia. Se seu amigo desconhecido entrar – ou sair – ele deixará uma pegada. E Emma saberá.

"Eu não sou louco." Ela toma um gole de chá.

Não é loucura, Laika concorda.

Ela está surpresa com sua própria calma. Não pode ser assim que costumam acontecer as assombrações ou invasões de casas. Mas, na verdade, é outra distração valiosa. Com os montes de e-books perdendo lentamente seu interesse, ela acha um alívio ter um novo projeto no qual concentrar sua energia e inteligência. Ela sabe que na versão hollywoodiana disso, ela deveria ofegar, se encolher e torcer as mãos, mas ela realmente espera que esse estranho seja real, porque um serial killer ainda seria apenas o segundo maior problema de Emma.

O maior dela, ela vê todos os dias.

Muitas vezes ela esquece que está lá.

Ao lado da porta dos fundos da casa, ao lado de seus tênis cor de areia, está uma mochila Osprey verde e puída. Ela é proprietária desde a faculdade. Ela fez cavernas, escaladas e caminhadas pelo Grand Canyon em uma viagem de lua de mel de seis dias com Shawn. Cheira a suor e poeira, bolhas e risos, barras de granola matinais e sexo sob as estrelas. Mas agora ele pesa trinta quilos, os zíperes estão abaulados e o tecido está cheio de pedras que ela não se lembra de ter reunido.

VIU ALGUÉM SUSPEITO NA NOITE ÚLTIMA? ela pergunta.

Deek franze a testa e balança a cabeça.

Então ele escreve: POR QUÊ?

Ela não tem certeza de como responder isso sem parecer paranóica. O velho brincalhão vai rir dela? Ele vai acreditar nela? Ela quase conta a ele sobre o fantasma em seu quarto, mas decide que deveria deixar de lado tudo o que não pode provar – que é basicamente tudo. Ela tenta se concentrar no Hangman, que está perdendo.

Outro boneco balança.

A palavra de hoje? Deek preenche as letras. EMBOLIA

"Desgraçado."

Ele sorri timidamente em seu telescópio. Mas isso também dá uma ideia a Emma – porque a primeira palavra dele, no primeiro jogo da Forca, há mais de um mês, também foi médica: propofol (um anestésico poderoso, segundo o Google). Agora embolia. Talvez o vocabulário de Deek seja revelador. Talvez isso revele seu passado misterioso.

Ela escreve: VOCÊ ERA MÉDICO!

Ela sublinha duas vezes.

Deek verifica seu telescópio e balança a cabeça. Não.

ENFERMEIRA?

Não.

ALGO MÉDICO?

Ainda não.

"Você sabe o que? Eu não ligo."

Ele sorri e escreve: VOCÊ NUNCA ADIVINHARÁ

Para Emma, isso parece uma promessa sombria. "Sim? Dê-me tempo, velho.

Às vezes, ela examina a soma total do que sabe sobre seu vizinho - sua arma de fogo antiga em exposição, sua propensão para piadas do tipo "faz você parecer", sua vida isolada e assistida pelo álcool em meio a lixo e memórias acumuladas - e se pergunta: exatamente quem é o vizinho? diabos você está?

E . . . posso confiar em ti?

Ela não é ingênua.

Até o marido dela tinha segredos.

Anos atrás, eles estavam se mudando para seu primeiro apartamento quando uma das lixeiras Rubbermaid de Shawn tombou em sua caminhonete. Ele ficou mortificado quando ela viu dentro dele, como se contivesse partes de corpos humanos em vez da pista seccional N Gauge. Ele estava com medo do que ela pensaria de seu hobby, e isso partiu o coração de Emma. Ela achou seus modelos de trens fascinantes. E mesmo se ela não tivesse, ela teria mentido.

Naquele Natal, ela queria comprar uma locomotiva nova para ele, mas as opções eram estonteantes (e chocantemente caras), então ela optou por um chapéu de condutor de trem listrado azul.

Ele riu. Até eu acho que esse chapéu é horrível.

É uma atrocidade, concordou Emma.

Eu amo isso.

Eu sabia que você faria isso.

Depois disso, ele sempre usou aquele chapéu no porão do trem. No ano em que se casaram, ele começou a construir seu maior projeto até então: mais de um metro por dois de altura, uma obra-prima de via dupla com colinas onduladas de gesso e arbustos de líquen. Um cavalete épico. Dois túneis. Uma pequena cidade

que aos poucos acumulou prédios e carros de plástico. Emma geralmente tinha medo de tocá-lo, mas às vezes ela sentava e observava o marido pintar minúsculos vagões ou molhar tiras de gesso, enquanto explicava cada pequeno passo na construção de seu mundo em miniatura.

Em troca, ela lhe ensinou sobre as estrelas.

Nas noites claras, eles deslizavam pela janela do segundo andar até o telhado, depois da meia-noite, quando as luzes da cidade estavam mais fracas. No verão, ela lhe mostraria Aquila, Corona Borealis e Cygnus. No inverno, Órion, Gêmeos e o Olho de Boi. Às vezes ela nomeava as constelações em russo, como seu avô lhe ensinou quando ela tinha cinco anos.

Você nunca me contou sobre seu avô, disse Shawn uma vez enquanto uma estrela cadente traçava o céu. Cortesia das Perseidas, uma espetacular chuva de meteoros em agosto.

Não tenho muitas lembranças dele, respondeu Emma. Isso era verdade. E sua família sempre a envergonhou - sua mãe egoísta e alcoólatra, seu pai que foge de Houdini, sua árvore genealógica incerta. Ela é a única sobrevivente de sua própria linhagem e apenas seu avô vive verdadeiramente em seu coração. O cheiro rico e esfumaçado de suas roupas ela sempre gostou, que ela associava com amor e segurança. Os cigarros que mais tarde o matariam.

Por que você gosta tanto de espaço? Shawn perguntou a ela.

Ela desviou. Por que você gosta de modelos de trens?

Estou falando sério.

Ela considerou por um longo momento.

Seu marido era paciente. Ele esperou em silêncio, observando o céu em busca do próximo meteoro.

Isso é . . . é como estar dentro do maior e mais antigo relógio, disse ela finalmente. Eu não acredito em Deus. Mas às vezes, quando olho para o universo, tenho vontade. Há tantas maravilhas por aí. Planetas feitos inteiramente de diamantes ou gelo, mundos onde chove vidro derretido transformado em facas por ventos com força de furacão. Lugares profundos e escuros onde as leis da física tal como as entendemos simplesmente deixam de existir. Redemoinhos de nebulosas vermelhas e violetas com centenas de anos-luz de diâmetro. Uma vida humana, viajando à velocidade da luz, não poderia atravessar nem uma pequena fração. Ela sorriu. Acho que estou apaixonado pela beleza e pelo terror disso.

Shawn nunca a interrompeu. Mas desta vez ele chegou perto.

Espero ter mais tempo com você, ele disse abruptamente. Tipo, eu sei que, estatisticamente, provavelmente passamos quarenta ou cinquenta anos juntos, mais ou menos. Supondo que você pare de fumar.

Vou desistir, ela prometeu.

Mas espero que haja algo após a morte também. Porque eu sei que você está certo, ser imortal seria uma agonia. Mas eu acho . . . Acho que só quero conhecer você há mais de quarenta anos. Não é tempo suficiente.

Ela olhou para a entrada. Lágrimas brotaram em seus olhos.

Eu também espero que sim, ela disse.

Shawn jurou que a assombraria se morresse primeiro. Ela riu e disse que não esperava nada menos. Envolta em seus braços, sentindo-se quente, segura e pequena, ela percebeu que eles nem estavam prestando atenção na melhor chuva de meteoros do ano.

Ele beijou o topo de sua cabeça. Eu te amo, Em.

Eu também te amo.

Essas noites eram a exceção, no entanto.

Mais frequentemente, as noites confortáveis em casa eram passadas separadas. Em vez de se juntarem em seus respectivos mundos, ela lia sozinha com Laika enrolada a seus pés enquanto Shawn trabalhava silenciosamente em seus modelos de trens no andar de baixo.

Ela se arrepende disso agora.

Você nunca sabe o quão finito é realmente o seu tempo juntos até que acabe.

Por volta do meio-dia, o celular de Emma vibra na mesa de jantar. Uma intrusão abrupta e devastadora, tão dura quanto uma serra circular.

Não, ela pensa, erguendo seu e-reader para ignorá-lo.

O telefone dela toca novamente.

Ainda não.

Zumbido. Uma mensagem de texto agora.

Oh vamos lá.

Semanas atrás, ela desligou o telefone fixo da casa e o guardou na despensa. Este celular é um gravador que ela comprou em Idaho; um briquete Cricket pré-pago que custava quarenta dólares em uma parada de caminhões do Love. Só há uma pessoa viva que conhece esse número.

“Júlio.”

O que significa que deve ser importante.

Relutantemente, Emma abre seu telefone e encontra uma imagem ainda carregando, espremendo pixel por pixel através do Wi-Fi lento. Ela lê a mensagem de texto primeiro.

Emma, OLHA o que a câmera da campainha viu ontem à noite

Departamento de Polícia de Strand Beach

Incidente nº 000671-12C-2023
12h35 PST

Operador: Polícia de Strand Beach.

Chamador: Olá. Eu preciso fazer um relatório do incidente de ontem à noite.

Operadora: Qual é o seu nome?

Chamador: Jules Phelps.

Operadora: E o que aconteceu?

Chamador: Estou em Portland no inverno, mas a câmera da campainha capturou um homem estranho parado na frente da minha cabana na praia ontem à noite. Muito estranho. Eu tenho uma babá lá. O nome dela é Ema. Ela estava em casa naquele momento. Vou te mandar a foto por e-mail...

Operadora: Como era esse homem?

Chamador: Eu. . . nem sei como descrevê-lo.

Operadora: Você pode tentar?

Chamador: Peça a alguém que olhe a foto, por favor.

Operadora: E sua babá—

Chamador: O nome dela é Emma.

Operadora: Ela não viu esse homem?

Chamador: Não. Ela disse que percebeu que algo acionou as luzes de movimento, mas não abriu a porta da frente. Estou tão feliz que ela não fez isso.

É apenas . . . Não sei. Emma é apenas uma jovem que vive sozinha com seu cachorro, indefesa, subindo a Strand, sem ajuda por quilômetros.

Ela deve estar absolutamente apavorada.

“Aí está você,” Emma sussurra.

A foto da câmera da campainha de Jules finalmente foi carregada em visão noturna em preto e branco. No primeiro plano granulado está uma figura de barriga grande e ombros largos.

Seu rosto não é humano.

Não tem boca. Seus lábios parecem ter crescido juntos e se fundido com a carne pegajosa. Sua pele é emborrachada, seus olhos fundos e ilegíveis. Dois

altos chifres pretos projetam-se de sua testa, curvos e semelhantes a cabras. A imagem tem hora marcada para a noite passada.

Ela se lembra de estar tão perto de abrir a porta. A trava a apenas um milímetro de ser destrancada, seus dedos enrolados na maçaneta. Apenas uma reviravolta.

Tão perto.

É difícil dizer em baixa resolução, mas com base na orientação da grade da varanda, o estranho com uma máscara de demônio de Halloween parece estar descentralizado. À esquerda da porta, fora do campo de visão do olho mágico. Exatamente como ela suspeitava. Esperando Emma abrir a porta.

Laika se diverte. Eu te disse.

Isto é vindicante. O fantasma dela é real. Ela não é louca. E Emma não passou despercebida que, por mais tortuosamente que esse estranho evitasse a visão dela pelo olho mágico, ele ignorou a câmera da campainha. Ele se permitiu ser fotografado em close. Os policiais praticamente conseguem ler o código de barras do Walmart em sua máscara de borracha.

"Idiota."

Jules já chamou a polícia. E por mensagem de texto ela confessa – com um pedido de desculpas – que suas cuidadoras anteriores relataram incidentes noturnos igualmente perturbadores. Mais notavelmente: o filho de Jules ficou aqui no inverno passado, e uma noite de janeiro ele ouviu latidos altos ecoando na praia. Isso não era incomum – apenas um cachorro ou coiote de rua – até que ele percebeu que não era um animal. Era uma voz humana fingindo, latindo, rosnando, uivando. Pareceu diminuir depois de alguns minutos. Então, depois da meia-noite, ele acordou e ouviu um estranho circulando pela casa, testando silenciosamente as portas e janelas trancadas com cliques tímidos e batidas exploratórias suaves. Um teste para um roubo, talvez.

É por isso que Jules tem luzes de movimento.

E uma câmera de campainha.

Você poderia ter mencionado isso no anúncio do Craigslist, senhora.

Com pouco menos de setecentos residentes permanentes, Strand Beach é remota, mas dificilmente livre de criminalidade. Os transeuntes às vezes acampam perto do paredão rochoso no extremo norte da ilha. Todo verão, algumas famílias que retornam encontram suas cabanas saqueadas por invasores Coisas mais sombrias aconteceram aqui também. Em 2011, um estudante local desapareceu e apenas a bolsa da menina foi encontrada na praia, encharcada e vazia. Ainda há muitas especulações sobre seu verdadeiro destino. Isso explica uma placa triste que Emma se lembra de ter lido na frente de uma igreja local: feliz aniversário de 26 anos, laura b. Nós sentimos a sua falta

Segundo Jules, a polícia local irá monitorar a casa e fazer check-in regularmente. A geografia única da ilha significa que todo o tráfego deve primeiro passar pela cidade antes de chegar à casa de Emma, criando um engarrafamento seguro. O que mais você pode fazer? Emma não pode ir embora Sem esse contrato, ela fica sem teto novamente e não conhece uma única pessoa num raio de mil quilômetros. E, tecnicamente, nenhum crime foi cometido.

Ainda.

A menos que Emma possa provar que não estava sonhando, que a figura não estava apenas à sua porta, mas fisicamente dentro da casa. O que ela planeja fazer.

Essa noite.

Ela tem um plano.

Enquanto isso, ela está ficando irritada com as mensagens incessantes de Jules. Cada vez que ela consegue se concentrar em seu livro (o que já é difícil, já que a dupla de detetives do romance tem uma dificuldade embaraçosa para capturar um assassino que repetidamente se coloca em uma maldita lista de convidados), um zumbido elétrico estridente a sacode de volta.

Emma OBRIGADA DE NOVO por cuidar da minha casa

Ela é bem-vinda.

Eu aprecio muito isso

Sim.

Desculpe pelo estranho

Está bem.

Meu filho disse que o isolamento REALMENTE o afetava algumas noites lá fora. Ele sempre sentiu como se alguém o estivesse observando pelas janelas. Agachado na grama alta. Esperando. E ele é um homem, então nem precisou se preocupar em ser estuprado.

Jesus Cristo, senhora.

Quer que eu peça um Taser para você? achei um bom

Emma começa a digitar: Ah, uau. É gentil da sua parte oferecer, mas parece muito caro...

Zumbido! Outro texto.

Tarde demais, comprei uma arma de choque para você

Zumbido!

Cinco estrelas na Amazon

Zumbido!

Espere, não tenho certeza se as baterias estão incluídas

Zumbido!

sim, eles estão

Emma silencia seu telefone. Então ela larga o e-reader – ainda incapaz de se concentrar – e vai fumar seu cigarro diário pela pequena janela da lavanderia. Enquanto ela gira o leque de plástico, ela não consegue deixar de examinar a grama alta do lado de fora em busca de uma figura agachada. Seus motivos ainda desconhecidos.

Jules não tem ideia de quem é o estranho.

Nem a polícia.

Mas enquanto Emma belisca e ensaca o cigarro, ela percebe: talvez eu.

Emma silencia seu telefone. Então ela larga o e-reader – ainda incapaz de se concentrar – e vai fumar seu cigarro diário pela pequena janela da lavanderia. Enquanto ela gira o leque de plástico, ela não consegue deixar de examinar a grama alta do lado de fora em busca de uma figura agachada. Seus motivos ainda desconhecidos.

Jules não tem ideia de quem é o estranho.

Nem a polícia.

Mas enquanto Emma belisca e ensaca o cigarro, ela percebe: talvez eu.

4

Essa máscara.

Ele o usou enquanto era fotografado pela câmera da campainha de Jules — e não enquanto estava dentro do quarto de Emma.

Alinha-se com algo meio lembrado. Aquele e-book de merda. Em Murder Mountain, o narrador/assassino teve muito cuidado ao usar uma máscara de borracha de Halloween sempre que suspeitava que poderia ser capturado em filme. Mas quando estava perto de suas vítimas, os jovens estudantes Prelaw e Psych, ele não se preocupava com disfarces porque pessoas mortas não conseguem descrever seu assassino.

Talvez ser visto pela campainha não tenha sido um erro.

Talvez fosse uma mensagem.

Ela se lembra de ter digitado sua avaliação de uma estrela. Sua troca desconcertante com o autor do livro. Sua vaidade, sua condição de vítima, seu uso bizarro do idiota como insulto. Não vou perguntar de novo, ele finalmente ameaçou. A resposta dela? Bom.

Fácil de dizer online.

Pessoalmente, é diferente. Especialmente para Ema.

Mas ela lembra a si mesma que tal cenário é impossível. Não há como um estranho on-line – mesmo um psicótico – conseguir obter seu endereço em uma única resenha de livro on-line e aparecer, literalmente, na porta de sua casa em Strand Beach, Washington. Ele poderia morar em qualquer lugar do país. Ele precisaria de onisciência divina ou de uma autorização de segurança da NSA. Certo?

HG Kane. Que nome idiota.

Ele não tem foto do autor. Sem Facebook. Nada de Instagram ou Twitter. O domínio de seu site – hgkaneofficial.com – parece ter expirado também. A única evidência de que esse fantasma digital existe está exatamente onde ela começou, na Amazon.

Sua biografia de autor escrita por ele mesmo.

Quem é HG Kane?

Ele é como você, talvez. Ele cresceu em uma pequena cidade americana e desde cedo aprendeu com os grandes nomes da literatura: Faulkner, Twain, Shakespeare, Dickens. Aos dez anos, ele já havia lido todos os livros da biblioteca local.

Então . . . talvez ele não seja como você.

Piada, Emma pensa. Mas ela continua lendo.

Estranhamente, a carreira de escritor nunca ocorreu a esse jovem precoce. Só depois que um autor de renome mundial reconheceu os talentos do jovem e se comprometeu a orientá-lo. Ao longo de muitos anos, durante sua adolescência, H. G. aprimorou suas habilidades sob a tutela especializada de um dos melhores de nossa geração.

O resto, como dizem, é história.

A ficção de terror de H. G. Kane é CRU, PODEROSA e, acima de tudo, AUTÊNTICA. Seus romances foram descritos como “profundamente perturbadores” (revisor Ellie_McCoy), “assustadores como o inferno” (revisor Paul48) e “um tour de force de pavor de destruir os nervos e suspense afinado” (revisor 420Blaze_It). Alguns dizem que H. G. Kane está entre os melhores escribas de terror do novo século. Mas ele não acredita nisso. Ele não está nisso pela atenção ou pela fama.

Então, quem é HG Kane?

Sejamos honestos. Você nunca o encontrará.

Mas se você pudesse, você o encontraria vivendo a vida de lobo solitário de um homem sigma, cuidando de sua coleção de espadas, desfrutando de vapor de qualidade e digitando obedientemente sua próxima obra. Para preservar o sigilo de sua identidade, H. G. Kane evita palestras e autógrafos públicos, mas ele sempre pode se preocupar com um livro de bolso assinado (com preço razoável) em HGKANEofficialauthor1@gmail.com.

Emma tem quase certeza de que é uma piada.

Setenta por cento.

Também é estranhamente conflitante. H. G. Kane quer ser um enigma tentador, mas também quer que você saiba o quão incrível ele é. E há um desespero desconfortável em citar nomes de perfis de revisores online, provavelmente sem permissão.

Ok, sessenta e cinco por cento.

De acordo com a Amazon, ele publicou dezesseis romances de terror, todos com as mesmas capas pretas minimalistas de Murder Mountain. Mesma fonte Comic Sans. As mesmas ostentações não atribuídas - cada um se declara o romance mais emocionante que você já leu, ou o mais assustador ou o mais sangrento. Cada um parece ser um conto a sangue frio de perseguição, tortura e eventual assassinato e, curiosamente, todos são escritos inteiramente do ponto de vista do assassino.

Aparentemente, o truque de H. G. Kane.

Seu livro mais popular é Murder Lake, com cinquenta e oito avaliações de

usuários e uma avaliação agregada de duas estrelas e meia. De acordo com o resumo, algo sobre marido e mulher atacados violentamente em sua casa flutuante. Junto com seu laboratório branco. Amável.

Em seguida, Murder Glacier, com média de duas estrelas, retratando a invasão de domicílio e a tortura de duas irmãs na zona rural do Alasca. Especialmente cruel e gráfico, de acordo com avaliações de usuários.

Vale do Assassinato. Uma estrela e meia. Uma idílica viagem de acampamento familiar torna-se um banho de sangue.

Rio do Assassinato. A mesma coisa, em um rio.

Pedra Assassina. A mesma coisa, perto de uma formação rochosa.

Assassinato cai. Uma cachoeira, aparentemente?

Pântano Assassino. Sim.

Pradaria do Assassinato. OK.

Fiorde do Assassinato. Esse é um pouco exagerado.

Seja qual for o cenário, as vítimas parecem nunca vencer. Emma considera Murder Mountain o mais novo de H. G. Kane, publicado há apenas algumas semanas. Agora tem onze avaliações, incluindo sua familiar estrela. Os outros dez são positivos. Todos adoraram ou pelo menos gostaram, elogiando a violência gráfica e os detalhes vívidos.

De revirar o estômago e ser assustador, diz SluttyGodzilla51.

Bem escrito, diz OodleMcPoodle.

Seu melhor romance até agora, diz TopFan de HowieGK.

Essas críticas confundem Emma. Devem ser contas falsas, fantoches controlados pelo próprio autor. Ela estuda um usuário – HowieGK'sTopFan, que não tem foto de perfil e revisou apenas livros de H. G. Kane. Cinco estrelas ao redor.

Provavelmente sua mãe.

Ela tenta ver isso da perspectiva do autor, trabalhando durante anos escrevendo um trabalho criativo profundamente pessoal, para finalmente reunir coragem para compartilhá-lo com o mundo – apenas para ser ridicularizada por um crítico que você nunca conhecerá. Ela tenta sentir simpatia, mas não consegue. Coisas muito piores podem acontecer com você do que algum estranho ferindo seus sentimentos na internet. Ema sabe disso.

Ela lembra a si mesma que H. G. Kane não poderia tê-la encontrado aqui.

Ninguém tem.

Mas, por curiosidade, ela pesquisa seu próprio nome no Google e imediatamente encontra seus endereços anteriores em Salt Lake City, com precisão de número do apartamento. O número de telefone dela. A idade dela. Os nomes dos pais e dos avós. Os dados de Shawn são igualmente transparentes.

Está tudo aí, sua antiga vida preparada para autópsia. Não foi nem difícil de encontrar. Portanto, não é absurdo suspeitar que o endereço dela aqui em Strand Beach também esteja em algum lugar ao alcance de alguém experiente o suficiente para encontrá-lo.

Ou vingativo o suficiente.

Mesmo assim, ela agora tem o endereço de e-mail do cara.

Ela digita seu e-mail sem pensar bem. Ela está cansada da incerteza, de esperar na casa de um estranho como um pássaro enjaulado, incapaz de se afirmar.

HG Kane: Você não me assusta. Estou mantendo minha avaliação de 1 estrela.

Ela clica em Enviar.

Está feito.

Fui muito duro com ele?

Talvez.

Mas então ela se lembra de momentos em que leu Murder Mountain, quando sentiu uma necessidade visceral de jogar seu e-reader no chão, de pisoteá-lo como se fosse uma tarântula peluda até a tela quebrar. Era o equivalente escrito de uma fita adesiva. H. G. Kane não se importava com quem eram Prelaw e Psych, e também não parecia esperar que o leitor se importasse - tudo o que importava era a violência amorosamente imaginada a que estavam destinados. Destruição corporal.

Machetes nos dedos.

Balas até os ossos.

Miniaturas nas órbitas oculares.

As últimas duzentas páginas parecem algo com que um psicopata poderia se masturbar. Às vezes, ela jurava que podia sentir a presença indesejável do autor se materializando na sala. O peso dele afundando na almofada do sofá ao lado dela, espiando por cima do ombro com o hálito úmido em seu pescoço, talvez se ajustando com a mão livre.

Arranhar.

Ela estremece.

Ela está sozinha, é claro. Ela circula pelo andar principal e verifica novamente as fechaduras, só para ter certeza. Sua areia espalhada está intocada. Laika cochila pacificamente.

A chuva bate nas janelas, espessa e oleosa. Ela fica parada na sala, esfregando os braços arrepiados. Daqui ela pode ver o norte, o oeste e o sul por
literalmente quilômetros – uma extensão infinita de costa arenosa e planícies repletas de grama na altura da cintura. A casa deve parecer tão segura quanto o

ninho de um atirador de elite. Ela sabe, racionalmente, que este é o lugar mais seguro para se estar. A geografia da ilha é a sua própria proteção, a polícia está monitorando de perto a estrada e daqui ela verá qualquer intruso chegando quinze minutos depois. Mas para a parte irracional da mente de Emma, as paredes de vidro parecem claramente sufocantes. Como estar dentro de um aquário.

Ela observa sua própria respiração embaçar o vidro.

Meu filho disse que o isolamento realmente o afetava algumas noites lá fora. Ele sempre sentiu como se alguém o estivesse observando pelas janelas. Agachado na grama alta. Esperando.

Minuto a minuto, o céu escurece.

A noite está caindo.

Seu instinto lhe diz: ele estará de volta esta noite.

Emma está sentada de pernas cruzadas dentro do armário do quarto com o telefone em uma mão e a faca de cozinha mais afiada de Jules na outra.

Através das ripas finas da porta do armário, ela pode ver sua própria cama aproximadamente do mesmo ângulo da convidada da noite anterior. Ela arrumou cuidadosamente os travesseiros sob as cobertas para formar uma forma humana (surpreendentemente difícil com a seleção de travesseiros quadrados estúpidos de Jules). Agora, em plena escuridão, é assustadoramente convincente. Como se houvesse um cadáver na cama dela.

Desde o meio-dia de hoje, ela trocou o chá de gengibre pelo expresso.

Cinco deles.

Em retrospecto, três teriam sido suficientes. Seus nervos fervilham de cafeína. Seu coração bate forte em seu peito. Ela imagina que pode colocar fogo em algo com sua mente se pensar bastante sobre isso. E agora que fechou a porta do armário, ela espera que a bexiga dure a noite toda. Ela está comprometida. Esta é uma aventura selvagem, talvez a coisa mais emocionante que ela fez em meses. Quando a aparição retornar silenciosamente ao quarto dela esta noite para observá-la dormir – ou pior – ele estará de costas para o armário. Se as coisas ficarem violentas, como certamente acontecerão, ela terá o 911 em uma mão e uma faca serrilhada na outra.

A noite é longa. A casa geme e a chuva bate no telhado. Ela lê outro livro em seu e-reader no modo de pouca luz. Periodicamente, ela descansa as pálpebras.

Ela flerta com o sono – nada sério, apenas pequenos redemoinhos sonolentos de imaginação – e Shawn se senta ao lado dela dentro do armário escuro. Estou com saudades de você, ele diz a ela.

Também sinto saudade.

O que é isso?

Ah, isso? Ela levanta a faca. Caso eu tenha que estripar algum filho da puta.

Legal, diz Shawn.

Ele é uma presença bem-vinda. Quando o marido está por perto, Emma sabe que não está totalmente adormecida. Ela só dorme quando os pesadelos tomam conta, quando fica presa sob uma superfície de estrelas aquosas com o peito dolorido, a boca e o nariz cheios de água gelada do mar.

Não deixe que ele estripe você primeiro, Em.

Eu não vou.

Também sinto saudade.

O que é isso?

Ah, isso? Ela levanta a faca. Caso eu tenha que estripar algum filho da puta.

Legal, diz Shawn.

Ele é uma presença bem-vinda. Quando o marido está por perto, Emma sabe que não está totalmente adormecida. Ela só dorme quando os pesadelos tomam conta, quando fica presa sob uma superfície de estrelas aquosas com o peito dolorido, a boca e o nariz cheios de água gelada do mar.

Não deixe que ele estripe você primeiro, Em.

Eu não vou.

5

Nada acontece.

A figura nunca aparece. A noite toda.

À medida que a luz do sol entra pelas janelas molhadas pela chuva, Emma carrega sua faca escada abaixo e limpa a casa cômodo por cômodo, eliminando todos os esconderijos. Em seguida, ela verifica a areia sob cada ponto de entrada – tudo intocado. Nenhuma evidência.

Até a última janela do quarto do adolescente. Lá, seu coração bate forte de excitação com uma perturbação na areia – antes que ela reconheça uma pegada.

"Droga, Laika."

Desculpe, mãe.

Talvez esse número seja apenas imaginado. Ou talvez a polícia já o tenha assustado – afinal, o filho de Jules sobreviveu muito bem no inverno passado, não foi?

De alguma forma, isso não importa. Este é o projeto de Emma, algo que ela não pode deixar inacabado. Qualquer coisa para sobreviver à noite seguinte, porque as noites não a assustam. São os dias cinzentos e intermináveis, moles como aveia fria, quando o isolamento enlouquecedor do Strand é sentido com mais intensidade. A casa parece um organismo que a está rejeitando lentamente, uma mistura alienante de eletrodomésticos de aço inoxidável e vidro elegante construído em torno de tubulações antigas e calhas de lavanderia com teias de aranha. É quente e frio, aconchegante e sufocante, luxuoso e fétido de podridão. É uma casa – e não é. À noite, você pode fingir que está cheio de fantasmas e assassinos em série para ter um propósito.

Mas os dias são longos.

Sem propósito.

Além dos e-books e jogos de quadro branco, só resta a mochila verde Osprey carregada de pedras na porta dos fundos, como uma viagem para a qual ela já está preparada.

“Eu não sou louca”, ela diz ao seu golden retriever.

Laika a ignora, lambendo sua tigela de comida enquanto o sol traça seu lento caminho atrás de uma sopa de nuvens espessas. Você já disse isso, mãe.

Sim. Ela lembra.

Definitivamente não é loucura.

Mas ela resolveu um mistério ontem à noite: a vida anterior de seu vizinho. Isto explica o vocabulário conspícuo do velho, os seus livros e documentos amontoados, o seu estilo de vida recluso. Até mesmo por que ele recomendaria um romance de merda como piada.

A pista era propofol – a primeira palavra do Hangman de Deek. Seguindo um palpite, Emma estava cruzando o nome completo “Deacon” com “propofol” na quinta ou sexta página do Google quando apareceu um artigo sobre Stockyard Slayer, um serial killer da área de Fort Worth que atacava mulheres no final dos anos 80. e início dos anos noventa. Ele era ostensivamente um anestesista muito respeitado, mas sua foto mostrava um homenzinho careca, sem queixo, com olhos vagos de bovino. O tipo de homem que você mal notaria ao passar por ele na calçada, mas você poderia ouvir o barulho da sua bebida ou talvez sentir a picada de uma agulha. Depois vem o terror lamacento e de olhos arregalados enquanto seu coquetel anestésico personalizado derrete os músculos, deixando suas vítimas quase paralisadas, mas ainda horrivelmente conscientes. É combustível de pesadelo. Nas suas horas finais, algumas destas mulheres certamente experimentaram o inferno na terra.

Para esclarecer: não, Deek não é o Stockyard Slayer.

O estado do Texas assou a bunda dele em 2008.

Mas o romance policial verdadeiro best-seller de 1996, Silent Screams - um relato vividamente escrito e exaustivamente pesquisado das treze mortes confirmadas do Stockyard Slayer, que foi amplamente aclamado por expor o trabalho policial de má qualidade, catapultar as mulheres desaparecidas para os olhos nacionais e até mesmo ajudar os detetives a finalmente localizar o assassino - foi de autoria de um jornalista de Dallas chamado. . . Diácono Cowl.

Ela tem isso agora.

VOCÊ FOI UM ESCRITOR!

Ela sublinha isso.

A quatrocentos metros de distância, Deek verifica seu telescópio. Um momento de prender a respiração enquanto ele lê - então ele olha para cima, sorri e abre os braços com culpa. Você me pegou.

"Claro que sim."

Honestamente, ela está um pouco aliviada. Ela meio que esperava descobrir

que ele era um assassino aposentado, um molestador de crianças ou um informante da máfia escondido. Algo nojento ou perigoso. Afinal, você nunca sabe quem são seus vizinhos. Mas pelo menos ele está no time certo. E famoso, até.

Deek balança a cabeça modestamente: HÁ MUITO TEMPO. APOSENTADO

SIM, Emma escreve. APOSENTADO EM UMA CASA DE PRAIA GRANDE

Ele ri silenciosamente.

Ela tem certeza de que já viu brochuras amareladas de Silent Screams nas prateleiras antes, em brechós e vendas de garagem. Ela pode até ter pego uma ou duas vezes.

De alguma forma, ela fica triste em saber que Deek já foi famoso. Ela viu o quanto ele bebe agora, algumas tardes tropeçando nos próprios chinelos. Ele andará inquieto pela casa como um animal enjaulado, aparecendo e reaparecendo atrás de pilhas de móveis empilhados enquanto bebe um copo generosamente servido. Ele não está se divertindo. Há desespero nisso.

O álcool sempre assustou secretamente Emma. Em setembro, Jules deixou um Cabernet caro no balcão da cozinha como presente de inauguração, e ele ainda está lá. A única pessoa com quem ela se sentiu verdadeiramente segura para beber foi Shawn. Perder o controle – mesmo que um pouco – é assustador. Ela se lembra de como sua mãe arrotava alto no sofá enquanto segurava sua caixa gigante de vinho do Walmart - aqueles terríveis arrotos gasosos e aquosos que abalavam a casa. Sem constrangimento ou autoconsciência. Como um cachorro. Quando criança, Emma costumava rir dos arrotos da mãe. Quando adolescente, ela ficou triste com eles.

Deek escreve: VIU SEU STALKER NA NOITE ÚLTIMA?

Ela balança a cabeça.

Por um tempo, ela suspeitou que a figura na câmera da campainha de Jules era apenas seu vizinho com uma máscara de Halloween, dada sua propensão para piadas sombrias. Mas ela o descartou. A figura na foto é muito alta e tem o peito largo como Jason Voorhees. Não é Deek.

Ele apaga e escreve: JULIE ME MENCIONOU?

Ela leva um momento para perceber de quem ele está falando.

Júlia. Jules.

Acho que ele a conheceria.

E Emma não tem coragem de contar a verdade a ele. Em meio ao quartel agitado de mensagens de texto de ontem, de Tasers e relatórios de incidentes e relatos de homens desconhecidos latindo como cães durante a noite, ela se

ofereceu para avisar Deek sobre o estranho visitante. A resposta de Jules foi rápida e implacável, quase como se tivesse sido pré-digitada.

> Não se preocupe em conversar com o vizinho. Ele é um bêbado + mentiroso + um idiota de 100 quilates. Ele é a razão pela qual levei meu filho para Portland. Se houver justiça no mundo, Demon Face aparecerá em sua porta na próxima vez.

Droga, senhora.

Talvez ela odiasse os fogos de artifício de Deek. Talvez seu estranho senso de humor a tenha ofendido. Talvez eles já tenham sido amantes e ele ainda carregue uma tocha por ela. Ele parece vagamente esperançoso agora, ainda olhando. Aguardando a resposta dela.

Diga alguma coisa, Ema.

Depois de uma longa pausa, ela destampa o marcador.

NÃO, ela escreve.

> NÃO MENCIONEI VOCÊ

Arranhar.

Ela ouve da sala ao lado. Seu coração palpita, um mergulho nauseante.

Arranhar.

Isso é . . . apenas Laika, batendo na porta dos fundos.

Emma deixa seu cão sair, mas fica na porta para observar. Embora o quintal seja cercado, ela não confia no elo da corrente flácida. Ela está pensando cada vez mais naquela carne estranha que cortou as gengivas de Laika e ontem, com um palpite preocupado, ela até voltou à praia para vê-la mais de perto. Ela cavou três buracos, mas encontrou apenas areia molhada. Talvez ela estivesse apenas se lembrando mal de onde o enterrou – ou talvez alguém tenha tomado o cuidado de recuperá-lo.

“Lembre-se”, ela ordena.

Laika obedece e Emma tranca a porta.

De volta à sala, ela manda uma última mensagem para Jules perguntando se há alguma outra maneira de entrar na casa. Quaisquer espaços para rastejar ou passagens secretas para o porão.

A resposta é imediata.

> Não, apenas as duas portas com fechadura + janelas do andar principal. Não se preocupe, Ema. A polícia está cuidando disso. E esta casa pode pregar peças em você.

Talvez.

Talvez esteja apenas na cabeça dela. O estranho com máscara de borracha na porta é um dos transeuntes do Strand em busca de uma casa desprotegida para roubar, que já veio e se foi. A figura em seu quarto é apenas um sonho. O

verdadeiro H. G. Kane é um inofensivo homem de quarenta e poucos anos que usa um suéter e vive no porão de sua mãe em Michigan e fica totalmente perplexo com o e-mail dela. Talvez ela realmente esteja sozinha com seus pensamentos neste lugar enlouquecedor.

Talvez. Mas Emma não pensa assim.

Zumbido.

A propósito – FELIZ NATAL!

O encontro de hoje a surpreende.

Honestamente, ela esqueceu.

verdadeiro H. G. Kane é um inofensivo homem de quarenta e poucos anos que usa um suéter e vive no porão de sua mãe em Michigan e fica totalmente perplexo com o e-mail dela. Talvez ela realmente esteja sozinha com seus pensamentos neste lugar enlouquecedor.

Talvez. Mas Emma não pensa assim.

Zumbido.

A propósito – FELIZ NATAL!

O encontro de hoje a surpreende.

Honestamente, ela esqueceu.

6

Bem, isso aconteceu.

Hgkaneofficialauthor1@gmail respondeu por e-mail. Com pavor vibrando dentro de seu estômago, ela abre a mensagem e vê um denso bloco de texto.

Ela se prepara para isso.

Olá, você deve estar falando sobre Murder Mountain? Presumo que você seja Emma86?

Isso não significa nada. Ele pode estar apenas mantendo a negação.

Não sei quem você é e não guardo nenhuma má vontade em relação a você. Como você sabe, sou um autor prolífico e muito ocupado com todos os meus prazos. Mal tenho tempo para escrever este e-mail.

Uh-huh, ela pensa.

Meu problema com esta revisão é que você é apenas um crítico. Nem isso – você é um consumidor. Você não cria coisas. Você não entende como é difícil escrever um livro, cem mil palavras todas escolhidas e digitadas à mão. É fácil para você criticar a criação de outra pessoa porque você não tem pele no jogo. Você é apenas uma mulher fria e negativa, sem amigos.

Chega de má vontade.

O que você não entende é que é basicamente impossível ser publicado tradicionalmente porque as cinco grandes editoras só concordam em publicar livros convencionais. E ao me caluniar e limitar meus leitores, você está atacando não apenas minha renda diária, mas também minhas chances de ser notado por um agente ou editor. Esta é a própria definição de marginalização.

E sem ofensa, mas você é uma mulher. Eu sou um cara legal, mas só preciso ir direto ao ponto: as mulheres geralmente não gostam de ação ou terror. É apenas biologia. Por que você está revisando isso? É como se eu revisasse um sutiã. E algumas mulheres sempre se consideram especialistas em saber se um livro de terror é “realista” ou “irrealista” - como VOCÊ sabe pessoalmente como funciona um rifle Colt AR-15 calibre .223? Você pode carregar e disparar um? Ou como amarrar um torniquete? Ou o que é um pneumotórax hipertensivo (“ferida sugadora no peito”)? Por favor. Isso é o que você não entende. Você é mesquinho e eu não deveria deixar sua “opinião” desinformada me incomodar, mas como gosto de dizer, às vezes é a faca pequena que corta mais fundo.

É por isso que estou ordenando a você: retire sua avaliação de 1 estrela.

Sinceramente,
HGK

Ela quase espera ter a chance de esfaquear esse cara.

E, preocupantemente, ela pode sentir a raiva crescendo sob suas palavras. Como uma força geotérmica empurrando para a superfície, escaldante, incontrolável. Pressão aumentando. Tudo a partir de uma resenha de livro online entre todas as coisas.

Ela precisa de um cigarro. “Escritores de merda, cara.”

Espere.

Há . . . mais. Ela rola ainda mais para baixo.

PS: Se você LER COM ATENÇÃO Murder Mountain, saberia que eles não faziam caminhadas de salto alto, eles apenas TINHAM salto na mochila.

Seu errado!

Belo erro de digitação.

Talvez seja realmente ele, afinal. Este é o homem que assombrou a câmera da campainha de Jules com uma máscara de demônio sem boca e a desafiou a abrir a porta. Quem a viu dormir.

Mas ela ainda não consegue provar isso. Ainda não.

Ela responde com uma palavra.

*Você é

Enviado.

A pequena faca corta mais fundo, como disse uma vez um idiota na internet.

Naquela noite, Deek escreve: ACHA QUE ELE VAI VOLTAR HOJE À NOITE?

“Eu meio que espero que sim.” Emma toma um gole de seu café expresso e observa o relógio.

A polícia está “investigando isso”. Seja lá o que isso signifique. A cada poucas horas ela vê o brilho de um Dodge Charger subindo pela Wave Drive, guardando diligentemente uma massa de terra deserta. Ela havia pensado em passar algumas noites em outro lugar, mas o único motel da cidade ainda aberto durante o inverno não permite cães. Ela poderia pular em seu Corolla surrado e partir imediatamente, ela supõe. Quebre o acordo com Jules, pegue a estrada com Laika e fique sem um tostão e sem teto novamente.

Se o homem que a segue for real, isso é sem dúvida mais perigoso.

Ainda assim, ela está considerando isso.

O sol se põe atrás de nuvens escuras a oeste. Em Strand Beach, sempre há uma próxima tempestade (uma moradora disse que viu estampada em uma camiseta na vitrine de uma loja), mas esta é a maior até agora. As nuvens de tempestade da bigorna parecem sólidas o suficiente para serem tocadas, como o horizonte de uma cidade distante rolando sobre as ondas. Estará aqui algum

tempo depois de escurecer.

QUER QUE EU FIQUE ACORDADO? Deek pergunta. FIQUE DE OLHO?

Ela odeia envolvê-lo.

, Cada vez que ela foca seu telescópio na janela de Deek, ela meio que espera ver uma figura com um rosto de borracha sem boca parada ali. O corpo do velho no chão com um machado na cabeça. E no quadro branco, escrito com a ponta de um dedo ensanguentado: Eu avisei.

Apenas paranóia.

VOU FICAR DE VIGILÂNCIA, ele insiste. APENAS NO CASO DE

"Obrigado."

Ele dá de ombros. NÃO ESTOU EXATAMENTE OCUPADO

Ela perguntou a Deacon Cowl sobre sua família apenas uma vez e imediatamente se sentiu culpada - quando você fica bêbado e assiste a fogos de artifício com uma porcaria do Ikea em sua casa e um banheiro no seu deck, sua vida não pode estar indo muito bem. A resposta de Deek foi delicada. Filhas gêmeas, escreveu ele depois de quase um minuto de hesitação. Eu perdi os dois.

Emma nunca perguntou como eles morreram. Como uma alma perdida em Strand, ela sabe que isso realmente não importa. Se Deek quisesse pena, ele não estaria aqui sozinho.

Ele escreve mais: VOCÊ É MEU VIZINHO FAVORITO

"Tenho certeza."

PRECISAMOS CUIDAR UNS DOS OUTROS

"Quanta gentileza."

ALÉM DISSO, PEGAR OUTRO ASSASSINO EM SÉRIE PODERIA REALMENTE REINICIAR MINHA CARREIRA

Ela ri. Parece sair dela, um latido de surpresa, e ela mal reconhece a própria voz. Ela sentiu falta da sensação.

Mas . . . era o tipo de risada que só o marido conseguia arrancar dela. Seu coração afunda como uma âncora. Em momentos como este, ela gostaria de poder chorar.

Ela não chora desde julho.

Nem uma vez. O serviço fúnebre estava cheio de olhos – olhos solidários, mas olhos iguais. Espera-se que você se vista bem, cubra o rosto e chore no banco da frente, e quando você se senta lá como um zumbi em transe com um moletom folgado, as pessoas notam. As pessoas sussurram. E ela sabe que eles não estão errados em se preocupar. Qualquer que seja o luto saudável, não pode ser isso.

Talvez o cérebro dela tenha se recusado a aceitar o que aconteceu, como a tela azul congelada de um laptop, e se for um mecanismo de enfrentamento, é

uma droga, porque tudo o que ela tem é a fração de segundo em que dois veículos colidiram com um estalo ósseo. Cinco meses. Progresso zero. Ela ainda está aí. Dentro dele. Ela ainda sente o cheiro das pastilhas de freio chamuscadas, da poeira arenosa da estrada, do sangue acobreado nos dentes. Ela não consegue sentir o gosto de pizza, mas consegue sentir o gosto disso.

Deek franze a testa. SÉRIO, EMMA. VOCÊ ESTÁ BEM?

Ela exala. O que ela pode dizer? Um psicopata pode ou não estar perseguindo-a, e isso ainda é, de alguma forma, a melhor coisa que já aconteceu com ela em meses, porque é algo em que se concentrar, além do oceano lá fora. E a mochila perto da porta.

Ele está esperando.

Sua pergunta permanece. E desta vez, ela sente uma finalidade nisso. Ela mentiu para Deek várias vezes. Ela sabe que se repetir a negação, ele provavelmente não perguntará novamente. Será isso. Nem todo mundo é tão paciente quanto Shawn.

Não estou bem, ela quer dizer. Não estou bem há meses.

Ela gira seu marcador distraidamente e força um sorriso. Está tudo metastatizado dentro do peito, uma massa inchada de tecido cicatricial.

Tenho medo de mim mesma, ela quer escrever.

Tenho medo do que farei quando estiver sozinho, quando ninguém estiver olhando.

Estou com tanto medo.

Não se trata de resolver o mistério da figura em seu quarto. Talvez nunca tenha sido. Há uma pequena parte secreta de Emma, uma sequência defeituosa de genes em algum lugar, ou algo em seu cérebro tão real quanto um tumor. Talvez seja o mesmo defeito silencioso que fez sua mãe optar por continuar bebendo vinho em caixa, mesmo depois que um adolescente estranho morreu em seu transplante que salvou sua vida, para conservar dois fígados em uma vida.

Esta parte de Emma espera que o estranho a mate.

Então ela não terá que fazer isso sozinha.

Durante semanas, o oceano a chamou com a promessa de desaparecer de forma limpa e completa. Ninguém. Nenhuma nota. Ser um pássaro lindo e misterioso que você só mais tarde perceberá que estava em perigo, como sair de uma festa abafada da faculdade onde a música está muito alta e ela não conhece ninguém, o astuto adeus irlandês - Onde está aquela garota Emma? Acabei de vê-la. Ela foi embora? Enquanto isso, ela está a meio caminho de casa. A garota que um dia quis ser astrônoma, que sonhava em nomear novas estrelas, mas se contentou em ser professora de matemática do ensino fundamental, que agora mora sozinha na casa de um estranho e fuma por uma janelinha. E não por muito

mais tempo. Pisque e você sentirá falta dela.

Finalmente Deek dá de ombros em sua nave distante. OK. FALE MAIS TARDE, EU ACHO.

Ela sente uma pequena pontada de culpa. Ela acha que Deacon Cowl é um ser humano fascinante com uma carreira notável. Ele poderia ser um aliado que salva vidas ou até mesmo um amigo genuíno. Você nunca saberá se não deixar a pessoas entrarem.

Ela quase não deixou Shawn entrar.

Ela conheceu o marido por acidente há sete anos. Um dos clubes universitários organizou uma caminhada de um dia até o mirante Turnkey Peak, e ela se inscreveu esperando um grande comparecimento. Em vez disso, eram apenas ela e um magrelo formado em engenharia elétrica chamado Shawn. A caminhada de 13 quilômetros que fizeram juntos foi terrivelmente estranha. No início da trilha, passando por um portão de metal enferrujado (e de aparência vagamente sinistra), ela se lembra de ter pedido desculpas por não ter falado.

Ele encolheu os ombros educadamente, como se não se importasse nem um pouco, olhou para cima da colina e disse com um sorriso amigável: Encontro você lá.

Por alguma razão, isso está gravado em sua mente.

Encontro você lá.

Ela se lembra de andar rápido. Tentando manter-se à frente dele, para evitar o desconforto arrepiante de estranhos semi-apresentados andando lado a lado em silêncio. No final das contas, Shawn, de 21 anos, era um excelente caminhante. Ela quase se exauria mantendo-se à frente do ritmo dele. Mas ela fingiu.

Encontro você lá.

De acordo com o site do estado, a vista do Turnkey Peak é semelhante a uma experiência religiosa, um panorama deslumbrante de granito saliente, encostas de pedras com quilômetros de altura e rios distantes de gelo envolvendo as Montanhas Rochosas além. Emma se lembra apenas de estar sentada na beira do penhasco, mastigando seu sanduíche de manteiga de amendoim e rindo das piadas de Shawn, porque ele finalmente a pegou ali e não havia como escapar da queda fatal. Shawn tinha um jeito com ele. Ele era gentil, talvez um pouco desajeitado, mas discretamente espirituoso. Mais tarde, ela lhe diria que ele a lembrava de Schmendrick, o bruxo virtuoso, mas um pouco inepto, de seu livro favorito, O Último Unicórnio, de Peter Beagle.

Ela gostava dele. Mesmo assim.

Mas mesmo assim, no topo daquela montanha chuvosa, ela o segurou com o braço esticado. Ela racionou sua risada. Na descida ela podia sentir-se sabotando as coisas, sempre meio passo à frente, meio ouvindo, forçando-o a persegui-la.

Ela sempre soube como destruir uma coisa boa.

No final do dia, eles acenaram um adeus educado, mas indiferente, no portão do início da trilha, e Emma ficou sentada sozinha no carro, com o motor ligado e as portas trancadas. Ela não lhe deu seu número nem seu sobrenome. Eles podem nunca se ver no campus. Ela se sentiu estúpida, fraca e fria. Então, um movimento no espelho retrovisor lateral — era Shawn novamente, caminhando rapidamente em direção ao carro dela. Ele segurava algo na mão. Ele parecia nervoso. Emma se lembra de abrir a janela e sorrir para ele, com o coração palpitando de gratidão por outra chance.

Até que ela viu o que ele estava carregando.

Um dedo decepado e sangrento.

Ela não consegue se lembrar se gritou - provavelmente gritou - mas o que fica em sua memória é o quão profundamente Shawn se desculpou o tempo todo. Ele precisava de uma carona até o hospital porque o portão enferrujado do início da trilha havia se fechado sob uma rajada de vento no exato momento em que ele pousou a palma da mão na dobradiça. Amputando a articulação superior do dedo mínimo.

Sinto muito, ele dizia.

Com as mãos trêmulas, Emma encontrou o único recipiente que tinha: um saco plástico para sanduíches onde ela havia embalado seu almoço. Ela se lembra do pequeno barulho nauseante quando ele colocou a ponta do dedo dentro. Sem serviço de celular. Segundos contados.

Oh, meu Deus, estou sangrando por todo o seu carro. Eu sinto muito.

Ela tentou tranquilizá-lo enquanto pisava no acelerador: está tudo bem. Nem pense nisso. Apenas mantenha a pressão, ok?

Eu não queria que isso... Shawn soltou um grunhido repentino e surpreso enquanto derrapava no primeiro ziguezague da estrada: Ah.

O que?

Ele não disse nada.

O que é? Ela não ousava tirar os olhos da estrada. O que aconteceu?

Está bem. Ele estava inclinado para a frente na cadeira, dobrado com a cabeça entre os joelhos, parecendo quase envergonhado. Eu acabei de . . . Eu deixei cair.

Você o que?

Me desculpe-

Tipo, embaixo do assento?

Um sim. Um rangido frágil quando ele reclinou o banco do passageiro, estendendo a mão ilesa. Enquanto o carrinho de Emma saltava violentamente sobre buracos cheios de lama, ainda descendo a montanha. O telefone na palma

da mão — ainda não há sinal.

Encontrar?

Não. Está em algum lugar lá embaixo. Eu simplesmente não consigo alcançá-lo. Sua respiração era superficial, seu rosto pálido e brilhante de suor. À beira das lágrimas, não de dor, mas de humilhação. Eu sou . . . Eu não posso acreditar que isso aconteceu—

Ela estendeu a mão e apertou seu joelho. Não é nada demais. Encontraremos quando estacionarmos, ok? É sempre mais fácil encontrar coisas debaixo do banco quando o carro está estacionado.

Ok, ele fungou.

Por alguma razão, em meio a todo o sangue, horror e loucura do momento enquanto eles desciam uma estrada íngreme na montanha, é de tocar o joelho de Shawn que ela se lembra com mais clareza. Ela o conheceu há poucas horas. Ela não sabia o sobrenome dele. E ela estava tocando a perna dele.

É tão estranho, mas perder um dedo quase não dói. Sinto-me completamente bem, disse ele antes de vomitar no chão do carro dela.

Oito quilômetros morro abaixo, Emma estacionou em um posto Shell em ruínas e correu para dentro em busca de ajuda. O funcionário ligou para o 911, mas insistiu que pagassem o preço total por um saco de gelo. Quando a ambulância chegou num tom vermelho e azul, Shawn, de rosto cinzento, agradeceu uma última vez e disse que esperava vê-la no campus. Foi quase isso, o segundo adeus deles - mas, em vez disso, Emma deu um passo à frente e perguntou aos paramédicos para qual hospital o levariam. Deram-lhe um endereço e agora foi a vez de Emma dizê-lo.

Encontro você lá, disse ela ao futuro marido no momento em que a porta da ambulância se fechou.

Antes disso, ele sorriu.

Quatro palavras.

Em sua mente, eles se tornaram um mantra durante anos. Durante um dia cansativo de trabalho. Durante uma das dolorosamente longas viagens de negócios de Shawn a Phoenix. Seus caminhos individuais podem ser diferentes, mas eles sempre terminam juntos no mesmo lugar.

Encontro você lá.

Onde quer que haja.

No final das contas, os cirurgiões não conseguiram recolocar a ponta do dedo mínimo de Shawn. Sua mão esquerda permaneceu atrofiada para sempre e ele reaprendeu alguns acordes de violão, mas sempre brincava que era uma troca justa por conhecer sua esposa. Ele estava falando sério, mas isso sempre envergonhou Emma secretamente, porque na verdade ele já a conheceu no topo

da montanha, e ela era uma vadia fria com ele. Foi preciso uma ponta de dedo decepada em um saco de sanduíche para derrubar suas paredes.

Ela é difícil de saber.

Agora ela destampa seu marcador e apaga sua última mensagem para Deek. Chega de se esconder. Chega de auto-sabotagem. Chega de esperar, porque esperar nesta praia é apenas um confortável deslizamento mortal. Um assento aquecido e um bom livro em um avião parado.

Faça isso.

Faça isso.

Faça isso, Em. Seja corajoso.

Ela exala e escreve: SIM

SIM, VAMOS CONVERSAR PESSOALMENTE. VOCÊ GOSTA DE CHÁ DE GENGIBRE?

Mas Deek já se foi. Ela está muito atrasada. Sua sala está escura e uma mensagem final permanece em seu quadro branco. Ela aperta os olhos através do vidro embaçado com gotas escorrendo.

BOA NOITE BOA SORTE

Luzes apagadas, sua nave espacial agora navegando no piloto automático.

Tão perto.

O trovão ressoa sobre a maré crescente. A casa parece tremer sobre seus alicerces e ela se pergunta se a figura que a tem assombrado – H. G. Kane, Demon Face, quem quer que seja, está perto o suficiente para ouvir também.

Ela já se decidiu.

Nem mais uma noite aqui. Ela vai arrumar a escova de dente e passar a noite em um motel. Ela contrabandeará Laika em uma mala se for preciso. Então, amanhã de manhã, ela pedirá desculpas a Jules e deixará a ilha para sempre. Ela jogará os dados em outro lugar, talvez em algum lugar mais seco, mais quente. Talvez no interior, longe do oceano. Em algum lugar com testemunhas. Qualquer coisa para quebrar o ciclo, levantar-se de seu assento confortável e invadir a cabine e agarrar o manche em um momento lúcido quando ela é ela mesma, realmente ela mesma, e lutar contra o estol.

Antes que seja tarde.

Se não o fizer, ela sabe, morrerei nesta praia.

De uma forma ou de outra.

da montanha, e ela era uma vadia fria com ele. Foi preciso uma ponta de dedo decepada em um saco de sanduíche para derrubar suas paredes.

Ela é difícil de saber.

Agora ela destampa seu marcador e apaga sua última mensagem para Deek. Chega de se esconder. Chega de auto-sabotagem. Chega de esperar, porque esperar nesta praia é apenas um confortável deslizamento mortal. Um assento aquecido e um bom livro em um avião parado.

Faça isso.

Faça isso.

Faça isso, Em. Seja corajoso.

Ela exala e escreve: SIM

SIM, VAMOS CONVERSAR PESSOALMENTE. VOCÊ GOSTA DE CHÁ DE GENGIBRE?

Mas Deek já se foi. Ela está muito atrasada. Sua sala está escura e uma mensagem final permanece em seu quadro branco. Ela aperta os olhos através do vidro embaçado com gotas escorrendo.

BOA NOITE BOA SORTE

Luzes apagadas, sua nave espacial agora navegando no piloto automático.

Tão perto.

O trovão ressoa sobre a maré crescente. A casa parece tremer sobre seus alicerces e ela se pergunta se a figura que a tem assombrado – H. G. Kane, Demon Face, quem quer que seja, está perto o suficiente para ouvir também.

Ela já se decidiu.

Nem mais uma noite aqui. Ela vai arrumar a escova de dente e passar a noite em um motel. Ela contrabandeará Laika em uma mala se for preciso. Então, amanhã de manhã, ela pedirá desculpas a Jules e deixará a ilha para sempre. Ela jogará os dados em outro lugar, talvez em algum lugar mais seco, mais quente. Talvez no interior, longe do oceano. Em algum lugar com testemunhas. Qualquer coisa para quebrar o ciclo, levantar-se de seu assento confortável e invadir a cabine e agarrar o manche em um momento lúcido quando ela é ela mesma, realmente ela mesma, e lutar contra o estol.

Antes que seja tarde.

Se não o fizer, ela sabe, morrerei nesta praia.

De uma forma ou de outra.

7

"Se apresse."

Da porta, ela observa Laika circular pelo quintal sob o brilho intenso da luz de movimento, farejando a grama. As roupas de Emma estão embaladas. Apenas uma última pausa para Laika ir ao banheiro antes de partirem.

"Faça isso."

Círculos mais hesitantes. Mais cheirar.

“Apenas faça xixi. Não é tão difícil." Apertando os olhos por causa da chuva Emma examina a grama escura em busca de mais cortes de carne suspeitos. O vento ruge sobre as ondas que quebram. Ela sabe que seu retriever está vulnerável – e ela também, parada na porta aberta.

Laika ainda está circulando. Ritmo. Cheirando.

"Vamos."

Mais circulando.

"Por favor."

Finalmente Laika encontra um local adequado. Ela se dobra para trás, para e se agacha.

"Sim. Lá-"

Suas orelhas se animam. Então ela se levanta novamente, rigidamente alerta.

"Seriamente?"

Então Emma percebe que Laika está olhando mais para o interior, para o lado oposto da casa. Um novo brilho ilumina a grama das dunas. A luz do sensor de movimento leste – aquela que fica voltada para a entrada de automóveis – foi acionada silenciosamente.

Alguém está aqui.

Da porta da frente, Emma ouve uma batida violenta nas dobradiças.

Ela carrega uma faca de cozinha por baixo. Seus pés descalços pisam no azulejo frio.

"Quem é esse?"

Silêncio.

Ela para na beira do hall de entrada. Daqui ela pode ver a porta da frente revestida de painéis, tranquilizadoramente sólida. A trava de latão ainda está trancada.

Ela levanta a voz. "Se identifique."

Os segundos passam. A chuva tamborila no telhado. As calhas pingam. Os velhos ossos da casa se acomodam ao seu redor com um rangido baixo e grave.

Ninguém responde.

Por tempo suficiente para aumentar suas esperanças.

"Sou eu. Deek."

Ela nunca ouviu a voz do vizinho antes. É macio, surpreendentemente suave para um alcoólatra idoso. Por mais inofensivo que seja, ainda faz o coração de Emma explodir dentro do peito como uma granada de fragmentação. Ela passou semanas sem ouvir uma voz humana. Aqui, agora, está destruindo. A apenas três metros de distância, do outro lado de uma porta.

Ela não diz nada.

"Desculpe se eu assustei você." Ele parece sem fôlego.

Ela deveria se sentir aliviada – afinal, não é seu perseguidor – mas ela ainda está nervosa. Diga alguma coisa, ela insiste.

Diga qualquer coisa-

"Eu era . . ." Deek ainda está recuperando o fôlego. As tábuas da varanda rangem enquanto ele anda, como se estivesse se certificando de não ser seguido. "Isso vai parecer loucura, Emma, mas acho que tem alguém dentro da minha casa. Agora mesmo."

O medo treme em sua voz. Ela se vira bruscamente e olha pela janela da cozinha. Ao norte, a casa de Deek permanece escura e silenciosa.

"Eu chamei a polícia", ele ofega. "Eles estão vindo."

Ela estuda aquelas janelas distantes em busca de luz. Movimento. Qualquer coisa.

Então de volta para a porta.

"Eu estava na cama quando ouvi isso", diz Deek. "Uma voz masculina lá embaixo, cantarolando. Apenas cantarolando suavemente. Eu ignorei isso por um tempo. Achei que tinha acabado de deixar o rádio ligado. Mas então ouvi um movimento. Andando pela minha sala, procurando por algo. Abrindo armários, vasculhando meus livros antigos."

O coração de Emma palpita.

Seus livros antigos.

O diácono Cowl não é famoso - pelo menos não mais - mas ainda alcançou o sonho de todo aspirante a escritor. Ele foi publicado. Ele atingiu listas de best-

sellers. Ele foi ator convidado no The Tonight Show e conheceu Jay Leno, na época em que a televisão aberta era o ápice da fama. Os narcisistas sentem-se ameaçados pelas conquistas dos outros – o que poderá H. G. Kane fazer agora que sabe que a verdadeira pessoa vive ao lado de Emma, sozinho e desprotegido?

“Do alto da escada só dava para ver a sombra do cara no chão. E os sapatos dele. Deek engole em seco. "Eu vi . . . botas de combate. Estilo militar."

Sua pele se arrepia.

Ela se lembra do nervosismo exposto e da dor crua nas palavras do autor: Ao me caluniar e limitar meus leitores, você está atacando não apenas minha renda diária, mas também minhas chances de ser notado por um agente ou editor.

Quaisquer que sejam suas intenções com Emma, elas empalidecem diante do que ele poderia fazer ao Diácono Cowl em carne e osso. Ela imagina H. G. Kane implorando a Deek um endosso. Entregando sua mais recente excreção literária – Assassinato Qualquer Que Seja – nas mãos do velho.

"Eu entrei em panico." A voz de Deek vacila. “Desci as escadas e corri pelos fundos, o mais rápido que pude. Minhas chaves estavam na sala com ele. Acabei de correr pela grama e liguei para o 911. E continuei correndo até chegar aqui. Para você."

A chuva se intensifica, um barulho de chapa metálica.

"Eu sou . . . Tenho quase certeza de que ele ainda está na minha casa.”

Quase positivo.

Ela mantém os olhos fixos na estrutura distante. Estudando as janelas. De alguma forma ela não acredita nisso. A criatura desequilibrada com a qual ela está envolvida não permitiria que uma testemunha escapasse. Ele seguiu Deek até a porta dela. Sem dúvida.

"Desculpe. EU . . .” Ele força uma risada. “Não fico tão assustado há anos.”

Ela não diz nada.

“E sinto muito por incomodar você, Emma. Eu não poderia simplesmente ficar parado na chuva. Pensei em aceitar a oferta do quadro branco. Você sabe? Fale pessoalmente, finalmente. Poderíamos talvez tomar um chá de gengibre enquanto esperamos a polícia...

“Não”, diz Emma. "Eu não acho."

Ela não ousará se aproximar da porta trancada.

“Você não é Deek.”

“Tudo bem”, diz a voz. “Vou entrar de outra maneira.”

Emma sente insetos rastejando em sua pele.

Acrescenta: “Posso entrar quando quiser”.

Ela segura a faca e observa a porta com a respiração presa, preparando-se para um estrondo. Mas nada acontece.

Ainda.

Os pensamentos de Emma são densos e lentos. Seus músculos estão lamacentos. Tudo parece um sonho. Ela se força a falar. "Quem é você?"

Nenhuma resposta.

"Como você me achou?"

Nada.

"Responda-me." Ela dá um passo à frente. “Como você conseguiu meu endereço?”

“Numa história”, responde a voz, “o autor é Deus”.

Agora que não está mais imitando o vizinho, a voz parece ter relaxado e se tornado um rosnado. Baixo, ofegante, desapaixonado. Emma sente uma gota de suor frio na sobrancelha.

“Você já sabe quem eu sou”, diz. “Há algo que você gostaria de mudar em sua avaliação de uma estrela?”

Silêncio.

Ela deveria ter esperado isso, mas ainda assim é chocante. A voz lá fora está esperando uma resposta e ela está profundamente insegura. Esta é uma pergunta capciosa?

Diga alguma coisa, ela pensa.

É injusto. Ela estava tão perto de partir esta noite. Suas reservas no Seaview Inn foram feitas. Sua escova de dentes e roupas estão ensacadas em cima da mesa. É como se o estranho soubesse, de alguma forma, e agora ele estivesse no caminho dela – literalmente – entre ela e seu carro.

Ele ainda está esperando pela resposta dela, mas os pensamentos de Emma são água. Ela nem consegue se lembrar exatamente o que diabos ela escreveu.

Diga qualquer coisa-

“Ok, então,” a voz continua, baixa e comedida em sua cadência. Ela pode ouvir um sorriso tenso. “Quer repetir, agora que estamos aqui pessoalmente? É muito fácil digitar críticas de ódio no anonimato da internet. Vá em frente. Convido você a abrir a porta e dizer isso na minha cara.”

Não.

"Por favor?"

Não é uma chance.

A porta range no batente, assustando-a. Ele deve estar encostado nela. “Sempre agradeço o feedback dos meus leitores. Positivo e negativo.”

Seu livro foi uma droga, ela gostaria de poder dizer. Mas ela não pode. Ela

sabe melhor. Talvez haja um gatilho invisível em algum lugar; um arame fino que encerrará a conversa e desencadeará a violência. Como navegar em um campo minado.

Com o polegar, ela liga para o 911 no telefone que tem no bolso. Ele ouvirá silenciosamente. Os operadores de emergência são treinados para permanecer na linha, certo?

Uma bufada lá fora. "Bem?"

Ela dá um passo à frente.

Ela precisa ver o rosto da criatura. Para tornar isso real. Ela se aproxima da porta na ponta dos pés. Cuidadosamente, com a respiração ofegante, ela pressiona o rosto contra o olho mágico e a maçã do rosto toca a madeira pegajosa. Seus cílios tremulam contra a lente.

Escuridão.

Ele está segurando o dedo sobre a abertura.

Ela recua. Ela fala claramente para o atendente de emergência que escuta em seu bolso: “Não te conheço. O que você está fazendo no 937 Wave Drive?

A voz lá fora não diz nada.

Imediatamente, ela se preocupa. Isso era muito óbvio?

“Você é uma garota tímida, não é?” Depois de um silêncio de apertar o estômago, a voz suaviza. “Como um homem sigma, sempre fui atraído por solitários. E eu gostei disso em você. Sua solidão. Sua independência. Mas você também está de luto. Eu posso dizer. Sem ofensa, mas você ama demais aquele golden retriever. Não é saudável.”

Deixe Laika fora disso.

Ela o odeia. Ela o detesta, esse organismo indesejado à sua porta que usa uma cara de borracha e se autodenomina um homem sigma. Seja lá o que for.

"E agora . . . agora vou perguntar uma última vez. Você mantém sua avaliação?

Ela não diz nada. Talvez não haja uma resposta correta? Ela ouve um estalo agudo do lado de fora da porta, como se fosse papel se desenrolando.

Claro, ela pensa.

É claro que ele publicou minha resenha—

A voz pigarreia, como um pai severo revisando um boletim escolar. “Este foi o pior livro que já li.”

Sim. Agora ela se lembra.

“Não é apenas uma porcaria”, ele lê. “É um caldeirão gigante de cinquenta galões cheio de diarréia gelada. Para qualquer leitor em potencial, vou economizar noventa e nove centavos: ambos os caminhantes morrem no final. Não tenho certeza se o autor já encontrou uma mulher humana antes, mas a certa

altura ele compara seus seios a ‘cítricos de sumô’, uma imagem mental que considero visceralmente aterrorizante.”

Ela havia se esquecido disso. Ainda é verdade, no entanto.

“E se você já assistiu a um filme de terror, você preverá todos os tropos irrealistas. É claro que as vítimas não têm armas. Claro que não há sinal de celular para chamar a polícia. Quando uma mulher encontra um caminhão, é claro que o motor não pega. Quando ela se refugia do assassino magicamente indestrutível dentro de uma cabana, é claro que ela estupidamente se encurrala em um quarto sem saída. Quais são as chances de tudo isso? Coincidências acontecem na vida real, mas na ficção são más escritas.”

Ele faz uma pausa.

Tem mais, ela sabe. Mas a voz lá fora parou, reunindo a compostura antes de continuar. Ela ouve uma respiração instável.

“Eu preferiria morrer a ler Murder Mountain novamente.”

Silêncio.

Quando ela digitou essa frase dias atrás, ela nunca esperou ouvi-la falada em voz alta na porta da sua casa. Então, uma lufada de ar frio atinge a nuca de Emma e ela se lembra, com um nó no estômago crescente: a porta dos fundos ainda está aberta. Apenas alguns centímetros.

Laika ainda está lá fora.

“Além de ser desagradável, sua avaliação não está ajudando ninguém.” Ela o ouve se aproximar da porta. “Você sabe disso, certo? Nada disso é uma crítica válida à Murder Mountain. Você chama isso de “tropos irrealistas”, mas é assim que realmente acontece. É verdade na vida real, Emma. Como pode ser irrealista? Você percebe o quão estúpido você parece, certo?

Ela não diz nada.

“E o resto são apenas insultos. Você está escolhendo peças sem qualquer contexto para montar suas piadinhas. Para convidar as pessoas a rirem de mim.”

Para rir de mim.

É sutil, mas ela ouviu a voz dele tremer ali. Um nervo exposto.

“Quero dizer, obviamente eu sei que os seios não são como os cítricos do sumô. Tenho muita experiência com seios. Isso foi uma metáfora. Você não sabe o que é uma metáfora? E os seus . . . é tão grotescamente injusto que algumas pessoas agora se sintam desencorajadas de ler meu romance de cem mil palavras por causa de sua crítica de cem palavras. Com dois minutos, você cancela um ano de meu trabalho duro.”

Daqui, Emma não consegue ver o quintal. Seu estômago se revira em cordas

de ansiedade. Ela espera que Laika ainda esteja seguramente fechada na área cercada, não circulando pela casa agora para cumprimentar esse novo estranho.

“Então, para me compensar, você pode descrever quais coisas, especificamente, você não gostou no meu romance?” A voz está eriçada, aumentando. Ele está trabalhando em direção a um limite irregular.

Ela dá um passo para trás.

“Especificamente, Emma. O que posso fazer melhor da próxima vez?”

Silêncio.

A faca está ficando escorregadia em sua mão. Seus dedos estão suando.

"Responda à pergunta."

Ela não pode. É muito difícil lembrar.

“Emma?”

"Eu pensei que era . . .” Ela se esforça para obter detalhes. "Eu pensei que era . . . Era conveniente que os dois caminhantes continuassem se separando, então ficariam mais vulneráveis a...

“As pessoas se separaram na vida real.”

“E eles simplesmente morrem de forma anticlimática no final.”

“Como na vida real.”

“E um deles ainda tem a chance de pegar a arma do vilão”, lembra Emma. “O serial killer abaixa o rifle para estrangular um, e o outro vem por trás dele e não o pega. Em vez disso, ela luta com ele corpo a corpo. O assassino deveria ter tido a cabeça estourada. A única razão pela qual a história não termina aí é porque a heroína é uma idiota...”

"Apenas. Como. Real. Vida. Que parte disso é difícil de entender? A voz lá fora fica exasperada. “Emma, é hora de tomar a pílula vermelha. Meus livros são realistas. Você não consegue pensar com clareza em uma situação de vida ou morte porque a adrenalina se sobrepõe à lógica, ok? São hormônios. É ciência. Os leitores esperam que os personagens sempre tomem decisões perfeitas, cem por cento das vezes. A maioria das pessoas comuns não sobreviverá a um encontro com um assassino. A maioria das mulheres, especialmente. Você não pode me culpar, o autor, por ser autêntico com...

“Acho que parecia amador.”

Ele para, sua sentença foi cortada tão claramente quanto um membro decepado.

Ela não queria interromper. Ela estava procurando a palavra nos últimos segundos e ela finalmente veio. Ela se afasta da porta, mantendo os olhos na trava de latão.

“Sinto muito”, ele sussurra. "Você poderia . . . Você poderia repetir isso?"

“Repetir o quê?”

"Agora mesmo. Do que você me chamou?"

“Eu estava falando sobre o—”

“Você me chamou de amador.” Ele força uma risada, um latido irregular. "Realmente? Esse é o seu insulto preferido? Amador? Pode um. . . pode um amador escrever dezesseis romances, com dezenas de milhares de palavras cada? Um amador recebe críticas de cinco estrelas descrevendo seu trabalho como “aterrorizante” e “brilhante”? Pareço uma maldita amadora, Emma?

Ele está tentando rir, como se tudo fosse um mal-entendido. Mas suas palavras são tensas e voláteis, tremendo de raiva. Ela coloca o telefone no bolso para ter certeza de que ainda está lá, ainda ouvindo — em algum lugar, uma operadora de emergência deve estar perplexa.

"Você pensou . . . você pensou que os personagens de Murder Mountain eram estúpidos? Bem, sorte sua. A internet está cheia de opiniões não comprovadas, mas esta noite você poderá provar a sua. Vamos ver se você consegue fazer melhor.”

Sua espinha se arrepia. Uma subida lenta, uma vértebra de cada vez.

Do outro lado da porta, um longo suspiro. “Se valer a pena, acho que você vai gostar mais deste.”

"O que?"

“Meu próximo”, diz ele. "Essa noite."

r O vento uiva sobre as ondas lá fora. A chuva muda de tom – açoitada de lado – e bate nas janelas da casa voltadas para o mar.

“É tudo sobre você”, acrescenta ele.

Um novo som áspero faz seu estômago revirar. No início é sutil, como uma palheta de dentista raspando suavemente. Então ele se aprofunda com força, chegando a um pico de destruir os nervos. Alarmantemente perto. Do lado de fora da porta, algo de plástico se solta.

A câmera da campainha de Jules, ela percebe.

Ele a abriu.

“Emma.” Sua voz está cheia de veneno. “Bem-vindo à Praia do Assassinato.”

"Agora mesmo. Do que você me chamou?"

“Eu estava falando sobre o—”

“Você me chamou de amador.” Ele força uma risada, um latido irregular. "Realmente? Esse é o seu insulto preferido? Amador? Pode um. . . pode um amador escrever dezesseis romances, com dezenas de milhares de palavras cada? Um amador recebe críticas de cinco estrelas descrevendo seu trabalho como “aterrorizante” e “brilhante”? Pareço uma maldita amadora, Emma?

Ele está tentando rir, como se tudo fosse um mal-entendido. Mas suas palavras são tensas e voláteis, tremendo de raiva. Ela coloca o telefone no bolso para ter certeza de que ainda está lá, ainda ouvindo — em algum lugar, uma operadora de emergência deve estar perplexa.

"Você pensou . . . você pensou que os personagens de Murder Mountain eram estúpidos? Bem, sorte sua. A internet está cheia de opiniões não comprovadas, mas esta noite você poderá provar a sua. Vamos ver se você consegue fazer melhor.”

Sua espinha se arrepia. Uma subida lenta, uma vértebra de cada vez.

Do outro lado da porta, um longo suspiro. “Se valer a pena, acho que você vai gostar mais deste.”

"O que?"

“Meu próximo”, diz ele. "Essa noite."

O vento uiva sobre as ondas lá fora. A chuva muda de tom – açoitada de lado – e bate nas janelas da casa voltadas para o mar.

“É tudo sobre você”, acrescenta ele.

Um novo som áspero faz seu estômago revirar. No início é sutil, como uma palheta de dentista raspando suavemente. Então ele se aprofunda com força, chegando a um pico de destruir os nervos. Alarmantemente perto. Do lado de fora da porta, algo de plástico se solta.

A câmera da campainha de Jules, ela percebe.

Ele a abriu.

“Emma.” Sua voz está cheia de veneno. “Bem-vindo à Praia do Assassinato.”

Parte dois

Meus fãs sempre me perguntam: “H.G., de onde você tira suas ideias para histórias?”

Fácil! Vida real.

Meus contos de terror são 100% autênticos com a realidade. Afinal, toda ficção está ancorada n verdade. E a verdade é: o impensável pode acontecer com qualquer pessoa. Então eu sempre gosto d começar com um personagem. Uma personagem assombrada por seu passado, digamos, sofrendo com um tragédia pessoal. E ela ainda não consegue entender, mas chamou a atenção de um mal monstruoso.

Ela sabe que isso está chegando. Ela já trancou as portas, chamou a polícia, deu todos os passos qu uma pessoa razoável deveria dar ao pôr do sol.

Mas a noite é longa. E escuro.

Cheio de terrores.

E lá vamos nós. . .

—H. G. Kane, “De onde vêm seus contos de arrepiar?” 2017, hgkaneofficial.com

Parte dois

Meus fãs sempre me perguntam: “H.G., de onde você tira suas ideias para histórias?”

Fácil! Vida real.

Meus contos de terror são 100% autênticos com a realidade. Afinal, toda ficção está ancorada na verdade. E a verdade é: o impensável pode acontecer com qualquer pessoa. Então eu sempre gosto de começar com um personagem. Uma personagem assombrada por seu passado, digamos, sofrendo com uma tragédia pessoal. E ela ainda não consegue entender, mas chamou a atenção de um mal monstruoso.

Ela sabe que isso está chegando. Ela já trancou as portas, chamou a polícia, deu todos os passos que uma pessoa razoável deveria dar ao pôr do sol.

Mas a noite é longa. E escuro.

Cheio de terrores.

E lá vamos nós. . .

—H. G. Kane, “De onde vêm seus contos de arrepiar?” 2017, hgkaneofficial.com

8

Trecho de Murder Beach

(Rascunho 1)

Ele veio para Strand Beach com uma missão singular: assassinar Emma Carpenter.

Ele dirigia um Honda CR-V cinza e comeu seis Wendy's Jr. Bacon Cheeseburgers do Drive-Thru Value Menu. Ele ouviu uma playlist do Spotify de Ed Sheeran, Death Cab for Cutie e Coldplay enquanto dirigia exatamente no limite de velocidade com seu chapéu de feltro no painel, pendurado em um porta-chapéus de plástico que comprou por US$ 9,99 na Amazon.

Sua viagem foi longa e exaustiva, e a última hora foi um tedioso passeio em torno de baías de maré e lodaçais salobros. Finalmente, a ilha titular apareceu como um fantasma através de uma névoa chuvosa. No final de uma ponte de pista única, um grande arco de concreto acenava: W_LCOME TO STRAND BEACH. Esperançosamente, eles substituiriam aquele E.

Sempre que visitava um novo local para ler um livro - cidade ou vila, floresta ou deserto - ele preferia caminhar alguns quilômetros a pé para se orientar. Prove o ar, leia os sinais, alimente os pássaros, absorva o sotaque local. Ele sempre disse que dirigir por um lugar novo era o mesmo que folhear um artigo da Wikipédia. Um autor não pode conhecer um cenário até que coloque as botas no chão.

Strand Beach era diferente, no entanto.

Ele já conhecia a área. Intimamente.

Ele estacionou seu CR-V em um terreno semi-inundado próximo ao calçadão com banheiros públicos e acesso à praia. Se ele estudasse as tabelas de marés com cuidado, seu veículo com tração nas quatro rodas navegaria por toda a extensão terrestre de onze quilômetros sem passar por uma única câmera de trânsito. Totalmente independente das estradas.

A maioria dos veículos não conseguia fazer isso – o que significava que a polícia não esperaria isso.

Enquanto esperava a chuva passar, ele vaporizou seu sabor favorito de suco eletrônico – manteiga sintética – e permitiu que sua mente vagasse por cachos de fumaça cremosa.

Ele tinha apenas nove anos quando publicou seu primeiro livro.

Tecnicamente.

Ele sempre se gabava de escrever desde que conseguia segurar uma caneta, e isso era verdade. Sua mãe ainda guardava todas as suas histórias desde a primeira série, rabiscadas em papel de pauta larga com caneta, lápis e giz de cera. Ela até comprou um serviço de publicação para seu filho. A empresa era uma espécie de imprensa personalizada para os pais: o garoto escreve e ilustra uma história em algumas dezenas de folhas de plantas, que são então enviadas para alguma gráfica em Hoboken, encadernadas e cobertas com capas de capa dura de textura exuberante, e devolvidas pelo correio.

Assim, sua estreia literária foi Propeller Head. Tinha vinte e quatro páginas, incluindo uma breve biografia do autor escrita por sua mãe. Restam apenas seis cópias.

A história segue um menino chamado Harry que enfrenta uma série de problemas. Nas páginas 1 a 6, o pobre Harry é espancado por valentões no playground, ridicularizado por sua professora, a Sra. Bristol, por um problema de fala não especificado, e assaltado por um estudante do ensino médio empunhando uma faca a caminho de casa. O pior de tudo é que tanto Harry quanto sua mãe são implicitamente abusados pelo padrasto anônimo do menino.

Então, na página 7, a história se transforma em surreal. Harry acorda na manhã seguinte com uma hélice de barco presa à cabeça. Ou melhor, no lugar da cabeça. Seu rosto desapareceu completamente (a transformação nunca é explicada, nem como exatamente ele pode ver sem os olhos). No espelho de seu quarto, Harry estuda sua nova forma biomecânica, tocando suas veias de fluido hidráulico, sua cúpula craniana, suas lâminas curvas.

As próximas doze páginas detalham a vingança de Harry.

Primeiro, ele assusta os valentões do playground com um único giro no moedor de carne. Bristol o chama para responder a uma pergunta difícil, ele abaixa a cabeça e corta a mesa dela ao meio (esta ilustração é

particularmente detalhada quando a mesa do professor explode em lascas e os colegas de Harry se abaixam aterrorizados). No caminho para casa, ele encontra seu assaltante novamente e corta a faca do estudante no pulso (na foto: um adolescente gritando segurando um coto fresco jorrando sangue Technicolor). Curiosamente, o texto nesta página nomeia erroneamente Harry como Howard.

Ao voltar para casa, ele confronta seu padrasto abusivo de uma vez por todas. Em um clímax emocionante, Harry enfia as pás da hélice nas costelas do homem e gira tão forte quanto sua nova forma permite, e o momento sangrento é prolongado em três páginas detalhadas. No final, a mãe de Harry o abraça e prepara sua caçarola de cheeseburger favorita em agradecimento, enquanto seu padrasto permanece distribuído uniformemente nas paredes e no teto. Um final feliz para todos.

Até que, em uma reviravolta chocante na página final, Harry percebe que não consegue tirar a hélice encharcada de sangue. Qualquer que seja a magia inconstante que projetou essa mudança, ela é irreversível.

Ele é para sempre Propeller Head.

O fim.

Visto hoje, Propeller Head permanece surpreendente em sua inteligência. É dito sem rodeios, certamente, e dificultado pela lógica afetada de um aluno da quarta série. Ainda assim, é chocante que uma criança possa contar uma história de vingança com tanto equilíbrio e poder. Até as ilustrações são evocativas e bem compostas (um talento menos conhecido dele).

Naquela época e agora, ele anuncia a voz de H. G. Kane em sua infância, uma promessa de coisas sombrias e assustadoras que estão por vir.

Para tirar a vida de Emma, ele fez preparativos.

A chuva finalmente diminuiu ao anoitecer, então ele deixou seu armamento em seu CR-V e caminhou pela rua principal da cidade para apreciar as vistas (reconhecidamente sem brilho).

. . . Um motel com estacionamento inundado.

. . . Uma locadora de DVD.

. . . Os ossos cobertos de lona de um restaurante tailandês incendiado.

. . . Um centro de diversão familiar com uma roda gigante enferrujada.

Strand Beach é um destino encantador de verão, mas uma cidade fantasma durante o período de entressafra. Ele atravessou a rua larga para dar uma olhada em um dos poucos negócios que funcionavam o ano todo: um museu local com entrada gratuita chamado Grundy's. A Grundy's é especializada em artefatos marinhos – ossos de tubarão, bolas náuticas, pregos de naufrágios antigos. A costa de Washington é frequentemente chamada de "cemitério do Pacífico", e Strand Beach é particularmente famosa – papel de mosca para navios de todas as épocas. Sob a maré escura, os arrastões modernos descansam ao lado dos ossos dos navios baleeiros do século XVIII. Algo nos bancos de areia inconstantes alimenta uma corrente mortal e imprevisível, "encarcerando" tanto os vivos como os mortos contra costas repletas de rochas. Daí, afirmam os moradores locais, o nome. Talvez isso seja verdade, mas Strand também é um termo irlandês para praia – por isso é literalmente chamado de Praia-Praia.

Ele ainda não entendia por que Emma Carpenter escolheu se isolar ali, dentre todos os lugares. Ele também não estava particularmente interessado. Ele admitiria prontamente que o desenvolvimento sutil do personagem nunca foi um ponto forte particular em sua escrita.

Ao longo do Grundy's, ele se permitiu ser gravado em várias câmeras de segurança enquanto navegava pelas novas exposições, estudava as pedras preciosas kitsch e as marionetes de olhos mortos e alimentava algumas moedas para testar sua sensualidade no topo da Cadeira do Amor. "Coisa gostosa", a cadeira arrulhou.

Na saída, ele comprou dois itens em dinheiro. Ele sorriu cavalheirescamente para o caixa, que não se lembrava dele (seu dom: invisibilidade para mulheres atraentes).

Ele pegou seu saco de papel e saiu.

Quando o céu escureceu, ele parou no bar local, um bar chamado Rip's com cervejas de dois dólares e uma sereia de topless acima do bar. Ele sentou-se sozinho perto do fundo e comeu um prato de bacalhau crocante e ostras com batatas fritas, molho tártaro extra e um aperitivo de lula. Ele engoliu com dois IPAs de 600 ml e um segundo aperitivo de lula como sobremesa frita. Ele adorou isto aqui. Ele conhecia bem a câmera de segurança na parede e até teve o cuidado de olhar diretamente para ela enquanto mastigava. Um pequeno ovo de Páscoa para a polícia mais tarde.

O centro da cidade era apenas uma pequena parada. Ele estabeleceria sua verdadeira base de operações a onze quilômetros de distância, perto

do cais rochoso no extremo norte do Strand. Ele estacionava seu CR-V logo abaixo da berma das rochas escorregadias, onde seu acampamento seria quase invisível para os curiosos, tanto da terra quanto do mar.

Lambendo a gordura da fritadeira dos dedos, ele abriu o saco de papel pardo da Grundy's e examinou seu conteúdo.

Primeiro: um saco de peixe sueco (seu doce preferido).

Segundo: uma concha (cada compra na Grundy's vem com uma concha grátis).

Terceiro: um pacote de anzóis farpados.

Enquanto Emma tira o telefone do bolso, ela se lembra daquele pedaço de carne suspeita na praia. A forma como pareceu desaparecer nos dias seguintes, o corte que deixou nas gengivas de Laika quando ela o puxou. Nem um pedaço de osso. E – ela agora tem certeza – não é uma coincidência.

Este homem estava tentando matar Laika. Com carne atada a navalha.

"Seu filho da puta."

A tela do telefone dela está ociosa. A ligação dela para o 911 falhou? Ela redisca e examina as janelas. Os holofotes LED azuis foram acionados e agora lançam sombras nítidas na grama alta. Mas a voz na porta da frente desapareceu.

Ele desapareceu.

O homem que detalhou com entusiasmo como os ossos fraturaram dentro do pescoço do Psych Major quando ele tomou a cabeça dela como troféu, que teve a audácia de comparar seios a frutas cítricas de sumô; o autoproclamado mestre do terror está aqui em Strand Beach. Ele dirigiu horas ou dias para chegar aqui de uma origem desconhecida. Tudo por ela.

Ela sente uma frieza se espalhando dentro de si. Enquanto outro trovão ecoa sobre o oceano, as palavras da autora ressoam em sua mente.

A internet está cheia de opiniões não comprovadas, mas esta noite você poderá provar a sua.

Aquele rosnado ofegante abafado pela madeira.

Vamos ver se você consegue fazer melhor.

Ele não esperava muita briga de Emma.

Antes do ataque noturno, ele já havia passado dias observando sua vítima, rastejando pela vasta casa à noite e cheirando seu cabelo enquanto ela dormia. Ele mapeou a área, traçou planos cuidadosos e

tirou suas próprias conclusões sobre a própria mulher.

Os amigos e familiares distantes de Emma Carpenter certamente a descreveriam com mais gentileza, mas em sua determinação ela era um produto danificado. Presa fácil. Um peixe alimentador humano. Um recluso perdido e atormentado que vive sozinho numa costa deserta. Ele podia ver como a dor dela a havia quebrado. Ele notou a ansiedade social paralisante que a prendeu dentro de casa, subsistindo de e-books e sobras frias. Ela evitava falar com as pessoas a todo custo – fosse em jogos de palavras no quadro branco com o vizinho ou em fazer compras on-line. Ela nem se atreveu a abrir a porta da frente para fazer entregas. Ela sempre esperava que o motorista saísse da garagem antes de sair para pegar o pacote como um rato culpado.

Claramente esta mulher sofreu uma perda imensa. Algo inimaginável. Ela ainda usava a aliança de casamento, ele observou, e um medalhão de prata esterlina em volta do pescoço. Esse medalhão nunca saiu de seu corpo. Ela dormiu com isso. Mesmo quando tomava banho, ela o mantinha ao seu alcance. Ele nunca tinha visto a foto lá dentro, mas tinha certeza de que já sabia exatamente quem era. E depois de muitas noites de vigilância silenciosa, ele registrou outro comportamento interessante de Emma.

Às vezes ela enchia de água a banheira do andar de cima, deixava um saco de ração de cachorro aberto no chão e caminhava sozinha até a praia. Até a beira do oceano, pelo menos uma vez por dia. Ela iria até os tornozelos. Então até os joelhos. Até a cintura. A poucos metros, talvez a alguns centímetros do alcance da correnteza. A corrente de Strand Beach é famosa por ser mercurial, um animal selvagem que tem tanta probabilidade de jogá-lo de volta à costa quanto de engoli-lo para sempre.

Ela nunca conseguiu.

Ainda não.

Ele não conseguia nem entender o que estava acontecendo dentro da mente dela. Talvez ela tenha feito um jogo sombrio ao testar seus próprios limites? A autopreservação é um instinto poderoso. Talvez ela se sentisse como uma passageira dentro de seu próprio corpo, lutando para agarrar o volante e desviar o carro para o trânsito em sentido contrário? Talvez seja por isso que ela colocou uma mochila verde do Osprey cheia de pedras e a guardou perto da porta. Um último recurso.

Mencionar isto agora não é insistir na luta de uma mulher pobre, nem falar mal dos mortos. Emma Carpenter merece descansar em paz.

Mas isso lhe disse duas coisas críticas ao planejar o assassinato dela.

Primeiro: se fosse deixada sozinha, ela provavelmente tiraria a própria vida em breve. Eventualmente, o último cordão dentro dela se romperia e ela carregaria aquela mochila sob as ondas. Pode ser um mês ou uma semana ou antes. Então ele poderia justificar confortavelmente suas ações aqui: de certa forma, ele estava apenas dando a Emma o que ela parecia desejar. E quanto valia exatamente a sua vida sem futuro, segundo sua estimativa? Ela estava prestes a se jogar no mar como um copo de papel, mas ele poderia dar um propósito à sua vida. Através de seus talentos, ele poderia homenageá-la com a oportunidade de desempenhar um papel no legado de H. G. Kane, algo que sobreviveria aos batimentos cardíacos dela e tocaria milhares de pessoas a mais do que ela jamais poderia (ou tocaria) na vida.

E em segundo lugar?

Bem, este é um pouco menos grandioso, mas não menos importante: significava que não havia armas de fogo dentro de casa.

As luzes de movimento se apagam.

O jardim da frente e a entrada ficam totalmente escuros. O súbito mergulho silencioso na escuridão tira o ar dos pulmões de Emma.

Bip Bip.

Ela verifica seu telefone. Sua ligação para o 911 falhou novamente.

"Impossível."

O sinal Wi-Fi desapareceu. Mantendo os olhos na escuridão lá fora, ela caminha rapidamente até a sala de estar e verifica o modem a cabo via satélite de Jules. O gadget ainda está conectado, ainda ligado. Uma luz verde feliz indica que tudo está bem.

Mas o telefone dela está desconectado do Wi-Fi. Ela tenta novamente a senha de Jules, ainda fixada na geladeira em um Post-it (STEWIE7). Nada.

Que diabos?

Seu e-reader também está desconectado.

E seu laptop.

E — presumivelmente — a câmera da campainha de Jules.

Todos estavam conectados há poucos minutos. O que mudou? A tempestade? Interrupção da Internet? Como a lógica tensa de Murder Mountain, quando Prelaw e Psych, exaustos e com medo, escalaram uma precária saliência de granito em uma tentativa frustrada de captar o sinal do celular e pedir ajuda...

Não importa.

Ele é apenas um homem. Ele não tem poder sobrenatural.

Emma pega as chaves do carro na bancada. O mesmo plano de antes: ela não vai ficar por aqui. Ela colocará Laika em seu Toyota Corolla amassado e dirigirá como uma louca direto para o centro da cidade, direto para a delegacia de polícia do tamanho de uma caixa de sapatos de Strand Beach. Ela para na porta dos fundos, ainda entreaberta, pisando em poças de água da chuva que vazam para dentro. “Laika. Estamos indo embora.

O quintal está vazio.

Laika se foi.

Seu coração desce cinquenta andares.

Um poste de corrente balança na tempestade, torto. O cão de caça deve ter escapado para a grama escura, além do alcance do sensor — “Claro” —, então Emma desce correndo os degraus meio podres até o gramado e assobia uma nota aguda na noite. “Laika. Lembrar."

Ela espera na chuva gelada. Nenhum sinal do Cão Espacial.

"Lembrar."

Nada.

Ela diz a si mesma para manter a calma, que contará mentalmente até cinco e depois gritará novamente com seu comando pré-programado da escola de filhotes, mas chega apenas a dois antes de cerrar os dentes e gritar: “Laika, traga sua porra de bunda branca de volta aqui !”

Uma rajada de vento abrasiva responde a ela. Nada de ofegar, nada de patas na areia. Na boca do estômago de Emma, centopéias se enrolam. Ela passa pela abertura na cerca e chega à grama que chega até a cintura. Ela torce o tornozelo na areia irregular. Levando as duas mãos à boca, ela grita o nome do cachorro novamente.

Ela circula pela propriedade, apertando os olhos sob a chuva torrencial. Um sensor de movimento é acionado, explodindo as dunas com um cone de brilho. Sua visão noturna é instantaneamente destruída. Mas ela vislumbra algo – uma forma pálida – através dos juncos molhados. Logo na próxima subida.

Ela reconhece o pelo branco de Laika. Sempre teve brilho, mesmo na escuridão. Ela pisca, limpando a água da chuva dos olhos, bloqueando o brilho do holofote com a outra mão, tentando ver mais detalhes.

Sua voz arde em sua garganta. “Laika.”

A forma está imóvel. Cabeça baixa. Baixo na grama.

Não, ela pensa impotente.

Não não não-

Ele estava trabalhando no golden retriever inglês creme de Emma há dias. Foi um processo lento e hesitante, tão tedioso quanto zerar a mira de um rifle.

O animal provou ser um comedor inesperadamente enjoado, o que a manteve viva até aquela noite. Os Milk-Bones estavam muito quebradiços, e os melhores cortes de carne que o dono da mercearia local tinha para oferecer ainda não eram páreo para caranguejos podres, águas-vivas mortas e algas marinhas. Mas então, no quarto dia, seu cachorro finalmente sucumbiu ao canto de sereia do peito de frango cru (embora Emma o tenha arrancado da boca antes que os anzóis escondidos causassem algum dano).

Peito de frango desossado.

Quatro noventa e nove por libra na Strand Beach Grocery.

Ele ligou para o animal. E, na verdade, aqueles anzóis de aparência perversa do Grundy's eram simplesmente grandes demais para serem engolidos inteiros de qualquer maneira. Então ele mudou suas táticas.

Ele identificou o mecanismo de entrega.

Ele só precisava de uma carga menor e mais mortal.

É como correr em areia movediça. Ela não consegue chegar lá rápido o suficiente. O tempo passa enquanto ela grita o nome do cachorro novamente. Isso não pode estar acontecendo.

Por favor Deus. Ela não se lembra de ter orado desde criança.

A forma pálida de Laika se aproxima através das lâminas molhadas. Outra luz de movimento é acionada – o norte agora – cegando-a novamente. Ela nem se preocupa em verificar por cima do ombro para ter certeza de que não é o estranho correndo atrás dela em uma emboscada.

Ela está se aproximando de Laika.

Dez pés.

Cinco.

Por favor por favor por favor-

Ela encontra seu retriever descansando de bruços na grama da duna, em pé e (oh, graças a Deus) vivo. Emma agarra o pelo molhado e bate os joelhos na areia. Ela quase derruba o animal, caindo em um abraço estimulante.

“Laika—”

Ela sente o animal resistir, ficando rígido em seus braços – ela está focada em algo na areia. Lambendo, mastigando com estalos guturais. Ela está comendo

alguma coisa—

Com novo terror, Emma torce a cabeça do cachorro para trás, afasta a bandana Don’t Stop Retrievin e enfia os dedos na boca – passando pelos molares de Laika – mas ela já está engolindo. Emma cerra a mão e enfia-a na garganta do animal, agarrando a umidade quente, esperando por Deus que não seja tarde demais...

Seus dedos se fecham em torno de algo sólido.

Ela arranca.

Laika tosse novamente e vomita, encolhendo-se enquanto Emma segura o caroço frio na palma da mão. Ela o ergue até os holofotes da casa, revelando um pedaço de carne viscosa. Cinza-rosa. Peito de frango cru, como da última vez.

Mas desta vez, está salpicado de pontos vermelhos brilhantes. Como catapora.

Com a unha do polegar, Emma tira um dos pontos e o inspeciona, tremendo, sob o brilho do LED. É uma bolinha. Do tamanho de uma pílula. Não há marcas, mas de alguma forma ela já sabe exatamente o que é. Anos atrás, quando ela trabalhava em um supermercado quando era adolescente, ela havia preparado dezenas de latas pretas contendo essas mesmas bolinhas.

Veneno para roedores.

alguma coisa—

Com novo terror, Emma torce a cabeça do cachorro para trás, afasta a bandana Don’t Stop Retrievin e enfia os dedos na boca – passando pelos molares de Laika – mas ela já está engolindo. Emma cerra a mão e enfia-a na garganta do animal, agarrando a umidade quente, esperando por Deus que não seja tarde demais...

Seus dedos se fecham em torno de algo sólido.

Ela arranca.

Laika tosse novamente e vomita, encolhendo-se enquanto Emma segura o caroço frio na palma da mão. Ela o ergue até os holofotes da casa, revelando um pedaço de carne viscosa. Cinza-rosa. Peito de frango cru, como da última vez.

Mas desta vez, está salpicado de pontos vermelhos brilhantes. Como catapora.

Com a unha do polegar, Emma tira um dos pontos e o inspeciona, tremendo, sob o brilho do LED. É uma bolinha. Do tamanho de uma pílula. Não há marcas, mas de alguma forma ela já sabe exatamente o que é. Anos atrás, quando ela trabalhava em um supermercado quando era adolescente, ela havia preparado dezenas de latas pretas contendo essas mesmas bolinhas.

Veneno para roedores.

9

Apenas um pellet pode ser fatal.

Ela se lembra do gerente da loja explicando uma vez: Aqueles filhos da puta gostam de comer apenas um pedacinho de comida desconhecida e depois ir para casa passar o dia. Se eles se sentirem um pouco enjoados, saberão que é veneno e nunca mais tocarão nele.

A solução? Um sorriso de nicotina, claro em sua memória.

Mate-os com aquela pequena mordida.

Enquanto isso, Laika apenas tentava inalar tudo como se fosse algodão doce. Emma sabe que o autor deve estar próximo. H. G. Kane gostaria de assistir e ouvir, vivenciar cada detalhe para poder contar tudo em seu próximo livro de merda. Assim como Prelaw e Psych. Ele está brincando com ela como fez com eles, salgando sua presa com medo.

Ela abraça Laika. Ela ama esta grande criatura inocente. Aqueles olhos negros a encaram com confusão. Eu também te amo, mãe.

Mas por que você pegou minha comida?

Ela beija o topo da cabeça de Laika e espera por Deus, por quem quer que esteja lá fora, que nenhuma bolinha de veneno tenha chegado ao seu estômago. Ela precisará induzir o vômito para ter certeza.

Primeiro, ela tem que escapar.

Agora mesmo.

Ela joga a carne amarrada em direção ao oceano. Agarrando a coleira de Laika, ela corre de volta para a garagem onde seu Corolla está estacionado. Ela examina todos os lados ao passar pela garagem. A cada espaço desconhecido por onde ela passa, ela se prepara para uma figura esperando avançar com os dedos enluvados em sua garganta e, nos passos finais, seu coração se aperta como uma bola de chumbo dentro de seu peito. Mas ele nunca aparece. Ela está sozinha. Toda tensão. Sem lançamento.

Ela chega ao carro. Holofotes voltados para o leste acendem e destacam ela. Antes de destrancar as portas, ela verifica os bancos traseiros sombrios do

Corolla em busca de um assassino agachado esperando para cortar sua garganta por trás – ela já viu filmes suficientes para conhecer esse truque.

Vazio.

Ela abre a porta. Laika entra com seu entusiasmo habitual (adoro passeios de carro, mãe!) enquanto Emma salta para o banco do motorista e enfia a chave na ignição.

Ele já havia desativado o Toyota dela.

Ontem à noite ele abriu silenciosamente o capô e cortou os dois cabos da bateria.

Ele não era um cara de carros. No dia a dia, ele nunca ousou trocar o óleo do seu Honda CR-V. Mas este é o segredinho sujo do autor de ficção moderna: você está a apenas uma pesquisa no Google de saber alguma coisa. Você não precisa ser um mecânico para escrever uma cena envolvendo sabotagem veicular ou um físico para escrever uma fuga de uma supernova. Toda essa pesquisa está aí, pronta para ser escolhida a dedo, o trabalho árduo já feito por outra pessoa. Os autores são camaleões. Pretendentes. Poseurs.

O resultado assustador: um vilão que pode fazer qualquer coisa.

Naquela noite, o assassino de Emma não estaria limitado por sua formação ou conjunto de habilidades. Com um pouco de tempo de preparação, ele poderia ser o que quisesse. Ele era um desconhecido perigoso, um canivete suíço, um metamorfo, a soma do conhecimento mais profundo e sombrio da Internet.

Como abrir uma fechadura?

Como amarrar um nó de cravo?

Como cortar uma artéria carótida?

Como passar no teste do polígrafo policial?

Este foi o seu maior poder. Como o nome de usuário HGKaneOfficial sempre gostou de dizer em seu grupo de redação online: Em uma história, o autor é Deus.

"Oh vamos lá."

Ela gira a chave repetidas vezes. Seu batimento cardíaco bate em seus tímpanos. Laika observa do banco de trás.

Mãe. O que está errado?

Ela dá um soco no volante. A chuva agora cai em torrentes, batendo no teto de metal do Toyota, borrando as luzes da casa através do vidro.

Por que você está com medo?

Ela sabe que está perdendo um tempo valioso. Ela diz a si mesma para manter a calma, para resolver os problemas. Um psicopata invisível. Um cachorro que pode ou não ter ingerido veneno. Sem carro, sem Wi-Fi, sem sinal de celular. O trabalho de preparação do assassino é imaculado.

Mas . . .

Ela se lembra do telefone fixo dentro da casa de Jules. O autor pode ser Deus, em suas próprias palavras, mas não há como ele saber sobre esse telefone porque Emma o desconectou há mais de um mês. Muito antes de ela revisar Murder Mountain.

Ainda está lá. Na despensa.

Ela olha para a varanda da frente através do vidro manchado de chuva. De qualquer forma, abrigar-se dentro de casa é sua única opção. Não há nada além de hectares de grama, praia aberta e cabanas trancadas em ambas as direções. Mesmo assim, ela considera abandonar o carro morto e correr em busca de ajuda. A casa de Deek fica a quatrocentos metros de distância. Ela conseguirá?

Seu sangue gela com um déjà vu. Ela já leu essa cena antes. Exatamente isso de alguma forma.

Foi assim que Psych morreu. Depois que o caminhão do guarda florestal não deu partida, a jovem desistiu do motor engasgado, saiu pela porta e fugiu de volta para a cabana. Ela chegou à metade do caminho antes que uma bala de alto calibre a paralisasse da cintura para baixo.

Ela se lembra de como H. G. Kane descreveu a queda de Psych – como se sua medula espinhal tivesse sido cortada por uma tesoura invisível – e o fascínio macabro enquanto ele marinava os pequenos horrores de seu corpo com defeito. Os fragmentos de osso em sua jaqueta. A poça de urina que se espalha. A maneira como ela continuava arrastando a parte inferior do corpo mole sobre os cotovelos rasgados, com lágrimas brilhando nos olhos, ainda implorando para que ele a deixasse ir, ainda sem compreender a permanência de seu ferimento.

Ela consegue ouvir o sussurro ofegante do autor, como se ele estivesse dentro do carro com ela. Sua pele arrepia e ela verifica o banco de trás novamente – apenas o rosto branco de Laika.

É só ela e seu cachorro.

Ela se lembra de manter a calma.

Fugir a pé não é uma opção. É quase certo que ele esteja guardando o espaço gramado com uma arma de fogo. Em Murder Mountain, o assassino não identificado carregava um Savage AXIS .30-06 de ferrolho com mira noturna

infravermelha, letal a meia milha. O dobro da distância até a casa de Deek. Se ela tentar escapar do perímetro dele, ele a matará. Sem dúvida.

Um quarto de milha é uma sentença de morte.

Mas . . . espero que seis metros não sejam.

“Estamos correndo para casa”, ela sussurra. "Prepare-se."

Para Laika. Para ela mesma.

Principalmente para si mesma.

Ela libera a fechadura da porta. Ela o abre com a ponta dos dedos e sai na chuva. É uma chuva torrencial agora, forte como pedra, alta o suficiente para abafar os passos que se aproximam. Ela abre a porta dos fundos para deixar Laika sair. Não há tempo para ter medo.

Ela corre para a varanda da frente, as palmas das mãos cortando o ar, gotas geladas explodindo em seus ombros. Laika bate ao lado dela, ofegante.

Enquanto corre, ela se prepara para receber uma bala de alto calibre na parte inferior das costas.

Ele atirou na coluna de Emma Carpenter...

Isso nunca acontece.

Ela chega à varanda. Com o chaveiro na mão, ela se atrapalha em encontrar a fechadura escorregadia — “Merda!” — e sente uma forma escura subindo os degraus de cedro atrás dela enquanto ela enfia a chave dentro e torce, torce com dedos escorregadios e aumenta o pavor quando as mãos enluvadas dele alcançam atrás. ela aperta sua garganta - mas então a porta se abre. Ela cai no calor, na segurança. Ela quase bate o rabo de Laika na porta atrás dela.

Ela gira, trancando a trava.

Pelo olho mágico, os degraus da frente estão vazios. Ele estava realmente lá?

Onde ele está?

Não importa. Voltar para dentro é uma vitória. Há segurança em ambientes fechados. O rifle de visão noturna da Murder Mountain será complicado em ambientes fechados. Ela acende todas as luzes do andar principal, revelando todos os espaços desconhecidos — nenhuma figura agachada no armário de casacos, nenhuma emboscada mortal atrás da ilha da cozinha — e com os sapatos molhados guinchando, ela corre até a despensa e encontra o antigo telefone Trimline de Jules parado. em uma prateleira exatamente onde ela o deixou semanas atrás, ainda enrolado em seu cordão preto em espiral. Intocado.

Ele sabotou o carro dela.

Ele bloqueou o modem a cabo e o sinal do celular dela.

Mas ele não pode saber disso, a surpresa do século XX de Emma, quando ela conecta o fio na parede e aperta o 911 no teclado esponjoso.

Ele cortou as linhas telefônicas também.

“Porra, sério?” Ela joga o telefone na parede.

Todas as casas construídas no século passado estão ligadas por cabos telefônicos padronizados, que, cortesia do Google, ele entendeu estarem enterrados de trinta a dezoito centímetros de profundidade ao longo da estrada municipal mais próxima (que obviamente era Wave Drive, a quatrocentos metros da porta da frente de Emma). . Bastou uma pequena pá e um alicate.

Emma estava entendendo agora. Os convenientes “tropos” de terror pelos quais ela estrelou Murder Mountain eram agora sua realidade indiscutível.

Sem arma.

Nenhum carro.

Sem telefone.

Não poderia haver fuga para a vítima desta história, nenhuma tábua de salvação para a polícia ou ajuda externa. Em Murder Canyon, uma trilha remota inacessível por veículos. Em Murder Forest, um acampamento não patrulhado por guardas florestais. Em Murder Lake, o próprio corpo de água é a barreira.

Esta noite foi diferente, no entanto.

Emma já havia realizado a maior parte do trabalho de preparação de Murder Beach sozinha. Ele não precisou esperar semanas para que ela acampasse ou atravessasse o estado sozinha. Ela não tinha família, amigos ou relacionamentos humanos significativos para complicar a caçada. Ela se isolou voluntariamente nesta ilha chuvosa, e ele não se arriscou em cortar os poucos fios restantes que ligavam Emma ao mundo exterior.

Ela queria isolamento?

Ela conseguiu.

A essa altura do romance de H. G. Kane, as vítimas costumam tremer e soluçar. Eles são presas reativas e sem agência. Eles raramente mostram coragem ou determinação antes de morrerem com mortes amorosamente detalhadas. Mas Emma Carpenter era diferente.

Na sala, um lampejo de luz laranja o surpreendeu.

Cabana . . . acendeu um cigarro.

Fumar: o derradeiro obstáculo à renúncia do proprietário. Não que isso importasse agora, e Emma sabia muito bem disso. Nenhum fã de Dollar Tree desta vez. Bufando com a mão trêmula, ela se aproximou das janelas e olhou para fora através dos lençóis borrados de água da chuva. Ela colocou os dedos no vidro, semicerrando os olhos para os hectares de pradaria costeira. Procurando por seu assassino.

Ela examinou da esquerda para a direita, atravessando a grama alta até as ondas barulhentas e voltando, e por apenas um momento seu olhar passou pela forma de seu assassino escondido na grama – algo parecido com contato visual. Por apenas uma fração de segundo, por puro acidente, ela olhou diretamente para a forma envolta da pessoa que estava aqui para tirar sua vida.

Então seu olhar seguiu em frente.

Ela não tinha ideia.

Ela sabe que ele está lá fora.

Em algum lugar naquele mar de grama que chegava até a cintura, invisível para ela.

Olhando-me de volta.

Os sensores de movimento não dispararam e, de certa forma, a escuridão é reconfortante. Mostra um perímetro de segurança. Por agora. Com o cigarro entre os dentes cerrados, ela vai até o quadro branco e destampa um marcador branco. AJUDA, ela escreve para Deek. LIGUE 911.

Sua casa distante está escura, quase invisível no horizonte. Apenas o brilho fraco de uma luminária de quarto numa janela superior. O velho provavelmente está na cama, lendo, bebendo ou ambos. Ele prometeu ficar de olho, mas pode levar horas até que ele desça as escadas para verificar seu telescópio. Se ele ao menos se lembrar.

"Merda." Ela arremessa seu marcador.

Duas naves espaciais. Sozinho no vazio.

Nesse ínterim, ela memorizou todos os pontos de entrada da casa. Ela mastiga o cigarro e repassa sua lista mental: duas portas trancadas no andar principal, além de duas janelas que não podem ser abertas. Mas ele – quem quer que seja – já entrou livremente na casa. Ele é o autor da história desta noite e carrega todas as chaves. Ela bloqueou a porta da frente com uma mesa de canto inclinada, mas isso não parece suficiente.

Ela respira fundo.

E deixa sair.

Ela não consegue deixar de se perguntar: como H. G. Kane escreverá sua história em Murder Beach? Ele usará o nome verdadeiro dela? Como ele descreverá sua aparência, suas ações, sua personalidade? Ser vista faz sua pele arrepiar.

Ele está lá fora. Em algum lugar.

Na mão direita, ela segura a faca de cozinha de Jules, sentindo o equilíbrio. Ela pode esfaquear. Ela pode cortar. Com um pouco de sorte esta noite, ela ainda poderá garantir que Murder Beach nunca seja escrito.

Muita sorte.

Para o bem ou para o mal, Emma sabe que possui duas vantagens que aqueles pobres caminhantes dos Apalaches, Prelaw e Psych, não tinham. Primeiro, ela sabe que está no livro de H. G. Kane. Ela entende as motivações do homem perturbado lá fora, pelo menos em parte.

E em segundo lugar?

Dói enfrentar isso, mas Emma não se importa se morrer esta noite. Não totalmente. Não exatamente. Ela investiu, sim, mas apenas da mesma maneira moderada que espera que uma heroína de filme de terror sobreviva à casa cheia de fantasmas malévolos. Durante meses, a sua dor prendeu-a numa espiral mortal, num avião parado num deslizamento lento e inexorável. Mas esta noite, de uma forma sombria e invertida, isso lhe dá uma vantagem.

Uma vantagem que ele não espera.

Ao jogar o cigarro na pia, ela pensa: não tenho medo de você.

Ela respira fundo.

E deixa sair.

Ela não consegue deixar de se perguntar: como H. G. Kane escreverá sua história em Murder Beach? Ele usará o nome verdadeiro dela? Como ele descreverá sua aparência, suas ações, sua personalidade? Ser vista faz sua pele arrepiar.

Ele está lá fora. Em algum lugar.

Na mão direita, ela segura a faca de cozinha de Jules, sentindo o equilíbrio. Ela pode esfaquear. Ela pode cortar. Com um pouco de sorte esta noite, ela ainda poderá garantir que Murder Beach nunca seja escrito.

Muita sorte.

Para o bem ou para o mal, Emma sabe que possui duas vantagens que aqueles pobres caminhantes dos Apalaches, Prelaw e Psych, não tinham. Primeiro, ela sabe que está no livro de H. G. Kane. Ela entende as motivações do homem perturbado lá fora, pelo menos em parte.

E em segundo lugar?

Dói enfrentar isso, mas Emma não se importa se morrer esta noite. Não totalmente. Não exatamente. Ela investiu, sim, mas apenas da mesma maneira moderada que espera que uma heroína de filme de terror sobreviva à casa cheia de fantasmas malévolos. Durante meses, a sua dor prendeu-a numa espiral mortal, num avião parado num deslizamento lento e inexorável. Mas esta noite, de uma forma sombria e invertida, isso lhe dá uma vantagem.

Uma vantagem que ele não espera.

Ao jogar o cigarro na pia, ela pensa: não tenho medo de você.

10

O pássaro que bateu na janela dias atrás está começando a parecer um presságio. Chegou ao exato microssegundo em que ela clicou para enviar sua crítica fatídica de Murder Mountain, de H. G. Kane – um baque surdo e carnudo contra o vidro, como se fosse uma deixa.

Emma não acredita no sobrenatural.

Geralmente.

Mas ela se lembra de estar sentada na varanda com Shawn há quatro anos, observando um sol laranja nascer sobre a cordilheira Wasatch. Bebericando chá de gengibre em canecas grandes, com os olhos vermelhos e a cabeça confusa da festa de Halloween da noite anterior. Ela ainda tinha delineador preto da Mulher-Gato grudado nas pálpebras. Eles já haviam discutido sobre crianças antes, às vezes de brincadeira, às vezes quase com sinceridade, sempre suavizados com se, quando e talvez. Mas desta vez, naquela manhã clara e fria, o marido esfregou os cabelos, despenteado por dormir com o capuz do Batman, tomou um longo gole de chá fumegante e falou claramente.

Eu quero filhos, ele disse. Com você.

Vamos formar uma família, Em.

Para isso, ela não consegue se lembrar do que disse – se concordou, brincou ou não disse nada – mas se lembra de como se sentiu. No final, você se lembrará mais dos sentimentos do que das palavras e, naquele momento, enquanto Batman e Mulher-Gato de ressaca observavam o sol nascer em uma varanda cheia de bolhas, seu coração parecia que iria inchar para fora do peito.

Foi então que aconteceu.

Um baque horrível na janela diretamente entre eles, e penas marrom-acinzentadas flutuaram sobre o convés. A precisão no momento parecia deliberada, como se aquele tentilhão suicida soubesse exatamente o que estava por vir para Emma e Shawn. Anos de tentativas e fracassos em conceber. Os médicos solidários. As vitaminas com sabor de giz. O quarto do bebê vazio. O rastreador de ovulação com as estúpidas pétalas de flores cor de rosa. Os

argumentos. A incerteza dolorosa e vazia, o futuro refém do presente. As noites em que contou a ele que seu estômago doía para que ela pudesse chorar em particular no banheiro. Mesmo naquele momento, eles reconheceram a estranheza com risadas nervosas.

Espero que não seja um sinal, dissera Shawn.

Ela não consegue se lembrar se enterraram o tentilhão morto no quintal, mas espera que sim. E aqui no Strand, anos depois, depois que aquele pássaro costeiro (maior e mais colorido) bateu com força na janela de Jules, ela teve o cuidado de enterrá-lo no quintal, perto da fogueira. O manual no parapeito da janela identificara o pássaro morto como um sugador de peito vermelho, nativo da costa de Washington.

Mas esta foi também uma revelação preocupante, devido às palavras de H. G. Kane naquele mesmo dia. Sua resposta bizarra online; alguma besteira sem sequência sobre pequenos idiotas como você.

Idiota.

O pássaro que morreu na janela dela. Apenas alguns minutos antes.

Desde aquele dia, Emma garantiu a si mesma que era apenas uma coincidência, que o insulto do autor estava perfeitamente alinhado com um incidente não relacionado do qual ele não deveria ter conhecimento. Mas esta noite, talvez ela saiba melhor. H. G. Kane está brincando com ela, insinuando - à sua maneira diabólica - que está mais próximo do que ela imagina. Que ele comanda um poder onisciente. Que ela está presa na história dele, onde nem mesmo um idiota cai sem que ele saiba.

Seu estômago revira. Deveria ser impossível.

E ela não pode perder o controle da realidade. Agora não.

Mas . . . de que outra forma ele poderia saber?

Ela precisa saber como é a criatura lá fora.

Que equipamento ele trouxe. Que armamento ele está carregando. Ela precisa ver o rosto dele, sem máscara, para torná-lo algo humano.

A escuridão lá fora é tão sólida quanto concreto pintado, impenetrável. Parada na janela, ela tem consciência de como está exposta aos tiros. Mas, ela lembra a si mesma, as armas não são as ferramentas preferidas de H. G. Kane. Em Murder Mountain, o vilão disparou seu rifle apenas quando os caminhantes estavam prestes a escapar. Talvez as armas não sejam suficientemente sangrentas ou talvez matem demasiado rapidamente. De qualquer forma, Emma pode usar isso contra ele.

Caminhando de cômodo em cômodo, ela apaga todas as luzes e abajures do

andar principal. Ela espera que o assassino fique surpreso com isso. Depois ela volta para a janela da sala e espera em silêncio, deixando suas pupilas se acostumarem à pouca luz.

Para isso, ela precisa da escuridão.

“Vamos ver o que você é.”

Ela pressiona a Polaroid – a câmera vintage de Jules, arrancada da estante – contra o vidro. Ela aperta o botão do obturador até a metade e espera pela luz verde. Então ela pressiona com força, um clique satisfatório.

A câmera emite um raio X de luz. Um quadro congelado de gotas de chuva capturadas no meio do outono, uma cerca de arame e, mais adiante, a borda da trilha arenosa. Depois a escuridão novamente, e a pós-imagem permanece em seus olhos como um negativo.

Nenhum sinal dele.

A foto instantânea sai da câmera e cai no chão, aos seus pés. Laika choraminga ao lado dela, como se sentisse a tensão.

“Está tudo bem”, ela mente.

Ela vai na ponta dos pés até a próxima janela. Mais uma vez, ela segura o botão do obturador até a metade, espera a luz verde e tira outra foto. Outro flash vívido perfura a escuridão. Ela vê o gramado lamacento de Jules, rododendros crescidos demais e hectares de grama amarela nas dunas além. Outra nevasca brilhante de gotas de chuva pausadas.

Nenhum intruso.

"Onde você está?"

Ele está um passo à frente dela há dias. Ele antecipou os movimentos dela com uma precisão perturbadora. Num romance, o autor pode muito bem ser Deus.

Mas no mundo real, Emma está confiante de que Deus não existe. É apenas um homem lá fora.

Certo?

Certo. Outra foto bate na madeira a seus pés. Laika cheira.

Talvez ele esteja apenas tentando me assustar. Talvez ele esteja desistindo e indo embora—

Não. Ela não ousará esperar por isso. H. G. Kane não dirigiu até Washington para lhe ensinar uma lição preventiva sobre como escrever críticas mesquinhas.

Última janela.

Laika choraminga de pavor.

"Vamos." Emma pressiona a câmera contra o vidro. Ela aperta o botão do obturador uma última vez, tentando não considerar outras possibilidades (e se el já estiver dentro de casa?), e antes de acender a escuridão ela não consegue

deixar de se imaginar iluminando o rosto do autor a poucos centímetros do dela, atrás do vidro. , cada detalhe exposto com clareza IMAX. Olho no olho com seu próprio assassino, um piscar de olhos antes que ele dê um soco enluvado no vidro e agarre sua traquéia.

Clique-crunch. Uma apreensão de luz brilhante.

No microssegundo congelado, Emma pode ver que o espaço à sua frente está limpo, os vasos estão limpos, a fogueira vazia está limpa, as cadeiras velhas estão...

Ali está ele.

Seu peito aperta. Os detalhes já desapareceram, a impressão desaparecendo de suas retinas, mas ela sabe o que viu, o que foi fotografado: uma figura agachada.

“Encontrei você.”

Ele está mais perto do que ela esperava. Se os sensores de movimento de Jules tiverem um alcance de detecção de nove metros, ele estará exatamente trinta centímetros a mais. É perturbadora a confiança com que ele mapeou as defesas da casa. Ele entende precisamente o quão perto ele pode chegar sem...

A foto cai aos seus pés, assustando-a.

Levará alguns minutos para desenvolver. Ela se ajoelha para agarrá-lo e, com a mão livre, ataca e estala novamente — clique-estalando — iluminando a grama lá fora.

A figura desapareceu.

"Merda."

Mas ela se recusa a trair sua frustração. Ela sabe que precisa trancar a si mesma e a Laika em uma sala defensável, para se preparar para o ataque que ela sabe que está por vir. Mas primeiro ela tem que dizer uma última coisa ao espreitador lá fora. Ele parece ter aprendido cada nuança de sua vida solitária, cada fraqueza, cada centímetro íntimo dela. Mas ela também está prestando atenção.

Ela respira pela janela, embaçando o vidro. Depois, com o dedo indicador, ela traça uma palavra em letras invertidas:

AMADOR

POR FAVOR, NÃO ME MATE, ela escreveu no vidro.

POR FAVOR

Ver a mulher aterrorizada implorar pela própria vida o agradou.

e Dentro daquela casa de vidro, Emma Carpenter estava começando a entender a realidade de sua situação, que ao bloquear as portas da frente

e dos fundos ela só conseguira ganhar tempo. Alguns minutos e segundos. Ele encontraria outro caminho para entrar ou criaria um. Ele se contorcia pelo espaço rastejante como uma píton carnuda ou escalava o cano de esgoto.

Implorar não a salvaria.

Ou o cachorro dela.

"Vamos, Laika."

Com a faca na mão, ela puxa o animal para cima, para o quarto principal de Jules, e fecha a porta atrás deles. Não feche. Ainda assim, este é o cômodo mais seguro da casa. Há apenas um ponto de entrada – esta porta – que pode ser bloqueada. E duas rotas de fuga possíveis: uma janela no segundo andar e uma rampa de lavanderia que levava ao andar de baixo. Se for preciso, Emma tem quase certeza de que conseguirá passar por isso com sua bunda desnutrida.

Majoritariamente.

Com a mão livre, ela sacode a fotografia – um whap-whap-whap de plástico – mas a imagem ainda está em desenvolvimento. Muito obscuro para ver o assassino.

Laika choraminga de medo.

"Está tudo bem", Emma sussurra. "Está bem-"

As luzes disparam do lado de fora. Ele está a dez metros da casa, vindo do oeste. Emma corre até a janela do quarto e afasta as cortinas, na esperança de dar uma olhada, mas o quintal fica escuro novamente. Ela ouve um clique estranho, agudo e percussivo. Como um taco de golfe golpeando uma bola, seguido por um suave toque de vidro caindo.

A luz está apagada.

Ela se agacha no parapeito da janela, sentindo-se exposta novamente. Ela não consegue identificar o som – que diabos foi isso? Não foi um tiro. O relatório era muito vazio, estranhamente abafado.

Laika senta-se rigidamente com as orelhas em pé.

Mãe. O que é que foi isso?

"Não sei."

Depois outro clarão de luz, desta vez para o norte. Outro sensor de movimento está desarmado. E então — outro clique ossudo — escuridão novamente.

Laika choraminga.

Ele está apagando as luzes uma por uma. Saboreando seu poder sobre ela.

Mas com o quê? É silencioso demais para ser uma arma, a menos que ele tenha um silenciador. Em Murder Mountain, H. G. Kane não se preocupou com a furtividade porque não precisava. Por mais isolada que Emma esteja em Strand, ainda há um vizinho perto o suficiente para ouvir um tiro.

Mas . . . esses cliques sobrenaturais parecem silenciosos demais, mesmo para tiros silenciados. Os filmes mentem sobre silenciadores; um tiro ainda é uma explosão controlada. Você não pode silenciar a física. A menos que H. G. Kane seja realmente mágico? A menos que esta seja sua história e suas regras—

Não perca isso, Ema.

Agora não.

A antecipação é pior que a realidade, Shawn sempre costumava lembrá-la enquanto ela refletia sobre seus planos de aula à noite. Ela nunca poderia improvisar como outros professores. Ela escreveu um roteiro e o memorizou. Até suas piadas foram ensaiadas. Se a Sra. Carpenter não era a pior professora de matemática de Utah, ela devia ser a mais tímida.

Pare de pensar demais. A antecipação é sempre pior que a realidade.

Sempre.

Talvez esta noite ela finalmente prove que seu marido está errado. Em sua mão, a fotografia Polaroid finalmente foi revelada, sua imagem nítida em detalhes.

Ela o vê.

r

A fotografia de Emma agora é famosa.

No terror trêmulo do momento, ela não poderia imaginar que sua Polaroid, meio focada e tirada através de uma janela cheia de gotas de chuva, algum dia seria vista por milhões de pessoas. Embora muitas fotografias (mais sangrentas) da cena do crime que se seguiu na sala de estar tenham circulado pelas margens mais sombrias da web, a de Emma é a imagem icônica do massacre de Strand Beach. No momento da redação deste artigo, ele apareceu na Newsweek, no Washington Post e no New York Times. É raro que uma vítima capture uma foto de seu próprio assassino, e isso certamente faz parte de sua mística. Ele fala do além-túmulo.

É uma imagem inegavelmente assustadora e um prelúdio para os horrores que tornaram famosa aquela noite de dezembro: as amputações, as asfixias, os empalamentos, os tiros. E, como os leitores bem sabem, seria o prenúncio da morte iminente de quatro pessoas.

Incluindo a própria Emma.

Seu rosto está desmascarado.

Sua pele exposta tem uma palidez estranha, como se estivesse encharcada. Seus óculos refletem o flash brilhante da câmera. Este rosto de cadáver olha para ela desde o momento em que ela tirou a foto, sua expressão impossível de ler. Ele usa um sobretudo brilhando com a chuva, luvas pretas, calças cargo pretas e um chapéu de feltro com aros. Uma incompatibilidade incongruente de estilos e épocas: o chapéu de um jornalista dos anos 1930 e o couro brilhante de Hellraiser enrolado na carne cinzenta e pegajosa de uma ostra crua. Esta figura está congelada, agachada na grama alta, parecendo quase idiota, como um pervertido pego do lado de fora da janela de uma criança.

O chapéu escuro é familiar. Ela reconhece o contorno da borda do chapéu desde a primeira aparição dele em seu quarto. Ela realmente o tinha visto. Durante todo esse tempo. Ela não consegue distinguir nenhuma arma em suas mãos enluvadas, mas algo está pendurado de forma suspeita em sua cintura. Isso é uma arma? É com isso que ele está apagando as luzes?

Muito escuro. Muito embaçado.

Ela sacode a foto novamente — wha-whap — e aperta os olhos mais perto. Não é um rifle – ou pelo menos não é nenhum rifle que ela tenha visto em algum filme. É uma forma preta e esbelta, captando uma lua crescente de luz refletida, segurada logo abaixo de sua mão direita. É uma pose estranhamente digna, estranha e delicada. Como uma bengala ou um guarda-chuva – mas também não é nada disso. Ela tem um palpite, que descarta imediatamente. Isso seria impossível.

Atrás dela, Laika choraminga novamente. Mãe-

“Quieto”, ela sussurra, sacudindo a foto com mais força. Ela precisa saber mais.

Uau.

Não adianta. O filme está totalmente desenvolvido. Ela aperta os olhos novamente, tentando decodificar a forma bizarra ao lado do homem pálido, mas tudo que ela tem é seu primeiro pensamento, aquele que é um pesadelo demais para acreditar. Que parece que ele está carregando um—

Laika chora de novo, num tom ensurdecedor, e vomita um respingo quente na madeira. Emma se vira e reconhece outro pedaço de carne pálida. Um peito de frango mastigado, idêntico ao que ela retirou da garganta do cão com a unha poucos minutos atrás.

A descrença – havia mais de um? – torna-se horror.

Houve mais de um.

Afinal, ela não salvou a vida de Laika. Com dedos trêmulos, ela levanta a bola e procura aquelas bolinhas vermelhas reveladoras incrustadas na carne. Ela encontra um. Dois. E mais alguns flutuando na bile xaroposa, o que significa. . .

"Oh não."

Mais ainda estão no estômago de Laika. Agora mesmo.

Uma dose mortal.

O nome de Laika tem um lado negro.

Muitas vezes é esquecido, mas o primeiro cão de 1957 no espaço não sobreviveu à sua viagem mundialmente famosa. Shawn ficou chocado ao saber disso.

Espere. Realmente?

Sim com certeza. O primeiro cosmonauta canino da história morreu poucas horas após o lançamento devido a uma falha mecânica. O pobre animal morreu queimado dentro da cápsula metálica do Sputnik 2, que continuaria orbitando a Terra por mais cinco meses com o corpo de Laika ainda dentro dela.

Shawn suspirou. Uau. Isso é . . . realmente horrível.

Mas espere, tem mais! Aqueles cientistas idiotas nunca planejaram que Laika voltasse para casa. Sempre foi concebido para ser uma missão suicida. O caixão movido a foguete de Laika foi abastecido com comida de cachorro para sete dias, a ser distribuída automaticamente, com a refeição do último dia misturada com veneno. Claro, eles estragaram tudo e a grelharam até a morte no primeiro dia.

Você com certeza adora estragar um momento doce, Em.

Com isso, ela sorriu.

É o que eu faço.

"Merda." Ela dá um soco no chão. “Merda, merda.”

Aqueles olhos negros a observam.

Desculpe, mãe.

Lá fora, o holofote leste é acionado. Então, com outro clique de arrepiar, escuridão novamente. Ele está circulando pela casa. Emma leva as mãos às têmporas e tenta pensar, eliminar as distrações e se concentrar. Ela precisa fazer Laika vomitar agora, imediatamente, antes que as bolinhas se dissolvam em seu estômago. Apenas fazê-la rir não será suficiente. Precisa ser uma purga completa. Ela tem minutos, ou talvez menos. Talvez já seja tarde demais? Há quanto tempo ela comeu?

Comi uma coisa ruim, mãe.

Ela agarra as laterais do rosto de Laika. "Seu idiota."

Peróxido de hidrogênio? Sim. Ela o usou algumas noites atrás para limpar as gengivas cortadas de Laika. O peróxido é a maneira mais rápida de induzir o vômito. Agora mesmo. Antes que o autor entre. Ela sabe que seu tempo está acabando.

Morrendo esta noite?

Multar.

Ter sua morte imortalizada em um e-book de merda?

Bem também.

Deixar Laika morrer também?

Fodidamente inaceitável.

Ela se levanta. Ela sabe o que precisa fazer. Ela sabe que há uma garrafa de água oxigenada embaixo da pia da cozinha, exatamente onde ela a deixou. Ela pode imaginar agora: frasco marrom, tampa branca. Ela abre a porta do quarto e espia o corredor.

Escuridão perfeita.

Ela olha uma última vez para o rosto branco de Laika enquanto a quarta e última luz de movimento se quebra do lado de fora com um clique penetrante.

"Eu vou salvar você."

Ela agarra as laterais do rosto de Laika. "Seu idiota."

Peróxido de hidrogênio? Sim. Ela o usou algumas noites atrás para limpar as gengivas cortadas de Laika. O peróxido é a maneira mais rápida de induzir o vômito. Agora mesmo. Antes que o autor entre. Ela sabe que seu tempo está acabando.

Morrendo esta noite?

Multar.

Ter sua morte imortalizada em um e-book de merda?

Bem também.

Deixar Laika morrer também?

Fodidamente inaceitável.

Ela se levanta. Ela sabe o que precisa fazer. Ela sabe que há uma garrafa de água oxigenada embaixo da pia da cozinha, exatamente onde ela a deixou. Ela pode imaginar agora: frasco marrom, tampa branca. Ela abre a porta do quarto e espia o corredor.

Escuridão perfeita.

Ela olha uma última vez para o rosto branco de Laika enquanto a quarta e última luz de movimento se quebra do lado de fora com um clique penetrante.

"Eu vou salvar você."

11

Ela desce as escadas.

O piso principal é projetado como um diorama escuro. Pingos de chuva batem contra vidros e telhas. A temperatura aqui parece ter caído.

Cozinha, sua mente sussurra. Sob a pele.

Ela vai na ponta dos pés em direção a ele.

No caminho para lá, ela examina as janelas à sua esquerda. Parece que a casa está mergulhando, já a quilômetros abaixo da superfície e ainda caindo. Milhões de galões de água do mar gelada por todos os lados. Pressão aumentando. Seu pesadelo trouxe vida.

Ele não está lá.

Ela se lembra de respirar. Há um interruptor de luz em algum lugar à sua direita, mas ela sabe que deve preservar sua visão noturna a todo custo. Ela se guia ao longo da parede com painéis de madeira, passando pelo tique-taque do relógio de pêndulo, tateando com a palma da mão estendida. Virando a esquina, entrando na cozinha, ela se prepara para dedos enluvados agarrarem sua garganta.

Nada.

A cozinha está escura como breu. Ele pode estar bem na frente dela. Ela dá mais um passo à frente – um barulho explosivo e estridente. Seu coração dá um pulo, mas ela já sabe exatamente o que é. A tigela de metal para comida de Laika.

"Jesus." Ela passa por cima.

De jeito nenhum ele não ouviu isso.

No andar de cima, Laika late. Ela também ouviu isso - ou talvez esteja sentindo as primeiras cólicas dolorosas quando o veneno entra em sua corrente sanguínea? Emma não sabe quantos minutos ou segundos faltam. Tudo depende do tipo de veneno em jogo. Anticoagulante? Arsênico? Brometalina? Ela considera tentar negociar com o psicopata. Você pode fazer o que quiser comigo, mas por favor, prometa que depois levará meu cachorro ao veterinário?

Não está acontecendo.

Ela pega o interruptor de luz, mas reconsidera: aquelas lâmpadas fluorescentes da cozinha serão um farol na casa escura. Eles serão a coisa mais brilhante em quilômetros. Ele vai se aproximar dela imediatamente. Se ela não entregar a água oxigenada para Laika lá em cima, tudo estará perdido.

Emma pode morrer depois.

Não antes.

Seu quadril bate na ilha da cozinha — quase lá — e então ela se guia ao longo da borda do balcão em direção à pia. Ela encontra o armário embaixo, onde se lembra de ter devolvido o frasco de água oxigenada. Pela janela, ela examina a escuridão lá fora. Ainda não há vestígios do autor, mas no horizonte ela consegue ver a casa de Deek. A luz do quarto dele ainda está acesa. Mal passa das oito e ele certamente ainda está acordado. Bêbado, mas acordado.

Por favor, ela pensa. Por favor, verifique seu telescópio.

Ela estuda o brilho quente na janela do vizinho por mais um momento, grata por outra nave espacial no meio da noite.

Mas ela não pode se dar ao luxo de esperar. Todo segundo conta.

Ela tenta não pensar na arma desconhecida que fotografou na cintura do agressor lá fora. Não deveria ser, não pode ser, mas é — ela tem certeza de que ele carregava uma espada. Uma espada medieval, de um metro de aço curvo, tão equilibrada e mortal quanto a lâmina do guerreiro samurai retratada naquele estranho pôster no quarto da adolescente que Emma teme entrar.

Pensando bem . . . as espadas curvas podem até ser uma correspondência exata. Como se ganhasse vida a partir daquele pôster estilizado. Quais são as hipóteses? É uma coincidência bizarra, profundamente perturbadora, e Emma teme estar enlouquecendo.

Coincidências são boas na vida real.

Mas na ficção?

Escrita ruim.

Ela abre as portas do armário embaixo da pia da cozinha. Eles rangem nas dobradiças corroídas, fazendo um barulho insuportavelmente alto. Salvar Space Dog é tudo o que importa.

"Vamos. Vamos-"

Ela puxa uma lata de lixo. Detergente de louça. Sabonete. Limpador de drenos—

Laika choraminga lá em cima. Um grito de partir o coração.

"Cadê?"

Ela continua puxando mais e mais, jogando fora objetos inúteis – repelentes, sacos de lixo, esfregões, um extintor de incêndio em miniatura, mais porcarias do que ela consegue se lembrar de ter visto guardadas embaixo da pia de Jules, até que o espaço escuro seja esvaziado.

Sem peróxido de hidrogênio.

Foi-se.

Mas ela tem certeza de que deixou lá. Há poucos dias, depois de limpar o corte de Laika com anti-séptico, ela guardou a garrafa embaixo da pia. Estou me lembrando mal? À medida que o pânico aumenta dentro dela, ela teme que o autor lá fora também tenha antecipado isso, de alguma forma, que ela está presa nas regras mutáveis de Murder Beach, de H. G. Kane.

Na sala, uma janela se estilhaça.

Ela continua puxando mais e mais, jogando fora objetos inúteis – repelentes, sacos de lixo, esfregões, um extintor de incêndio em miniatura, mais porcarias do que ela consegue se lembrar de ter visto guardadas embaixo da pia de Jules, até que o espaço escuro seja esvaziado.

Sem peróxido de hidrogênio.

Foi-se.

Mas ela tem certeza de que deixou lá. Há poucos dias, depois de limpar o corte de Laika com anti-séptico, ela guardou a garrafa embaixo da pia. Estou me lembrando mal? À medida que o pânico aumenta dentro dela, ela teme que o autor lá fora também tenha antecipado isso, de alguma forma, que ela está presa nas regras mutáveis de Murder Beach, de H. G. Kane.

Na sala, uma janela se estilhaça.

12

Até hoje, há um debate vigoroso sobre como exatamente ele conseguiu quebrar o vidro reforçado com tanta velocidade e facilidade. Engenheiros e fabricantes de vidro afirmaram que mesmo uma espada tão finamente forjada como a sua edição limitada Thaitsuki Tonbo Sanmai Katana (seu agora infame cartão de visita) deveria ter levado vários golpes contundentes para enfraquecer a integridade do vidro. Alguns teóricos da conspiração gostam de citar isso como prova de que um segundo assassino estava envolvido, ou de que as autoridades de Strand Beach foram de alguma forma negligentes na gestão da cena do crime. Infelizmente, a própria Emma Carpenter faleceu e não pode comentar. Isso me deixa. E vocês estão lendo este livro, queridos leitores, porque querem a verdade. Você pode encontrar especulações em qualquer lugar. Acredite no homem que estava literalmente lá.

Ele não bateu no vidro. Isso é o que os agentes CSI de poltrona não entendem.

Ele empalou.

Um impulso impulsionador com as duas mãos, entregue a partir de um núcleo impressionante de força física. Milhares de newtons de energia cinética concentrados em uma única ponta pontiaguda com apenas moléculas de largura. Um painel das janelas da sala voltadas para o mar, de um metro e oitenta por quatro, desintegrou-se instantaneamente. Uma cascata de cacos caiu nos canteiros de flores a seus pés.

Então ele subiu para dentro.

Esmagando um parapeito de janela com dentes de vidro irregulares sob a palma da mão enluvada de látex, ele saltou para o andar principal da casa. Pesando noventa e oito quilos, ele era robusto, mas inegavelmente poderoso e capaz de feitos de agilidade felina. Essa manobra nem sequer o deixou sem fôlego. Suas botas táticas pousaram

em fragmentos de vidro – crunch, crunch – e ele procurou no interior escuro a mulher que ele estava aqui para assassinar.

Ao entrar, ele chutou para o lado uma mesa de centro. O e-reader de Emma caiu no chão e uma bola náutica de vidro se espatifou. Ele estava em chamas de adrenalina, sua pele estava quente, seu coração batia forte. Esta foi a corrida de sangue antes da morte, o clímax de muitos dias de preparação metódica. Ele estudou os hábitos solitários de sua vítima e traçou seus planos. Ele desenterrou linhas telefônicas com uma pá de jardim e colocou bolinhas de veneno em peitos de frango crus. E, assim como ele, seus leitores comeram os vegetais — o cenário, a história de fundo, o desenvolvimento do personagem — e agora seriam recompensados por sua paciência. Finalmente, tanto para o leitor como para o escritor, a ação poderia começar.

As coisas horrivelmente boas.

A coragem. Os gritos e tendões. Os tiros de dinheiro.

Ele inalou o ar da sala. Um coquetel familiar de aromas: cobertores velhos, pelos de cachorro, naftalina e o odor sutil da própria Emma. Ele sabia de tudo.

Acima, ele ouviu um movimento deslizante. Ele também reconheceu isso: o golden retriever de Emma estava no quarto do andar de cima, andando de um lado para o outro e chorando com veneno de esquilo no estômago. Ele sabia que sua vítima não estava lá, no entanto.

Emma estava na cozinha.

Ele se aprofundou na casa – seus passos silenciando sobre um tapete de pele de urso – com sua katana pronta. Ele agarrou o cabo da espada enrolado em batalha (o tsuka) em uma pose arqueada, com a ponta para fora. Esta foi uma demonstração clássica da versátil postura chūdan-no-kamae. A katana, como ele sabia, está entre os armamentos mais fatais já concebidos, um instrumento cortante capaz de cortar músculos, tendões e ligamentos em uma fração de segundo. Um único corte pode diminuir o dano da maioria dos tiros de alto calibre e, mesmo quando empunhada por um amador, uma katana pode facilmente amputar um membro ou cabeça humana.

Ele não era um amador.

O poder de pesadelo desta arma é difícil de exagerar. Talvez também seja difícil transmiti-lo totalmente aos leitores que nunca o seguraram. Mas uma de suas piadas favoritas pode ajudar, conforme frequentemente citado pelo nome de usuário HGKaneOfficial em seu grupo de crítica de redação online:

Dois guerreiros samurais sentam-se ao redor de uma fogueira e discutem sobre quem é o melhor espadachim. O primeiro samurai vê uma mosca passando e decide resolver a discussão. Ele corta sua katana em um borrão repentino, cortando o inseto no ar.

"Ver?" ele diz. "Você pode fazer aquilo?"

O segundo samurai reconhece que o feito é realmente impressionante. E quando uma segunda mosca aparece, ele também empunha sua própria katana.

A mosca passa zunindo, aparentemente ilesa.

O primeiro samurai ri. "Você perdeu."

“Não”, insiste o segundo. "Eu não fiz."

“Mas sua mosca ainda está viva!”

“Isso é verdade”, diz o segundo. “Mas ele nunca terá filhos.”

Agora suas botas táticas clicaram no ladrilho.

Ele chegou à cozinha.

A sala escura estava vazia. Nenhum vestígio de Emma. Ele ficou parado, pingando água da chuva, e ouviu rangidos, gemidos ou até mesmo batimentos cardíacos. Sua audição sempre foi aguçada, beirando o sobrenatural. Seu médico de infância uma vez lhe disse que ele tinha “orelhas douradas”, outra bênção para um predador humano.

Ainda assim, ele não ouviu nada.

Nem mesmo um suspiro.

De onde estava, ele podia ver a sala inteira – a fileira de banquetas, a geladeira de aço inoxidável e o fogão elétrico, os armários revistados às pressas embaixo da pia e, a dois metros de distância, exatamente no centro da sala, a ilha da cozinha.

Emma está agachada atrás dele.

Rigidamente imóvel, com as costas apoiadas no armário de madeira.

Não respire.

Ela sabe que ele está na sala com ela. A apenas dois metros de distância. Ela não consegue vê-lo, mas consegue ouvir sua respiração ofegante, ainda sem fôlego por ter escalado a janela quebrada. Sua respiração ofegante é rouca. Ajuntando. Animalista. A água da chuva escorre de suas roupas e bate nos azulejos. Ela ouve o barulho das botas molhadas quando ele dá mais um passo à frente.

Ela coloca a mão sobre a boca.

Não se atreva a respirar.

Mas ela não aguenta mais. Vai explodir em seu peito. Ela sente isso borbulhando em sua garganta, imparável. Ela está pensando em Laika, a pobre e

inocente Laika, esperando lá em cima com veneno no estômago enquanto Emma se esconde na cozinha com um psicopata empunhando uma espada parado a poucos metros de distância...

Outro passo molhado. Mais perto.

Como ele poderia saber sobre o peróxido de hidrogênio? Ele previu exatamente essa situação e roubou a garrafa durante uma de suas infiltrações noturnas? Ele escreveu isso fora da existência? H. G. Kane está trapaceando, de alguma forma.

Ela ouve a espada dele subir – um sussurro de ar cortado. Parece deslizar entre as moléculas. Em seguida, um estrondo ensurdecedor e ela estremece (não engasgue, ele vai ouvir você) enquanto cacos de cerâmica se espalham pelo chão. Uma peça cai ao lado dela. Nele, um globo ocular preto esbugalhado. RIP para o Chihuahua Stewie de Jules.

Ela luta para se concentrar. Ela está a segundos de desmaiar ou exalar um suspiro involuntário e, de qualquer forma, ele a ouvirá e erguerá a espada e...

Resolva o problema. Ela tenta controlar seus pensamentos, como cobras se contorcendo.

Se eu morrer aqui, Laika também morrerá—

A garrafa de vinho de Jules também cai, estilhaçando-se. Um fio de líquido vermelho passa a centímetros do tornozelo direito de Emma. Silenciosamente, ela tira o sapato dele.

Ele está brincando, derrubando coisas do balcão com a espada. Como um atirador escolar vagando por um campus fechado, em busca de retardatários para matar, divertindo-se com pequenos atos de destruição. Ou talvez ele seja mais inteligente do que isso. Talvez ele esteja tentando assustar Emma, fazendo-a ofegar, revelando-se...

Fique calmo.

Ela não pode. Ela não consegue respirar. Ela está encurralada. E Laika vai morrer lá em cima—

Foco.

Ela leva a palma da mão à boca, abre os lábios e exala silenciosamente com os dentes cerrados. Deixando seus pulmões despressurizarem, abafados pelos dedos. Cada músculo do seu peito está tenso. Equalizar a pressão é um processo lento e angustiante.

Com um assassino encharcado de chuva parado a poucos metros de distância. Ouvindo ela.

Finalmente acabou. Seus pulmões estão vazios.

Bom. Agora inspire.

No andar de cima, Laika solta um grito de dor, e os pensamentos de Emma

correm freneticamente novamente: E se já for tarde demais? E se meus esforços forem em vão e Laika já estiver morrendo—

Um grito estridente. Parece encher seu cérebro, expulsando todos os outros pensamentos. Ele está passando a lâmina pela geladeira de aço inoxidável agora. Os ímãs de Jules caem no chão, fazendo barulho como dentes soltos...

Fique calmo.

A bota dele pousa ao lado da mão dela. Quase pisando nos dedos dela.

Silêncio.

Ele parou aí. Bem na borda da ilha, elevando-se acima dela. Acima do odor de uva do vinho, ela consegue sentir o hálito dele. Orvalho do Monte. Odor corporal rançoso. E algo mais, denso e avassalador em sua estranha clareza, superando todos os outros. . . o cheiro de manteiga?

Se ele olhar para baixo, ela sabe, ele me verá.

Mesmo na escuridão, ela consegue ver a bota dele com perfeita clareza. Os cadarços pretos, com nó duplo. Os degraus estavam cobertos de areia áspera e lascas de grama molhada. Lentamente ela afasta a mão.

Ela espera com suor gelado na pele.

Mas seu estômago se transforma em uma bola de ferro quando ela percebe que ele não está mais procurando. Ele já a encontrou, de alguma forma, voltando para casa com uma estranha astúcia animal. Ele está prestes a espiar por cima da bancada e erguer a espada. Está tudo acabado.

Ele sabe onde estou.

Atrás do balcão da ilha.

Ele sentiu que Emma estava agachada contra ela, a poucos centímetros de distância. Ele tinha uma espécie de consciência sobrenatural, um dom para antecipar os movimentos de suas presas. A porta da frente estava bloqueada por uma mesa de canto inclinada. Não há quartos terciários para cortar. Ele vasculhou as salas de estar e de jantar. Por eliminação, ele a localizou aqui.

Ele evitou a ilha da cozinha, levantando ambos os braços para um golpe descendente. Com tanta força, a borda de aço carbono da katana cortaria a carne macia do ombro da mulher agachada, dividindo-lhe a clavícula, amputando todos os nervos e tendões do braço direito e descendo até as costelas.

Em vez disso, sua lâmina atravessou o espaço vazio e cravou-se na porta de um armário.

Emma rasteja pela ilha.

Ir. Ir. Ir-

Atrás dela, um grunhido bufado. "Eu te vejo-"

E um arranhão rouco na madeira – ele está puxando a espada – enquanto Emma começa a correr. Pela sala, dobrando uma esquina e subindo as escadas dois degraus de cada vez. Sua voz grossa uiva atrás dela: “Estou vendo você, Emma...”

Da cozinha, um estrondo estrondoso – arrancar a espada deve ter arrancado a porta do armário das dobradiças. Ele é assustadoramente forte. E ele a está seguindo — estou vendo você — atravessando a sala agora. Mas Emma é muito rápida. Ela já está lá em cima.

Ela bate na porta do quarto, machucando um cotovelo. Girando, batendo a porta, ainda desejando uma maldita fechadura. Lá dentro, Laika se vira para encará-la.

Mãe. Você voltou.

Não há tempo. Ela pode ouvir as botas táticas do autor subindo as escadas atrás dela agora, com rangidos crescentes e frágeis. Carregando aquela horrível espada de aço.

No corredor.

Para a porta.

Seu coração palpita: a porta do quarto destrancada.

A mobília mais pesada próxima é um armário de carvalho cheio de roupas de verão de Jules. Cem libras, pelo menos. Emma envolve-o com os braços num abraço de urso frenético e balança-o, uma perna velha contra a outra, derrubando a coisa monstruosa em direção à porta, mas já é tarde demais. Para seu horror, a maçaneta gira.

A porta se abre—

Enquanto o armário bate contra ele.

O espelho da penteadeira se estilhaça ao cair, espalhando cacos afiados no chão. Emma se afasta da barricada improvisada, com o coração batendo forte no peito. Observando a maçaneta chacoalhar furiosamente. Bloqueado.

Recuando, ela agarra Laika em um abraço estimulante.

"Eu te amo."

Em seguida, ela segura a garganta do animal com força e, com a outra mão, levanta o objeto que roubou da bancada da cozinha: um saleiro de vidro transparente. Ela tira a tampa.

“Desculpe, Cão Espacial—”

Enquanto ela despeja na garganta de Laika. Tudo isso. O retriever se debate, engasgando, cuspindo, mas Emma força a maior parte dele para baixo. H. G. Kane pode ter removido o peróxido de hidrogênio da história desta noite, mas ignorou o sal. Algumas colheres de sopa de sal de cozinha podem induzir o vômito em um cachorro quase tão certamente quanto o peróxido, e ela alimentou Laika à força com pelo menos metade do shaker.

Então . . . Bombas largadas.

Laika tosse, lambendo os lábios. Mãe. Que diabos?

Atrás dela, a porta bate para dentro. Um choque violento; o choque faz os dentes de Emma tremerem. O autor está forçando a entrada para dentro, e ele é ainda mais forte do que ela temia – o armário de 50 quilos de Jules raspa impossivelmente na madeira, e o coração de Emma bate de terror quando a porta do quarto se abre de qualquer maneira –

Então o armário bate na cama.

Definitivamente bloqueado.

Ela se permite respirar novamente. Sai como um suspiro. Agarrando o pelo branco de Laika com os nós dos dedos, ela ouve enquanto ele empurra a porta do quarto uma última vez antes de desistir. A maçaneta toca pela última vez e é liberada.

Então silêncio.

Lá fora, o vento ruge.

Laika choraminga de novo — com aquela dor na barriga cheia de sal, ela vai explodir a qualquer minuto —, mas Emma a segura perto, ouvindo os passos do homem no corredor lá fora. O farfalhar de seu sobretudo. O farfalhar de sua espada bizarra. Qualquer sinal do que ele fará a seguir.

Ela não ouve nada.

É como se ele tivesse evaporado. E no silêncio crescente, algo mais vem à tona em sua mente. O cheiro do intruso. Aquele odor estranho e oleoso que irradiava dele na cozinha. Ela tem certeza de que já sentiu esse mesmo odor na casa antes, desde que chegou a Strand, semanas antes de estrelar Murder Mountain. Semanas antes ela convocou H. G. Kane para esta costa isolada. É impossível. Ela não pode confiar em sua própria memória. Ela não pode confiar no tempo.

Tal como o pássaro morto à sua janela, esta figura alienígena controla tudo.

Numa história, o autor é Deus.

13

Emma se afasta da porta do quarto, com medo de tirar os olhos dela, preparando-se para outro estrondo. Ela puxa Laika para o banheiro, passando pelas pias duplas, passando por seu próprio reflexo desanimador. Ela parece mais magra e fraca do que nunca.

Não há mais para onde recuar, então ela se agacha na banheira escorregadia. Observando a porta. Uma palma segurando a borda da porcelana. A frase estar de costas para a parede tem uma conotação negativa, mas ela se lembra de Shawn certa vez ter admitido que passou a maior parte da vida pensando que era uma afirmação positiva. Quando você está com as costas contra a parede, ele raciocinou, nada pode atacá-lo por trás. Você tem uma clareza implacável: seja lá o que for que você esteja enfrentando, você verá o que acontecerá.

Aqui, agora, agachada na banheira de um estranho com seu golden retriever e uma faca de cozinha na mão trêmula, Emma Carpenter está literalmente nesta posição, de costas para a parede.

"Shawn", ela sussurra, "eu não posso fazer isso."

Sim você pode.

Ela tenta imaginar o rosto do marido, mas até a própria memória a impede. Seus pensamentos são líquidos, impossíveis de segurar.

"Sinto sua falta."

Também sinto saudade.

Muito.

Tudo bem. Encontro você lá, Em.

Aí está. Uma única frase. Quatro palavras que uniram suas vidas.

Encontro você lá.

Se apenas.

Ela ainda está se esforçando para lembrar as nuances do rosto do marido, o cheiro de seu cabelo, o timbre de sua voz. Mas ela consegue se lembrar de cada centímetro de seu modelo de ferrovia.

Você consegue.

Sim, ela pode desenhar tudo de memória. A pista em forma de oito cruzando se com uma ponte de treliça. Um circuito oval externo segue o perímetro, circundando uma cidade de edifícios imaculadamente detalhados – Farwell, Shawn a chamou, em homenagem à cidade natal de seu avô – aninhada à sombra de uma montanha de gesso de um metro e meio de altura. Mesmo na escala cento e sessenta, é uma massa de terra imponente que sobe a parede do porão, coberta de pinheiros e folhagens de líquen.

Eu sei que você consegue. Eu acredito em você.

Pintar as faces rochosas em gesso da montanha foi divertido. Emma honestamente adorou. Não havia linhas a seguir, como as pequenas vitrines espalhafatosas que Shawn trabalhava como escravo com uma lupa. O cenário natural tem mais a ver com instinto. Você deixa a tinta preencher as fendas do gesso por conta própria, primeiro cinza carvão e depois cores mais claras como amarelo ocre. (Não se esqueça de um toque de âmbar queimado também, à medida que a rocha oxida.)

Mas então veio a parte difícil: colar aqueles afloramentos rochosos pintados nas encostas da montanha. É mais difícil do que parece. Os moldes de rocha não podem parecer colados; eles têm que sentir que estiveram enterrados no solo o tempo todo e só agora estão expostos à erosão. É um truque delicado enterrar algo que não está enterrado, e o olho sabe a diferença.

Você consegue, Em. Ele estava fazendo árvores enquanto dizia isso, uma linha de montagem para agitar e assar.

Eu não acho que posso.

Este foi um grande gesto de confiança do marido. Se você estragar uma árvore ou até mesmo um prédio, você pode simplesmente desfazê-lo e fazer outro. Mas as faces rochosas são parte integrante do layout. Crie uma monstruosidade e ela estará lá para sempre.

Eu não deveria. Eu não sei o que estou fazendo. Ela estendeu a mão. Deixe-me fazer algumas árvores.

Confie em si mesmo.

Não. Vou estragar tudo.

Ela sabia o quanto ele queria que ela fizesse isso, e isso partiu seu coração ainda mais. Finalmente Shawn disse: Se você construir a montanha, poderá nomeá-la.

Ela pensou. Qualquer coisa que eu queira?

Qualquer coisa.

Você tem certeza?

Chame como quiser.

Isso lhe deu uma pequena correria, sendo convidada para participar da

-ficção. Talvez seja por isso que ela sempre gostou de ler e desapareceu completamente em seus livros depois do funeral. Há alegria nisso. Cada detalhe é feito à mão.

ı Cada polegada.

Cada edifício, aglomerado de folhagem e rocha convincente (ou não convincente).

Ok, ela decidiu. Eu vou fazer isso.

E ela fez. Sem dúvida, sem medo. Naquela noite, Shawn dirigiu uma locomotiva inaugural e alguns vagões de carga enquanto eles se davam as mãos e bebiam vinho, observando o pequeno trem passar pelas majestosas encostas de gesso do Monte Buttfuck.

Ele cheirou Cabernet em seu colo. Sério, Em?

Você disse qualquer coisa.

Ela escuta o assassino, mas não ouve nada.

Ela não sabe dizer se ele está lá embaixo, se saiu de casa ou se está esperando do lado de fora da porta do quarto. O silêncio aumenta. Ela pode sentir o pulso na garganta.

Emma não é uma pessoa religiosa, mas não consegue deixar de se perguntar se é uma coincidência o fato de a autora ter aparecido pela primeira vez com uma máscara sem boca e com chifres.

Um demônio.

Talvez ela já tenha feito isso: colocou a mochila Osprey verde sobre os ombros e saiu para as ondas. Talvez ela esteja a três metros de profundidade agora, com aquelas alças segurando seus ombros em um abraço fatal enquanto a água gelada do mar incha seus pulmões. Talvez seu pesadelo recorrente de afogamento seja na verdade a vida real, e todo o resto tenha sido apenas o sonho febril da morte, as últimas sinapses carentes de oxigênio em seu cérebro explodindo como os fogos de artifício de Deek. Talvez o diabo tenha vindo ao Strand para recolher pessoalmente a alma dela. Talvez séculos de imagens bíblicas estejam erradas e Satanás carregue uma espada e use um chapéu de feltro de aparência estúpida. Quem pode dizer?

Ela agarra a banheira, com os nós dos dedos brancos de tensão. Olha para a porta.

A antecipação é pior que a realidade.

Confie em si mesmo.

“Eu não estou morta”, ela sussurra. "Ainda não."

Como Emma Carpenter já está morta, é impossível determinar exatamente o que ela estava pensando enquanto se refugiava dentro do quarto barricado do segundo andar com seu cachorro. Sua mente devia estar acelerada. Ela sobreviveu por pouco ao ataque lá embaixo. Fugir da cozinha foi uma vitória, ainda que uma sorte.

Ele não estava preocupado.

Não remotamente. Ele conhecia cada centímetro da casa. Cada variável estava sob seu controle. Ele simplesmente aproveitaria sua vantagem e a atacaria novamente de um novo ângulo. E eram apenas 20h51 – ela sobreviveu apenas uma hora.

Ele teve a noite toda.

Sob as luzes fluorescentes da cozinha, ele rapidamente verificou se havia danos em sua espada. Por mais poderosa que seja a katana, ela também é notoriamente frágil se for mal utilizada. Aquelas lutas de espadas de Hollywood, onde as lâminas do herói e do vilão desviam e estalam, são pura ficção. Os verdadeiros samurais eram servilmente cuidadosos com seus armamentos, pois qualquer coisa mais resistente do que a carne humana corre o risco de lascar o aço frágil – ou até mesmo quebrá-lo. Ele enxugou a água da chuva com a manga (a ferrugem é outro inimigo) e, antes de sair da cozinha, tirou a bituca de cigarro de Emma da pia e lambeu-a. Este foi o mais próximo que ele chegou, até agora, de provar os lábios da mulher.

E isso salvou sua vida.

Se não tivesse feito isso, não teria notado a luz lá fora.

Um brilho estranho brilha através do vidro fosco sobre a banheira, tão surpreendente quanto um disco voador pousando no gramado da frente. A princípio, Emma não consegue acreditar que seja real. Com a mão livre, ela abre a pequena janela. Ele raspa apenas alguns centímetros e fica voltado para o sul, longe da luz desconhecida. Mas ela pode ouvir.

A água gelada da chuva vaza para dentro enquanto o brilho aumenta lentamente, sombras curvando-se através da grama alta conforme a fonte de luz se move.

Faróis.

Ela ouve o barulho do cascalho sob os pneus. O barulho dos freios. Este novo veículo está estacionado na garagem bem em frente à casa, fora da vista dela. Ela espera com a respiração inchada no peito, agachada sob a janela do

banheiro com Laika nos braços.

A porta de um carro se abre.

Ele se fecha.

Uma voz ecoa: “POLÍCIA”.

Sim!

Ela cai na banheira, exalando com força. Sim, isso confirma isso. Deek ficou acordado para vigiar, como prometeu, viu a mensagem dela no quadro branco e ligou para o 911 exatamente como ela pediu, graças a Deus, graças a Deus...

Ela ouve movimento lá fora: um farfalhar de grama molhada. Passos em pânico. O autor saiu de casa e agora está correndo, mas não rápido o suficiente—

"EI."

Os passos param.

"SIM VOCÊ. NÃO SE MOVA.”

Silêncio.

Emma sente um sorriso maligno em suas bochechas. É quase hilário como a noite se voltou contra H. G. Kane. As risadas de Belly convulsionam sua garganta, mas ela luta contra elas. Ela sabe que o perigo ainda não passou. Nem mesmo perto.

A polícia está aqui – mas o autor é um cruel assassino de cães. Seu ataque foi premeditado há dias. Ele planejou tudo e certamente planejou isso.

“DEITE-SE”, ordena o oficial. “OU EU DISPARO.”

Ele parece jovem e nervoso, e deveria estar. H. G. Kane pode estar apenas fingindo rendição, deixando o pobre novato se aproximar antes de um golpe surpresa na carótida. Ou uma decapitação sangrenta. É assim que aconteceria em um romance de H. G. Kane. Fica no estômago de Emma como uma úlcera; ela não pode confiar neste novo desenvolvimento. Não pode ser tão fácil.

Pode?

Silêncio.

Ela inclina a cabeça em direção à janela, prende a respiração e escuta – até que finalmente ouve joelhos no cascalho. O som de ajoelhar-se. Conformidade.

"BOM." O oficial também parece aliviado. “MÃOS ATRÁS DE SUAS COSTAS.”

Bem desse jeito.

Tudo aconteceu tão rápido. Num instante, H. G. Kane é mortal novamente e despojado de toda magia e mistério – apenas um homem humano com uma espada, agora de barriga para baixo com um joelho de policial pressionado contra suas costas. Eles o pegaram. Acabou.

Deek, pela vitória.

Acalmando-se agora, Laika olha para ela. Olhos negros fixam-se nos dela.

“Você fez bem,” Emma suspira.

Eu te amo mãe.

“Eu também te amo, Cão Espacial.”

Então o retriever enrijece em seus braços e desequilibra a mandíbula em um arroto gorgolejante.

"Oh." Ela esqueceu. "Ah Merda-"

Acontece. No colo dela.

Emma respira entre os dentes e olha para o teto do banheiro, ignorando o odor lacrimejante enquanto Laika esvazia o estômago. Apesar de tudo, sentada na banheira de um estranho com vômito de cachorro no colo, Emma começa a rir novamente. Risada vertiginosa e estúpida. Ela se defendeu de seu assassino. Ela salvou a vida de Laika. E agora, com autoridades armadas chegando ao local, H. G. Kane é capturado com algemas nos pulsos. Ele não pode escrever para sair dessa.

“Obrigada, Deek”, ela sussurra. "Obrigado."

Quando ela ver o velho novamente, ela o abraçará, apertará seus pequenos ombros ossudos até que eles se quebrem. Eles tomarão café ou chá pessoalmente. Ela vai falar com ele, de verdade, cara a cara. Não há mais quadros brancos. Não há mais desculpas. E Emma está percebendo outra coisa, uma nova sensação que traz uma nova onda de lágrimas exaustas aos seus olhos: pela primeira vez em meses, a ideia de um dia depois deste a excita. Ela quer ver o que acontece a seguir.

Ela quer um amanhã.

Com os dentes trêmulos, ela estica o pescoço até a janela e grita mais uma coisa para o homem que se autodenomina H. G. Kane, agora sob custódia policial.

“Divirta-se escrevendo este capítulo, idiota.”

“Você fez bem,” Emma suspira.

Eu te amo mãe.

“Eu também te amo, Cão Espacial.”

Então o retriever enrijece em seus braços e desequilibra a mandíbula em um arroto gorgolejante.

"Oh." Ela esqueceu. "Ah Merda-"

Acontece. No colo dela.

Emma respira entre os dentes e olha para o teto do banheiro, ignorando o odor lacrimejante enquanto Laika esvazia o estômago. Apesar de tudo, sentada na banheira de um estranho com vômito de cachorro no colo, Emma começa a rir novamente. Risada vertiginosa e estúpida. Ela se defendeu de seu assassino. Ela salvou a vida de Laika. E agora, com autoridades armadas chegando ao local, H. G. Kane é capturado com algemas nos pulsos. Ele não pode escrever para sair dessa.

“Obrigada, Deek”, ela sussurra. "Obrigado."

Quando ela ver o velho novamente, ela o abraçará, apertará seus pequenos ombros ossudos até que eles se quebrem. Eles tomarão café ou chá pessoalmente. Ela vai falar com ele, de verdade, cara a cara. Não há mais quadros brancos. Não há mais desculpas. E Emma está percebendo outra coisa, uma nova sensação que traz uma nova onda de lágrimas exaustas aos seus olhos: pela primeira vez em meses, a ideia de um dia depois deste a excita. Ela quer ver o que acontece a seguir.

Ela quer um amanhã.

Com os dentes trêmulos, ela estica o pescoço até a janela e grita mais uma coisa para o homem que se autodenomina H. G. Kane, agora sob custódia policial.

“Divirta-se escrevendo este capítulo, idiota.”

14

Ele acertou a coluna do homem com o joelho, forçando-o a cair no cascalho molhado. Ele deu sua voz policial mais convincente. Profundo. Autoritário.

E funcionou.

O entregador obedeceu imediatamente, caindo de joelhos e rendendo-se à voz de comando atrás dele.

Jake Stanford, de 31 anos, residiu em Washington por toda a vida, pai de dois filhos e funcionário da FedEx por três anos. Sua família sobrevivente descreve o ex-motorista de caminhão da Marinha como um empreendedor natural; um pau para toda obra que se sentia tão confortável pescando esturjão em alto mar quanto era voluntário na campanha anual de comida enlatada de Grundy. Tragicamente, a única infração cometida por Jake contra a política da empresa naquela noite, durante a parada final de sua rota, provavelmente contribuiu para sua captura. Ao entregar pacotes a pé, Jake frequentemente trocava os alto-falantes do telefone pelos fones de ouvido Bluetooth para evitar quebrar o ritmo de sua música, e isso provavelmente entorpecia sua consciência situacional. Ele não ouviu os passos atrás dele – apenas a voz.

No momento em que Jake percebeu que aquela voz estava apenas se passando por um policial, ele já estava caído na garagem, incapaz de revidar. A katana já estava subindo para um golpe fatal – até que o aço carbono brilhou com uma nova fonte de luz brilhante.

A dez metros de distância, a porta da frente da casa se abriu.

A voz de Ema.

"Parar."

Lá está ele.

Destacado pelos faróis da van de entrega, elevando-se sobre seu novo refém

no meio da chuva. Não deveria ser possível. Ele o traiu novamente, de alguma forma, e toda a confiança conquistada por Emma foi drenada de seu corpo. É doloroso, oco.

O rosto pálido de H. G. Kane está finalmente à vista.

Seu rosto é sardento e barbudo com uma barba ruiva e encaracolada. Suas bochechas são rechonchudas, juvenis, pendendo sobre papadas carnudas. Sua boca é um orifício pequeno e de aparência suja, tão enrugado quanto um idiota. Atrás de seu chapéu, ela pode ver que o cabelo ruivo do autor está comprido e oleoso. Ele deve ter pelo menos um metro e noventa e duzentos e cinquenta quilos, um tamanho grande demais, de um jeito desajeitado e triste. Seu sobretudo está bem esticado para conter sua barriga de caldeirão. Suas calças cargo ficam salientes em lugares estranhos. Nenhuma de suas roupas lhe caía bem.

Ela esperava Jason Voorhees. Ela ganhou um boneco Chucky em tamanho real.

De alguma forma, isso é ainda pior.

Sua vítima, um jovem com uniforme da FedEx, se contorce sob o fio da espada e estica o pescoço para olhar para ela com os olhos arregalados. Isso torna o perigo real de uma forma que Emma não consegue descrever – até agora, H. G. Kane tem sido seu demônio particular.

Isso está realmente acontecendo.

Seu estômago se revira.

"Deixe ele ir." Ela não reconhece sua própria voz. “Isso é entre nós.”

O vento rosna entre eles.

Ele olha para ela e depois para seu refém. Ele pode acabar com uma vida humana com um único golpe. Seus óculos brilham com a luz refletida, tornando seus olhos ilegíveis. Como íris caninas brilhantes. Lentamente, ele aponta a mão enluvada preta para a faca de cozinha de Emma.

Esta é uma mensagem clara: deixe isso de lado.

O motorista da FedEx balança a cabeça – “Espere, não” – enquanto Emma enfia a faca no pátio escuro. Ela sabe que é inútil aqui.

“Boa menina”, diz a figura.

Boa menina. Como elogiar um cachorrinho.

Então, com a outra mão, ele enfia a mão no casaco e tira uma pistola semiautomática. As entranhas de Emma se agitam de horror ao ver isso. Como um tumor numa radiografia, como um corpo imóvel dentro de um carro destruído, são Más Notícias concentradas na sua forma mais pura. E estranhamente, a arma de fogo parece estar chacoalhando, vibrando nas mãos do assassino.

Ele está tentando lutar contra isso.

Mas sua mão está tremendo.

Sua mão estava perfeitamente imóvel.

Seus nervos estavam firmes. Suas veias corriam com água gelada. Ele havia se adaptado à chegada inesperada do entregador, dominando Jake Stanford em segundos. Ele era um sociopata no sentido mais verdadeiro, uma máquina limpa e livre de empatia.

Com este novo desenvolvimento, seus planos mudaram drasticamente.

Ele estava em Strand para assassinar uma pessoa, e agora seriam duas. Por mais estressante que fosse, na sua opinião também valia a pena complementar a contagem de corpos em Murder Beach. O nome de usuário HGKaneOfficial frequentemente refletia que a ficção era, à sua maneira, sociopática, um mundo criado onde algumas mortes importam e outras realmente não. Alguém realmente se importou quando o dono da loja de armas foi surpreendido por Arnie no ato de abertura de O , Exterminador do Futuro? Não, ele raciocinaria, porque investimos apenas em Sarah Connor e Kyle Reese, personagens com nomes. Como leitores e telespectadores, somos mais mesquinhos com nossa empatia do que gostaríamos de admitir, e naquela noite de dezembro, um jovem pai de dois filhos morreu de joelhos para desempenhar um papel coadjuvante na história de outra pessoa.

Ele estudou Emma sob os faróis brilhantes.

Ele não pôde deixar de admirá-la.

Seus lábios se curvam em um sorriso carnudo.

Mais uma vez, Emma sente insetos rastejando em sua pele.

“Você fala enquanto dorme”, diz ele. “Você disse um nome enquanto se revirava na cama. O mesmo nome, repetidamente.

Ela se prepara para isso.

“Shawn.”

Isso a atinge como um tiro no coração. O nome do marido parece obsceno, violado, vindo daqueles lábios peludos. Ele não tem direito. Ainda assim ela não diz nada, sem piscar.

O sorriso gordinho cresce. "Shawn está morto, hein?"

Vá se foder, ela pensa.

“No seu medalhão.” Ele aponta para o pescoço dela. “Aposto que há uma foto dele?”

Foda-se, foda-se, foda-se—

“Viúva de luto, morando sozinha em uma casa de praia? Um pouco clichê, honestamente.”

Você não me conhece, ela pensa.

Você só pensa que sim...

“Você pode se surpreender”, diz ele abruptamente.

Isso a assusta. Ela quase consegue sentir as unhas sujas dele dentro de seu cérebro, vasculhando seus pensamentos. Ela respira fundo. "Quem é você?"

"O diabo."

"Quem é você realmente?"

“Estou aqui para fazer o que você vem tentando fazer há meses, Emma.” Ele inclina a cabeça e a pele peluda da garganta balança, estranhamente como um pássaro. “Na verdade, estou aqui para ajudá-lo, por mais estranho que pareça. Eu sei por que você está aqui. Eu sei contra o que você está lutando. Vi sua mochila perto da porta, toda carregada de pedras.”

Em sua visão periférica, Emma sente uma nova luz.

Está vindo da casa de Deek. Se o velho estiver em sua sala, ele poderá verificar seu telescópio. Ou, melhor ainda, ele pode estar observando o impasse agora mesmo. Ela mantém a luz no limite de sua visão. Ela não consegue inclinar a cabeça. Se o autor também vir isso, ele poderá entrar em pânico e executar seu refém.

Não olhe para isso.

O motorista da FedEx também percebeu isso. O peito dela treme de pânico enquanto ele estica o pescoço—

“Ei”, rosna o autor, em um tom chocantemente alto: “Não olhe para cima. Não olhe para o meu rosto. Ele ataca por reflexo, seu pulso mal parece se mover, a espada não faz nenhum som – mas o refém grita de dor de gelar o sangue. Emma segura seu medalhão com força logo abaixo da clavícula. Ela tem que apertar alguma coisa.

"Olhar para baixo." Ele enfia a pistola na nuca do homem e gira com força, um movimento cruel de chave de fenda. “Não olhe para mim. Você entende?"

O refém acena com a cabeça, segurando a orelha. Daqui, Emma não consegue ver o ferimento. O sangue escorre entre seus dedos trêmulos e se mistura com a água da chuva. Por alguma razão, o sangue dele não parece exatamente real para ela. Nada disso parece real. Como pode H. G. Kane conhecê-la tão intimamente?

Numa história, o autor é Deus.

Ou o diabo.

Ela percebe que a mão direita do motorista da FedEx se move lentamente, sem ser vista pelo autor. Ela também tenta não olhar diretamente para ele, ou ele notará, mas ela segue a mão do homem pelo cascalho molhado. A palma da mão repousa sobre uma pedra decorativa que marca a borda da entrada. Seus dedos ensanguentados o envolvem, como uma aranha.

Uma arma.

Emma trava os olhos com ele. Não, ela quer sussurrar.

Mas ele aperta ainda mais a rocha. Ela balança a cabeça agora, mantendo seus movimentos pequenos. Um apelo desesperado e tácito: por favor, espere. Você não tem ideia do quão perigoso esse homem é.

O motorista reconhece seu olhar. Mas ele mantém a pedra.

Emma sabe que o impasse está prestes a explodir. H. G. Kane não permitirá que nenhuma testemunha saia esta noite, especialmente se ele tiver medo de ser identificado sem sua máscara demoníaca. Isto deixa apenas um caminho potencial a seguir. É arriscado.

Respiração profunda.

“Você pode me matar”, ela diz ao autor. “Mas deixe-o ir.”

Ele não diz nada.

Ela dá um passo à frente, mantendo os olhos fixos nos dele através da cachoeira criada pela sarjeta sobrecarregada. “Ele não viu seu rosto.” Ela olha para o refém. "Certo?"

Silêncio.

"Certo?"

Fracamente, o homem assente. O lóbulo da orelha também balança, meio decepado.

“E ele não sabe seu nome. Ou por que você está aqui.

Ele acena novamente.

“Isso é entre nós.” Emma chega à beira da varanda. A cachoeira da sarjeta cai sobre ela agora, gelada em sua pele, acumulando-se em suas clavículas afundadas. Ela luta contra um arrepio na voz: “Você e eu. Então, por favor, deixe-o ir.”

Ele admirou a tentativa dela de barganhar pela vida de Jake Stanford, mas simplesmente não havia espaço para negociar. A situação agravou-se com este novo desenvolvimento e acelerou enormemente o seu próprio período de tempo. Ele sabia que já tinha horas de provas

forenses para organizar. Ele precisaria fritar o telefone, o leitor eletrônico e o laptop de Emma. Ele precisaria limpar todas as impressões digitais e descolorir todas as superfícies em busca de pelos, células da pele ou fibras perdidas. Para não falar dos segredos dentro das paredes da própria casa. Não poderia haver testemunhas vivas do seu agora infame massacre em Strand Beach.

Sem acordos.

Ele não permitiria que uma alma saísse viva.

“Feito”, o autor diz a ela. "Eu vou deixá-lo ir."

Emma solta um suspiro preso.

Muito fácil.

"Você tem razão." Ele abre um sorriso vulgar e pastoso. "É tudo sobre você."

Ela não diz nada.

Ele está mentindo.

Algo está errado, tão errado quanto um membro deslocado. Ela não pode acreditar na palavra dele. Suas palavras são piores do que sem sentido. No silêncio, ela encara seus óculos ilegíveis e se prepara para a violência. Ela sabe que isso está chegando. Ela sabe que ele está prestes a fazer algo ao homem inocente diante de seus olhos, apenas para provar que pode, que H. G. Kane está no controle total de seu pesadelo.

Nada acontece.

Em vez disso, o boneco humano Chucky enfia a pistola no sobretudo e dá um passo para trás, ainda sorrindo, e - fiel à sua palavra - dá ao refém espaço para se levantar.

Que diabos?

O motorista da FedEx – com o uniforme encharcado e manchado de sangue – se ergue e fica sentado, ainda segurando a orelha, ainda com medo de ficar de pé. Com medo de sair. Ele está tão abalado e profundamente confuso quanto Emma.

“Corra”, ela sussurra para ele. “Por favor, corra.”

Antes que ele mude de ideia.

Mesmo assim, ela tem certeza de que o autor está mentindo. Ele está jogando jogos cruéis, saboreando seu poder sobre eles. Por que ele permitiria que uma testemunha saísse? Seu sorriso está desaparecendo agora, escurecendo, virando maionese podre. “Eu queria salvar você, Emma.”

Silêncio.

Ela hesita. "C . . . O que?"

“Eu queria salvar você.” Ele espera com expectativa, talvez até desesperadamente, como se estivesse dando a ela uma chance de expressar gratidão. “Ele me disse que eu tinha que matar você. E eu defendi você...

Sua boca seca instantaneamente. "Quem?"

O autor se detém. Como se percebesse que ele falou demais.

"Quem disse para você me matar?"

Ele aponta seu chapéu para ela. Um gesto cavalheiresco: senhora.

"Responda-me."

Ainda sorrindo, ele olha para a grama varrida pelo vento e para as ondas além. Como se ele estivesse solicitando a permissão de alguém invisível, alguém observando.

Ela também se vira.

Está muito escuro para ver. Apenas chuva e vento.

Ele me disse que eu tinha que matar você.

Com a espinha arrepiada, ela se lembra do Demon Face na câmera de visão noturna de Jules. Toda vez que ela viu H. G. Kane até agora, ele usou aquele chapéu de feltro. Mas Demon Face não usava tal chapéu – e ele tinha um casaco mais leve, como um blusão. E se houver dois intrusos por aí?

Um irmão gêmeo?

Um co-escritor?

Um fã maluco?

“Diga-me,” Emma sibila. “Quem mais está aí?”

Antes que a autora possa responder, ela percebe que o motorista ajoelhado da FedEx mudou seu peso para frente. Seus olhos endureceram. Sua mandíbula definida. Seus músculos ficando tensos.

Ele já se decidiu.

Não.

Ela grita – tarde demais – enquanto ele balança a pedra no rosto de H. G. Kane.

Dizer que ele era um espadachim habilidoso seria um eufemismo grosseiro.

Fora de sua escrita prolífica, ele vivia e respirava pela lâmina. As paredes de seu apartamento eram uma biblioteca de espadas de combate japonesas e chinesas cuidadosamente montadas em suportes. Um Makaze de engrenagem global. Um Hanwei Prático Profissional. Na prateleira ao lado dos monitores ultralargos de seu PC para jogos estava

um malvado Cheness Cutlery Kaze. No banheiro acima de seu vaso sanitário, uma pequena mas mortal adaga tantō envolta em vidro (para impedir a entrada de umidade).

E na parede do quarto, acima do colchão king-size, ao alcance do braço no caso de uma invasão de casa, estava seu orgulho e alegria: o agora infame Thaitsuki Tonbo Sanmai Katana de vinte e oito polegadas. Ele possuía espadas mais raras e melhores, mas esta tinha um valor especial. Sua mãe comprou-o para ele como presente em seu aniversário de dezoito anos, para comemorar seu primeiro romance publicado por ele mesmo. Conseqüentemente, foi a lâmina que ele escolheu para carregar na noite do massacre de Strand Beach.

Ansiando pelo primeiro “sangramento”.

Quatro anos antes, ele enviou o vídeo mais popular em seu canal do YouTube (agora desmonetizado e extinto), HGKANEOfficial. Antes da exclusão de seu perfil, o vídeo obteve mais de dois milhões de visualizações. Ele tentou muitas vezes replicar seu sucesso.

Aos um minuto e cinquenta e oito segundos, a gravação mostra-o enchendo uma garrafa Mtn Dew Code Red de dois litros com água da mangueira e colocando-a na vertical sobre uma mesa de jogo preta. O cenário: subúrbio indefinido. Há um portão de garagem com tinta descascada ao fundo. O céu é de um azul intenso. Em algum lugar distante, um cortador de grama faz barulho. Em algum lugar muito mais próximo, um cachorro late incessantemente, estalando o microfone.

“Cale a boca, rato.”

Ele sempre odiou os cachorrinhos nervosos de sua mãe.

Neste vídeo, ele é dois anos mais novo, com o queixo recém-barbeado e uma barba ruiva. Ele veste uma camiseta preta com Pepe the Frog, shorts cargo cáqui e sandálias New Balance com meias pretas. E, claro, seu chapéu de feltro de lã - um testemunho chique de sua força e relutância em aceitar um não como resposta.

Ele se inclina para fora da tela – garantindo que o iPhone esteja filmando – e então fica em primeiro plano ao lado da garrafa de dois litros de Mtn Dew.

Ele não diz nada.

Ele apenas olha para a câmera, apertando os olhos sob o sol da tarde. Sua mão direita desliza até o quadril, até o saya preto pendurado em sua cintura, que a maioria dos espectadores não percebeu até agora. Seu polegar abre o punho da katana alguns centímetros com um clique de madeira. Ele olha para a esquerda e depois para a direita. Escolhendo

seu momento.

Ele espera.

Nós também devemos.

Um jato de passageiros passa por cima. O cortador de grama distante muda de tom.

De alguma forma, ainda não estamos prontos para isso quando acontecer. Um borrão, um brilho de luz solar incandescente, um silvo de fricção. No momento em que o som é registrado na câmera, ele já completou o movimento e está girando suavemente sua katana de volta ao seu saya embrulhado em batalha. À sua direita, como se tivesse sido atingida por uma bala fora da tela, a garrafa de dois litros Mtn Dew explode ao meio, duas peças diagonais se separando com bordas bem definidas.

Ele olha novamente para a câmera enquanto a água escorre da mesa. Ele não sorri. O sol está em seus olhos de qualquer maneira.

Ao longe, o cortador de grama do vizinho para. O mesmo acontece com o latido do cachorrinho. Apenas uma coincidência, mas isso cria uma estranha quietude, um abismo expectante de espaço negativo, enquanto ele pega sua arma embainhada novamente. Ele realiza a mesma manobra para nós, talvez até mais rápido — o brilho, o borrão, um estalo ósseo — e, novamente, a lâmina está de volta à sua cintura. Um espectador pode se perguntar se seu golpe atingiu alguma coisa. As metades plásticas da garrafa Mtn Dew tremem de choque, mas permanecem intactas sobre a mesa.

O resto da água finalmente escorre.

Silêncio arejado.

Então a própria mesa de cartas desmorona. Cada metade tomba sobre duas pernas, caindo na grama. O cachorro volta a latir e o distante cortador de grama volta a funcionar, mas ele continua olhando para a câmera com a palma da mão direita sobre a bainha de madeira laqueada, apoiando-se delicadamente, quase amorosamente, no terrível poder que ali carrega.

Fora da tela, alguém bate palmas. Este indivíduo nunca é identificado.

Agora, finalmente, ele sorri.

A lâmina se move rápido demais para Emma perceber. Ela não vê nada além

de seu efeito. A mão direita do homem – balançando a pedra agarrada – gira livremente. Então outro pedaço dele voa. Outro. Ele se separa a cada golpe de navalha e Emma pode sentir cada corte quase silencioso em seus ossos. Um corpo humano é desmantelado por sussurros.

Ela cambaleia de volta para dentro de casa.

Falta um passo. Ela cai.

Ela chuta a porta da frente e grita para o chão.

de seu efeito. A mão direita do homem – balançando a pedra agarrada – gira livremente. Então outro pedaço dele voa. Outro. Ele se separa a cada golpe de navalha e Emma pode sentir cada corte quase silencioso em seus ossos. Um corpo humano é desmantelado por sussurros.

Ela cambaleia de volta para dentro de casa.

Falta um passo. Ela cai.

Ela chuta a porta da frente e grita para o chão.

15

Ela viu apenas uma pessoa morrer antes.

Cinco meses atrás.

Isso a destruiu. Construiu um grande muro em sua vida entre o Antes e o Depois. Ela se considerou insensível ao testemunhar milhares de mortes fictícias mas de alguma forma isso a deixou ainda menos preparada para a realidade. E agora isto – o que acabou de acontecer na entrada da garagem – é angustiante em sua velocidade e precisão e quase em silêncio.

Levantar.

Ela está na cozinha agora. Nos cotovelos. Ela não se lembra de ter rastejado até aqui. O telefone dela está na mão direita. Ela verifica novamente, rezando por uma resposta diferente.

Levante-se, Em. Agora mesmo.

Quando ela se levanta do ladrilho, algo bate com força na janela da cozinha. Ela grita em estado de choque. Parece aquele pássaro morto de dias atrás, mas é mais pesado, úmido e estranhamente carnudo, arremessado da escuridão além.

Deixou uma mancha no vidro. Asas de borboleta vermelha.

Ignore isto.

Ela vira a cabeça, enjoada. Nada pode ser feito por ele agora. E mais uma coisa: ela ouve o eco da noite, uma voz humana masculina, mas distorcida no espaço aberto. Um grito estranho e cru. Sem sílabas, sem melodia. A intensidade penetrante disso traz lágrimas aos seus olhos. Ela não consegue imaginar o pobre homem ainda vivo, nem que tipo de agonia ele deve estar sofrendo, nem por quanto tempo ainda a sentirá.

O grito do homem continua e continua.

Ignore isto. É apenas uma distração—

Até que ela perceba que não pertence ao motorista da FedEx massacrado. Ele já está morto. E no choro ela detecta uma nova emoção com clareza crescente.

Raiva.

O autor não está acostumado com danos colaterais. Talvez ele estivesse

sendo honesto, afinal, e não quisesse matar mais ninguém. Seus romances são cenários controlados, pequenos palcos imaculadamente administrados para o assassino e a vítima dançarem sua dança. Quando ele descrever os acontecimentos desta noite em Murder Beach, provavelmente mentirá e fingirá que ficou satisfeito em matar mais do que pretendia e aumentar a contagem de corpos naquela noite. Mas ela sabe a verdade – H. G. Kane estragou tudo.

Ele será ainda mais perigoso agora.

Mais do que nunca, Emma sente falta das estrelas. Ela gostaria de poder ver através das nuvens de chuva e ter certeza de que Áries, Gêmeos e Messier 31 ainda estão por aí. Até as constelações irão vagar e se separar, se você viver o suficiente para ver isso acontecer.

Até as estrelas morrerão.

Isso sempre a fez se sentir novamente como aquela estudante do ensino médio em pânico, recuando para as paredes cúbicas de um banheiro que cheira a água sanitária, o único espaço em que ela se sente segura. Onde os olhos ocultos não podem vê-la, onde nenhum colega fala com ela. Onde ela pode morrer silenciosamente e apodrecer em paz. Porque um dia até o universo será um cemitério e, como o Imortal Shawn sabe, existem destinos muito piores do que a inexistência.

Ela está começando a entender agora: a verdadeira profundidade do que ela enfrentará esta noite. Ela sabe disso em sua alma há horas. Isso não é uma surpresa e não deveria abalá-la.

Foi tudo real.

Psych paralisado por uma bala na espinha. Os intestinos de Prelaw se desenrolando em sua barriga. Uma cabeça humana guardada em uma mochila. Um romance que a própria Emma havia estrelado tão casualmente com uma estrela dias atrás, e no conforto de seu sofá de leitura, considerado irrealista. Tudo tão assustadoramente real quanto o veneno de roedor que Laika vomitou, como o pedaço não identificado de um corpo humano que acabou de atingir a janela da cozinha. Assassinatos reais. Pessoas reais e inocentes reduzidas a carne por seus desígnios.

Muitos deles.

Ela tenta se lembrar, seus pensamentos se adensam com outra onda de horror paralisante: quantos livros H. G. Kane publicou por conta própria?

Dezesseis.

Seu primeiro assassinato foi uma colega de escola chamada Laura Birch.

Nenhum romance de H. G. Kane foi escrito para contar a história da morte de Laura. Era muito cru, muito pessoal, e suas próprias emoções estavam muito emaranhadas nisso.

Ele era amigo de Laura desde o ensino fundamental. Eles compartilharam duas aulas e uma sala de aula. Às sextas-feiras, eles ficavam depois da escola no clube de jogos, onde jogavam Magic: The Gathering, Pandemic e Settlers of Catan. Nos fins de semana, eles às vezes se encontravam no museu local (a coisa mais próxima que a pequena cidade tinha de um ponto de encontro para jovens). O relacionamento deles nunca se tornou romântico, apesar de seus melhores esforços.

Laura era uma garota inteligente, alta e loira com um sorriso tímido. Ela era uma estrela das Olimpíadas de Matemática, cujas pontuações no SAT a levaram rapidamente para uma faculdade de prestígio fora do estado. Seus pais relembraram seu fascínio particular pelas aulas de governo da AP naquele ano, e ela manifestou interesse em ser advogada ou lobista na batalha para enfrentar as mudanças climáticas.

Ele a amava.

Durante anos, de uma forma ou de outra, ele a amou.

Ele já havia compartilhado suas próprias aspirações e mostrado a Laura seus escritos antes – contos fragmentados, tentativas encharcadas de poesia, até mesmo uma história em quadrinhos incompleta sobre samurais modernos – mas seu primeiro ano foi um ponto de viragem. Ele tinha acabado de completar seu primeiro romance “de verdade”. E foi uma melhoria decisiva em relação ao Propeller Head.

Intitulado Semiautomático, a obra de 110.000 palavras centrava-se em um tiroteio em uma escola em Montana Valley High, um fac-símile mal escondido de seu próprio Monsanto Valley High. Ao longo de todo o romance reconhecidamente longo, o personagem principal - um garoto quieto, inteligente e frequentemente intimidado chamado Henry - tenta impedir a violência sangrenta de um colega de classe não identificado com um AR-15. Em vez de se esconder debaixo de uma mesa, Henry segue o atirador enquanto ele percorre sala por sala pelo campus em evacuação, esperando o momento de intervir heroicamente. Ao fazer isso, Henry observa que a raiva do atirador se concentra em meia dúzia de colegas de classe por queixas específicas. Cada capítulo com muitos flashbacks é intitulado pelo nome de um alvo, muitos com paralelos na vida real (o mais preguiçoso é o professor de álgebra, Sr. Carlson, reformulado como Sr. Karlson).

Eventualmente, uma reviravolta na história: Henry e o atirador da escola são a mesma pessoa. Henry é sua própria consciência mortificada.

E Laura Birch também tinha um alter ego - criativamente chamada Liza, cujo pecado capital é trair Henry - e durante o capítulo culminante de Liza dentro da biblioteca crivada de balas, Henry / o atirador abaixa heroicamente seu AR-15 e escolhe poupar o a vida da menina. Isso é tratado como um momento de redenção. “Posso ser um monstro”, monólogo Henry enquanto a equipe da SWAT se aproxima, “mas todos vocês me abandonaram, me atacaram e me ignoraram. O sangue de hoje está nas mãos de todos.” Termina com um tiro ambíguo. Henry se matou? A polícia atirou nele?

Sua sempre solidária mãe ficou animada ao ler seu primeiro romance completo.

Ele recusou.

Em vez disso, ele imprimiu Semiautomático em papel frente e verso (como um livro de verdade), encadernou-o com pregos de latão e apresentou-o a Laura numa tarde de sexta-feira, no ônibus que voltava do clube de jogos para casa. Ela aceitou o manuscrito volumoso e concordou em lê-lo.

Ele deu a ela o fim de semana.

Depois o resto da semana.

Um mês se passou.

Ele percebeu que Laura parecia evitá-lo. Ela parou de falar com ele. Ela também parou de frequentar o clube de jogos, aparentemente para se concentrar nos deveres de casa. Não se sabe quanto de Semiautomático ela realmente leu, ou se ela passou da primeira página. É provável que ela tenha considerado notificar as autoridades, mas se sentiu em conflito ao fazê-lo.

Finalmente, na quarta-feira, 9 de novembro de 2011, ele confrontou Laura em uma tarde chuvosa durante sua longa caminhada do ponto do ônibus escolar para casa. Ele estava esperando ansiosamente, ele abriu seu coração para ela, ele compartilhou partes sombrias e vulneráveis de si mesmo. Ele a seguiu pela longa estrada da pradaria e pediu-lhe que entrasse no Lincoln preto de sua mãe. Talvez tenha sido sua oferta amigável de carona. Talvez tenha sido sua mendicância, sua bajulação ou sua ameaça. No final, não importa qual tática funcionou.

Ela entrou.

Ninguém nunca mais viu Laura Birch.

Seu desaparecimento abalou a escola, frustrou a aplicação da lei

local e deixou a pequena comunidade nervosa. Não houve testemunhas. Nenhum colega de classe ou família em quem Laura tivesse confiado. O manuscrito nunca foi recuperado. Ele conversou com detetives em diversas ocasiões, fornecendo-lhes informações suficientes sobre Laura para parecerem úteis. Na verdade, ele provavelmente era muito mais suspeito do que imaginava na época. Seus colegas de classe sabiam que ele nutria uma paixão por Laura e que quase certamente não era correspondido. Por alguns dias estressantes, uma prisão parecia quase certa.

Mas as férias de Natal chegaram e passaram.

Depois, no meio do inverno.

Então primavera.

Finalmente, os dias caninos do verão.

Ele estava começando a se sentir invencível. Logo chegou seu último ano, o desaparecimento de Laura Birch ainda estava sem solução, e havia rumores de que alguém de sua equipe da Olimpíada de Matemática havia falado com Laura em uma sala de bate-papo e ela alegou estar no México morando com um novo namorado. Ele não teve exatamente nada a ver com isso, mas foi uma pista falsa útil. Embora milhares de pessoas desapareçam todos os anos, quando se trata de uma linda garota branca com uma bolsa de estudos, leva muito mais tempo para as brasas queimarem. Mas naquele ano eles finalmente conseguiram, e ele estava no topo do mundo. Suas inscrições para a faculdade estavam rendendo retornos promissores e, para alegria de sua mãe, ele foi aceito no prestigiado Caltech.

Por mais que ele sonhasse em ser um escritor como seu ídolo, sua mãe insistiu que ele escolhesse primeiro uma ocupação mais estável. Sendo naturalmente dotado com números, ele aprendeu a escrever códigos de software. Um ano depois de se formar na faculdade, ele tinha um emprego remunerado e podia comprar quaisquer espadas, armas de airsoft ou videogames que desejasse. Mesmo assim, ele nunca desistiu de sua verdadeira paixão, trabalhando duro em seus romances de terror pela manhã, à noite e nos fins de semana.

Ele não tinha muito orgulho de Semiautomatic – na verdade, seu trabalho de adolescente agora o envergonhava – mas ele nunca o reescreveria. Ele não acreditava em reescrever.

Enquanto isso, na casa de sua infância, sem o conhecimento de sua mãe, ele mantinha um estoque secreto de uma década. Dentro da cavidade de uma parede oca atrás de um pôster, ele guardava trinta e seis

horríveis fotografias Polaroid, uma mecha de cabelo de Laura, uma caixa de remédios transparente contendo seus dentes e brincos e a longa faca que ele usou para desmembrar o corpo de Laura antes de jogá-la ali. o mar, pedaço por pedaço – uma espada wakizashi japonesa de trinta centímetros.

Embrulhado em plástico.

Cortado com ferrugem.

Ainda dourado pelo sangue seco de Laura.

Deek está acordado.

Graças a Deus.

Mesmo sem ampliação, Emma consegue ver a pequena figura do vizinho se afastando da janela da sala de estar a quatrocentos metros de distância, mortificado, batendo em uma pilha de seus próprios livros e quase caindo. Ele testemunhou tudo.

Agora ele se levanta.

“Vá,” ela sibila. “Chame a polícia.”

E do outro lado da sala lotada, desaparecendo por uma janela e reaparecendo em outra, passando pela porta de um armário e abrindo-a...

"Vai! Vai! Vai-"

O homenzinho arranca o receptor com fio da parede. Atrás dele, a porta se abre – o coração de Emma palpita de alarme – mas ainda balança desde quando ele bateu nela. Revelando escuridão por dentro; uma massa quase invisível de caixas de papelão afundadas e casacos mofados pendurados. H. G. Kane não pode estar escondido ali dentro, mas ainda sente um aperto no estômago; uma terrível certeza de que algo perigoso se esconde fora de vista.

Segurando o telefone, de costas para a porta aberta, Deek esmaga as chaves.

Nove.

Um.

Um.

Ela o observa gritar silenciosamente em seu telefone. Ele verifica a tomada, depois redisca uma, duas vezes, antes de jogá-la pela sala. Uma montanha de fichários com orelhas tomba. Ela sabia que era bom demais para ser verdade.

É de esmagar a alma, mesmo assim.

CORTE MEU TELEFONE, ele escreve em seu quadro branco.

Junte-se ao clube.

Ele escreve mais: EMMA, VOCÊ PRECISA CORRER

Se apenas.

Essa espada pode ser a arma principal de H. G. Kane, mas ele também carrega uma arma. Por mais relutante que ele esteja em dispará-la, no instante em que ela correr para as dunas abertas, ela não lhe dará escolha. Pelo menos Prelaw tinha árvores e pedras para se esconder atrás – a esta altura da Strand não há cobertura alguma. Apenas hectares de grama na altura da cintura.

Deek está errado. Correr não é uma opção. São dezesseis quilômetros até a cidade, e mesmo que ela sobreviva à longa jornada – mesmo que o autor erre milagrosamente todas as rodadas de sua revista e ela o ultrapasse – ela ainda deixará Laika para trás no quarto no andar de cima. Ele voltará para casa furioso Ele encontrará Laika. E sem outros meios para resolver Murder Beach, ele marcará o último ponto cruel que puder.

Você ama demais aquele golden retriever, ele lhe deu um sermão.

Não é saudável.

Mas . . . ela se lembra do revólver prateado que Deek sempre manteve montado acima de sua lareira. Agora seria um ótimo momento para tirar a poeira. Na opinião do vizinho, ela aponta e faz uma arma com o polegar e o indicador. Bang?

Ele balança a cabeça.

SEM BALAS

"**C**laro."

Tudo bom demais para ser verdade. A noite está apenas começando. E incógnitas preocupantes arranham o fundo de sua mente. As próximas palavras do autor para ela, segundos antes de massacrar um homem inocente: Eu queria salvar você.

Ele me disse que eu tinha que matar você.

O vento ruge lá fora. A tempestade está se intensificando.

Talvez H. G. Kane seja um pseudônimo compartilhado por vários escritores? Um pode escrever os livros, enquanto o outro comete as atrocidades. Se sim, qual deles ela conheceu? Qual deles é a Cara do Demônio? Talvez ele tenha um irmão gêmeo, e sempre houve dois bonecos Chucky em tamanho real perseguindo-a na grama alta do lado de fora.

A possibilidade mais preocupante que ela mantém enterrada dentro de si. Ela tenta nem considerar isso. Porque ela já concluiu que Deek é pequeno demais para ser Demon Face. A figura fotografada pela câmera da campainha de Jules, várias noites atrás, era grande demais e tinha o peito muito largo para ser o velho frágil com máscara de borracha.

Certo?

Certo?

Ela espera em Deus poder confiar em seu amigo Hangman. Neste momento, Deacon Cowl pode ser seu último amigo vivo na terra – um homem cuja voz ela nunca ouviu.

Certo?

Ela espera em Deus poder confiar em seu amigo Hangman. Neste momento, Deacon Cowl pode ser seu último amigo vivo na terra – um homem cuja voz ela nunca ouviu.

16

ONDE ELE ESTÁ?

O marcador verde treme em sua mão enquanto ela escreve. Ela mal está olhando para o quadro branco; seus olhos examinam a escuridão lá fora. Depois ela se inclina para o telescópio, ainda apontado para a janela de Deek. Pressionar o rosto contra a ocular faz com que ela se sinta dolorosamente vulnerável. Ela odeia sacrificar sua visão periférica.

No vidro curvo, ela encontra Deek. Ele gira seu próprio telescópio para fazer a varredura para a esquerda e depois para a direita. Uma longa varredura, vasculhando a grama. Isso a preocupa.

Onde diabos ele está?

Os pelos de seus braços se arrepiam. Ela verifica por cima do ombro: não há nada no quarto com ela. Apenas o vento e a chuva torrencial, claramente audíveis através da janela quebrada.

A janela quebrada.

Movendo-se rapidamente, Emma inclina o sofá de leitura e o empurra — ofegante com o esforço — para bloquear o caixilho vazio da janela. O tapete de pele de urso se amontoa por baixo. É mais um inconveniente do que um obstáculo. Quando o autor atacar novamente, ele facilmente o deixará de lado. Mas isso vai fazer barulho. Emma vai ouvir isso. Ela saberá de onde vem o ataque e terá alguns segundos para agir.

É uma vantagem mínima, mas é alguma coisa.

Na janela distante, ela pode ver que Deek interrompeu sua busca. Ele pega seu marcador.

GARAGEM, ele escreve.

De alguma forma, é mais assustador saber apenas a área geral do autor. Como se ele fosse imaterial, onisciente. Ela se pergunta como ele descreverá os acontecimentos da noite em Murder Beach. Ele se apresentará como um predador perfeito e infalível? Ele irá encobrir as pequenas vitórias de Emma?

Agora Deek aponta para a esquerda.

Ele está se movendo. Circulando pela casa.

Emma odeia se comunicar assim, mas é a única opção que resta. O assassino também consegue ler um quadro branco. Ele já pode estar escutando.

Ela sente que os motivos do autor mudaram. As apostas aumentaram. O motorista morto da FedEx em breve será dado como desaparecido. H. G. Kane está operando com o relógio correndo e sondando a casa em busca de outro ponto de entrada, decidindo seu próximo ângulo de ataque. Isso significa que agora, enquanto ele está focado em Emma, é a melhor chance de Deek escapar. Assim que ele perceber que há outra testemunha envolvida (se ainda não o fez), ele será forçado a matar novamente.

LEVE SEU JEEP, ela escreve ao vizinho. DIRIJA, PEÇA AJUDA.

Ele já havia garantido que ambos os veículos fossem desativados.

Ela apaga e escreve: CORRE A PÉ.

Emma tinha que saber que um homem desarmado com artrite, de sessenta e poucos anos, não conseguiria fugir de um assassino através de um atoleiro de areia molhada e grama espessa. Para não falar do simples problema geográfico colocado pelo próprio Strand: a cidade e as poucas casas de veraneio que ainda estavam ocupadas no final de dezembro ficavam todas ao sul.

Qualquer rota direta de fuga passaria direto pela casa de Emma, passando pela mira dele.

"Caramba." Ela se esqueceu disso.

Mas . . . também há casas ao norte de Deek. Algumas dezenas mais acima na praia, em direção ao paredão rochoso. Ela sabe que as cabines estão todas desocupadas, sim. Mas ainda assim útil.

Ela apaga — de novo — e escreve: CORRE PARA O NORTE, INVIDA UMA CASA, USE O TELEFONE.

Não é uma opção.

Quando desenterrou as linhas telefônicas do bairro, enterradas ao lado da Wave Drive, não conseguiu dizer qual cabo preto servia para a casa de Emma. Eles não estavam marcados e pareciam se unir de uma forma para a qual sua pesquisa preliminar no Google não o havia preparado. Então ele tomou a decisão de cortar todos eles, cortando de forma limpa a comunicação fixa com todas as residências ao norte—

"Porra." Ela quer jogar seu marcador. Correr em qualquer direção é muito arriscado, e Deek não terá a menor chance se for avistado.

O velho escreveu uma nova mensagem. Ele olha para ela através do abismo com olhos graves.

PRECISAMOS LUTAR COM ELE

"Sim. Eu sei."

Ele sublinha: LUTA COM ELE

"Acordado."

Ele acrescenta: TEM ARMAS?

Sua melhor faca de cozinha desapareceu. Os outros são muito monótonos ou muito frágeis. O que mais? Ela abre gavetas cheias de facas de manteiga, colheres e copos medidores. Nada afiado o suficiente para esfaquear ou sólido o suficiente para balançar. Mas ela tem uma ideia. Do armário de baixo – onde a espada do autor arrancou a porta do armário – ela pega a maior panela de Jules, joga-a na pia e abre a torneira no máximo.

Pela janela da cozinha manchada de sangue, ela examina a escuridão lá fora. Apenas lençóis de chuva e grama açoitada pelo vento.

ESTOU CHEGANDO, escreve Deek. PODE AJUDAR

Não. Ela balança a cabeça. Ela não permitirá que outro espectador morra esta noite. Deek é um homem velho. Ele pode estar um pouco bêbado. Ele não vai aguentar uma luta. E se ele vier, sacrificará a única vantagem deles: a visão telescópica da casa de Emma.

FIQUE AÍ, ela escreve. ME DIGA QUANDO ELE SE MOVE

Deek assente. Relutantemente.

NÃO PERCA ELE DE VISÃO

Ele acena novamente.

Emma tem medo de escrever mais. Ela tem que presumir que cada palavra que escreve também está sendo lida pelo assassino. Ela tem que ter cuidado.

Resignado ao seu papel coadjuvante, Deek responde: VOU AJUDAR NO

"Obrigado."

VAMOS PENSAR EM ALGO

“Amo seu otimismo.”

Dois reclusos, comunicando-se por quadro branco enquanto um assassino circula na grama alta do lado de fora. Sem carros. Sem armas. Sem telefones.

Emma passou semanas imaginando sua própria morte e não a alarma com o fato de que quase certamente morrerá esta noite. Não faz sentido adoçar isso. E as chances de Deek também não são boas. Mas outra vantagem mínima surge em sua mente: o autor pode monitorar suas comunicações, mas não pode atacar Deek sem deixar a casa de Emma desprotegida. E vice versa. Apesar de todo o poder de H. G. Kane, ele só pode estar em um lugar de cada vez.

Supondo que haja apenas um dele.

Isso também.

Enquanto a panela enche sob a torneira da cozinha, Emma desce correndo para o porão. Ela odeia quebrar o olhar de Deek, mas este é um risco necessário. No final da escada, ela encontra o interruptor de luz em sua primeira tentativa e procura armas na caixa de ferramentas de Jules.

Aqui, no porão úmido, ela percebe como se sente tonta. Tonto. Sua mente corre sem tração, como uma sensação desconfortável. Durante semanas ela sobreviveu com novecentas calorias por dia e, mesmo em sua melhor forma, enfrentar um espadachim de cento e cinquenta quilos seria quase impossível. Ela está muito longe de sua melhor forma.

Emma tem um pensamento alarmante.

Ele chega até ela sem ser convidado, rastejando por baixo da porta com pequenas pernas de aranha e sussurrando em seu ouvido. Ela poderia sair, enfrentar seu assassino e acabar com tudo.

Agora mesmo.

Isso seria tão fácil. Mais fácil do que colocar uma mochila pesada e entrar nas ondas, forçando seu corpo a dar cada passo miserável e gelado. Estaria totalmente fora de seu controle. Ela tem medo de quão reconfortante isso soa. Que bom, até.

Mas . . . ela estaria abandonando Laika.

E Deek.

Se eu morrer, eles também morrerão.

Da caixa de ferramentas enferrujada, Emma pega as duas melhores armas que consegue encontrar: uma chave de fenda e um martelo.

Quando ela volta para cima, a panela está transbordando. Ela abre a torneira e a leva — pelo menos um galão espirrando — até o fogão e liga o fogo no máximo. As bobinas brilham em vermelho. Salpicar o assassino com o rosto cheio de água escaldante é uma grande abertura.

Mas levará alguns minutos para ferver. Minutos que ela talvez não tivesse.

Atualização de Deek: o autor mudou novamente.

ENTRADA, ele rabisca. ELE ESTÁ NA VAN

A van FedEx.

Ele acrescenta: FAZENDO ALGO

Outro desconhecido perturbador.

O atraso na entrega foi uma surpresa para ambos os lados. Ela não esperava nenhum pacote esta noite ou esta semana. Ela não pediu nada ultimamente. Ela tem certeza disso. Mas vários dias atrás, apesar de seus protestos, ela se lembra com uma pontada de adrenalina. . . Jules fez.

Cinco estrelas na Amazon, ela mandou uma mensagem alegremente. Baterias incluídas.

Um item para autodefesa de Emma.

Uma arma de choque.

Ele estudou o pacote de um quilo e meio da Amazon endereçado a EMMA CARPENTER sob a luz interna do Ford Transit.

Então ele jogou de lado.

Ele não sabia o que era, nem se importava.

Ele procurou no porta-luvas do veículo, depois no console central e, finalmente, embaixo do banco. Ele tinha que ter certeza de que não havia armas de fogo. Às vezes, ele leu na internet, motoristas de entrega que atendiam áreas rurais portavam armas. Felizmente, Jake Stanford não o fez.

Depois inseriu a chave roubada do Ford, ainda escorregadia com o sangue de Jake, e acelerou o motor com força. Ele mudou para Drive e tirou a van da entrada de cascalho, passando por canteiros de flores e grama áspera. A suspensão bateu e sacudiu enquanto ele parava atrás da garagem e estacionava lá. Escondendo o veículo da vista.

Apenas no caso de mais convidados não planejados aparecerem na garagem.

Lá fora, ela ouve o ronco do motor diminuir.

Uma porta se fecha.

Silêncio.

Ela imagina que ele estacionou a van a menos de quinze metros da casa, logo atrás da garagem. Mas mesmo que ela pudesse correr até o veículo sem levar um tiro, quebrar uma janela e rasgar o pacote, a arma de choque exigiria ser desembalada. Conjunto. Lendo um manual. As baterias podem nem vir pré-carregadas. Todas as coisas que ela não terá tempo de fazer enquanto ele se aproxima dela.

"Merda."

E ela não pode contar isso a Deek – o autor certamente está monitorando seus quadros brancos. Ela não pode se dar ao luxo de alertá-lo sobre isso. Enquanto espera a água ferver no fogão, ela percebe que seu vizinho acena com urgência pedindo sua atenção. Ele escreveu uma nova mensagem.

Alguma coisa mudou.

ESTOU CHEGANDO
TENHO QUE TENTAR FALAR COM ELE

Não. Idéia horrível.

Ela balança a cabeça. “Fique em casa, Deek. Por favor-"

Ele insiste: ELE ME IDOLA, PODE ESCUTAR

Isso interrompe sua respiração.

"O que?"

No telescópio dela, ele ainda escreve: EU O RECONHEÇO

ELE ESCREVEU ESSE LIVRO DE MERDA

Sim. O livro de merda que o próprio Deek recomendou há duas semanas. Como uma piada.

É MINHA CULPA
EU SINTO MUITO

Mas Emma mal registra seu pedido de desculpas. Sua mente está acelerada, lutando para processar essa nova coincidência de cair o queixo.

O assassino não conhece apenas o diácono Cowl; Deek também conhece pessoalmente o assassino, de alguma forma. Ela pode confiar no vizinho? Algo nesta revelação a alarma. Ela não consegue definir o que é.

O velho ainda escreve freneticamente. No silêncio desconfortável, na pausa entre as mensagens, ela se lembra da voz esganiçada de H. G. Kane. Seu desespero silencioso. A raiva crescendo abaixo de suas palavras, fervendo e incandescente.

Pareço uma maldita amadora, Emma?

Deveria ser tudo uma piada. Pessoas morrendo de vontade de ler uma crítica

da Amazon, de estrelas douradas imaginárias na internet. Até a aparência do assassino desafia você a rir. Seu chapéu de feltro. Suas botas e luvas táticas. A visão desagradável de um cara branco, pálido e barbudo, pavoneando-se com uma espada de samurai japonesa em uma bainha autêntica da época.

Até que um homem inocente foi feito em pedaços diante dos olhos de Emma

Até que uma parte do corpo bateu molhada contra a janela da cozinha.

SEU VERDADEIRO NOME É

Deek termina sua mensagem e, quando finalmente se afasta do quadro branco, o nome completo do homem que se reuniu no quarto de Emma aparece uma palavra por vez. A verdadeira identidade de H. G. Kane parece uma maldição escrita.

HOWARD
GROSVENOR
KLINE

da Amazon, de estrelas douradas imaginárias na internet. Até a aparência do assassino desafia você a rir. Seu chapéu de feltro. Suas botas e luvas táticas. A visão desagradável de um cara branco, pálido e barbudo, pavoneando-se com uma espada de samurai japonesa em uma bainha autêntica da época.

Até que um homem inocente foi feito em pedaços diante dos olhos de Emma.

Até que uma parte do corpo bateu molhada contra a janela da cozinha.

SEU VERDADEIRO NOME É

Deek termina sua mensagem e, quando finalmente se afasta do quadro branco, o nome completo do homem que se reuniu no quarto de Emma aparece uma palavra por vez. A verdadeira identidade de H. G. Kane parece uma maldição escrita.

HOWARD
GROSVENOR
KLINE

17

Todo escritor tem um ou dois fãs desequilibrados.

Mas o primeiro encontro do diácono Cowl com Howard Grosvenor Kline – anos atrás – foi perturbador em qualquer padrão. O jovem Howard, como se viu, era um superfã de Silent Screams e estava determinado a solicitar a orientação de seu herói em sua própria carreira de escritor. Quando sua carta de fã perfeitamente normal ficou sem resposta, ele deu o próximo passo perfeitamente normal e apareceu na porta da frente de Deek.

ME PERSEGUIU + MINHAS FILHAS, ele escreve. POR ANOS

Dado o que Emma sabe sobre Howard até agora, isso parece certo. Seu sorriso carente. Sua perpétua vitimização. Seu talento alarmante para encontrar pessoas.

Continuo me enviando livros de merda
ME IMPLORA PARA LER

E . . . aqueles rascunhos que continuavam chegando pelo correio de Deek eram provavelmente os livros vis que precederam Murder Mountain. Como o velho reagirá quando souber a verdade? Os manuscritos amadores que ele ignorava e dos quais zombava — todos retratavam assassinatos reais. Vítimas reais.

Ela não tem certeza se terá coragem de contar a ele.

RECEBI ORDEM DE RESTRIÇÃO, escreve Deek. PENSEI QUE TINHA ACABADO

Se ao menos, ela pensa.

AGORA ELE ESTÁ DE VOLTA, ele escreve. MAIS VELHO
MAIS ESPERTO
MAIS IRRITADO

Ao longe, um estrondo sônico de trovões corre sobre o mar. A tempestade está se aproximando. Isso abala os ossos de Emma, a promessa de coisas ruins no caminho.

E, ele escreve.

AINDA É O PIOR ESCRITOR QUE JÁ LI

Ele sempre foi um escritor talentoso.

Mesmo quando criança, suas habilidades eram indiscutíveis. Propeller Head foi um tour de force, e Semiautomático, apesar de toda a sua angústia adolescente, foi criado com habilidade inegável.

Desde muito jovem, Howard escrevia com urgência. Em seu primeiro ano, ele descobriu que S. E. Hinton escreveu seu célebre romance de 1967, The Outsiders, enquanto ela estava no ensino médio, e isso desencadeou uma corrida contra o tempo em sua mente. Se S. E. Hinton pode ser publicado aos dezenove anos, por que não poderia? E como qualquer aspirante a escritor sabe, é um negócio notoriamente carnívoro. Menos de um por cento dos romances escritos chegam a ser publicados tradicionalmente, e um número ainda menor gera lucro – então ele concluiu que precisava da orientação de um profissional para se destacar em meio a esse campo cruel. Quem melhor do que o autor de seu romance policial verdadeiro favorito?

Suas mensagens ficaram sem resposta. Seu manuscrito entregue não foi lido. Então, numa tarde chuvosa, em Strand Beach, Washington, ele chegou a pé. Ele arrombou a porta dos fundos com sua espada wakizashi e encontrou a casa vazia lá dentro. Ele não sabia que toda a família Cowl estava de férias de cinco dias em Crater Lake e deveria retornar naquela noite.

Então ele esperou.

Ele não se importou.

À medida que o céu escurecia, ele passou horas vasculhando itens pessoais. Estudando fotografias emolduradas de entrevistas com convidados no The Tonight Show e Dateline. Ele folheou as edições suíças e alemãs de Silent Screams. Ele explorou os quartos das crianças. Ele se serviu de duas cervejas da geladeira. Ele brincou com o revólver Smith & Wesson calibre .38 descarregado na parede - um presente oferecido pelo Departamento de Polícia de Fort Worth “com eterna gratidão, em reconhecimento ao papel fundamental do Diácono R. Cowl na apreensão do Stockyard Slayer”.

Seu único erro: deixar a lâmpada da sala acesa enquanto esperava. Essa luz era visível da garagem e resultou em uma ligação para o 911 às 21h31, graças aos olhos penetrantes de Karen Cowl.

Sua prisão foi uma experiência mortificante.

Pego de surpresa e carregando sua espada wakizashi no momento em que a polícia chegou, Howard quase foi morto a tiros por seu policial que o prendeu (sua mãe mais tarde apresentou uma queixa formal sobre isso). As algemas cravaram-se em sua pele. As fotos da reserva foram humilhantes. A cela de tijolos brancos estava abafada. Este, assim como seu quase acidente com os detetives de homicídios devido ao desaparecimento de Laura Birch vários meses depois, seria um momento formativo. Qualquer um pode relembrar sua vida e identificar momentos-chave de correção de curso perdida. Ele seria mais inteligente. Mais silencioso. Mais mortal. Não mais erros. Ele não era um amador.

Ele entrava nas casas como uma sombra à espreita. Ele treinava seus músculos para permanecerem imóveis por horas, sem deixar nenhuma evidência física. Suas vítimas se perguntariam se alguma vez o tinham visto em seu quarto ou se ele era apenas um sonho meio lembrado e um truque do luar. Ele seria visto apenas quando quisesse.

Ele voltaria para Strand, sim.

Mas ele voltaria como uma pessoa totalmente diferente.

Ela escreve: ONDE ELE ESTÁ AGORA?

O medo a atormenta.

Na janela distante, Deek examina seu telescópio para a direita e depois para a esquerda em direção ao oceano. Procurando. Não é um bom sinal. O momento parece durar uma eternidade até que finalmente o velho olha para ela e balança a cabeça.

"Merda."

Ela escreve: ONDE VOCÊ O VIU PELA ÚLTIMA VEZ?

Ele aponta.

A entrada da garagem? Essa é uma informação antiga. Um minuto desatualizado, pelo menos. O autor poderia estar em qualquer lugar agora, rastejando na escuridão.

“Você tinha um emprego, Deek”, ela murmura frustrada.

Ele ainda está procurando freneticamente.

Inclinando-se para seu telescópio, seu equilíbrio oscila visivelmente. Ela deveria ter percebido que ele estava bebendo esta noite. O diácono Cowl tem uma mente brilhante e, como muitos com mentes brilhantes, ele sente a necessidade de matá-la com todas as substâncias que puder encontrar.

“Um maldito trabalho.”

Ela faz um inventário mental da casa. Laika está em segurança no andar de cima, no segundo andar. As duas portas estão bloqueadas, as janelas do primeiro andar estão todas fechadas e a quebrada está bloqueada por um sofá tombado. Nada é impenetrável. Mas se H. G. Kane — não, Howard Grosvenor Kline — entrar por qualquer uma dessas rotas, ela o ouvirá chegando.

Certo?

Ela sente que está esquecendo alguma coisa. Isso a incomoda. Na cozinha, o queimador do fogão faz tiquetaque. A temperatura da água está subindo lentamente.

Sua cabeça dói. "Onde diabos ele está?"

DESCULPE, escreve o velho. Sinto muito, eu o perdi.

Mas Emma não está mais focada nas palavras dele – porque quando Deek se inclina sobre o quadro branco para escrever mais, ele revela uma figura escura parada atrás dele.

Howard saiu da sombra, tomando cuidado para não fazer barulho. O piso mal rangia sob a sola de sua bota tática. Ele gentilmente mudou seu peso para o calcanhar, seus movimentos praticados e deliberados para evitar farfalhar em seu sobretudo.

Ele soltou meio suspiro.

Então, parado na porta, ele ergueu sua katana com as duas mãos enluvadas. O fio da lâmina estava vermelho com o sangue de Jake Stanford. Com uma postura elevada de jōdan-no-kamae, ele mirou seu golpe decapitador.

Emma só pode assistir.

"Não."

À medida que a tempestade se intensifica, ela mal consegue vê-la através do vidro embaçado pela chuva – uma silhueta parada atrás de Deek dentro da entrada aberta. Ela reconhece os ombros largos. A borda de seu chapéu de feltro revelador.

Aquele chapéu horrível.

Deek se inclina novamente para seu telescópio, obscurecendo a porta novamente.

Ela murmura: “Atrás de você”.

O velho apenas olha para ela através de um vidro aguado. Ele não consegue ler os lábios de Emma, mas percebe que algo está errado. Logo por cima do ombro dele, ela vislumbra aquele chapéu de feltro novamente – a sombra humana que apareceu pela primeira vez em seu quarto. Observando com quietude reptiliana.

O truque favorito de Howard.

E — ela agora sabe — uma fraqueza. Ele gosta de passar despercebido e estudar suas presas de perto, talvez para absorver melhor todos os detalhes sensoriais que escreverá mais tarde. Se ele não souber que foi visto, permanecerá imóvel. Assim que sua presença for conhecida, ele atacará.

Pense, ela se incentiva. Pensar.

Em seu quadro branco, Deek desenha um ponto de interrogação impaciente. Ele levanta as duas mãos em irritação. Ele não tem ideia de que seu superfã está na sala com ele, compartilhando oxigênio com ele. Segundos depois de atacá-lo, cortando-o em pedaços como o pobre entregador...

Pensar.

Ela inala uma respiração trêmula. Ela levanta seu marcador.

NÃO SE VOLTE, ela escreve. ELE ESTÁ ATRÁS DE VOCÊ.

Ele ficou escultural com sua katana levantada, exalando silenciosamente pelo nariz. Ele semicerrou os olhos para estudar o quadro branco de Emma, imaginando o que exatamente ela estava rabiscando com tanta urgência para o telescópio do vizinho.

Uma oferta?

Um pedido?

Instruções?

De onde estava, não conseguia ler a caligrafia de Emma.

Deek se inclina na ocular de seu telescópio para ler a mensagem dela.

Silêncio.

Rapidamente, Emma acrescenta: NÃO SE MOVA

OU ELE VAI ATACAR

O silêncio se arrasta enquanto ele lê e depois relê. Cinco segundos. Dez. Ela espera com a respiração ofegante até que finalmente o velho se afasta do telescópio. De alguma forma, através de quatrocentos metros de chuva e escuridão, eles fazem contato visual sério.

Sim. Ele entende.

Através de suas lentes, ela percebe que a mão de Deek está se aproximando de sua mesa. Mantendo seus movimentos sutis, despercebidos pelo assassino atrás dele, ele levanta um pequeno instrumento prateado à vista. Ele brilha perversamente nítido.

Um abridor de cartas.

Não. Emma quer gritar. Não tente lutar com ele.

Ele vai matar você também.

á O velho gira lentamente a ferramenta, dobrada como uma faca de prisão. Ele respira ansioso, com os olhos fixos nela. Ela balança a cabeça, com urgência agora — Fique comigo, Deek, e pensaremos em alguma coisa, qualquer outra coisa — mas ele já está escrevendo uma última palavra.

CORRER

"Não."

Então Deek se levanta (“Não, não, não...”) com seu abridor de cartas no punho cerrado, a lâmina em punho, girando para ficar de frente para a porta atrás dele.

Sim. Ele entende.

Através de suas lentes, ela percebe que a mão de Deek está se aproximando de sua mesa. Mantendo seus movimentos sutis, despercebidos pelo assassino atrás dele, ele levanta um pequeno instrumento prateado à vista. Ele brilha perversamente nítido.

Um abridor de cartas.

Não. Emma quer gritar. Não tente lutar com ele.

Ele vai matar você também.

O velho gira lentamente a ferramenta, dobrada como uma faca de prisão. Ele respira ansioso, com os olhos fixos nela. Ela balança a cabeça, com urgência agora — Fique comigo, Deek, e pensaremos em alguma coisa, qualquer outra coisa — mas ele já está escrevendo uma última palavra.

CORRER

"Não."

Então Deek se levanta (“Não, não, não...”) com seu abridor de cartas no punho cerrado, a lâmina em punho, girando para ficar de frente para a porta atrás dele.

18

Deek aperta um interruptor de luz. Sua sala de estar distante brilha com iluminação e Emma agora pode ver a figura em pé com clareza.

Apenas um casaco no cabide.

E um chapéu preto.

Como a pele descartada de um réptil, esta silhueta é apenas a forma murcha de Howard Grosvenor Kline preso na parede de um armário. Ele não está parado na porta escura atrás do vizinho dela. Ele nunca foi.

Deek olha para suas próprias roupas penduradas. Então de volta para ela.

Que diabos, Ema?

Ela engasga com uma risada amarga e solta um suspiro preso. Ela se odeia por literalmente pular nas sombras. Seu vizinho está seguro. Por agora.

Deek também vasculha sua cozinha. Depois, seu quarto. Ainda segurando aquele pequeno abridor de cartas para se defender. Acendendo mais luzes, mais, até que todas as janelas desordenadas estejam acesas. O velho bêbado está paranóico agora, verificando cada centímetro quadrado de sua casa.

Então uma nova brisa faz cócegas na pele exposta de Emma, e ela sente um cheiro próximo. Na sala com ela. Esperando silenciosamente atrás dela.

Orvalho do Monte.

Cheiro corporal.

E, pungente e inconfundível: manteiga.

Ele agarrou o cabelo de Emma com um punhado enluvado.

Então ele puxou a cabeça dela bruscamente para trás – ela gritou com um terror rouco e animal – e com a outra mão ele levantou a lâmina até a garganta dela.

19

Ela se solta.

Duro.

Seu couro cabeludo rasga. Ela ouve isso antes que a dor lancinante chegue — um estalo nauseante, como um tapete pregado se soltando — e ela empurra seu corpo para frente, fora do alcance dele. Seu dedo prende o medalhão de prata esterlina de Shawn. A corrente se rompe.

Ao longe, Deek observa, gritando e batendo na janela.

Ela bate no chão. Uma mão enluvada agarra seu tornozelo, apertando os dedos como salsichas, mas ela chuta e se afasta dele, derrubando o telescópio do tripé com um estrondo oscilante. A lente quebra. Suas costas batem contra a janela. Preso por vidro.

O imponente boneco Chucky avança, seus olhos de porquinho fixos nela, ainda carregando um coque de cabelo. Com a mão direita, ele sacode sua katana. A lâmina de um metro de comprimento chicoteia como uma cobra, rápida demais para ser vista, lançando um fino jato de sangue no chão a seus pés.

Em uma defesa desesperada, ela levanta sua própria arma.

Um martelo.

Então uma supernova de luz. Tão ofuscantes quanto as luzes de um palco de concerto, enchendo a sala com mil watts de um vívido verde-floresta. O som chega, tão agudo quanto fogo de artilharia. Contra o cóccix, ela pode sentir o vidro vibrar em sua moldura.

O Assassino para no meio do golpe. Ele está assustado, desequilibrado. Olhando pela janela por cima do ombro, em direção à claridade repentina e dramática.

Ele está confuso.

Emma não é.

Ela sabe exatamente o que é.

Uma segunda explosão estelar explode sobre a casa de Deek: laranja ardente Ele perfura o céu noturno, desenhando hectares de grama das dunas com

detalhes perfeitos enquanto as cinzas escaldantes caem de volta à terra com a chuva. Fogos de artifício, a última distração de seu vizinho.

É o suficiente.

Obrigado, Deek...

Howard Grosvenor Kline se recupera rapidamente e ataca novamente, mas ela já aproveitou o momento e se afastou, com a lâmina dele meio segundo atrás dela. Ela está correndo para a cozinha.

Obrigado, obrigado, obrigado-

Fogos de artifício floresceram do lado de fora enquanto ele a perseguia em direção à cozinha. Uma explosão estrondosa após a outra, um caleidoscópio de sombras velozes.

Mesmo na adrenalina do momento, ele reconheceu a inteligência de Emma em uma fração de segundo. Ela sabia que correr mais para a porta da frente barricada seria um erro fatal; que mover a mesa e destravar a trava custaria um tempo que ela não tinha. Suas opções eram restritas. Em vez disso, ela derrapou na beirada da cozinha, girando com força, e disparou escada abaixo até o porão. Ele a seguiu até uma boca de escuridão pegajosa, embora sem muita pressa. Não havia outra saída do porão.

Ela se encurralou.

As escadas estavam apodrecidas e encharcadas. No final da escada, ele sabia exatamente onde se abaixar para evitar bater a cabeça no cano baixo de cobre. Esse imprudente andar térreo tinha quase quinhentos metros quadrados, mas estava cheio de caixas de papelão caídas e gerações de móveis mumificados em filme plástico. Relíquias comidas por traças embrulhadas em sacos. As paredes da fundação pareciam suar água odorífera, pingando no chão de cimento mofado.

Aqui embaixo estava escuro como breu. Impossível ver. Ele sabia que sua presa poderia estar escondida em qualquer lugar naquele espaço enjoativo e úmido.

E . . . ele sabia que o porão tinha um interruptor de luz na parede imediatamente à sua esquerda. A meio metro de distância. Altura da cintura. Ele não precisava tatear; sua localização já estava gravada em sua memória muscular quando ele estendeu a mão com confiança.

Emma balança o martelo com toda a força.

Mesmo na escuridão total, ela se lembra exatamente onde está o interruptor da luz. O que significa que ela sabe exatamente onde ele deve estar. E, o mais importante: exatamente onde ele deve colocar a mão para virá-la.

Ataque direto.

Ela jura que pode sentir os ossos dos dedos enluvados dele estalando como gravetos secos. As luzes do porão piscam como um raio. Ele grita com os dentes cerrados, um grito de menina.

Quase não doeu.

Ele não gritou nem grunhiu. Howard sempre foi um lutador de combate corpo a corpo musculoso e capaz, com uma tolerância excepcional à dor. Mesmo enquanto estava emboscado no porão, ele já estava contra-atacando suavemente. Ela atingiu a mão direita dele, sim, mas com um custo fatal – ela se esqueceu completamente da mão esquerda. Nele, ele balançou sua katana.

Diretamente no rosto de Emma.

A espada para a centímetros de sua bochecha. Seu tímpano vibra com impacto. A lâmina de aço vibra, alojada pelo menos dois centímetros na coluna de sustentação da casa ao lado dela.

Parece sorte.

Não é.

Emma não fugiu para este porão aterrorizada. Ela escolheu este porão. Bem aqui, neste espaço apertado onde a espada de Howard tem pouco espaço para um golpe ininterrupto. Ela sabe que não terá chance em uma luta direta – ele é maior, mais forte e está armado. Então ela o atraiu para um cenário onde ela tem vantagem, onde pode atacar nas sombras. Bata e corra.

Howard uiva em agonia, os ossos da mão direita, esperançosamente, quebrados. Sua mão boa deixa o punho da espada – ainda profundamente cravada na coluna de suporte – e tira a pistola preta do casaco.

Mas ela já quebrou o contato e está subindo correndo.

Ataque.

Esconder.

Repita.

Ela ouve o grito ferido dele subindo a escada escura atrás dela. Ele está lento

Humilhado. Enfurecido. Tudo aconteceu em segundos. Ele sabe que perdeu esta rodada apesar de todas as vantagens, e Emma já está lá em cima, preparando sua próxima emboscada.

Com a mão esquerda ilesa, ele torceu a katana para fora do poste. A borda de aço se soltou. Ao longo de anos de treinamento em casa, ele praticou vários golpes mortais usando sua mão não dominante. Agora ele aproveitaria essas habilidades.

Com os dentes cerrados, ele tirou a luva de látex Ninja da mão direita. Seus dedos já estavam começando a inchar. Um exame médico posterior determinaria que a falange proximal do dedo médio estava fraturada, bem como dois metacarpos. Apesar da excepcional tolerância à dor de Howard, foi indiscutivelmente um sucesso e tanto. Talvez dê a Emma Carpenter alguma satisfação póstuma saber que, apesar de sua morte, seu golpe de martelo naquele porão escuro como breu não poderia ter sido mais verdadeiro.

No andar de cima, a batalha continuaria.

A sala de estar.

É onde ela o atacará em seguida.

O topo da escada é muito óbvio. A cozinha, com a água ainda quente no fogão, será o seu segundo foco. No momento em que ele revistar essas duas áreas, ele começará a se preocupar que ela já esteja lá fora e correndo para a casa de Deek em busca de ajuda. No caminho para a sala, ele se concentrará nas janelas. Ele estará vulnerável a um ataque deste canto cego.

Está perfeito.

Emma fica encostada na parede, controlando a respiração. Em suas mãos agora: a chave de fenda enferrujada de Jules. Quando Howard virar a esquina, ela dará uma facada penetrante no rosto e terminará a noite para sempre.

Ela pensa em Prelaw. E psicologia.

Quaisquer que sejam seus nomes verdadeiros. É uma ilusão, mas ela espera que em algum lugar as duas mulheres estejam olhando para ela e sorrindo. Que talvez, de alguma forma, todas as vítimas anteriores de Howard estejam torcendo por ela esta noite, comemorando suas vitórias, lamentando suas derrotas. Ela deve ser a primeira vítima a quebrar um dos ossos dele, pelo menos. Pior cenário: ela fará de Murder Beach um romance incrível de H. G. Kane. Na

melhor das hipóteses: ele nunca viverá para escrevê-lo.

Vamos ver se você consegue fazer melhor, ele rosnou para ela através da porta.

De fato.

Vamos.

Outro estrondo de artilharia vindo da casa de Deek – o velho deve estar destruindo furiosamente todo o seu estoque, um após o outro. Qualquer coisa que interferisse na caçada do assassino, que confundisse seus sentidos, que desse a Emma uma chance de lutar. A sala se enche de luz – azul marinho agora. Sombras vertiginosas percorrem o chão e sobem pelas paredes. Tudo parece um sonho febril.

Seu coração bate forte. Suas bochechas estão coradas.

Parada em silêncio, ela pensa em sair correndo e ir até a casa de Deek — talvez ela tenha ganhado vantagem suficiente —, mas então ouve botas molhadas no piso. Ele já saiu do porão. Logo ele estará perto o suficiente para cheirar novamente.

Outro estroboscópio de luz roxa caindo. Então escuridão novamente. Ela ouve o barulho das botas do autor pela cozinha até a sala de jantar. Ele está a poucos passos de distância. Ao virar da esquina. Ela levanta a chave de fenda de ponta chata. Ela sabe que precisará esfaquear com força. Com a outra palma apoiada atrás dela.

Quatrocentos metros ao norte, Deek detona outro fogo de artifício.

Sangue vermelho.

Em um estroboscópio de luz arterial, ela pode ver a sombra negra de Howard traçando a madeira a seus pés. É surpreendentemente claro. Ela pode ver que ele está andando com cautela, carregando a pistola com a mão esquerda. Isso é bom. Ela aleijou sua mão dominante. Sua precisão será diminuída.

Ela prende a respiração.

Você consegue fazer isso, Shawn sussurra em seu ouvido.

Predador e presa estão separados apenas por um canto cego agora. Ela ouve um clique de metal, alarmantemente próximo. É o martelo de uma pistola armada. Chega de brincar com espadas. Ele matou um espectador, está ferido e está desesperado. Ela o desafiou, tudo bem.

Ela aperta ainda mais a chave de fenda.

Não tenha medo. Você pode fazer isso, Em.

Como pintar uma montanha de gesso. Confie nos seus instintos.

Eu sei que você pode.

Mas como sempre, a realidade é mais complicada. O modelo de ferrovia desapareceu lentamente de suas vidas à medida que a luta mensal para

engravidar tomava conta de suas noites e discussões. Ela não consegue se lembrar da última vez que viu Shawn comandando seus trens. Aos poucos, pequenas peças quebraram e nunca mais foram coladas. Quando o encanamento do banheiro do segundo andar estourou em abril passado, os trilhos enferrujaram e a montanha que ela ajudou a construir desabou devido aos danos causados pela água. Nenhum deles ousou examinar o número total de vítimas. É mais fácil não olhar.

As últimas brasas vermelhas queimam.

A casa afunda na escuridão. Mas ela consegue ouvir as botas do autor aproximando-se nas tábuas quebradiças do piso. Ela espera pelo próximo flash de cor. Esse será o momento. Ela terá uma chance de acertar seu rosto. Ela não pode errar.

Você não vai, o marido dela diz a ela.

A sala fica em silêncio.

Apenas escuridão.

Deek deve finalmente estar sem fogos de artifício. Isso significa que ela terá que atacar Howard no escuro. Isto é bom. Não é o ideal, mas tudo bem. Agora ele dá o último passo até a beira da curva e para.

Vejo você de novo, sussurra Shawn. Encontro você lá.

Combinado, ela jura.

É silencioso, mas ainda assim surpreendente, quando a forma negra de Howard Grosvenor Kline aparece ao virar da esquina. A centímetros de distância. Procurando pela ampla sala de estar, examinando poças de sombra em busca de sua presa. O que quer que ele espere ver, com certeza não é isso.

Ela enfia a chave de fenda direto no rosto dele.

“Isso é para Prelaw e Psych, idiota.”

engravidar tomava conta de suas noites e discussões. Ela não consegue se lembrar da última vez que viu Shawn comandando seus trens. Aos poucos, pequenas peças quebraram e nunca mais foram coladas. Quando o encanamento do banheiro do segundo andar estourou em abril passado, os trilhos enferrujaram e a montanha que ela ajudou a construir desabou devido aos danos causados pela água. Nenhum deles ousou examinar o número total de vítimas. É mais fácil não olhar.

As últimas brasas vermelhas queimam.

A casa afunda na escuridão. Mas ela consegue ouvir as botas do autor aproximando-se nas tábuas quebradiças do piso. Ela espera pelo próximo flash de cor. Esse será o momento. Ela terá uma chance de acertar seu rosto. Ela não pode errar.

Você não vai, o marido dela diz a ela.

A sala fica em silêncio.

Apenas escuridão.

Deek deve finalmente estar sem fogos de artifício. Isso significa que ela terá que atacar Howard no escuro. Isto é bom. Não é o ideal, mas tudo bem. Agora ele dá o último passo até a beira da curva e para.

Vejo você de novo, sussurra Shawn. Encontro você lá.

Combinado, ela jura.

É silencioso, mas ainda assim surpreendente, quando a forma negra de Howard Grosvenor Kline aparece ao virar da esquina. A centímetros de distância. Procurando pela ampla sala de estar, examinando poças de sombra em busca de sua presa. O que quer que ele espere ver, com certeza não é isso.

Ela enfia a chave de fenda direto no rosto dele.

“Isso é para Prelaw e Psych, idiota.”

20

Sua chave de fenda mergulha na carne flexível. Ele grita, um gemido ofegante. Sua pistola cai no chão e cai.

No céu noturno, um flash final. Afinal, houve um último fogo de artifício. Este queima branco. Impiedoso. Um flash nuclear. No forte incêndio, ela está olhando para olhos surpresos, vasos sanguíneos semelhantes a videiras, a centímetros dos seus. A chave de fenda arrancou sua mandíbula e desceu, cravando-se profundamente na carne macia logo abaixo de sua garganta. Através dos dedos, ela pode sentir o batimento cardíaco dele. Seus olhos suavizam em algo parecido com tristeza.

Ele gorgoleja. Ela sente a voz dele vibrar a chave de fenda.

Ema?

Ela sussurra de volta, não reconhecendo sua própria voz mortificada.

“Deek.”

20

Sua chave de fenda mergulha na carne flexível. Ele grita, um gemido ofegante. Sua pistola cai no chão e cai.

No céu noturno, um flash final. Afinal, houve um último fogo de artifício. Este queima branco. Impiedoso. Um flash nuclear. No forte incêndio, ela está olhando para olhos surpresos, vasos sanguíneos semelhantes a videiras, a centímetros dos seus. A chave de fenda arrancou sua mandíbula e desceu, cravando-se profundamente na carne macia logo abaixo de sua garganta. Através dos dedos, ela pode sentir o batimento cardíaco dele. Seus olhos suavizam em algo parecido com tristeza.

Ele gorgoleja. Ela sente a voz dele vibrar a chave de fenda.

Ema?

Ela sussurra de volta, não reconhecendo sua própria voz mortificada.

“Deek.”

Parte TRÊS

As críticas negativas me incomodam?

Absolutamente não!

Na Amazon e no Goodreads, tenho minha cota de resenhas de uma, duas e três estrelas, como qualque autor consagrado. A crítica está toda nos olhos de quem vê. E – pode ser impopular dizer isso, mas vo dizer: nem todo mundo é inteligente o suficiente para avaliar o valor de um livro.

Até mesmo Deacon Cowl - autor de uma das minhas favoritas, a verdadeira saga best-seller Siler Screams - tem críticos. Às vezes, quando me sinto desanimado, entro na Internet e leio suas crítica negativas. Ele foi chamado de “insípido”, “explorador”, “insensivelmente desrespeitoso com as vítimas d Stockyard Slayer”, e uma de minhas passagens favoritas, cortesia do New York Times: “Apesar de todo seu estilo, Silent Screams é repleto de detalhes sinistros e sem pequena quantidade de especulação na ment de um homem incognoscível, em última análise, escrito mais como um thriller comercial incomumente ber pesquisado e de prateleira intermediária do que como um relato verdadeiro de qualquer coisa.

Isso me ajuda a ficar com os pés no chão.

Porque nem mesmo o grande Diácono Cowl é invencível.

—H. G. Kane, “Como responder graciosamente às críticas”, 2019, hgkaneofficial.com

Parte TRÊS

As críticas negativas me incomodam?

Absolutamente não!

Na Amazon e no Goodreads, tenho minha cota de resenhas de uma, duas e três estrelas, como qualquer autor consagrado. A crítica está toda nos olhos de quem vê. E – pode ser impopular dizer isso, mas vou dizer: nem todo mundo é inteligente o suficiente para avaliar o valor de um livro.

Até mesmo Deacon Cowl - autor de uma das minhas favoritas, a verdadeira saga best-seller Silent Screams - tem críticos. Às vezes, quando me sinto desanimado, entro na Internet e leio suas críticas negativas. Ele foi chamado de “insípido”, “explorador”, “insensivelmente desrespeitoso com as vítimas do Stockyard Slayer”, e uma de minhas passagens favoritas, cortesia do New York Times: “Apesar de todo o seu estilo, Silent Screams é repleto de detalhes sinistros e sem pequena quantidade de especulação na mente de um homem incognoscível, em última análise, escrito mais como um thriller comercial incomumente bem pesquisado e de prateleira intermediária do que como um relato verdadeiro de qualquer coisa.

Isso me ajuda a ficar com os pés no chão.

Porque nem mesmo o grande Diácono Cowl é invencível.

—H. G. Kane, “Como responder graciosamente às críticas”, 2019, hgkaneofficial.com

21

Você vai matar alguém, Shawn diz a ela.

Está bem.

Estou falando sério, Em.

Teria sido mais simples voar, mas o aeroporto de Salt Lake City está lotado durante o feriado. Ela nem queria ir a esse maldito churrasco. Ela ama Shawn, mas a família dele em Denver sempre a deixou exausta.

Olhos na estrada. A voz de seu marido se irrita. Ele aponta para o telefone dela no joelho enquanto ela dirige. Você está dirigindo. Deixe-me navegar.

Ela está bem. Ela sempre preferiu navegar sozinha e, no momento, nem o Waze de Emma nem o Apple Maps de Shawn têm vantagem. Seis horas na Interstate 80 tornam-se sete na Highway 40 e depois voltam. Até os satélites estão confusos. A rodovia está bloqueada por quilômetros de carros cheios de barracas, refrigeradores e crianças discutindo. A onda de calor é sufocante, a fumaça do incêndio florestal de Yellowstone engrossa o ar.

Concentre-se na estrada.

Ela é.

Há um acidente em algum lugar bloqueando as duas faixas da direita. Ela ainda está viajando a setenta, mas o trânsito ao lado deles está engarrafado. Metal, vidro e espelhos laterais passam rapidamente em raios de luz solar refletida. Ela ignora o som das buzinas, o gosto amargo da fogueira e do escapamento, a enxaqueca atormentando seus pensamentos.

Seu aplicativo toca novamente. Manter o curso? Ou redirecionar para a Rodovia 40?

Fique na interestadual, ele diz. Ainda é mais rápido.

Não é que os pais de Shawn não gostem de Emma. Mas como arquiteto e advogado, respectivamente, vivendo numa casa que deve ser visível do espaço, eles também têm plena consciência de que Emma se formou em física teórica e leciona matemática no ensino fundamental. Eles sempre perguntam a ela sobre o trabalho – as mesmas perguntas imateriais sobre alunos e métodos de ensino,

com seus sorrisos grandes demais – mas algum dia um deles tomará uma taça de vinho perfeitamente envelhecido a mais e fará a verdadeira pergunta: qual é o seu verdadeiro plano? Porque esse salário do estado não pode ser isso. Certamente o filho deles não se casou apenas com uma professora.

Eles gostam de você, Shawn sempre tenta tranquilizá-la. Eles só queriam que você falasse mais.

Ela sabe que ele está mentindo.

Eu gostaria que você se envolvesse com minha família.

Ela tenta.

Eu gostaria que você se esforçasse mais.

Ela sabe que deveria. Mas a parte egoísta dela teme todas as viagens de férias. Seria mais fácil se a família dele fosse idiota, mas não é. Eles simplesmente têm vidas dolorosamente maravilhosas. Os dois irmãos de Shawn também são versões mais ousadas e ousadas de si mesmo, e cada um sempre traz uma versão mais deslumbrante de Emma no braço. Um ano, era uma atriz de verdade com sua própria série Netflix. Sempre que os ricos descobrem que você é professor, eles suspiram o mesmo suspiro precioso, como se você tivesse acabado de contar que seu cachorro morreu.

E Shawn não percebe isso, mas ela não está prestando atenção no mapa de seu telefone. É o aplicativo de e-mail do Outlook que ela monitora secretamente. Cada vez que a voz mecânica da Siri é redirecionada, é uma desculpa para acessar o e-mail e verificar novamente.

Em, por favor, pare de olhar para o seu telefone.

Porque se sua colega de trabalho Crystal responder que não pode cobrir o plano de aula de Emma na próxima sexta-feira (o que ela tem oitenta por cento de certeza que não pode), eles não terão escolha a não ser encurtar uma exaustiva visita de seis dias em Denver com a família de Shawn para um mais três sobreviventes. Seu ás na manga.

Emma desliza para atualizar novamente.

Aí está,

Um novo e-mail de Crystal.

Começa com: Ei, Emma, acho que posso

Em—

A voz do marido aumenta de pânico.

Quando ela olha para cima, um caminhão de dezoito rodas desviou da pista parada diretamente para a dela, a porta traseira rebitada do semi-reboque aproximando-se a setenta.

"Desculpe."

Deek pisca. Ela não tem certeza se ele pode ouvir.

"Oh meu Deus. Eu sinto muito."

Ela solta a chave de fenda. Parece pairar ali, empalado logo abaixo da garganta. Os olhos dela ficam turvos com lágrimas, presos aos dele, enquanto o diácono Cowl dá um passo cambaleante para trás e bate em uma parede. Uma fotografia emoldurada cai e quebra.

“Deek, eu não sabia que era você...”

Ele cai na parede. Ela tenta mantê-lo em pé, mas perde o equilíbrio e cai com ele, machucando os joelhos na madeira. Ele procura cegamente a chave de fenda, apertando o cabo com os dedos...

"Não." Ela luta com ele. “Não, não retire-”

Tarde demais. Uma onda de sangue fresco escorre pela capa de chuva meio fechada de Deek e Emma bate a palma da mão na garganta dele. Um líquido quente jorra entre seus dedos. Ela pode sentir a vida vazando dele, e ela fez isso. Não Howard. Não há mais ninguém para culpar.

Isto é minha culpa.

Como naquele dia quente de julho. Chegando aos setenta anos com o telefone no joelho.

Oh Deus, eu fiz isso—

"Pressão. Mantenha pressão sobre isso. Ela guia a mão dele até a clavícula. Seus dedos estão fracos. Está escuro demais para ver o ferimento – ela cortou a carótida dele? Sua traqueia? Ele consegue respirar?

O peso cai sobre ela, tirando o ar de seus pulmões. Ela cometeu um erro terrível e irreversível. Deek entrou em casa para ajudá-la.

Isto é homicídio culposo.

Ele é menor do que parecia no telescópio dela. Pequeno demais para a cabeça de George Clooney. Ele é um homenzinho compacto, quase como um duende, diminuído pelas mangas da capa de chuva. Dolorosamente frágil. A mente brilhante que adivinhou as palavras do Carrasco com uma precisão incrível, que em uma vida passada ajudou a polícia do Texas a capturar o Assassino do Stockyard, agora está sangrando, morrendo, em seus braços.

Ela tira o moletom e o pressiona contra o peito dele. Não esta bom o suficiente. Ela vasculha as gavetas de uma mesa próxima. Canetas. Tesoura. Selos. E chacoalhando dentro da gaveta de cima, a melhor coisa que ela consegue encontrar: um rolo de fita adesiva transparente.

Ela agarra.

"Desculpe. Isto vai doer."

Deek desenrola as mãos, dando espaço a Emma para aplicar a fita em carretéis estalantes. Com os dedos ensanguentados, ele aponta furiosamente para a sala. Por cima do ombro, no relógio do avô. Ele está lutando para falar, pronunciando uma sílaba, densa: Corra.

Do outro lado da casa, a porta do porão se abre.

Howard está chegando.

Ela ignora tudo e arranca outro pedaço de fita transparente. O plástico brilhante retém bolhas de ar contra o sangue e a pele. Deek ainda está apontando
1 com urgência, ofegante.

Correr.

Correr.

Corra, seus olhos desbotados imploram. Deixe-me para trás e corra.

Ela não pode. Ela não vai. E já é tarde demais, porque ela ouve botas de combate entrando na sala atrás dela. Howard Grosvenor Kline está aqui.

Não importa. Nada importa.

Emma deseja estar debaixo d'água. Agora mesmo. Na escuridão gelada, os pulmões inchados com a água do mar e a mochila Osprey segurando seus ombros com o peso de todos os seus erros. Ela sempre esteve destinada a isso. Assim como sua mãe, a autodestruição está em seu sangue. Apenas Emma se afogará na água do mar em vez de vinho de caixa.

Ela deseja que tudo simplesmente acabe, que essa sensação insuportável acabe, que a imensa dor desapareça. Ela daria qualquer coisa para que a dor desaparecesse.

Ela fecha os olhos. "Sinto muito", ela sussurra. "Eu sinto muito."

Para Deek.

Para Shawn.

Para todos.

Deek desenrola as mãos, dando espaço a Emma para aplicar a fita em carretéis estalantes. Com os dedos ensanguentados, ele aponta furiosamente para a sala. Por cima do ombro, no relógio do avô. Ele está lutando para falar, pronunciando uma sílaba, densa: Corra.

Do outro lado da casa, a porta do porão se abre.

Howard está chegando.

Ela ignora tudo e arranca outro pedaço de fita transparente. O plástico brilhante retém bolhas de ar contra o sangue e a pele. Deek ainda está apontando com urgência, ofegante.

Correr.

Correr.

Corra, seus olhos desbotados imploram. Deixe-me para trás e corra.

Ela não pode. Ela não vai. E já é tarde demais, porque ela ouve botas de combate entrando na sala atrás dela. Howard Grosvenor Kline está aqui.

Não importa. Nada importa.

Emma deseja estar debaixo d'água. Agora mesmo. Na escuridão gelada, os pulmões inchados com a água do mar e a mochila Osprey segurando seus ombros com o peso de todos os seus erros. Ela sempre esteve destinada a isso. Assim como sua mãe, a autodestruição está em seu sangue. Apenas Emma se afogará na água do mar em vez de vinho de caixa.

Ela deseja que tudo simplesmente acabe, que essa sensação insuportável acabe, que a imensa dor desapareça. Ela daria qualquer coisa para que a dor desaparecesse.

Ela fecha os olhos. "Sinto muito", ela sussurra. "Eu sinto muito."

Para Deek.

Para Shawn.

Para todos.

22

Até aquele momento, Howard Grosvenor Kline mantivera um controle extraordinário sobre os acontecimentos da noite. Todos os veículos foram desativados. Todos os meios de comunicação foram cortados. Todas as testemunhas foram violentamente despachadas. Seu impasse com Emma Carpenter - apesar de alguns acontecimentos inesperados - foi perfeitamente contido naquela praia isolada.

Até agora.

É aqui que Murder Beach vai além da imaginação de seu criador; o ponto de viragem em que a situação ultrapassou até mesmo o controle de Howard.

Às 22h08, dois policiais de Strand Beach chegaram ao endereço de Emma. O cabo Eric Grayson (um veterano de trinta anos) confirmou a chegada com despacho enquanto o oficial Greg Hall (um novo contratado em período de estágio) saiu primeiro do veículo e examinou a escuridão. Enquanto seguiam pela entrada, os policiais provavelmente passaram a vinte metros do corpo de Jake Stanford escondido na grama. As fortes chuvas foram uma bênção; já havia lavado qualquer sangue perceptível do cascalho a seus pés.

Na abordagem, os policiais não notaram nada suspeito.

O cabo Grayson subiu na varanda e tentou apertar a campainha primeiro – descobrindo que ela estava intacta, mas curiosamente não funcionava – então bateu na porta com o nó do dedo.

"Polícia."

A voz ecoa pela casa escura.

Emma abre a boca para gritar, mas um círculo de metal fica preso na base de seu crânio e gira com força, forçando-a a cair de bruços. Ela já sabe exatamente o que é. Agarrando seu ferimento gravado, Deek observa com terror e olhos

arregalados.

Todos os três permanecem em silêncio.

A voz do segundo policial, mais jovem: “Emma? Está tudo bem?"

O cano da arma de Howard pressiona um anel doloroso em sua pele, seu dedo talvez a meia onça do gatilho de acabar com sua vida. O ar fica pressurizado com sons crescentes – o barulho das ondas da tempestade, o barulho da chuva, o silvo constante da panela de água esquecida de Emma no quarto ao lado, agora começando a ferver.

Os policiais tentam novamente. “Emma?”

Deek leva um dedo ensanguentado aos lábios: Shh.

Ela balança a cabeça afirmativamente – lentamente, com uma arma apontada para a cabeça – mas sabe que o impasse é mais complexo do que isso. A ameaça é mútua e afeta os dois lados.

Ela não consegue falar – ou Howard atirará.

Howard não pode atirar – ou a polícia ouvirá.

Ninguém está no controle.

“Último aviso”, grita a voz mais velha.

A maçaneta chacoalha – eles estão testando a fechadura – e então passos andam na varanda do lado de fora. Com as palavras presas na garganta, ela percebe que os policiais estão se posicionando para arrombar a porta. Agora mesmo. Eles estão vindo.

Finalmente o assassino fala. Ele sussurra atrás da orelha dela, arrepiando os cabelos de sua nuca: “Emma, atenda a porta”.

A princípio ela pensa que o ouviu mal.

“Diga a eles. . .” Ele libera a arma do crânio dela, dando-lhe espaço para se levantar. Ela espera que ele se demita para se entregar, que ele escreva o livro desta noite em uma cela de prisão e que Murder Beach seja o primeiro conto de H. G. Kane em que as vítimas pretendidas sobrevivem...

Então sua voz endurece.

“Estarei ouvindo cada palavra que você disser. Você dirá aos policiais que está tudo bem aqui esta noite, que você está sozinho e os fará ir embora. Howard aperta o martelo da pistola – um golpe de metal faminto – e enfia o cano na testa de Deek.

O velho ferido estremece, rangendo os dentes ensanguentados.

“Ou eu termino o que você começou.”

23

Ela abre a porta da frente exatamente até a metade.

Ela se apoia no batente da porta de um jeito que espera parecer casual. Ela tenta não pensar demais em suas palavras.

Olá? Não.

Boa noite? Não.

Qual é o problema, oficiais? De jeito nenhum.

Eles deviam estar a segundos de arrombar a porta. Os dois policiais recuam, dando espaço a ela – um velho, um jovem. O telhado da varanda é estreito o suficiente para amontoar os homens desconfortavelmente perto. O mais velho fala: “Emma Carpenter, certo?”

Ela assente.

"Está tudo bem?"

Não há tempo para autoeditar. Agora não.

"Sim." Ela esconde as mãos molhadas atrás do batente da porta. Ao passar pela cozinha, ela enxaguou apressadamente o sangue de Deek, mas sabe que ainda está visível sob suas unhas.

“Algum sinal daquele estranho?”

"Não."

“Tem mais alguém dentro de casa?”

"Não." Os faróis estão cegando, iluminando-a na porta entreaberta como se ela estivesse no palco. A nuca dela ainda dói por causa do cano da arma de Howard.

"Você tem certeza de que está sozinho?" Old Cop tem um brilho brincalhão nos olhos. Ele olha para dentro, por cima do ombro dela. “Pensei ter ouvido uma voz masculina.”

Merda, ela pensa.

Na sala ao lado, ela sabe que Howard Grosvenor Kline está ouvindo cada palavra em um silêncio com as palmas das mãos suadas e uma arma apontada para a testa de Deek. Seu dedo apertado no gatilho. Seu refém sangrando

lentamente até a morte – ah, Deus, ela espera que sua fita de correspondência aguente.

Ela pensa rápido. “A TV está ligada.”

“Eu não ouço.”

“Eu silenciei.”

A casa de Jules não tem televisão, mas esses policiais não podem saber disso Para preencher a pausa desconfortável, ela sorri.

Na cozinha, ela ouve um barulho borbulhante. A água está fervendo completamente.

Finalmente, o Velho Policial olha para o Jovem Policial. Ele suspira, segura o rádio e murmura alguma coisa — jargão policial misturado com números — e depois olha para Emma. “Desculpe incomodá-lo tão tarde. Estamos aqui para uma verificação de bem-estar.

Impossível. Deek tentou ligar para o 911, sim, mas seu telefone também foi cortado.

Certo?

E . . . afinal, por que o velho correu até aqui para enfrentar Howard desarmado? Isso foi imprudente. Quase suicida. Não faz sentido. Ele não poderia ter planejado confrontar seu fã perturbado apenas com palavras. Uma pessoa já morreu esta noite.

Então ela se lembra de como Deek apontou para o outro lado da sala com um dedo ensanguentado. Soltando uma palavra desesperada e sufocada enquanto o assassino se aproximava, repetidamente, com a boca cheia de sangue e lágrimas nos olhos esbugalhados.

Ele não estava dizendo para correr.

Ela tem certeza disso. Um milhão por cento. Porque minutos antes, enquanto ela se escondia contra a parede com uma chave de fenda nos nós dos dedos sob luzes estroboscópicas de cores selvagens, ela ouviu um martelo sendo armado. E ela ouviu uma arma caída atingir a madeira no instante em que ela atacou, um objeto de metal deslizando pelo chão escuro em direção ao relógio de pêndulo, exatamente para onde ele apontara com tanta urgência.

Afinal, o diácono Cowl veio preparado.

Ele estava dizendo arma.

Ela ficou em silêncio por muito tempo.

Os policiais estão desconfiados.

Ela tenta não pensar na arma carregada em algum lugar do quarto escuro ao lado do assassino e do refém. Ela precisa alertar esses policiais sobre o perigo,

para colocá-los do seu lado. De alguma forma. Sem fazer com que Deek fosse assassinado. Howard está ouvindo as palavras dela, mas não consegue ver seus lábios. Ela precisará escolher seu momento com cuidado.

Para preencher o silêncio, ela pergunta: “Será que Deek ligou?”

“Diácono Cowl?” O Velho Policial olha para o norte. "Não. Não foi ele.

. O jovem policial aperta os olhos na chuva, examinando as planícies. “Esse é o verdadeiro criminoso, certo? Disparando os fogos de artifício mais cedo?

O Velho Policial olha de volta para Emma. "Você o conhece bem?"

"Nós somos amigos. Tipo de."

“Deek é um gosto adquirido. Ele e eu nos conhecemos há muito tempo.

Ela sorri educadamente. Tentar agir como o pobre homem não está a um quarto de distância, com um ferimento grave no pescoço e uma arma na cabeça.

“Algumas dicas que aprendi com ele.” O Velho Policial conta nos dedos. “Não fale de política com ele. Se já passa das três, não o deixe dirigir. E não fale sobre o superfã que invadiu sua casa alguns anos atrás.

O sorriso falso de Emma aumenta.

Se só voce soubesse.

a Ela pode ouvir a água borbulhando furiosamente agora. Transbordante.

Fingindo calma, ela olha para a casa de Deek, para janelas distantes aquecidas pela luz interior. Ela não consegue ler o quadro branco do velho sem ampliação e, felizmente, os policiais também não. Mas dentro da lotada sala de estar do velho, ela mal consegue ver a cornija da lareira. E um lugar vazio na parede, onde havia um revólver montado.

Isto confirma isso. Ele trouxe sua arma.

Mas há uma hora, Deek disse a ela que não tinha balas. Ele estava mentindo então? Ou blefando agora? A incerteza se contorce em sua mente. Ela tenta navegar em uma situação instável, ir com calma, um problema de cada vez.

Então não foi Deek quem chamou a polícia.

Então quem?

Ela pergunta de frente: “Quem solicitou o exame de bem-estar?”

A única pessoa que sabia que ela estava em perigo esta noite não conseguiu chamar a polícia. Então quem sai? Ela não consegue pensar em outra alma. Ela se isolou em Strand com Laika. Ela está perfeitamente sozinha, por opção.

Na entrada da garagem, a porta de um carro se fecha com um estrondo. Emma espia por cima do ombro do Jovem Policial – ele dá um passo para o lado, virando-se – para revelar um novo veículo estacionado ao lado do carro patrulha. Um Lincoln negro. Liso e imperial.

“Fale do diabo”, diz Young Cop.

Pontos do Velho Policial. "Ela fez."

Para a mulher que se aproxima da varanda, protegendo o rosto do aguaceiro. Embora nunca tenham se falado pessoalmente, Emma reconhece o dono da casa pelas fotos emolduradas.

Jules.

Para a mulher que se aproxima da varanda, protegendo o rosto do aguaceiro. Embora nunca tenham se falado pessoalmente, Emma reconhece o dono da casa pelas fotos emolduradas.

Jules.

24

“Emma.” Ela sobe os degraus apressadamente. “É tão bom conhecer você pessoalmente. Finalmente."

Ah, pelo amor de Deus.

Emma sorri educadamente, tentando não estremecer, agarrando a maçaneta com as unhas. Segurando-o exatamente até a metade. Nem um centímetro a mais.

O sangue acobreado de Deek está sob suas unhas. Ela esconde a mão.

Ela pode fazer isso.

“Desculpe por tudo isso.” Tudo isso parece significar os policiais, por quem Jules passa com a cotovelada. Ela é baixa, atarracada, com um corte de cabelo prateado da Karen e uma jaqueta Burberry justa que deve custar mais do que o carro de Emma. Ela dá um sorriso dentuço. “Você não estava atendendo minhas ligações ou mensagens de texto. Estive em Ocean Shores esta noite e queria ter certeza de que você estava bem aqui.

“Desculpe”, diz Emma. “A internet caiu—”

“O quintal está tão escuro.” Jules franze a testa. “Por que minhas luzes de movimento não estão acesas?”

Cristo, ela pode mudar de assunto rapidamente.

É o suficiente para dar uma chicotada em Emma. Ela gagueja, buscando uma resposta, enquanto tanto o Velho Policial quanto o Jovem Policial a estudam com atenção recém-despertada.

Ela pode sentir a situação escapando de seu controle.

Ela imagina Howard Grosvenor Kline agachado na sala com a arma apontada para a testa de Deek. Ouvindo cada palavra falada. Ela se pergunta: quão aguçada é a audição dele? Ele a caçou com incrível precisão esta noite. Mas ele pode ouvir um sussurro?

Se eu estiver errada, ela sabe, Deek morrerá.

Não apenas Deek.

Todos poderiam.

“Emma?” Jules agora está olhando.

E esta mulher é um curinga. Como as crianças das aulas de Emma que a aterrorizavam secretamente: alegres, rápidas, imprevisíveis. Você não pode se preparar para eles. Você tem que improvisar para acompanhar. Jules é exatamente o tipo de personalidade que faz Emma arrepiar, parada na varanda ao lado de dois policiais armados e cada vez mais desconfiados.

Ela ouve água chiando na cozinha. Descontrolado e agora fervendo, sibilando bobinas de nicromo em brasa.

Tudo, fervendo.

“Eu desliguei as luzes de movimento”, Emma mente. “O vento na grama os fazia disparar e estava me dando dor de cabeça quando lia...”

“Sua arma de choque chegou aqui?”

Novo topico.

Jesus Cristo, senhora.

Ela tenta pensar: é mais seguro mentir e dizer que ela está com a arma de choque? Então Jules poderia pedir para entrar e ver. Ou para falar a verdade, que ela não recebeu? E outra semente de preocupação: o motorista da FedEx está morto há mais de uma hora; sua caminhonete estacionou atrás da garagem. Quanto tempo levará até que seu supervisor relate seu desaparecimento?

“A arma de choque que comprei para você”, repete Jules. "Lembrar?"

Emma joga uma moeda mentalmente. "Eu entendi."

"Perfeito. Se Demon Face voltar, você vai acertá-lo nas bolas.

"Vai fazer."

Jules olha para os policiais. “Você carrega Tasers, certo?”

O Velho Policial assente.

“Você tem permissão para mirar nas nozes?”

“Bem, é uma corrente elétrica, então não funciona assim.” O Velho Policial coça o bigode, claramente desconfortável. “Isso atrapalha o controle muscular do seu corpo, então não importa exatamente onde as pontas fazem contato...”

“Mas as nozes são provavelmente as mais dolorosas, certo? De todos os lugares do corpo?

Silêncio.

"Eu poderia . . . Eu acho que sim.

O jovem policial concorda. "Provavelmente."

Jules olha de volta para Emma. "Te disse. As nozes. Depois, de volta à polícia. “Há anos que venho dizendo à cidade que a população sem-teto em Strand é inaceitável. No lado sul, a praia é basicamente uma cidade de tendas. Todo inverno, mais estadias...

"Sim." O Velho Policial mal está ouvindo. "Estavam cientes."

“E esse vagabundo com máscara de demônio não é novo. Meu filho estava com medo desse esquisito no inverno passado. Latindo como um cachorro. Rastejando pela grama, testando as fechaduras da casa. E agora, este ano, ele aparece na câmera da minha campainha e assusta a minha babá.

Uma frieza indesejada percorre a espinha de Emma. Demon Face esteve aqui no ano passado, muito antes de eu dar uma estrela ao livro de Howard.

Significado . . . Esse não foi Howard.

Ela se lembra de Howard insistindo que tentou salvar a vida dela de outra pessoa. Outra entidade. Talvez o maior perigo ainda esteja lá fora, observando da grama alta? Sua mente dispara; mentiras e erros de cálculo e veneno para roedores e armas carregadas e bandagens grosseiras de fita adesiva sobre bolhas de ar sangrento, lutando para manter uma vedação precária.

É vertiginoso.

“Mantenha as portas trancadas”, aconselha o Velho Policial.

Emma exala, escondendo o arrepio na respiração. Não há mais espera. Ela abaixa a voz e sussurra que está sob pressão, que há um homem armado na sala com um refém. Os policiais vão fingir suas despedidas amigáveis, sair de casa e pedir reforços pelo rádio. Talvez – apenas talvez – eles surpreendam Howard quando invadirem a casa. Se forem rápidos e tiverem sorte, atirarão nele antes que ele puxe o gatilho e mate Deek...

“Emma?”

Ela está sem palavras novamente. Os policiais notaram.

Júlio também. "Você está bem?"

É logo ali. Na ponta da língua. Apenas ar. Um sussurro: ele está dentro de casa. Ele está prestes a matar Deek agora.

diz!

Na varanda à sua esquerda, o Jovem Policial olha para a janela e franze a testa com preocupação. O estômago de Emma embrulha – ele notou a cortina se agitando atrás do vidro, tocada por uma leve brisa que não deveria existir.

Ele espia.

Howard ficou imóvel atrás da cortina. Ao ir monitorar mais de perto a conversa de Emma com a polícia, ele cometeu um erro. Ele mexeu levemente no tecido pendurado.

Do lado de fora da janela, o oficial Hall estava a poucos centímetros de distância.

Howard podia ver o jovem protegido pela cortina floral pelos faróis e sabia exatamente onde mirar para desferir um golpe fatal através do

vidro. Mas atacar seria o último recurso. Ele precisava evitar a todo custo desencadear um tiroteio, porque sabia que aqueles dois policiais de Strand Beach parados na varanda eram muito mais perigosos do que Jake Stanford. Eles estavam armados. Eles foram treinados. Mais importante ainda, eles tinham rádios.

No silêncio do fio, Howard esperou. A única coisa que mantinha vivo o policial Greg Hall, de 23 anos, era uma fina camada de tecido e vidro.

E as palavras de Emma Carpenter.

Tudo dependia do que ela dissesse a seguir.

"EU . . .”

O Velho Policial olha para ela. "Algo está errado?"

Ela pode sentir os olhos de Howard ao seu lado. Seu dedo no gatilho, uma contração muscular por causa do disparo. O jovem policial não tem ideia.

Todos os olhos voltados para ela.

Seu plano agora é impossível. Ela não pode sussurrar para os policiais com Howard parado bem aqui, à sua esquerda. A menos de dois metros de distância. Ele vai ouvir. Ele detectará qualquer gesto, qualquer sinal secreto que ela tente enviar, e não terá escolha a não ser abrir fogo.

“Emma?”

Nenhuma palavra vem. Diga alguma coisa, droga.

Está tudo fora de controle dela. Ela pode ver o massacre agora. Howard atira A janela se estilhaça. O jovem policial cai, com um buraco no peito. O Velho Policial levanta a arma pouco antes de a lâmina de aço de Howard cortar sua mão no pulso. E Jules, pobre Jules, apanhado no maldito fogo cruzado...

“Emma.” O Velho Policial se aproxima. “Tem alguém dentro da sua casa?”

Ela ouve Howard respirar fundo e surpreso. Ela pode sentir a ansiedade dele crescendo junto com a dela.

Ainda assim, as palavras lhe faltam. Como sempre fizeram.

Dizer algo.

O Velho Policial desliza a mão até a pistola e aperta o botão do coldre. Ela pode ver os pelos prateados arrepiados em seu antebraço. Sua voz baixando: “Emma. Se ele estiver dentro da sua casa, você não precisa dizer nada. Basta olhar para mim e piscar duas vezes.”

Não posso.

"Tudo bem. Pisque duas vezes.

Eu gostaria de poder.

Eles estão olho no olho. Um sussurro de fricção quando sua Glock desliza do coldre. Ela sente um movimento à sua esquerda (Howard está se preparando para atirar primeiro), então ela engole em seco e diz alguma coisa, qualquer coisa para ganhar mais um segundo: “Eu estou.... . . ruim em falar com as pessoas.

Silêncio.

"Estou bem. Quer dizer, não estou bem, mas está tudo bem aqui esta noite.” Ela exala por entre os dentes, ignorando o assassino ao seu lado. “Sempre fui assim, eu acho. Eu me autoedito. Não posso dizer o que quero dizer. As pessoas me estressam, mesmo quando têm boas intenções.”

O Jovem Policial olha para ela, longe da janela.

O Velho Policial faz uma pausa, com a pistola meio em punho.

"Então . . . Eu escondo. Eu afasto as pessoas e empurro e empurro até que elas desistam. Eu ajo como minha mãe enquanto ela bebia até morrer. Ignoro telefonemas. Só me comunico online, por escrito. Eu forço as pessoas a interagirem comigo por meio de mensagens de texto, e-mails ou quadros brancos. Meu vizinho está tentando me encontrar pessoalmente há semanas, com o único propósito de ser meu amigo. É difícil saber, meu marido costumava dizer. Sou duro com as pessoas que se preocupam comigo. Mas a partir de agora vou trabalhar nisso.”

Ela respira fundo.

“Eu nunca te respondi.” Ela encara Jules diretamente. “Depois que a verificação de antecedentes foi concluída, você me perguntou por que uma mulher casada de vinte e poucos anos desistiu de seu contrato de professora em Utah e aceitou um trabalho solitário como babá até aqui.”

Jules assente.

Sem auto-edições, ela pensa. Como Shawn sempre disse.

Um.

Dois.

Três.

“A verdade é que perdi alguém. Cinco meses atrás. E a culpa foi minha. Eu estava dirigindo e olhei para o meu telefone no segundo errado.”

Aí está.

Está lá fora.

“Isso me destruiu”, diz ela. “Ainda estou processando.”

Ela se sente nua, destacada na porta diante de três estranhos. E um assassino armado à sua esquerda.

O Velho Policial balança a cabeça gentilmente. “A praia pode ser um bom lugar para isso.”

“Emma, sinto muito.” Jules apoia a palma da mão no batente da porta, a centímetros das unhas de Emma manchadas com o sangue de Deek. “Se você precisar conversar, eu...” . .” Ela consegue um sorriso autodepreciativo. “Bem, me disseram que gosto de conversar. Bastante. E eu me sentiria privilegiado por isso.”

Ema assente. Talvez.

Se ela sobreviver esta noite, ela fará muitas coisas de maneira diferente. Ela vai parar de se esconder. Ela tirará as pedras de sua mochila Osprey e tomará aquele tão prometido chá de gengibre com Deek - se ele sobreviver também. Talvez, apenas talvez, ela saia do isolamento, volte para casa com Laika em Salt Lake City e tente se reconciliar com seu passado. As coisas que ela fez. Tudo isso.

Talvez.

Porque Howard Grosvenor Kline não é uma força onisciente e Murder Beach não foi marcada pelo destino. Suas decisões não estão escritas. Não há narrador. Apenas um homem suado e acima do peso com um fetiche por espadas medievais. Numa história, o autor pode muito bem ser Deus.

Mas esta não é a sua história, Howard.

É como acender as luzes de uma casa escura. Retomando o controle, cômodo por cômodo.

Você está na minha.

Ela acena educadamente enquanto o Velho Policial recomenda um conselheiro local de luto e uma série de recursos de saúde mental, mas ela não está ouvindo.

Ela está pensando em casa, nas noites observando as estrelas naquele pequeno telhado com Shawn ao seu lado. Ela está pensando em uma noite em particular, depois que seu obstetra fez a avaliação mais dolorosa até então — que suas chances de conceber eram provavelmente menores que uma em cem — e Shawn a encontrou sozinha naquele telhado com olhos vermelhos marejados e um sorriso aceso. cigarro na mão. Ainda não havia tocado sua boca. Era o primeiro cigarro dela em mais de um ano, desde que começaram a tentar engravidar.

Ele rastejou para fora da janela do quarto e sentou-se silenciosamente ao lado dela na beira do telhado. Ele admitiu que, ao tentar animá-la, entrou na Internet e fez algo estúpido. Ele deu o nome dela a uma estrela.

Estrela de Emma.

Em algum lugar em Messier 31, a Galáxia de Andrômeda. Sua favorita.

Ela não teve coragem de dizer ao marido que esses sites são, em sua maioria, fraudes, que cinquenta dólares e um certificado não significam que a

comunidade científica reconheça sua estrela da vaidade. Mas a pureza do gesto a dominou. Ela apenas ficou ali sentada com os pés pendurados na calçada, lutando contra as lágrimas com o cigarro da derrota na mão, com medo de deixá-lo tocar seus lábios. Apesar de toda a decepção daquele dia, ela se lembra de ter se sentido profundamente grata por ter Shawn ao seu lado, disposto a comprar-lhe uma estrela sem fazer a pesquisa mais superficial.

Eles lutaram contra a infertilidade juntos.

Mas esta noite Emma deve lutar contra Howard sozinha.

Com uma despedida final, os policiais voltam para o carro, com a verificação de bem-estar mais ou menos concluída. Em segundos, ela estará sozinha novamente. Ela sente movimento em sua periferia – Howard abre a cortina com o dedo para observar os policiais saindo. Ele está distraído.

Esta é a chance dela.

ı Jules também já está se virando, mas Emma coloca a mão sobre a dela no batente da porta. Prendendo os dedos. Parando ela.

Mantendo contato visual, Emma murmura três palavras.

Howard.

Grosvenor.

› Kline.

Como um encantamento sombrio. Todo o calor desaparece dos olhos de Jules. Ela olha de volta para os policiais – seus lábios começam a se mover, quase pronunciando sua própria sentença de morte – mas ela decide melhor.

Armado, Emma acrescenta com urgência. Refém.

Jules acena com a cabeça uma vez.

Mensagem recebida.

É um aceno óbvio – Jules seria um agente secreto de merda – e os nervos de ɐEmma ficam tensos de medo. Ela tem certeza de que Howard voltou sua atenção para eles, que percebeu o sinal claramente telegrafado a poucos metros de distância. Mas nada acontece.

“Tenha uma boa noite”, Jules sussurra com grande alegria.

"Você também."

A mulher mais velha mantém contato visual por mais um instante. Para ɔconfirmar: vou contar a eles. Aguente firme, Ema.

ɐ Então Jules se vira e segue os dois policiais pela entrada sem se preocupar em proteger o rosto da chuva. Ela está gravemente silenciosa.

Emma mantém a porta no lugar enquanto observa os três partirem. Se Jules for esperta, ela esperará até que os dois veículos saiam da garagem antes de ˌ alertar a polícia. Então eles retornarão com armas em punho. Certo? Talvez eles chamem negociadores de reféns? Ou atiradores de elite? O que for preciso para

acabar com Murder Beach com um estrondo apropriadamente violento. Só que não é o estrondo que Howard espera—

O Velho Policial para com a porta do carro entreaberta. "Espere."

Emma para.

"Há . . . algo que você deveria saber.

Ela espera.

Ondas de tempestade quebram à distância.

“Minha esposa morreu no ano passado.” Ele força um sorriso duro. “Por um tempo, estive em uma situação horrível.”

Sua espinha se arrepia.

Outra torrente de chuva cai, correndo pela calçada e batendo na grama varrida pelo vento. Ele levanta a voz: “Isso também me destruiu. Tive pensamentos ruins quando estava sozinho. Eu estava com medo de mim mesmo. Como imagino que você possa ser. Qualquer coisa para fazer a dor passar. E meu capelão. . . ele me disse que existem três T's. Tempo. Lágrimas. Conversando. Eles vão ajudar você a superar isso. Confie em mim. Confie neles. Custe o que custar, continue.”

Ela assente. "Eu vou."

O Velho Policial dá um sorriso estremecido, como se isso fosse difícil de dizer. Ele faz um pequeno aceno modesto e entra no carro com o Jovem Policial. Mais atrás, Jules continua caminhando até seu Lincoln, ainda perdida em seu horror particular. O fusível da bomba está aceso e queimando.

Não pode ser interrompido. A ajuda está chegando.

Tempo. Lágrimas. Conversando.

Emma exala.

Custe o que custar, continue.

Então, quando os dois veículos saem da garagem, as luzes traseiras vermelhas desaparecendo, Emma fecha a porta da frente e se vira para encarar seu assassino.

acabar com Murder Beach com um estrondo apropriadamente violento. Só que não é o estrondo que Howard espera—

O Velho Policial para com a porta do carro entreaberta. "Espere."

Emma para.

"Há . . . algo que você deveria saber.

Ela espera.

Ondas de tempestade quebram à distância.

“Minha esposa morreu no ano passado.” Ele força um sorriso duro. “Por um tempo, estive em uma situação horrível.”

Sua espinha se arrepia.

Outra torrente de chuva cai, correndo pela calçada e batendo na grama varrida pelo vento. Ele levanta a voz: “Isso também me destruiu. Tive pensamentos ruins quando estava sozinho. Eu estava com medo de mim mesmo. Como imagino que você possa ser. Qualquer coisa para fazer a dor passar. E meu capelão. . . ele me disse que existem três T's. Tempo. Lágrimas. Conversando. Eles vão ajudar você a superar isso. Confie em mim. Confie neles. Custe o que custar, continue.”

Ela assente. "Eu vou."

O Velho Policial dá um sorriso estremecido, como se isso fosse difícil de dizer. Ele faz um pequeno aceno modesto e entra no carro com o Jovem Policial. Mais atrás, Jules continua caminhando até seu Lincoln, ainda perdida em seu horror particular. O fusível da bomba está aceso e queimando.

Não pode ser interrompido. A ajuda está chegando.

Tempo. Lágrimas. Conversando.

Emma exala.

Custe o que custar, continue.

Então, quando os dois veículos saem da garagem, as luzes traseiras vermelhas desaparecendo, Emma fecha a porta da frente e se vira para encarar seu assassino.

25

“Deek está vivo?”

Ela tem que saber.

Howard Grosvenor Kline não diz nada enquanto o barulho dos dois motores diminui à distância. Um impasse desconfortável persiste – por mais alguns momentos, os policiais ainda estão perto o suficiente para ouvir um grito ou um tiro. Com o tempo cada vez menor, ela pergunta novamente: “Ele está morto?”

Silêncio.

Ela teme a resposta. Por que outro motivo o atirador teria deixado seu refém desprotegido na sala de estar? Em sua alma, ela sabe que há duas razões possíveis: ou Deek caiu inconsciente ou Deek sangrou até a morte.

E a culpa é minha.

Os lábios do boneco humano Chucky se curvam em um sorriso. O som disso – de carne úmida se contraindo – faz seu estômago revirar.

“Eu sempre fui um solitário também.” O sorriso é melancólico, vulnerável. "Eu sou . . . Eu sei que não sou um macho alfa. Você não me encontrará em um bar de esportes liderando um bando de betas e perseguindo mulheres. Sou outra coisa, um novo arquétipo que descobriram recentemente: um homem sigma. Tão poderoso e carismático quanto um alfa, mas solitário.”

Ela observa as lanternas traseiras vermelhas se transformarem em chuva. Uma contagem regressiva silenciosa.

Indo.

Indo.

“Assim como você, Emma, eu não tenho uma matilha. Um macho sigma é um verdadeiro lobo solitário.”

As lanternas traseiras desapareceram.

Sozinho de novo. Os nervos de Emma fervilham de adrenalina, mas ela percebe um movimento na bochecha do atirador. Avançando sob os óculos, brilhando através da barba encaracolada.

Uma lágrima.

Ele é. . . choro?

Ele não chorou.

Howard Grosvenor Kline raramente chorava, mesmo quando era criança. Quando a casa de praia voltou a mergulhar na escuridão, ele ergueu sua katana ensanguentada com a determinação de um samurai. Um massacre na varanda da frente foi evitado por pouco, mas a mensagem secreta de Emma para Jules não passou despercebida. Ele viu os lábios dela se moverem. Ele sabia que a polícia logo retornaria com força. Naquele momento, poderes além de seu controle estavam convergindo, e a matança que tornaria Strand Beach famosa era agora inevitável.

Com uma calma arrepiante, Howard explicou seus planos para ela.

“Eu não. . . Eu não queria”, ele soluça.

Emma só consegue assistir em silêncio, um pavor gelado crescendo dentro dela. É desorientador. Isso não pode estar certo. A estrela do pesadelo desta noite está derretendo na frente dela, os lábios tremendo, a pele vermelha, esfregando os olhos lacrimejantes.

O que está acontecendo?

O que realmente está acontecendo aqui?

Ele limpa o nariz — um bufo arrogante — e levanta a espada. De perto, Emma vê sangue diluído em um tom rosado pela água da chuva, preenchendo rachaduras no aço. A ponta afiada está danificada pelos golpes desta noite, embotada contra madeira, vidro e osso.

“Eu não queria.” Sua voz borbulha. “Eu não queria que mais ninguém morresse esta noite.”

Ele planejou tirar tantas vidas quanto possível naquela noite.

O corpo de Jake Stanford, escondido na grama alta com ambas as mãos decepadas e cortes desfigurantes suficientes no rosto para exigir identificação post-mortem através de registros dentários, seria apenas a primeira alma levada no massacre daquela noite...

"Não."

Ele dá um soco na parede, deixando uma cratera estilhaçada.

"Não. Por favor." Com o rosto vermelho, ele agarra as têmporas e crava as unhas na pele pastosa, como se estivesse discutindo com uma voz que ela não consegue ouvir. Emma dá um passo cauteloso para trás, em direção à cozinha. Ele está mudando diante dos olhos dela, sofrendo uma mutação, uma reação química volátil.

“Aquele maldito cara da FedEx.” Howard funga. “Ele simplesmente apareceu.”

Emma se lembra da expressão endurecida nos olhos do entregador. A pedra molhada prendeu-lhe os nós dos dedos, o balanço indistinto...

“Ele me atacou. E depois que a mão dele caiu, eu tive que continuar. Eu precisei. Eu não consegui parar. E . . . Eu não estava pronto para isso. Eu pensei que eu era. Mas é diferente quando eles estão vivos. Ele parecia tão assustado enquanto tudo acontecia, balançando a cabeça, me implorando para parar.” Sua voz falha, outro soluço sufocado. "Enquanto ele . . . enquanto ele se desfez.

Ela ainda consegue sentir o grito de Howard em seus ossos. Cem decibéis de choque, nojo e culpa. Sob a nova luz, ela pode ver o sangue nas roupas dele, espalhado pelo sobretudo de couro e pelas calças cargo. Até mesmo uma gota no canto dos lábios peludos, perto o suficiente para provar com a língua, se ele quisesse. Mas ele não faz isso.

A polícia está voltando, Emma sabe. A qualquer segundo.

Eu só tenho que sobreviver até então.

Mas aqui, agora, algo está muito errado.

“Eu não entendo”, ela sussurra. “Você tem. . . fiz isso dezesseis vezes.”

Ele pisca.

“Seus outros dezesseis livros. Montanha do Assassinato. Geleira Assassina. Floresta do Assassinato. Todas aquelas pessoas que você matou por causa dos seus livros, em todos aqueles lugares...

“Eles são ficção”, diz ele.

Silêncio.

"Realmente?"

Ele concorda.

Ela se recusa a acreditar nisso. Ele está mentindo. Ele deve estar mentindo...

"Todos eles?"

Ele acena novamente. "Você . . . você presumiu que meus livros eram reais?

A boca de Emma está seca como papel.

O mundo inteiro parece mudar silenciosamente, uma mudança tectônica.

Então . . . O pesadelo dos Apalaches de Prelaw e Psych nunca aconteceu. As jovens nunca existiram. Nem o assassino experiente e capaz que os caçou. O sangue, o sangue coagulado e o romance lésbico de salto alto pareciam fantasia masturbatória porque realmente eram. O próprio Howard não é um serial killer. Mesmo que queira ser, mesmo que se escreva como tal.

Ele é algo pior. Um aspirante.

Um garoto fervilhante e odioso com nitroglicerina nas veias. Um atirador escolar rondando os corredores de sua escola com um rifle de estilo militar que ele mal consegue operar. Ciumento e necessitado. Com o rosto vermelho e suado. Ela pode sentir o calor irradiando da pele dele, o calor do corpo preso em um exoesqueleto de couro pegajoso. Ele dá um passo lento em direção a ela.

Ela dá um passo para trás, mas se recusa a desviar o olhar dos óculos embaçados. Como encarar um cachorro raivoso. Se ela desviar o olhar, ele atacará.

Mantenha-o falando.

"A respeito . . .” Ela estabiliza a voz. “E a Praia do Assassinato?”

Novamente ele pisca. "O que?"

“O livro que você está escrevendo sobre mim. Sobre esta noite. Sobre me assassinar...

“Não existe Praia do Assassinato.”

"Você está mentindo."

“Por que eu escreveria e publicaria um livro detalhando um assassinato real que cometi?” Seu nariz aperta, como se estivesse ofendido. “E se eu... . . se eu fizesse isso dezesseis vezes, ao longo de anos e anos, você não acha que já teria sido pego? Foi realmente isso que você pensou que estava acontecendo esta noite?

Ela não diz nada.

“Vamos, Ema. Um serial killer que escreve livros sobre as pessoas que mata? Isso seria simplesmente estúpido.

Ela não consegue acreditar em nada disso. Esta figura com cara de bebê está brincando com ela, manipulando-a, alimentando suas falsidades e estudando suas reações. Ele é um contador de histórias e todas as histórias são construídas a partir de mentiras. Quem sabe quantas faces ele usa?

“Eu nem matei Laura Birch”, ele choraminga. “Não tecnicamente.”

Ela dá outro passo para trás.

Sem movimentos bruscos.

Ele segue. Espelhando-a, uma píton prestes a atacar.

“Guardei os dentes, os brincos e a espada de Laura que usei para desmembrar seu corpo atrás de uma tábua solta na parede do meu quarto. Acima

da minha cama. Ainda está lá. Chupo seus dentes de vez em quando e olho minhas Polaroids e tento fingir que fiz isso de propósito. Mas você quer saber a verdade? O que realmente aconteceu com Laura?

Sua voz soa desconfortável no espaço confinado.

“Eu amarrei os nós dela com muita força. E ela sufocou. Ele força um sorriso preconceituoso. "É isso. Isso é tudo que fiz. Sou basicamente inocente. Eu precisava que ela ficasse no meu porão. Eu nem tinha tocado nela ainda. Mas quando fui para a escola, Laura tentou inclinar a cadeira e fugir, e a forma infeliz e única com que a estúpida cadeira antiga da minha mãe caiu deve ter obstruído suas vias respiratórias. E ela asfixiou-se no chão enquanto eu estava na aula. Ela se matou, basicamente.

Emma não diz nada.

Ele está mentindo. Tudo isso. Ela não tem motivos para acreditar em uma palavra do que ele diz. Ela dá outro passo lento para trás – agora para a sala de estar – enquanto ele a segue.

"Laura fez tudo problema meu, sabe?" Ele abre um sorriso rançoso. “É como se ela tivesse rido por último. Mas também fiz valer a pena para mim. Você aprende muito sobre o corpo feminino quando o corta.”

Ele hesita, como se percebesse que falou demais.

Emma pensa no revólver de Deek. Onde deve ter caído no quarto escuro. Ela se imagina encontrando-o, virando-se e explodindo a cabeça de Howard Grosvenor Kline. Puxar o gatilho, fazendo seu cérebro insetoide florescer na parede.

Se ela conseguir.

“Estar perto de você foi bom. Enquanto durou. A voz dele diminui e os óculos opacos apontam para ela, uma mudança sutilmente alarmante. Ele sorri e ajeita seu chapéu. "Eu gosto . . . Gostei do jeito que você deixou a casa cheirando, Emma. Gosto da maneira como você conversou com sua cadela, como se ela pudesse responder. Gostei da maneira como você sentava e lia por horas todos os dias com seu chá de gengibre e jogava no quadro branco com seu vizinho. Eu gostei do seu corpo pequeno. Você era meu tipo de garota, sabia? Você era solitário, quieto. Inteligente. Introspectivo. Nada parecido com os outros femóides. Você me lembrou Laura de muitas maneiras.

A repulsa sobe por sua garganta como uma massa contorcida de vermes frios. Ela sente um puxão visceral no estômago e quer vomitar.

Meu tipo de garota.

“Então você escreveu aquela crítica.” Ele fareja. "E você partiu meu coração."

Não. Errado.

Impossível.

Ela estrelou o livro de terror de merda de Howard antes de suas vidas se enredarem. Não após. Não há outra explicação possível. Ela está olhando para uma criatura odiosa que envenena cães e viola cadáveres, uma mente livre do tempo e do espaço...

"Mas eu . . . Eu ainda quero salvar você", diz ele com um encolher de ombros lamentável. "Mesmo depois de tudo que você fez comigo. Acho que caras legais realmente terminam em último, hein?

Seus olhos marejados dançam. É sutil, mas assustador.

"Você está presa em seu passado, Emma. Você ama demais aquele cachorro. Você tem que aprender a abandonar as coisas antes que elas o afoguem. Então aqui está minha proposta: pouparei sua vida se você vier comigo. Agora mesmo."

Silêncio.

Ele está estendendo a mão enluvada de látex. Sua arma está no coldre, sua espada embainhada. Como se todo o sangue e terror da noite não tivessem acontecido e ele fosse apenas um cavalheiro oferecendo-lhe a mão em um baile dos velhos tempos. Então a palma da mão dele se abre e a pele dela se arrepia.

Corda trançada.

"É só para minha segurança", esclarece. "Bem . . . viveremos juntos na estrada. Você e eu. Tenho mais de cento e vinte mil dólares em minha conta bancária. Iremos para o sul, talvez para o México. Seu sorriso carente se alarga, seus olhos percorrendo seu corpo de cima a baixo. "Eu posso . . . Eu posso te salvar, Emma. Eu sou o único que pode salvá-lo de si mesmo. Você entende isso certo? Você está quebrado e não consegue se recuperar dessa dor sozinho. Você não é forte o suficiente. Então venha comigo e seja minha garota.

Silêncio.

Sua garota. Algo a que ele tem direito. Como as partes do corpo de Laura Birch em seu porão, úteis enquanto durarem.

E isso tudo está tão errado. É outra reviravolta vertiginosa, um pesadelo cada vez mais acelerado, mas a esperança está ao nosso alcance. A arma caída de Deek está em algum lugar no escuro atrás dela. Se ela se virar e fugir agora... . . posso encontrá-lo antes que Howard atire nas minhas costas?

"Agora ou nunca, Emma." Sua voz fica mais nítida. "Qual é a sua resposta?"

Antes que ela possa falar, ela ouve um clique metálico atrás dela.

Seu sangue congela em suas veias.

Lentamente, ela se vira.

Do outro lado da sala, Deacon Cowl, de 66 anos – ferido, mas vivo – se arrastou contra a lareira como um cadáver caído. Usando a alvenaria para apoiar sua mira, o revólver preso nos nós dos dedos ensanguentados. Está aqui, tudo bem, exatamente como ela o chamou, mas ele o recuperou primeiro.

E é direcionado diretamente para ela.

A garganta de Emma aperta.

Num instante, Deek tornou-se um estranho novamente. O globo ocular que fazia sua pele arrepiar através do telescópio; a mente astuta que sabia o nome dela antes mesmo de pronunciá-lo. Agora, no total, as coincidências são esmagadoras: o fato de Deek conhecer Howard antes de tudo isso, o fato de ele ter intervindo apenas quando a morte de Emma parecia certa, o fato muito conveniente de ele manter um chapéu de feltro preto em seu armário. cabideiro idêntico ao de Howard. Quais são as chances, afinal? Dois autores na mesma praia?

Não, ela quer sussurrar. Você era meu único amigo aqui. Você também não...

Com Howard nas costas e uma arma apontada para o peito, ela está presa. Não há para onde correr. Deek parece saber disso também.

Os olhos do velho endurecem.

Seu dedo envolve o gatilho.

Do outro lado da sala, Deacon Cowl, de 66 anos – ferido, mas vivo – se arrastou contra a lareira como um cadáver caído. Usando a alvenaria para apoiar sua mira, o revólver preso nos nós dos dedos ensanguentados. Está aqui, tudo bem, exatamente como ela o chamou, mas ele o recuperou primeiro.

E é direcionado diretamente para ela.

A garganta de Emma aperta.

Num instante, Deek tornou-se um estranho novamente. O globo ocular que fazia sua pele arrepiar através do telescópio; a mente astuta que sabia o nome dela antes mesmo de pronunciá-lo. Agora, no total, as coincidências são esmagadoras: o fato de Deek conhecer Howard antes de tudo isso, o fato de ele ter intervindo apenas quando a morte de Emma parecia certa, o fato muito conveniente de ele manter um chapéu de feltro preto em seu armário. cabideiro idêntico ao de Howard. Quais são as chances, afinal? Dois autores na mesma praia?

Não, ela quer sussurrar. Você era meu único amigo aqui. Você também não...

Com Howard nas costas e uma arma apontada para o peito, ela está presa. Não há para onde correr. Deek parece saber disso também.

Os olhos do velho endurecem.

Seu dedo envolve o gatilho.

26

A voz de Shawn aumenta: Cuidado.

O semi-caminhão já desviou para sua pista. Olhando por cima do telefone, ela o vê chegando às setenta. Ela pisa no freio, por reflexo, tarde demais.

Olhe. Olhe-

Os dedos de Shawn apertando seus bíceps, seu hálito quente em seu ouvido. A porta traseira rebitada preenche todo o para-brisa, uma sombra prateada e empoeirada que engole o sol de julho e escurece o interior ao redor de Emma enquanto ela gira o volante para a direita, uma última esperança desesperada, desviando em direção ao acostamento da rodovia com pneus travados...

Tarde demais para evitar.

Impacto.

Um golpe de raspão no lado do passageiro do veículo. Um estrondo contundente de metal. O mundo gira para a esquerda – seu cinto de segurança morde seu ombro, refrigerante quente espirra em seu colo, seu telefone bate na porta do motorista – enquanto os dois veículos recuam do beijo de metal.

Mas não é tão violento quanto ela temia. Não é tão ruim.

Agora deslizando para o silêncio. No ombro. Enfrentando o caminho errado. Um redemoinho de poeira arenosa se aproxima e passa. O odor acre de borracha queimada, pastilhas de freio, palha e cocô de vaca. O semi-reboque ainda está bloqueando a luz do sol, mas luzes estroboscópicas passam pelas aberturas de ventilação enquanto o gado irritado bufa e pisa dentro.

Os dois veículos – o dela e o caminhão – terminaram o encontro lado a lado, mas voltados para direções opostas, como parceiros de dança confusos.

A colisão foi leve.

Praticamente um pára-choque.

A porta de um táxi se abre. A voz de um homem chama: você está bem?

O mundo é transparente, onírico. A sombra do caminhão de gado é surpreendentemente fresca. Palha solta flutua no ar. Emma sente gosto de cobre nos dentes e percebe que mordeu a língua. E o telefone dela – o aplicativo de e-

mail do Outlook ainda aberto – pousou perfeitamente em seu colo. Ela vê seu próprio rosto refletido na tela, sangue nos lábios.

O e-mail de Crystal foi carregado.

Ei, Emma, acho que posso lidar com isso. Divirta-se em Denver! ☺

Seis dias, é isso.

Acidente menor ou não, ela tem uma sensação horrível em relação aos últimos segundos. De alguma forma, ela já sabe que o seu mundo mudou irreversivelmente, que uma vida humana saiu do veículo. O medo aperta seu estômago.

Então uma mão toca seu ombro.

É Shawn.

Ele está ileso. Vivo. Seus olhos estão arregalados de adrenalina.

Puta merda, ele engasga. Essa foi por pouco.

“Emma,” Deek sibila sobre sua mira. "Abaixe-se."

Ela pisca.

Oh! Graças a deus.

Então ela mergulha no chão. Atrás dela, Howard Grosvenor Kline congela sob a mira de uma arma. Agora que Emma está fora do caminho, Deek tem uma chance certeira sobre o assassino.

“Surpresa, Howard.”

Emma se afasta, observando os dois homens.

Com o revólver apontado para os dedos escorregadios de sangue, o velho inclina a cabeça na direção de Emma – a fita adesiva enrugada – e pisca, cansado. “Ainda nesta luta?”

"Sim." Ela recupera o fôlego. “Que bom que você está do meu lado.”

Mais do que você sabe.

Seus nervos se preparam para um tiro. Ela espera que Deek puxe o gatilho, mas as mãos de Howard estão agora levantadas em sinal de rendição. Não será legítima defesa. Estará mais perto de uma execução, e Deek parece saber disso. Ele suspira, profundamente em conflito. “Armas no chão.”

O assassino não diz nada.

“Sua espada primeiro.”

“Não é uma espada. É uma katana—”

“Eu realmente não dou a mínima, Howard.”

Com os olhos fixos na arma de Deek, Howard se ajoelha e abaixa a espada. Deve ser precioso demais para cair. A lâmina toca a madeira com um ruído baixo e metálico.

“Agora sua arma,” Deek instrui. “Retire lentamente.”

Esta, Emma sabe, é a parte perigosa.

Ela se prepara novamente enquanto Howard desliza a mão em seu sobretudo Novamente Deek fica tenso, pronto para atirar. Ela prende a respiração enquanto aquela familiar pistola semiautomática aparece, com o cano voltado para baixo. Então, com um olhar furioso, ele o deixa cair.

“Emma.” Pontos Deek. “Pegue a arma dele e...”

Ela está muito à frente dele. Ela já está pegando a arma do chão e agora aponta para o rosto suado de Howard. Ela se levanta e recua, assumindo uma posição de tiro com as duas mãos.

Deek sorri com aprovação. “Você já fez isso antes.”

“Uma ou duas vezes”, Emma mente.

Ela não ousa deixar Howard saber que esta é a primeira vez que ela segura uma arma. Ele observa os dois, ajoelhados e imóveis com duas armas de fogo agora apontadas para ele. Há algo enervante em sua quietude. Ele a observou dormir em seu quarto. Ele a perseguiu por dias, uma sombra senciente rastejando de sala em sala. Como um réptil de sangue frio que conserva sua energia, ele se move apenas quando precisa.

O revólver treme nas mãos de Deek.

Howard percebe.

Por favor, fique consciente, pensa Emma. Ele perdeu muito sangue.

“Eu sinalizei para Jules”, ela sussurra. “A esta altura ela já contou à polícia. Eles estarão de volta aqui a qualquer minuto. A qualquer segundo.

Deek cerra os dentes. "Inteligente."

Emma não pode deixar de notar como a pistola de Howard é visivelmente leve em suas mãos, como se fosse de plástico. Ela tem medo de estudar a arma mais de perto. Ela não pode deixar Howard ver suas dúvidas. Eles têm a vantagem – mas por pouco.

“Howard, caso minha resposta ainda não tenha sido clara”, ela diz a ele, “será uma rejeição difícil à proposta de namorada”.

Ele não diz nada.

Mas ele olha para o chão e pisca — uma, duas, depois rapidamente — e ela sabe que o machucou. Em algum lugar de seu pequeno cérebro inexperiente, Howard deve realmente acreditar que suas ações são compreensíveis. Todos eles A asfixia de Laura Birch foi um acidente trágico. O massacre daquele pobre motorista da FedEx foi em legítima defesa. Até mesmo o planejado assassinato de Emma veio com uma desculpa pré-instalada. Ela estava prestes a se matar aqui — então, quanto valia realmente a vida dela? O mal trabalha duro para se racionalizar.

Deek percebe a mão sem luva de Howard. “Você quebrou a mão dele

também?”

Ela assente. "Claro que sim."

"Com o que?"

"Um martelo."

"Legal." O velho faz uma pausa. “Então por que eu peguei a porra da chave de fenda?”

"Porque você não se anunciou."

“Eu estava entrando em uma casa escura para salvar você de um assassino que poderia estar escondido em qualquer lugar. Por que diabos eu me anunciaria? Ele solta um suspiro e cai contra o tijolo, com a mira balançando, claramente tonto. “De nada, a propósito.”

Howard cospe no chão, uma bola molhada e assustadora. Abalada, Emma quase puxa o gatilho. Algo pequeno estala na madeira, parando perto de seu pé e girando lentamente até ficar imóvel. Tem formato de tesourinha longa, cinza e calcificada.

Um dente humano.

Eu chupo os dentes dela às vezes.

Ela engole um arrepio nauseante.

Lambendo os lábios descuidadamente, Howard se vira para Deek. “Você deveria ter ficado em casa e cuidado da sua vida. Você acabou de cometer o maior erro da sua vida.”

“Honestamente”, diz Deek, “isso provavelmente nem chegou aos dez primeiros”.

"Isso é bom. Eu já decidi como isso terminará para você.” As palavras de Howard são suaves e monótonas, como se ele soubesse algo que eles não sabem. Ele acena com a cabeça do outro lado da sala. “A polícia encontrará seu corpo al mesmo. Você quer saber como você vai morrer?

“Na verdade não, Howard.”

“Samurai desgraçados que traíram seus parentes ainda podem recuperar a honra com o suicídio. O ritual é chamado seppuku. Primeiro, você se senta na companhia daqueles que você respeita e confia para supervisionar sua morte. Então você enfia uma lâmina em sua própria barriga e desliza-a da esquerda para a direita para estripar-se. Você não vai gritar ou ter convulsões. Seus músculos estarão em chamas, sua mente disparará com adrenalina, mas você permanecerá estóico enquanto seus intestinos deslizam para seu colo. Até que finalmente - e este é o ritual pré-Edo, porque sempre acreditei que uma simples decapitação é muito indolor - você puxará a adaga do estômago, segurará a ponta exatamente no coração e se deixará cair para a frente. , terminando sua vida com honra.”

Silêncio.

“Sim, não estou fazendo isso.”

"Eu sei." Howard abre um sorriso calorosamente venenoso. "Eu farei isso por você."

Deek sorri de volta.

Mas ele está apenas blefando. Emma pode ver através do desafio do velho. Ele está com medo. De alguma forma, mesmo desarmado e ajoelhado sob a mira de uma arma, Howard Grosvenor Kline controla a sala inteira com um tom baixo e ofegante.

“Emma.” Deek mantém sua mira voltada para o assassino. “Se a polícia estiver voltando, você deveria sair e esperar por eles. Diga a eles que o pegamos. Vou manter Howard aqui e...

"Péssima ideia."

"Por favor faça. Não é seguro aqui.

Antes que Emma possa responder, ela ouve um grito vindo do outro lado da casa. Uma porta acaba de se abrir. Uma corrente de ar frio respira pela estrutura e ela pode sentir a mudança de temperatura em sua pele coberta de suor.

Deek olha para ela. “A porta da frente não estava trancada?”

Ela balança a cabeça. Não mais.

"Então quem diabos é esse?"

A polícia, ela espera. Retornando com armas em punho depois que Jules transmitiu sua mensagem. Mas uma equipe da SWAT não poderia ter chegado aqui tão rapidamente. E os policiais normais têm que se identificar, certo?

Aproximação de passos molhados.

É uma pessoa.

Ela pensa em Demon Face, a aparição que estava do lado de fora da câmera da campainha com uma máscara de Halloween sem boca e a desafiou a abrir a porta. O homem desconhecido que rondou o Strand no ano passado e aterrorizou o anterior ocupante da casa.

E as palavras exatas de Howard: Ele me disse que eu tinha que matar você.

E eu defendi você.

Emma olha de volta para Howard, temendo ver um sorriso malicioso surgir em seu rosto rechonchudo, mas ele está com os olhos igualmente arregalados. Ele também não esperava por isso.

"Quem é esse?" Deek pergunta novamente.

Os passos se aproximam.

Pela cozinha.

E – finalmente – entrando na sala. Emma reconhece o indivíduo imediatamente. A construção robusta. A jaqueta Burberry. O cabelo grisalho cortado.

Jules.

A mulher para, petrificada ao ver o impasse em sua sala de estar. E então seu olhar desce para a forma escura de Howard, ajoelhado sob a mira de uma arma ao lado de sua espada ensanguentada. Ela balança a cabeça com um horror lento e revelador.

Emma sussurra: “Onde estão os policiais?”

Jules não está ouvindo. Ela ainda está balançando a cabeça. Com os lábios secos, ela sussurra: "Howie?"

Howard fica de mau humor. Ele não ousa olhar para ela.

"Mãe."

Jules.

A mulher para, petrificada ao ver o impasse em sua sala de estar. E então seu olhar desce para a forma escura de Howard, ajoelhado sob a mira de uma arma ao lado de sua espada ensanguentada. Ela balança a cabeça com um horror lento e revelador.

Emma sussurra: “Onde estão os policiais?”

Jules não está ouvindo. Ela ainda está balançando a cabeça. Com os lábios secos, ela sussurra: "Howie?"

Howard fica de mau humor. Ele não ousa olhar para ela.

"Mãe."

27

“Howie, o que você está fazendo aqui?”

Ele ignora a mãe e olha para o chão.

"Você é . . . oh meu Deus, você terminou. Você vai se entregar agora mesmo. OK? Agora mesmo." A voz de Jules treme de tristeza. “Mas me escute. Isso é importante. Você está ouvindo? Os policiais vão atirar em você se virem sua katana.”

Ela chuta a espada para fora do alcance dele.

“Suas facas. Suas armas de chumbo também. Qualquer coisa que pareça uma arma. Fique calmo, e eu chamarei a polícia de volta aqui, e entregaremos você em segurança e resolveremos tudo isso. OK?"

A ansiedade agita o estômago de Emma.

Ela ainda não contou à polícia.

"Eu sou . . . Eu sinto muito." Jules se vira para ela. “Eu sabia que havia um invasor. Eu sabia que minha internet estava fora do ar. Mas eu não sabia que era você, Howie.

Até que a polícia realizou sua verificação de bem-estar.

Até a conversa na varanda.

Até Emma olhar Jules nos olhos e pronunciar o nome do filho.

Howard entendeu o horror de sua mãe.

Foi perfeitamente justificado.

Jules Phelps, nascida Kline, enfrentou um dilema doloroso naquela noite. Nas declarações prestadas posteriormente, tanto o cabo Grayson quanto o oficial Hall recordariam seu comportamento incomum após o exame de bem-estar de Emma. Depois de desviar abruptamente na frente do veículo para chamar a atenção dos policiais, Jules saiu de seu Lincoln e se aproximou com uma das mãos levantadas, usando o que o cabo Grayson mais tarde descreveria como um “olhar assombrado e distante”.

“Deixei uma coisa na minha casa”, ela disse a eles. “Estou voltando.”

Então, por cima do ombro:

“Ligo para você novamente se precisar de mais alguma coisa.”

“Emma, sinto muito por tudo isso. Meu filho . . . ele é um escritor. Ele está sempre pesquisando para seus livros de terror. Eu prometo, ele é tão gentil. Ele é tão, tão doce. Mas ele também está preocupado. Ele tem problemas para entender os limites pessoais...

“Não brinca”, diz Emma.

“Ele sentou-se aqui antes de você. Mas ele se mudou há meses.

Isso a afeta.

Parece apocalíptico, quase a deixando de joelhos.

Esta é a casa dele.

Howard Grosvenor Kline cresceu aqui, em Strand Beach. O quintal é dele. Os brinquedos antigos no porão são dele. O quarto da adolescente, o espaço estranho e abafado com o odor fétido da adolescência, onde a própria Emma temia entrar. Todos de Howard. O pôster do samurai não foi uma coincidência. Esta noite não há coincidências.

Ele se infiltrou na casa com muita facilidade porque guardava uma chave. Ele sabia que deveria evitar todas as tábuas do piso que rangiam porque tinha anos de prática. E como ele encontrou o endereço dela tão rapidamente no Strand? Não houve magia negra envolvida.

Ele passou sua vida adulta furioso com as críticas negativas online, desejando poder revidar seus críticos sem rosto. E agora, pela primeira vez, ele encontrou um crítico dentro de sua casa. Na casa de sua infância. Sozinho. Vulnerável. Como poderia um ego tão frágil como o de Howard resistir à vingança? É por isso que minha crítica foi tão especial, Emma percebe.

Não foram minhas palavras.

Fui eu.

“Por favor,” Jules implora. "Vocês dois. Abaixem suas armas.

“Não”, diz Deek.

“Ele se rendeu. Ele não é perigo.

Ele ainda é perigoso, Emma sabe. Ele envenena cães e chupa dentes humanos. Ele já despedaçou um homem esta noite.

E algo que Jules disse ao filho momentos atrás — suas facas, suas espingardas de chumbo também — fica preso na mente de Emma. Sem falar, ela

aponta a pistola suspeitamente leve para o oceano pela janela (Deek percebe: “Emma, o que você está fazendo?”) e puxa o gatilho. Dispara com um clique seco. É o mesmo clique de que ela se lembra horas atrás, quando Howard apagou as luzes de movimento.

Ela suspira. “É uma espingarda de chumbo.”

“Obviamente é uma espingarda de chumbo”, diz Jules. “Howie lutou contra o transtorno esquizoafetivo durante toda a sua vida adulta. Ele não pode possuir legalmente uma arma de fogo.”

Claro.

Deek ri. "Puta merda."

Ela está feliz que o revólver antigo de Deek seja real, pelo menos. Agora é a única ameaça que mantém o assassino de joelhos. Mas ela ainda se preocupa: e se o vizinho não encontrar convenientemente a munição dele, afinal? E se a arma de Deek ainda estiver descarregada e quando Howard perceber isso, o frágil blefe explodirá em violência?

Mesmo ajoelhado e segurando os dedos quebrados, Howard é a maior pessoa na sala. O mais pesado. O mais forte. Ela viu sua katana cortar membros humanos e partir uma polegada em madeira compensada sólida. Howard Grosvenor Kline não será levado sob custódia policial. Não essa noite.

Ele tem outra coisa em jogo.

"Por falar nisso . . .” —Deek dá um sorriso tonto — “que bom ver você de novo, Julie.”

Ela se recusa a olhar para ele. "Vá para o inferno."

“Você não poderia ter contado à polícia como Emma pediu?”

“Você causou isso,” Jules rosna. “Todos esses anos, meu filho idolatrava você...”

“Seu filho invadiu a porra da minha casa. Ele perseguiu minhas filhas. Eu estava tão cansado de seus manuscritos. Ele continuou deixando-os na minha porta como bosta em chamas. Toda essa baboseira sangrenta. Ele ficava implorando para conhecer meu agente, meu editor, meu publicitário. E perdi a paciência, sim. Eu disse algo que gostaria de poder retirar. Eu disse ao seu filho que suas tentativas amadoras de escrever nunca teriam sucesso, porque não vinham de um lugar real. Foi apenas sangue e crueldade. Coisas que ele copiou de filmes de terror. Não era autêntico.”

Então Howard não enviou seus intermináveis manuscritos para Deek como um superfã enlouquecido. Ele os deixou em mãos – um superfã maluco que morava na casa ao lado.

Aqui.

"E . . .” —Deek hesita — “e um dia depois de eu contar isso a ele, seu colega

de classe desapareceu.”

Júlio suspira.

Todo mundo entende. Ninguém ousa pronunciar o nome. E Emma também sabe disso.

Laura Birch.

O desaparecimento não resolvido de uma década de Strand Beach.

Deek engole em seco. A próxima parte deve ser difícil de dizer: “Eu o inspirei a sequestrar aquela garota, eu acho. Para pesquisa ou prática ou pior.” Ele aperta sua mira instável. “E carregarei essa culpa para sempre. O que quer que ele tenha feito à Laura Birch há dez anos é parcialmente culpa minha. E eu nunca consegui provar que foi Howard quem a levou, e cobrei todos os favores que tinha com o chefe de polícia tentando, porque eu sabia no fundo da minha alma que ele assassinou aquela pobre garota. E minha bebida ficou fora de controle, meu casamento desmoronou, minhas filhas não falam comigo e minha editora parou de comprar minhas propostas de livros. Então não me dê sermões sobre culpa, Julie.

Emma entende agora.

Ela quer apertar o ombro do velho. Ela sabe o que é se sentir responsável pelo indizível.

Sinto muito, Deek.

"Meu filho . . . ele não tem nada a ver com isso”, sussurra Jules. “Eles o inocentaram.”

“Eles nunca o inocentaram. Eles simplesmente não tinham provas suficientes para...

“Ele matou alguém esta noite”, Emma interrompe. “Na minha frente.”

Todos ficam em silêncio.

O vento ruge lá fora e a chuva se intensifica.

Jules pisca furiosamente, como se tivesse sido atingido entre os olhos. Ela olha entre eles e depois para seu filho mal-humorado. "É . . . isso é verdade?"

Ele não diz nada.

“Como?”

Nenhuma resposta. O assassino olha para baixo, seu rosto bigode não revelando nada.

"Howie, eu sou sua mãe." Sua voz falha e depois endurece. "É verdade?"

Ele desejou que sua mãe não tivesse que testemunhar isso.

Ela nem deveria estar no mesmo código de área. A noite cuidadosamente coreografada por Howard desviou-se desastrosamente

do rumo. Ele resistiu aos seus esforços desde o início – primeiro uma entrega não planejada do FedEx, depois o surpreendente contra-ataque de Emma no porão. E agora, Howard se viu sob a mira de uma arma de suas supostas vítimas na mesma sala de estar onde uma vez ele abriu seus presentes sob a árvore de Natal.

Acredita-se que esta sala de estar seja o local do massacre.

Mas, como grande parte da violência de Howard naquela noite, a verdade tem mais nuances. Certamente as fotografias forenses tiradas nesta sala são algumas das mais terríveis. Jules ainda não sabia, mas naquele momento ela estava exatamente onde seu corpo seria encontrado: na extremidade adjacente da sala de jantar, ao pé do relógio de seu próprio avô. A polícia a encontraria com o rosto azulado e frio, com o delineador borrado, o horror desanimado desenhado permanentemente em suas feições. E a morte dela foi sem dúvida a mais misericordiosa da noite.

Durante o impasse, Howard permaneceu focado em Emma.

Somente Ema.

A inteligente e corajosa Emma Carpenter, que deveria ter morrido horas atrás, que desafiou seu destino planejado e lutou com unhas e dentes por uma vantagem mínima. Ela salvou seu cachorro. Ela salvou seu vizinho. Ela estava até começando a relaxar, esfregando os braços arrepiados.

Ninguém sabia.

Howard esperou pacientemente pelo seu momento.

Emma tem um mau pressentimento.

Sobre tudo.

Mesmo com o assassino desta noite encurralado diante de sua mãe de coração partido, o monstro foi desmascarado como uma virgem solitária e suada com doença mental. A trágica realidade disso. Sem poderes demoníacos. Nada de caminhada lenta de Michael Myers com uma espada. Apenas loucura, tristeza e desespero.

E ainda assim o pavor permanece. De alguma forma, a história de Howard já está escrita em algum lugar no papel. Nós vamos morrer. Ela sente isso em sua alma. Essa noite.

Todos nós.

Outra coisa a incomoda. Agora que ela teve um momento para pensar sobre

isso, quais são as chances de ela ter lido um livro de merda que por acaso foi escrito por um psicopata que cresceu nesta mesma casa? Entre centenas de milhares – não, milhões de livros no mundo?

Outra coincidência.

Há outra camada escura nisso. Ninguém nesta sala está seguro.

"Julie, me escute." Deek baixa a voz. “Precisamos chamar a polícia de volta.”

A mulher enxuga os olhos.

"Você pode fazer aquilo?"

Ela balança a cabeça em meio às lágrimas. Ela vasculha a bolsa em busca do telefone.

“Isso não vai funcionar”, diz Emma. “Ele cortou a internet.”

Pontos Deek. "Howard, esvazie seus bolsos."

Obedientemente, o assassino vasculha seu casaco e coloca os itens no chão. Binóculos de visão noturna. Um cigarro eletrônico preto. Fita adesiva. Corda trançada. Com uma vibração de tristeza, Emma reconhece seu próprio medalhão de prata esterlina de Shawn, a corrente quebrada no momento em que Howard a arrancou de seu pescoço. Ela sente uma pontada de ódio por ele. Então, sobre ela, ele coloca uma máscara de borracha amassada, pálida, com chifres e sem boca.

Seu estômago se enche de gelo. Cara de Demônio.

Último item. . . um chaveiro tilintando.

Pontos Deek. "Dê-me isso."

Mal-humorado, ele os joga no chão, aos pés de Deek.

“Emma.” Ele chuta as chaves para ela. “Alguém precisa dirigir até o centro da cidade e chamar a polícia.” Ele olha para Jules. "De novo."

Ela estuda o chaveiro. Ela reconhece um conjunto de chaves de casa semelhantes às suas - devem abrir todas as fechaduras da casa - e uma chave Honda, que ela presume ser do veículo pessoal de Howard. Por último, uma chave Ford manchada de sangue.

O funcionário assassinado da FedEx. Um jovem com família, relacionamentos e sonhos, feitos em pedaços na calçada encharcada pela chuva.

"Na verdade." Deek reconsidera e olha para Jules. “Você também vai com Emma.”

“Não vou deixar meu filho sozinho com você.”

“Serão dez minutos.”

“Eu não confio em você. Você vai atirar nele.

"Eu prometo, Julie..."

“Você vai atirar no meu Howie e dizer aos policiais que ele correu até você,

que foi legítima defesa.” Jules se recusa a recuar. "Vou ficar. Para ser uma testemunha.”

Deek não diz nada. Seu dedo está no gatilho.

Emma pode sentir a eletricidade nervosa na sala. Ela não pode deixar de se perguntar: Jules está certo? Se for deixado sozinho com “Howie”, o velho terá uma chance de vingança?

E . . . quando as coisas caem, de que lado Jules está realmente?

Com um arrepio, Emma percebe que já ouviu o nome Howie antes: o usuário da Amazon HowieGK’sTopFan. Dias atrás. No mínimo, seu palpite estava exatamente certo. Essa crítica cinco estrelas realmente veio da própria mãe do autor.

"Multar." Depois de uma pausa, Deek bufa. “Fique aqui se quiser ser babá de mim. Mas dê a Emma suas chaves também. Aquele grande pedaço preto de merda que você dirige. Se Howard nos atacar e se libertar, não quero que ele escape do Strand. Isto termina esta noite. Ninguém mais morre.”

Jules revira os olhos marejados.

"Apenas faça. Então amarre seu filho.

Emma fica impressionada com a habilidade de Deek em assumir o controle de uma situação perigosa. Mesmo com um ferimento grave. Deacon Cowl é certamente um homem de muitas habilidades – e, devemos lembrar, Howard não será o primeiro assassino que ele ajudou a capturar.

Relutantemente, Jules coloca o chaveiro na mão de Emma.

Howard observa.

"Em, eu cuido disso." Deek mantém sua visão treinada. “Pegue o carro dela, dirija até ter sinal de celular e vamos colocar toda essa bagunça em um boletim de ocorrência.”

Ela fecha o punho em volta das chaves. "Você pode durar tanto tempo?"

"Eu ficarei bem."

“Você perdeu muito sangue.”

O velho sorri fracamente. “Então dirija rápido.”

Ela estuda o revólver nas mãos ensangüentadas de Deek, mas está escuro demais para ver os cartuchos no cilindro. Ela gostaria de poder perguntar logo ao vizinho ferido: seja honesto comigo. Você realmente tem balas? Se este revólver for realmente apenas um blefe, ela não pode permitir que Howard descubra. E ela não pode deixar Deek desarmado. Não depois que ele salvou a vida dela esta noite – e ela quase o matou em troca.

Ela não pode dizer isso em voz alta sem quebrar o impasse. Mas com a ponta do sapato, Emma empurra a katana de Howard pelo chão em direção a Deek, mantendo contato visual. Apenas no caso de.

Ele não toca nisso.

Ele apenas acena com apreciação.

"Eu sou . . .” Ela não tem certeza de como dizer isso, mas vai abrir um buraco em seu peito se ela não tentar: “Nem sempre confiei em você, Deek. Suspeitei que você estivesse trabalhando com Howard de alguma forma. Eu não fazia ideia. Desculpe."

Uma sombra de coração partido cai sobre seu rosto. "Por que?"

“Algo que Howard disse.”

Dói, mas é verdade. Ela está envergonhada por ter desconfiado do homem que salvou sua vida duas vezes esta noite. "E . . . Sinto muito pelo que você passou.

Ele sorri gentilmente. “Sinto muito pela sua perda também.”

"Eu ficarei bem." Ela toca seu ombro frágil. “Quando isso acabar, aceitarei sua oferta.”

“Chá de gengibre pessoalmente?”

"Negócio."

Ela espera em Deus que eles tenham a chance. Que o impasse tenso e o curativo improvisado em volta da garganta de Deek se sustentam.

Que tudo se mantém.

“Quando isso acabar”, sussurra Deek, “vou ligar para minhas filhas. Eu juro."

Ela assente.

Durante todo esse tempo, ela presumiu que as filhas do diácono Cowl estavam mortas – ele havia perdido as duas, em suas próprias palavras no quadro branco – mas existem muitas formas de morte, não existem? É possível errar de maneiras que transcendem a morte, matar-se sem se matar. Como também fantasma de Strand, Emma entende. E ela sente empatia, talvez mais do que Deek imagina.

Ela gostaria de ter se aberto com ele antes.

“Obrigado, Deek. Para tudo."

Enquanto ela se afasta com as chaves de Jules, Howard sussurra algo atrás dela. A voz dele é apenas um murmúrio suave, mas desliza sob suas costelas como um furador de gelo. “Você mentiu, Emma.”

Ela para.

O que?

Ao longe, um raio atinge o oceano. O flash ilumina a sala.

“Você mentiu para a polícia, na porta.” Lentamente, Howard fica de pé, olhando para ela. “Sobre por que você está se escondendo em Strand. Sobre o que você realmente fez.

"Ei." A mira de Deek o segue. “Não se mova.”

“Howie, sente-se”, implora Jules.

Mas esses olhos permanecem fixos em Emma, sem piscar enquanto ele atinge sua altura montanhosa. Lotando a sala. “Você não é como Laura Birch”, ele sussurra. “Você é pior.”

“Howie, pare...”

“Deixe-a em paz”, diz Deek. "Fale comigo. Ela não-"

“Eu conheço o seu segredo.” Os lábios do boneco humano Chucky se curvam em um sorriso odioso. “O que você realmente fez com seu marido Shawn. Você não foi honesto com sua pequena história de acidente de carro.”

Como ele sabe disso?

Seu coração aperta. Ela dá um passo para trás.

“Último aviso”, grita Deek. "Howard, vou atirar em você..."

Tarde demais.

Howard ataca ela.

)

"Ei." A mira de Deek o segue. “Não se mova.”

“Howie, sente-se”, implora Jules.

Mas esses olhos permanecem fixos em Emma, sem piscar enquanto ele atinge sua altura montanhosa. Lotando a sala. “Você não é como Laura Birch”, ele sussurra. “Você é pior.”

“Howie, pare...”

“Deixe-a em paz”, diz Deek. "Fale comigo. Ela não-"

“Eu conheço o seu segredo.” Os lábios do boneco humano Chucky se curvam em um sorriso odioso. “O que você realmente fez com seu marido Shawn. Você não foi honesto com sua pequena história de acidente de carro.”

Como ele sabe disso?

Seu coração aperta. Ela dá um passo para trás.

“Último aviso”, grita Deek. "Howard, vou atirar em você..."

Tarde demais.

Howard ataca ela.

28

Deek aponta para o peito de Howard e puxa o gatilho – mas Jules agarra seu pulso.

"Não!"

A arma dispara para o teto.

28

Deek aponta para o peito de Howard e puxa o gatilho – mas Jules agarra seu pulso.

"Não!"

A arma dispara para o teto.

29

Emma levanta os braços, mas Howard já a agarrou sob uma chuva de vidro – uma lâmpada explodiu acima – e ela bateu na parede. Seu crânio racha. Cores sinistras perfuram sua visão enquanto ele rosna na cara dela: “Você me revisou? Multar. Posso avaliar você também...

Seus dedos de látex agarram sua traquéia e apertam. Ela não consegue inspirar. Ela se debate, chuta e arranca os óculos dele, mas ele a imobiliza.

“Você não é ninguém, Emma Carpenter...” Ela está ciente de Jules e Deek lutando pelo controle da arma em algum lugar à direita, brigando e grunhindo, mas Howard Grosvenor Kline é o seu mundo inteiro. Seu aperto forte, seu hálito quente pingando saliva: “Você deveria ter entrado no oceano e já ter feito isso. Você é apenas um crítico. Você se esconde do mundo. E você acha que pode me julgar? Você nem consegue reconhecer uma coisa boa quando ela está bem na sua frente.” Seu polegar torce dolorosamente sob sua mandíbula, esmagando seus gânglios linfáticos. “Você não faz coisas como eu. Eu sou um criador. O que você cria? A única coisa que você criou em toda a sua vida, você matou...”

Ela não consegue respirar.

A pressão aumenta em seu cérebro. Os olhos dela vão explodir.

E ela está afundando. Caindo, caindo em algum lugar escuro, um lugar além do alcance de Howard, observando as estrelas desaparecerem sob uma superfície turbulenta. Sua mochila pesada agarrando seus ombros, seus seios da face doendo, seus pulmões inchando com a água gelada do mar...

“Uma estrela”, ele grita na cara dela. “Como é ser avaliado, seu viado?”

Um tiro ensurdecedor.

A parede explode perto da orelha de Emma e lascas ásperas cortam sua pele. Seu tímpano toca enquanto ela processa o que acabou de acontecer – lutando contra o aperto de Jules, Deek disparou outro tiro em Howard. Ele errou. Mas ajudou.

O aperto de Howard afrouxa.

Emma se contorce com força, se afastando, tenta correr e cai tonta na

lavanderia. Ela rola de costas e fecha a porta com um chute.

A sala gira descontroladamente, um borrão repugnante e contundente. Sua garganta é uma lixa. Ela tosse e seu nariz sangra, gotas do tamanho de uma moeda caem no chão. O gorjeio em seu tímpano se intensifica, um coro sobrenatural de gritos, um rádio quebrado captando canais do inferno.

“Emma”, Deek grita. "Correr."

Ela se ergue contra a secadora, mas o botão quebra. Na sala ao lado ela ouve uma luta. Sapatos rangendo. Unhas cravadas na carne. Em seguida, um arranhão de aço - um som que assombrará seus pesadelos, se ela viver o suficiente - enquanto a katana de Howard se ergue do chão e a voz abafada de Jules grita: “Espere. Espere, Howie, por favor, não o mate...

A voz de Deek diminui – ele vê isso chegando – e suaviza com aceitação.

“Emma”, ele diz. “Diga às minhas filhas que eu...”

Um ataque poderoso o interrompe. Ela pode sentir através da porta: um tapa nauseante de carne rachada e osso quebrado. Jules grita novamente, num tom novo e de gelar o sangue, e Emma espera em Deus que a morte do velho tenha sido indolor. Uma decapitação instantânea, suas últimas palavras para suas filhas distantes ainda em sua garganta cortada, para sempre desconhecidas.

Ele se foi.

Seu único amigo se foi.

E sob o estrondo de um trovão, Emma sabe: Howard está com a arma agora.

“Isso não foi nada, Deek. Você merece o verdadeiro seppuku.” Howard ofega, recuperando a respiração rouca. “E depois de tudo isso, você nem a salvou. Ela não pode correr. Assim como Murder Mountain, exatamente como a mesma coisa pela qual ela me deu uma estrela. Você acredita nisso? Ela está escondida na lavanderia, o único cômodo sem saída.

Sua voz se eleva, uma risada furiosa e miserável.

“Vadia idiota se prendeu.”

Não, não tenho.

Emma coloca o corpo dolorido na secadora, apoia os joelhos e sobe pelo escorredor de roupa suja. Ela sempre teve certeza de que conseguiria encaixar sua bunda ossuda nele.

Majoritariamente.

Ela ouve a porta bater atrás dela. Howard está tentando entrar, mas já virou a máquina de lavar para bloquear a porta.

Na sala ao lado, uma voz soluçante: “Por favor, Howie, chega de...”

"Está tudo bem, mãe." Ele solta a maçaneta. "Está tudo bem."

Emma se ergue dentro do espaço apertado, apertando o chaveiro de Jules entre os dentes. Esta passagem leva direto ao quarto do segundo andar. Para Laika. Ela levanta os dois braços e encontra o andar superior com as pontas dos dedos. Aí está. Apenas alguns metros acima.

“Como-”

"Mãe. Segure firme."

Suas vozes a seguem através do ar úmido e naftalina. Teias de aranha pegajosas ficam presas em seu cabelo e boca. As aranhas fazem cócegas em sua pele. As paredes de alumínio se contraem por todos os lados e de repente não há espaço para dobrar os cotovelos e subir mais. Isso não está funcionando; isso foi um erro, ela está presa dentro das entranhas úmidas e sufocantes da casa...

“Como. Não posso . . . Não consigo respirar...

"Por favor, por favor, pare de chorar." A voz de Howard suaviza para um arrulhar de dor. "Desculpe. Nada disso deveria acontecer. Mas você não entende. Não posso parar agora. Só mais um e terminarei para sempre. OK? Apenas mais um."

Emma luta contra tudo e sobe.

Para Deek.

Howard amarrou o último laço nas restrições de sua mãe, encerrando sua luta. Jules estava agora amarrada com uma corda trançada, o queixo pressionado contra a madeira, soluçando e com o nariz escorrendo, implorando ao filho que acabasse com a carnificina.

Ele não faria isso.

Murder Beach custaria-lhe o futuro e Howard teve que aceitar isso. A noite foi de liquidação: tudo tem que acabar. Sem arrependimentos. Sem meias medidas. Não guarde nada para uma sequência. Ao se levantar, ele gritou o nome de Emma para o teto, um rugido cru e primitivo que encheu a casa.

Lá fora, a tempestade finalmente chegou. O vento chuvoso soprava pela janela quebrada e rodopiava pelos quartos escuros. O céu se dividiu com trovões.

Howard antecipou o próximo movimento de Emma. Ele conhecia a casa de sua infância por dentro e por fora – cada canto, cada aresta, cada ponto fraco.

Ele enfiou a Smith & Wesson .38 Special no bolso e correu para a escada, as botas deixando pegadas pegajosas de sangue. Alguns passos acima, ele parou. Ele puxou uma fotografia emoldurada — Jules e

Howard, de dez anos, sorrindo em tempos mais felizes, segurando casquinhas de sorvete pingando a bordo do Victoria Clipper —, depois ergueu a katana, agarrou o cabo embrulhado em batalha e enfiou-a diretamente na parede.

Ele perfura o escorredor de roupa ao lado do rosto de Emma.

A borda de aço corta sua bochecha, um longo corte do lóbulo da orelha até a narina. Ela grita, mas não há espaço para se mover. Ela está encurralada dentro da passagem apertada, um braço levantado, um cotovelo esmagado impotentemente contra o peito.

A voz dele através da parede, alarmantemente próxima: “Vadia do caralho”.

O sangue se espalha calorosamente em seu rosto. Ela respira desesperadamente, o ar abafado e quente com dióxido de carbono. Mas ela quase subiu até o segundo andar. As pontas dos dedos seguram a borda e ela pode sentir a língua macia de Laika nos nós dos dedos, lambendo ansiosamente: Mãe. Continue escalando. Você está quase lá.

Sua lâmina desliza para fora, arranhando sua bochecha pela segunda vez. Polegada por polegada de moagem. Ela estremece de dor, mas mantém os dentes cerrados, segurando o importante chaveiro de Jules. Ela não pode desistir. Ela não vai.

Ela sabe que Howard vai empalar a parede novamente. Ele a encontrou. Não há espaço para escapar. Ela se contorce e força o corpo para cima, contorcendo-se como uma cobra, para cima, para cima, para cima, sabendo que agora está expondo o peito e a barriga. Não há tempo para medo. Ela continua avançando, através de teias de aranha pegajosas, através da escuridão úmida...

Você está quase lá, mãe. Quase.

Ao sair, a espada do assassino faz um barulho estranho e vítreo – como um tubo de luz fluorescente quebrado – e depois um barulho de aço na escada. Desembarque de fragmentos.

Ela ouve Howard gritar incrédulo: “Não”.

Então horror. "Não."

Ela continua subindo e rastejando para longe da voz dele. Usando todos os músculos de seu corpo. Ela sabe exatamente o que aconteceu e isso a enche de alegria perversa. Apunhalar a parede com uma lâmina curva foi um erro crítico e, em sua fúria, Howard quebrou sua preciosa espada.

A voz dele uiva atrás dela, agora infantil.

"Não não não!"

30

Emma abraça o rosto branco de seu retriever. "Eu te amo."

Eu também te amo, mãe.

Então ela se levanta, corre até a janela do quarto que dá para o mar e a abre. Uma rajada fria de ar salgado entra. Ela abre a tela do bug.

Do lado de fora da porta barricada do quarto, ela ouve os passos de Howard ainda subindo, sua respiração ofegante. Então quinze centímetros de aço irregular perfuram a porta – um resquício de sua katana quebrada, agora tão compacta quanto uma faca de prisão. Mutilado em uma nova forma horrível.

Ele esfaqueia novamente.

De novo.

De novo.

Ele está rompendo. E Emma não vai ficar por aqui.

“Foda-se essa casa inteira. Estamos indo embora, Cão Espacial.”

A janela do segundo andar abre apenas alguns centímetros. Muito estreito. Então Emma levanta a mesa de cabeceira – deixando o abajur de Jules quebrar no chão – e carrega-o pelo quarto, segura-o com as pernas para fora e bate-o no vidro. Fragmentos se espalham noite adentro.

Com um barulho semelhante ao de uma câmara de ar pressurizada, toda a fúria da tempestade corre para dentro. O vento grita. Ela levanta o corpo de 30 quilos de Laika, se ergue no parapeito da janela e sai para o telhado do segundo andar. Uma perna de cada vez. Seus sapatos escorregam no cascalho molhado.

Laika se contorce em seus braços. Não sou fã disso, mãe—

"Tudo bem."

A inclinação do telhado é assustadoramente íngreme. A chuva explode nas telhas em um jato ofuscante. Bate em seus ombros como pedras. Seu rosto arde onde a katana de Howard a cortou – ela ainda não tem certeza de quão ruim é.

No primeiro passo para fora, ela quase perde o equilíbrio – três metros e meio até canteiros de flores áridos cheios de areia compacta. Se ela quebrar um tornozelo, ela estará praticamente morta. Mas se ela conseguir contornar o

telhado escorregadio e saltar com Laika para o lado norte, as sebes crescidas de Jules poderão amortecer a sua queda.

Talvez.

Ela sobe pela beirada do telhado, deixando a janela para trás e apertando Laika com um abraço de urso. As chaves ainda estão entre os dentes. O animal está ficando pesado em seus braços, mas ela não ousa colocar Laika no chão. Relâmpagos bifurcados cruzam o céu em um estalo contorcido. Ela pode sentir a eletricidade em seus ossos.

Estar no topo de um telhado novamente lhe dá uma pontada de tristeza.

Ela se lembra da probabilidade que o obstetra deu a elas naquele dia: cem para um. Ela se lembra de chorar até sentir dor na garganta. Ela se lembra de estar sentada na beira do telhado em Salt Lake City, com os olhos vermelhos e um cigarro aceso a centímetros dos lábios, certa de que nunca, jamais, seria mãe, antes de Shawn rastejar para fora para se juntar a ela e dizer que havia dado o nome a uma estrela. dela. Porque se o obstetra dissesse que não podiam criar vida, ele criaria algo para ela.

A estrela de Emma ainda está por aí em algum lugar.

Onde quer que esteja, ela não pode ver agora.

O céu está uma chuva negra. A chuva cai do telhado inclinado em uma corrente vertiginosa. Emma não consegue manter os passos retos. Seu pé direito perde o equilíbrio e a sarjeta se rompe sob seus pés.

"Merda."

Laika se debate novamente, mas Emma a segura com força. A calha quebrada cai até os canteiros abaixo. Ela se ajoelha e continua andando pelo telhado escorregadio, agora de lado. O vento rasga suas roupas.

De volta ao quarto, um estrondo estrondoso. A porta está abaixada.

Ele está lá dentro.

Correndo para a janela atrás dela.

Emma chega ao outro lado do telhado. A três metros de profundidade, ela vê as sebes. Não tão crescido quanto ela se lembra. É aqui que ela deve pular. Ela se abaixa e fica sentada, com as pernas penduradas na sarjeta transbordante. Um rangido frágil. Com Laika nos braços, ela não consegue olhar para baixo. Ela apenas terá que acreditar nisso. Tudo isso. Fé vertiginosa.

Ela beija o topo da cabeça de Laika. "Confie em mim."

Eu absolutamente não.

Ela respira fundo. E pula.

Quando Howard alcançou a janela quebrada e apontou o Smith &

Wesson para a chuva torrencial, Emma já havia ultrapassado a beira do telhado. Ele ouviu gravetos quebrando quando ela pousou em algum lugar nas sebes abaixo com seu retriever nos braços. Ele a perdeu de vista, mas não se incomodou. Ele ainda tinha quatro tiros.

Ele não sabia onde ela estava, mas sabia de algo melhor.

Onde ela estaria.

Ele se virou, saltou pela porta cheia de crateras do quarto e desceu correndo as escadas, dando saltos saltitantes. No final, ele passou por cima do corpo amarrado de Jules, ignorando seus soluços. Foi até a cozinha e, pela pequena janela acima da pia, avistou Emma correndo em direção à garagem. Ele mirou e atirou – a janela explodiu – mas ela já estava fora de vista. Um latido canino de terror perfurou a noite.

Muito devagar. Ele havia perdido.

Restam três tiros.

Seus ouvidos zumbiam e a cozinha fedia a pólvora queimada. O gatilho de dupla ação da Smith & Wesson era difícil de controlar e não tinha a precisão de pixels de Call of Duty. Howard foi legalmente proibido de portar uma arma de fogo e era lamentavelmente inexperiente. Ele não podia confiar em sua pontaria. Ele precisava matar Emma de perto.

Isso foi bom.

Ele poderia fazer isso.

Assustada com o tiro, Laika foge. Emma se lança para agarrar a coleira do retriever — devagar demais — e, em vez disso, arranca a bandana. Laika desaparece.

“Laika!” ela grita na tempestade. "Voltar."

Ela para na beira da garagem, ainda segurando a bandana Don’t Stop Retrievin puída que Shawn comprou há tantos anos. Ela enxuga a água da chuva dos olhos enquanto outra rajada de vento cortante quebra a grama alta.

“Laika. Lembrar."

Ela está ficando sem tempo. Howard está chegando. O eco do tiro desaparece à distância enquanto ela grita novamente: “Recorde”.

Apenas vento, chuva e escuridão. Nenhum sinal de Laika. Mais do que nunca, ela gostaria que seu cão tivesse voz, que fosse algo mais do que sua própria imaginação solitária.

Corra, mãe, ela dizia.

Eu ficarei bem.
Te vejo do outro lado.

A caminho da porta da frente, Howard ouviu Emma gritar por seu cachorro assustado. Essa foi boa. Qualquer coisa para atrasá-la. Ele não podia deixá-la alcançar o carro de sua mãe na garagem. Se ela chegasse ao Lincoln, tudo estaria acabado.

Ele correu pelo saguão, manuseando o martelo da Smith & Wesson. Em ação única, o acionamento do gatilho seria mais fácil de controlar.

Lá fora, ele ouviu um barulho metálico.

Uma porta de carro fechando.

Mas isso também estava bem. Ele já havia chegado à porta da frente e passou por ela com força suficiente para quebrar o batente. Agora, descendo os degraus da varanda sob a chuva ofuscante, ele correu pelo caminho de pedra em direção ao Lincoln de sua mãe.

Emma enfia a chave na ignição.

Ignorando os passos ásperos de Howard, ela gira a chave. Seus dedos estão escorregadios por causa da água da chuva. Sua mente dispara – esta é a parte da história de terror em que o carro não pega. Assim como o caminhão em Murder Mountain. Se este fosse um romance de merda de H. G. Kane, o motor iria engasgar, tossir e morrer, e o assassino enfurecido iria invadir a janela do motorista e enfiar o revólver na têmpora dela e estourar seus miolos porque o autor é Deus...

O motor dá partida.

Um rugido visceral e satisfatório.

Isto é vida real.

Howard se aproximou do Lincoln Town Car 2019 de sua mãe pela esquerda, ergueu o revólver e atirou diretamente na janela do motorista, onde estaria a cabeça de Emma. Outro clarão ofuscante e uma explosão de fazer ranger os dentes. O vidro caiu da janela, revelando um banco do motorista vazio.

Emma não estava lá.

O carro estava vazio.

Dezoito meses atrás, enquanto Emma estava sentada com Shawn no telhado de sua casa em Salt Lake City, com as pernas penduradas para fora da garagem, ela enxugou as lágrimas e disse algo que surpreendeu seu marido.

"Você sabe o que? Esqueça as probabilidades.

Ela jogou o cigarro na calçada abaixo.

“Continuaremos tentando.”

Sua guarda estava baixa.

A chuva estava em seus olhos.

Ele não viu Emma chegando à sua esquerda, dentro do FedEx Ford Transit de Jake Stanford, saindo de trás da garagem com os faróis apagados. A van atingiu Howard a trinta quilômetros por hora e o jogou sobre o capô. Ele jogou pinball com força, chutando um espelho retrovisor lateral enquanto a van batia nas portas com o Lincoln de Jules em um raspar de metal, faíscas de fogo saltando na noite com listras coloridas vertiginosas.

Num piscar de olhos, os veículos se separaram e Howard atingiu a garagem com cascalho nos dentes. Ele havia esquecido a van de entrega pertencente ao homem que ele assassinou. Talvez, em algum lugar, Jake Stanford tenha rido por último, afinal.

E na sequência, Howard largou a arma. Quando ele o encontrou, as lanternas traseiras vermelhas de Emma já estavam desaparecendo na escuridão, longe demais para atirar e continuando, a heroína da história desta noite escapando noite adentro.

Dezoito meses atrás, enquanto Emma estava sentada com Shawn no telhado de sua casa em Salt Lake City, com as pernas penduradas para fora da garagem, ela enxugou as lágrimas e disse algo que surpreendeu seu marido.

"Você sabe o que? Esqueça as probabilidades.

Ela jogou o cigarro na calçada abaixo.

“Continuaremos tentando.”

Sua guarda estava baixa.

A chuva estava em seus olhos.

Ele não viu Emma chegando à sua esquerda, dentro do FedEx Ford Transit de Jake Stanford, saindo de trás da garagem com os faróis apagados. A van atingiu Howard a trinta quilômetros por hora e o jogou sobre o capô. Ele jogou pinball com força, chutando um espelho retrovisor lateral enquanto a van batia nas portas com o Lincoln de Jules em um raspar de metal, faíscas de fogo saltando na noite com listras coloridas vertiginosas.

Num piscar de olhos, os veículos se separaram e Howard atingiu a garagem com cascalho nos dentes. Ele havia esquecido a van de entrega pertencente ao homem que ele assassinou. Talvez, em algum lugar, Jake Stanford tenha rido por último, afinal.

E na sequência, Howard largou a arma. Quando ele o encontrou, as lanternas traseiras vermelhas de Emma já estavam desaparecendo na escuridão, longe demais para atirar e continuando, a heroína da história desta noite escapando noite adentro.

Parte Quatro

Todos os contadores de histórias, tanto de ficção quanto de não-ficção, têm inspirações.

No entanto, Deacon Cowl é muito mais do que isso. Também o considero um mentor pessoal. Deaco (ou Deek, como o chamo) reconheceu meu talento bruto para escrever desde cedo e durante toda a minh vida trabalhou incansavelmente para me ajudar a aprimorar minhas habilidades. Ele confidenciou seu próprios segredos a mim. Ele me convidou para jantar em sua casa e saborear uma mistura perfeita d Manhattan mais vezes do que posso contar (e mesmo quando eu não tinha idade suficiente para beber!). El me deixou testar o revólver calibre .38 que lhe foi apresentado pela polícia de Fort Worth. Ele leu minha histórias de terror vorazmente – e sempre me disse que, com prática contínua, eu poderia ser um do cronistas de todos os tempos.

O mundialmente famoso Diácono Cowl também era meu vizinho, é mera coincidência. Embora, no qu diz respeito às coincidências, talvez seja divino? De que outra forma você interpretaria isso? Às vezes, noite, enquanto tomo meu bourbon favorito e lubrifico levemente minhas katanas, penso no passado examino as muitas reviravoltas e fortunas da minha vida. Às vezes me pergunto se tudo se desenrolou d acordo com algum grande plano.

Como se eu tivesse sido escolhido, desempenhando um papel que ainda não entendo.

Como se tudo fosse para acontecer. . .

Exatamente.

Como.

Esse.

—H. G. Kane, “Reflexões sobre o destino”, 2021, hgkaneofficial.com

Parte Quatro

Todos os contadores de histórias, tanto de ficção quanto de não-ficção, têm inspirações.

No entanto, Deacon Cowl é muito mais do que isso. Também o considero um mentor pessoal. Deacon (ou Deek, como o chamo) reconheceu meu talento bruto para escrever desde cedo e durante toda a minha vida trabalhou incansavelmente para me ajudar a aprimorar minhas habilidades. Ele confidenciou seus próprios segredos a mim. Ele me convidou para jantar em sua casa e saborear uma mistura perfeita de Manhattan mais vezes do que posso contar (e mesmo quando eu não tinha idade suficiente para beber!). Ele me deixou testar o revólver calibre .38 que lhe foi apresentado pela polícia de Fort Worth. Ele leu minhas histórias de terror vorazmente – e sempre me disse que, com prática contínua, eu poderia ser um dos cronistas de todos os tempos.

O mundialmente famoso Diácono Cowl também era meu vizinho, é mera coincidência. Embora, no que diz respeito às coincidências, talvez seja divino? De que outra forma você interpretaria isso? Às vezes, à noite, enquanto tomo meu bourbon favorito e lubrifico levemente minhas katanas, penso no passado e examino as muitas reviravoltas e fortunas da minha vida. Às vezes me pergunto se tudo se desenrolou de acordo com algum grande plano.

Como se eu tivesse sido escolhido, desempenhando um papel que ainda não entendo.

Como se tudo fosse para acontecer. . .

Exatamente.

Como.

Esse.

—H. G. Kane, “Reflexões sobre o destino”, 2021, hgkaneofficial.com

31

Não era para acontecer assim.

A heroína da obra-prima de H. G. Kane, Murder Beach, quebrou a história e escapou de seu destino. Emma deveria ser uma presa fácil! Um destroço ansioso e atormentado que mal comia e mal dormia, aguardando uma existência solitária em Strand, sem mais nada pelo que viver. Ela havia superado as probabilidades, tudo bem. A verdade é realmente mais estranha que a ficção. Howard recebeu uma estrela por reviravoltas muito menos “inacreditáveis” em seus próprios livros.

Assim como na vida real.

Como ele sempre disse. Se ao menos seus críticos de teclado pudessem ver isso.

E ele também fez as pazes com suas próprias deficiências. Ele não era o vilão imparável que há muito imaginava. Sua ficção anterior era, em comparação, fantasia, tão boba e leve quanto Propeller Head. Em Murder Glacier, o assassino é um atirador formidável, acertando um tiro na cabeça em um alvo em movimento a mais de duzentos metros de distância. Mas na realidade clara e indiscutível de Murder Beach, ele não percebeu Emma de perto com um .38 Special de baixo calibre que seus dedos molhados mal conseguiam agarrar.

Tinha que estar vindo para ele agora.

Apenas. Como. Real. Vida.

Ele aceitaria isso.

Emma Carpenter mereceu sua vitória. Ela mereceu seu final feliz. Porque Murder Beach não era uma história de terror de H. G. Kane, afinal. Foi uma história de redenção. Tenacidade. Sobrevivência. Uma mulher ferida no fim do mundo que, em seu momento mais sombrio, encontrou algo pelo que lutar. Foi inesperado e lindo.

Foi sua obra-prima.

Não se sabe exatamente quanto tempo Howard Grosvenor Kline

permaneceu ali, cambaleando e machucado, no cascalho molhado da calçada, nem a que horas ele voltou, mancando e humilhado, para a casa de sua infância. Ele não estava com pressa. A polícia estaria aqui em breve.

Ele entrou pela porta da frente.

Ele gritou: “Mãe”.

Seu chapéu de feltro de lã estava perdido lá fora, mas isso não importava agora. Ele tirou o casaco encharcado e jogou-o no chão. Ele tirou as botas.

“Mãe, não se preocupe. Ela fugiu. Terminei."

Ao passar pela cozinha, ele passou a panela com água de Emma no fogão, agora resfriada à temperatura ambiente. Isso o incomodou levemente; foi uma configuração sem recompensa. Na ficção, se um personagem ferve água para usar como arma, algo tem que acontecer com ela. Talvez ele encontrasse uma maneira de embelezá-lo. Afinal, ele era o narrador.

Embora certamente ele nunca tenha imaginado que escreveria a saga daquela noite em uma cela de prisão. Ele planejava completar Murder Beach na estrada em seu Honda CR-V, enquanto embarcava em sua longa jornada para confrontar outros leitores que haviam marcado seus livros com uma estrela na Amazon e no Goodreads. Ele localizou endereços de outras quatro possíveis vítimas até o momento, sendo a mais próxima aproximadamente doze horas ao sul, perto de Sacramento. Seus planos exatos não eram claros – talvez ele arrombasse as fechaduras às três da manhã e entrasse nos quartos. Talvez ele cortasse gargantas de orelha a orelha enquanto abafava gritos com suas luvas de látex e olhava nos olhos de seus antigos críticos. Talvez ele publicasse suas críticas negativas, como fez com Emma, e lesse suas palavras odiosas em voz alta enquanto eles se engasgavam com o próprio sangue. Quaisquer que fossem seus planos exatos, Howard estava à beira de uma onda de assassinatos através do país. Emma Carpenter, morando na casa de sua infância, seria a primeira.

Em vez disso, ela se tornou a última.

Howard sabia que havia destinos piores para um escritor do que o encarceramento. Haveria uma biblioteca na prisão (embora ele estivesse secretamente envergonhado de seu quase total desinteresse pela leitura), além do uso supervisionado de um laboratório de informática. Mas a sentença e a condenação levariam muitos meses. E as prisões? Especialmente aqui? Ele queria começar a escrever este manuscrito o

mais rápido possível, enquanto as imagens, os sons e os cheiros ainda estivessem frescos em sua mente. Talvez ele pedisse um bloco de notas e uma caneta à polícia de Strand Beach. Poderia ser uma condição para sua rendição. Se fosse necessário, ele poderia manter Jules como refém – não como uma ameaça real, é claro. Howard amava muito sua mãe. Mas a polícia não precisava saber disso.

“Está tudo acabado, mãe. Desculpe."

Nenhuma resposta.

Ele ligou novamente. "Mãe?"

Apenas o rugido da tempestade. O impacto das ondas na areia.

Pela primeira vez em minutos, sua mãe cativa ficou em silêncio na sala ao lado. Chega de soluços. Chega de implorar para que seu filho acabe com essa violência imprudente.

Quando ele entrou na sala, descobriu o porquê.

A causa da morte de Jules Phelps, de 63 anos, seria mais tarde considerada pelo médico legista como asfixia posicional. Na pressa de conter a mulher que se debatia e perturbada, ele amarrou seus pulsos, tornozelos e garganta, torcendo seu corpo em uma desconfortável gravata de porco. Isso, combinado com o nó desleixado de Howard e a constituição corpulenta de Jules, comprimiu suas vias respiratórias a ponto de sufocar. Ele não poderia ter pretendido isso. Mais tarde, os investigadores encontrariam marcas de dentes na madeira onde Jules lutou para se endireitar e respirar. Havia duas ironias profundas aqui, nenhuma das quais poderia ter passado despercebida a Howard.

A primeira: que Jules havia morrido há poucos momentos. Quando ele passou por cima do corpo dela enquanto perseguia Emma para fora, ela estava sufocando. Implorando por ajuda ao filho. Ele a ignorou.

E o segundo?

A asfixia posicional também foi a causa da morte de Laura Birch. Ele mesmo admitiu que a deixou presa com fita adesiva em uma pesada cadeira de carvalho em seu porão enquanto assistia às aulas. Quando voltou à noite, encontrou-a com frio – a cadeira inclinada, as vias respiratórias de Laura fechadas.

Sua paixão do ensino médio.

A mãe dele.

E um funcionário inocente da FedEx.

Todas essas três vidas foram tiradas acidentalmente, pela própria incompetência de Howard. Apesar de toda a sua crueldade, ele era um serial killer tragicamente inepto. E em meio a todos esses danos

colaterais, a única mulher que escapou da noite escura dos horrores era a única vida que ele pretendia tirar.

Ele não chorou.

Ele não gritou.

Ele não moveu o corpo de sua mãe. Ele não precisava. Jules não tinha pulso e seu rosto estava roxo podre, suas pupilas dilatadas. Não havia mais nada a fazer.

Howard tinha tantas coisas para processar agora. A humilhação de perder o controle da própria história. A dor de ser atropelado por um carro. O choque de quebrar sua katana mais valiosa. Agora, o principal de tudo: a dor de matar a própria mãe, sabendo que foi esse mesmo livro que lhe custou a vida.

Lentamente, como tinta se espalhando na água, seus sentimentos por Emma foram escurecendo.

Ela era sua heroína, sim.

Mas no final das contas, Murder Beach ainda não era uma história de terror? No altar de sua criação, Howard sacrificou sua própria mãe. Ele sacrificou o resto de sua vida, sua liberdade. Ele nunca mais jogaria Call of Duty: Warzone. Ele nunca compraria outra katana ou comeria outro prato crocante de bacalhau e batatas fritas com dois aperitivos de lula. Era isso. De agora em diante, seu futuro seria comida insípida no refeitório e atividades supervisionadas.

Enquanto isso, o que Emma sacrificou?

Ela escapou do massacre de forma limpa. Muito limpo. As histórias são insatisfatórias sem consequências. Exceto por um emaranhado de cabelo rasgado e um corte na bochecha, Emma estava ilesa e sem marcas. Pela lógica de Howard, ela também precisava perder algo significativo.

Foi quando ele viu seu golden retriever inglês creme.

O animal ficou na extremidade da sala e olhou para ele, ainda nervoso com o relatório da Smith & Wesson. Mas quando a tempestade se acalmou, ela voltou para a única estrutura que conhecia. A velha casa que abrigou ela e Emma por três meses.

Howard sussurrou: "Laika?"

O retriever se esquivou.

Ele rastejou atrás dela. “Laika? Aqui."

Na cozinha, ele tentou apontar sua Smith & Wesson para a cabeça

dela, mas não podia confiar em sua própria pontaria. Se a bala dele apenas passasse de raspão no crânio de Laika e ela fugisse novamente, ele nunca a alcançaria. Esta era sua única chance. Ele tentou agarrar seu colarinho, mas ela se encolheu.

“Laika?” Ele tentou parecer amigável. "Eu não vou machucar você."

O retriever olhou para ele com desconfiança.

Howard escondeu a pistola no bolso, para o caso de o cérebro animal dela a reconhecer. Finalmente, depois de mais episódios de tentativas frustrantes, mais olhares persuasivos e tímidos para trás, ele encurralou a cadela perto da porta da frente e, alguns passos mais perto, conseguiu tocar seu pelo encharcado de chuva. Ele deu um tapinha na cabeça dela. Ela ainda estava profundamente incerta.

“Você é um cachorro lindo. Sim você é."

Ele sempre odiou cachorros. Cada um dos chihuahuas de sua mãe.

Ele arranhou a ponta do focinho de Laika bem entre os olhos dela, em seu ponto cego natural, e ela pareceu gostar disso. Então aqueles olhos negros olharam para ele, como se reconhecessem sua verdadeira intenção. Ela enrijeceu e tentou se afastar, mas já era tarde demais – ele enfiou o polegar sob a gola dela. Ele faria isso de perto. Sem balas.

Sua voz baixou.

"Emma ama você, não é?"

Laika lutou, as unhas arranhando o azulejo.

“Você é tudo o que lhe resta.”

Choramingando, se contorcendo—

“É por isso que tenho que fazer isso.” Com a mão ilesa, ele ergueu o que restava de sua amada katana, um pedaço de aço malformado de quinze centímetros, até a garganta de Laika.

dela, mas não podia confiar em sua própria pontaria. Se a bala dele apenas passasse de raspão no crânio de Laika e ela fugisse novamente, ele nunca a alcançaria. Esta era sua única chance. Ele tentou agarrar seu colarinho, mas ela se encolheu.

“Laika?” Ele tentou parecer amigável. "Eu não vou machucar você."

O retriever olhou para ele com desconfiança.

Howard escondeu a pistola no bolso, para o caso de o cérebro animal dela a reconhecer. Finalmente, depois de mais episódios de tentativas frustrantes, mais olhares persuasivos e tímidos para trás, ele encurralou a cadela perto da porta da frente e, alguns passos mais perto, conseguiu tocar seu pelo encharcado de chuva. Ele deu um tapinha na cabeça dela. Ela ainda estava profundamente incerta.

“Você é um cachorro lindo. Sim você é."

Ele sempre odiou cachorros. Cada um dos chihuahuas de sua mãe.

Ele arranhou a ponta do focinho de Laika bem entre os olhos dela, em seu ponto cego natural, e ela pareceu gostar disso. Então aqueles olhos negros olharam para ele, como se reconhecessem sua verdadeira intenção. Ela enrijeceu e tentou se afastar, mas já era tarde demais – ele enfiou o polegar sob a gola dela. Ele faria isso de perto. Sem balas.

Sua voz baixou.

"Emma ama você, não é?"

Laika lutou, as unhas arranhando o azulejo.

“Você é tudo o que lhe resta.”

Choramingando, se contorcendo—

“É por isso que tenho que fazer isso.” Com a mão ilesa, ele ergueu o que restava de sua amada katana, um pedaço de aço malformado de quinze centímetros, até a garganta de Laika.

32

“Não toque no meu cachorro, porra.”

Emma enfia pontas elétricas na órbita ocular de Howard Grosvenor Kline e aplica-lhe quarenta mil volts no rosto. Sob o estalar da pipoca da arma de choque, ela pode ouvir a eletricidade pulsar no grito do autor: estridente, ensurdecedor, infantil.

Fugir não era o plano.

Ela não escolheu o veículo do morto para surpreender Howard (embora bater nele com um maldito carro tenha sido sua parte favorita da noite até agora). Ela escolheu por causa do pacote não entregue dentro. E depois de percorrer uma distância segura, abrir a caixa e inserir a bateria, ela voltou com a arma de choque de Jules na mão.

Para Cão Espacial.

Laika recua agora, assustada, mas ilesa.

Não são exatamente os testículos, como Jules recomendou uma vez, mas o rosto ainda parece bastante dolorido. Emma mantém o dedo no gatilho da arma de choque, enviando cada vez mais e mais tensão crepitante para a bochecha de Howard, sua boca, sua garganta. Ela sente cheiro de barba queimada. Os olhos dele estão a centímetros dos dela. Ele está rigidamente tenso, cada músculo e tendão cerrado como granito sob sua pele. Sua lâmina cai no chão.

Isto é para Deek, ela pensa. E o entregador.

E Laura Birch.

E todas as outras pessoas que você já...

O tiro a surpreende.

Uma marreta de mil libras atinge sua coxa. A explosão faz seus dentes tremerem, o clarão a cega, mas acima de tudo ela sente um peso estranho, como se sua perna tivesse se transformado instantaneamente em pedra. E espalhando calor líquido. Ela nunca levou um tiro antes. Aparentemente é assim que é.

O chiado elétrico cessa.

Sua arma de choque atinge o chão.

Howard grita com força furiosa e com o rosto vermelho enquanto Emma recua, mancando para se apoiar no fogão da cozinha. O sangue escorre por sua perna e se acumula sob seus pés. Golpes devastadores trocados, predador e presa fazem contato visual.

Erguendo a arma, ele sorri.

"Te peguei."

Ele a pegou.

É tão trágico – e frustrante para muitos leitores – que mesmo com milhares de volts dominando seu sistema nervoso, Howard Grosvenor Kline ainda conseguiu arrancar a arma do casaco e atirar em Emma à queima-roupa. Talvez fosse sua adrenalina ou o isolamento natural de seu físico corpulento. Nenhuma solução não letal é cem por cento eficaz, e há numerosos casos documentados de suspeitos que dominaram os seus agentes de detenção com farpas de eléctrodos ainda penduradas na sua carne.

Agora Howard apontou seu Smith & Wesson para acabar com ela.

Resta um cartucho.

Emma estava encurralada na cozinha, com os olhos arregalados e perdendo sangue rapidamente. Ela agarrou o fogão atrás dela. Ela estava alcançando às cegas a panela da qual se lembrava de água fervendo horas atrás, para salpicar seu assassino com um galão e meio de líquido escaldante.

Foi inteligente, mas fútil. Ele sabia que a água já estava resfriada à temperatura ambiente, completamente inofensiva para...

Emma balança a maldita panela diretamente no rosto de Howard. A água pode estar fria, mas a panela em si é de alumínio reforçado. Ela sente o nariz do homem quebrar com um estalo violento. Ele grita de dor.

Ataque. Esconder. Repita.

Mas ela cambaleia apenas mais um metro e oitenta — acabando de sair da cozinha — antes que seu corpo falhe e ela caia com força de bruços.

Então ela rasteja.

No corredor.

As paredes parecem espiralar ao seu redor. Sua perna agora é um peso morto então ela a arrasta. Tudo abaixo do quadril direito lateja com uma dor profunda

até os ossos. O sangue enche sua calça jeans, encharcando o tecido até a pele e deixando um rastro manchado no chão – e atrás dela ela ouve um pequeno clique. Ela conhece o som.

Ela abre a porta mais próxima e entra antes que ele possa atirar. Ela chuta a porta para fechá-la. Então ela tranca.

Ela se afasta da porta até que sua espinha dorsal bate na cabeceira da cama. Uma fechadura frágil no quarto não impedirá Howard. Ela está presa aqui, gravemente ferida e perdendo sangue rapidamente. Ela não pode correr. Ela não tem armas, nada com que revidar.

Ela está no quarto do adolescente.

Não. O quarto de Howard.

Um lugar adequado para morrer. O quarto que sempre a perturbou. O medo denso do odor corporal, a doença persistente e indescritível que vivia aqui. O tempo passa mais devagar e mancha, e em sua visão periférica Emma vê o colchão cedendo. Alguém está sentado ao lado dela.

Ela está feliz por ele estar aqui.

Ela fecha os olhos e sorri. “Ei, Shawn.”

Levante-se, Em.

"Não posso."

Você ainda pode fazer isso. Levantar.

"Desculpe. Não posso."

Sim você pode.

Ela balança a cabeça tonta, desaparecendo rapidamente.

Não desista.

“Sinto muito, Shawn. Estou sem armas.

Por favor, Em, levante-se. Ele está agarrando os ombros dela agora, sacudindo-a, mas ela ainda se recusa a olhar para ele. Você está tão perto. Confie em mim, ok? Você chegou até aqui. Você foi tão forte para outras pessoas esta noite. Agora, seja forte por você.

E então, Em, encontro você lá.

Essas palavras sempre lhe dão arrepios.

Encontro você lá.

Seus olhos lacrimejam quando ela se lembra do sorriso surpreso e genuíno de Shawn, de 21 anos, antes de a porta da ambulância se fechar. Duas transferências. Nove horas em três salas de espera. Quando lhe deram alta, ela se lembra de ter comprado um pacote gigante de doces Sour Patch Kids porque teve que comprar algo para ele no pequeno e sujo café do hospital, mas não sabia de que comida ele gostava. Ou até mesmo seu sobrenome.

Encontro você lá.

E toda vez que ela entra na maré do Pacífico, ela faz o mesmo desejo doloroso. Ela daria tudo para voltar no tempo com o marido, antes de tudo mudar. Mas é impossível. Ela sempre soube disso e agora é hora de encarar isso.

Eu te encontrarei—

“Não”, ela diz. "Você não vai."

Silêncio.

“Eu te amo, Shawn. Muito. Você era minha alma gêmea e sinto sua falta mais do que posso dizer. Ela luta contra o arrepio em sua voz. “Mas você não é real. Você é apenas minha imaginação. Na verdade não estou falando com você. Eu nunca fui."

Ela abre os olhos. Piscando para afastar as lágrimas enquanto o quarto vazio fica mais claro ao seu redor. O tapete que coça. O computador empoeirado. O ar fétido.

No colchão ao lado dela, ninguém.

Ela está sozinha.

“Sou só eu”, ela sussurra. “Sempre fui eu.”

Essa força também sempre foi dela.

E . . .

Eu não estou desarmado.

Ela rola, agarra a cabeceira da cama com os nós dos dedos ensanguentados e se levanta, tonta, sobre o colchão - olhando agora para o Japão feudal. O bambu brilha em azul com o luar. Um estóico guerreiro samurai afia sua katana.

Atrás dela, a maçaneta trancada gira e tilinta — Howard está na porta agora — enquanto ela se lembra de sua própria admissão, de que ele guardava a espada que usou para desmembrar o corpo de seu colega de classe atrás de uma tábua solta.

Na parede do seu quarto.

Acima de sua cama.

Ela rasga o pôster com as unhas. O samurai se afasta e revela a parede nua. A tábua solta está escondida dos olhos, mas ela encontra a brecha com a ponta dos dedos. Ela o retira, revelando um orifício profundo dentro da parede, e todos os segredos se espalham sobre ela, liberando as entranhas escuras da casa.

Uma mecha de cabelo loiro.

Óculos empoeirados.

Uma casamata transparente chocalhando com ossos e dentes.

E fotografias. Dezenas de Polaroids de horrores indescritíveis, caindo no colchão de Howard ao seu redor. Ela não ousará olhar para eles. Indo mais

fundo, ela encontra o que procura: uma pequena espada. Embrulhado em plástico leitoso, marrom com lascas de ferrugem – provavelmente o sangue de uma década de Laura Birch – mas ainda afiado.

Com um estrondo, Howard derruba a porta do quarto com um chute. Ela se vira para enfrentar seu assassino com sua nova lâmina em defesa – mas ele calmamente levanta a arma. O coração de Emma dispara. Há um metro e oitenta de distância entre eles, e não há como ela atravessar a sala com a perna machucada antes que ele atire nela fatalmente. Com espada ou sem espada, ele ainda venceu. Ela sabe disso. Ele também.

Ele aponta para o rosto dela.

Ela se prepara.

Ela não consegue processar o que acontece a seguir: do corredor, um borrão branco e veloz se fixa no antebraço de Howard. Ele grunhe de dor. Não é uma mordida particularmente poderosa, porque Laika é apenas um golden retriever agindo por instinto protetor.

Mas isso dá a Emma um momento.

No momento em que o homem consegue libertar a mão das presas de Laika, Emma cambaleia pelo quarto e enfia a lâmina em seu peito.

Até o fim.

“Howard”, Emma diz para seus olhos desbotados, “seu livro é realmente uma droga.”

a

;

fundo, ela encontra o que procura: uma pequena espada. Embrulhado em plástico leitoso, marrom com lascas de ferrugem – provavelmente o sangue de uma década de Laura Birch – mas ainda afiado.

Com um estrondo, Howard derruba a porta do quarto com um chute. Ela se vira para enfrentar seu assassino com sua nova lâmina em defesa – mas ele calmamente levanta a arma. O coração de Emma dispara. Há um metro e oitenta de distância entre eles, e não há como ela atravessar a sala com a perna machucada antes que ele atire nela fatalmente. Com espada ou sem espada, ele ainda venceu. Ela sabe disso. Ele também.

Ele aponta para o rosto dela.

Ela se prepara.

Ela não consegue processar o que acontece a seguir: do corredor, um borrão branco e veloz se fixa no antebraço de Howard. Ele grunhe de dor. Não é uma mordida particularmente poderosa, porque Laika é apenas um golden retriever agindo por instinto protetor.

Mas isso dá a Emma um momento.

No momento em que o homem consegue libertar a mão das presas de Laika, Emma cambaleia pelo quarto e enfia a lâmina em seu peito.

Até o fim.

“Howard”, Emma diz para seus olhos desbotados, “seu livro é realmente uma droga.”

33

Emma recupera o telefone de Howard do bolso dele – úmido de sangue – e então ela rasteja pelo corredor até cair contra uma poltrona com vista para as janelas quebradas, a vasta praia e as ondas barulhentas além. A tempestade está passando agora para revelar vislumbres milagrosos do céu imaculado. Messier 31 aparece, só para ela.

Laika senta ao lado dela, ainda ofegante.

"Você é um bom cachorro."

Sim eu sou.

Emma beija sua cabeça peluda. "O melhor cachorro."

Esse sou eu.

"Obrigado por salvar minha vida."

Você também, mãe.

Ela supõe que eles estão empatados.

Com pensamentos difamatórios, ela pega o telefone de Howard – conectado à rede sem fio de Jules, com sinal total – e tenta adivinhar sua senha algumas vezes antes de lembrar que chamadas de emergência ignoram a tela inicial. Dã.

Ela liga para o 911, deixando uma impressão digital ensanguentada em cada tecla. A linha fica em silêncio por um momento de ansiedade. Uma nuvem de estática.

Então, finalmente. . .

Departamento de Polícia de Strand Beach

Incidente nº 001373-12C-2023

11h58 PST

Operadora: 911. Qual é a sua emergência?

Chamador: Envie a polícia para 937 Wave Drive, por favor.

Operadora: Ok, senhora. Diga-me o que aconteceu?

Chamador: Eu. . . ah, é difícil de explicar. Basta enviar a polícia. E uma ambulância.

Operador: Ok. Você pode tentar?

Chamador: A. . . O psicopata total me atacou esta noite com uma espada ninja. Muitas pessoas estão mortas. Jules Phelps. Diácono Cowl. Sou o único sobrevivente, eu acho. E eu também levei um tiro. Estou perdendo sangue.

Operadora: Você está em um lugar seguro? Onde está o atacante agora?

Chamador: Eu o matei.

Operadora: Você o matou?

Chamador: Sim.

Operadora: Você é. . . você tem certeza que ele está morto?

Chamador: Tenho certeza.

Operador: Ok. Fique calmo. As unidades estão a caminho agora e vou explicar alguns primeiros socorros. Você pode me dizer onde foi baleado?

. . . Senhora?

. . . Senhora, você ainda está aí?

Emma congela. Ela ouviu alguma coisa.

O despachante repete: “Senhora?”

Ao seu lado, as orelhas de Laika se aguçam. Ela também ouviu. E, novamente, aí está – movimento corporal arrastado. Está vindo do quarto.

Ele ainda está vivo. De alguma forma.

Por favor, Deus, não.

É impossível. Ela tem certeza de que esfaqueou Howard no coração. Mesmo assim, o som inexplicável se aproxima. No corredor. Sobre passos desconexos, um gorgolejo úmido e ofegante.

“Senhora? Você ainda está aí?"

Não, ela pensa. Eu o matei-

Ela espera enquanto o som abafado se aproxima. Mais perto. Até que, levantando-se com as garras, a sombra de Howard Grosvenor Kline vira a esquina com a lâmina de Emma ainda projetada em seu peito. Seu rosto pálido gira bêbado para ela. Atropelado por um carro, eletrocutado, empalado, ainda de alguma forma animado com mais alguns minutos de vida odiosa e impossível; uma criatura horrível com vapor de manteiga no hálito e dedos gordurosos.

Em uma história, o autor é Go—

Emma levanta a arma e atira no rosto dele.

Sua cabeça chicoteia, deixando um respingo grosso na parede atrás dele, e ele cai com força com um estrondo. Ela revistou os bolsos de Howard minutos atrás e tomou cuidado especial para recuperar o telefone e a arma do assassino caído. Em Murder Mountain, de H. G. Kane, Prelaw esquece isso e isso a mata. Mas não Ema.

Emma Carpenter não é uma idiota.

Ela larga o revólver. Então ela se recosta na poltrona e descansa os olhos.

Departamento de Polícia de Strand Beach (continuação)

Incidente nº 001373-12C-2023

Operadora: Senhora? Foi isso . . . isso foi um tiro?

Chamador: Sim. Agora tenho certeza.

Sua cabeça chicoteia, deixando um respingo grosso na parede atrás dele, e ele cai com força com um estrondo. Ela revistou os bolsos de Howard minutos atrás e tomou cuidado especial para recuperar o telefone e a arma do assassino caído. Em Murder Mountain, de H. G. Kane, Prelaw esquece isso e isso a mata. Mas não Ema.

Emma Carpenter não é uma idiota.

Ela larga o revólver. Então ela se recosta na poltrona e descansa os olhos.

Departamento de Polícia de Strand Beach (continuação)

Incidente nº 001373-12C-2023

Operadora: Senhora? Foi isso . . . isso foi um tiro?

Chamador: Sim. Agora tenho certeza.

34

Emma acorda no Hospital Regional da Sagrada Família com agulhas enfiadas sob a pele e um tubo de plástico na garganta. Uma enfermeira explica com uma voz irritante de professora que a bala calibre .38 ricocheteou em seu fêmur e saiu logo acima do joelho, atingindo por pouco a artéria femoral. Ela havia perdido meio litro de sangue quando os paramédicos chegaram.

“Legal”, ela balbucia.

Ela passa três noites na UTI, depois uma semana em uma sala de recuperação com vista para o centro de Seaview, uma cidade pesqueira murada e fechada com tábuas que não tem nada em Strand Beach – exceto, aparentemente um hospital. Pelo canto mais distante da janela, ela consegue ver uma fileira de armazéns sujos e um pedaço cinzento do Oceano Pacífico.

“Você fez bem, Emma.”

Ela não ouviu o Velho Policial entrar em seu quarto. Ele passou por aqui algumas vezes esta semana para dar atualizações sobre a investigação. Ele está agora ao lado da cama dela olhando para ela com olhos gentis, quase de avô. Ela se sente realmente péssima por nunca se preocupar em saber o nome dele. “Não apenas bom”, acrescenta. "Incrível. A maioria das pessoas não lutaria tanto.”

“Uma pessoa que gosta de cachorros faria isso.”

Ele sorri. "Talvez."

Eles encontraram o corpo de Howard Grosvenor Kline no chão da sala com uma espada wakizashi no peito e uma bala calibre .38 na testa. Um dos policiais que responderam foi ouvido exclamando: Santo Jesus.

Eu nunca, jamais vou invadir a casa dessa garota.

Howard foi, segundo todos os relatos, um perdedor. Colegas de trabalho e vizinhos o descreveram como um jovem tímido e socialmente desajeitado, com uma queda por jogos (seu apartamento em Portland continha mais de setenta discos de jogos do Xbox, mas menos de uma dúzia de livros). Ao longo de dezesseis romances de terror publicados pelo próprio sob o pseudônimo de H. G Kane, ele contabilizou alguns fãs e incontáveis brigas digitais com críticos como

Emma.

No mundo de Howard, toda e qualquer crítica era um ataque – então, sempre que era atingido por uma crítica negativa, ele procurava uma maneira de revidar com mais força. Ele sinalizou falsamente contas da Amazon e Goodreads por conteúdo impróprio. Ele perseguiu detratores nas redes sociais. Ele espalhou rumores de racismo e pedofilia. Ele ameaçou animais de estimação. Ele transformou o Yelp em uma arma para bombardear empresas privadas que ele acreditava estarem associadas a seus inimigos, com precisão variável, até que advogados foram convocados em 2019 e suas contas de mídia social foram permanentemente desativadas. Durante o dia, Howard era engenheiro de software em uma respeitada empresa de planejamento financeiro em Seattle. Ele trabalhou remotamente, equilibrando uma carreira solitária, mas bem remunerada, com os rigores ainda mais solitários de escrever e lançar de dois a três romances por ano. Ele passou os invernos cuidando da casa de sua infância em Strand para sua mãe e se mudou apenas na primavera mais recente.

No outono, Emma mudou-se para cá.

E quando ela leu e criticou seu último romance, Howard ficou emocionado ao finalmente descobrir um crítico de teclado ao seu alcance. Ele a escalou como a estrela involuntária de sua nova obra-prima, Murder Beach, tanto como um ato de vingança quanto como uma busca desesperada pela fama. Como habitante da Internet, ele compreendeu a celebridade sombria que pode acompanhar a violência. Se Jeffrey Dahmer tivesse escrito um livro, não teria sido certamente um best-seller?

Essa é a conclusão oficial.

Mas para Emma, algo ainda não combina. O Howard unidimensional que eles reconstruíram e o Howard com quem ela lutou naquela noite parecem ser homens diferentes. A polícia viu um sociopata calculista e conhecedor de números com o objetivo de transformar seu primeiro assassinato (intencional) em sua obra-prima literária. Mas Emma viu uma alma ferida, atormentada e volátil e lutando com seus próprios sentimentos românticos não correspondidos pela babá de sua mãe, quente de todas as maneiras que eles acreditavam que ele era frio. E a ponta solta mais intrigante: suas próprias palavras.

Não existe Murder Beach, ele disse.

Por que ele mentiria sobre isso? Ele havia contado a verdade sobre seus romances anteriores e até sobre a trágica morte de Laura Birch causada por seu próprio erro.

Por último e mais perturbador: ele me disse que eu tinha que matar você.

Para refutar isto, a polícia aponta para o relatório toxicológico da autópsia, que não encontrou vestígios de medicação antipsicótica no corpo de Howard.

Depois de perder vários dias, se não semanas, da paliperidona prescrita, ele estava quase certamente sofrendo de alucinações e delírios. Mistério resolvido, certo? Até mesmo Cara de Demônio era uma criação de Howard, eles raciocinaram, uma história em primeira mão que ele inventou meses atrás e depois encenou com a câmera da campainha de Jules, em uma tentativa inteligente de enganar a polícia. Ele provavelmente planejou matar um transeunte local, plantar a máscara de borracha e algumas evidências e incriminar o morto pelo assassinato de Emma.

No papel, tudo se encaixa.

Mas Emma não consegue se livrar da suspeita persistente de que os investigadores perderam alguma coisa. Um desconforto incômodo, tão persistente quanto uma unha. Sua vitória difícil parece tênue. Em algum lugar, ela imagina um narrador lutando para remontar a história de Murder Beach com peças incompatíveis. De alguma forma, ela sente, ela ainda tem seu inimigo – seu verdadeiro inimigo, quem quer que seja e o que quer que ele seja – brevemente ao seu alcance. Nesta ilha em algum lugar.

Se ela partir agora, se voltar para casa em Salt Lake City com Laika, ela só lhe dará tempo para se reagrupar e atacar em uma semana, um mês ou um ano. Ela ficará vulnerável.

"Você precisa parar de pensar nas coisas que já aconteceram e seguir em frente", disse o Velho Policial a ela no dia de sua alta. "Você ganhou isso. Cada minuto disso. Você lutou pela sua vida de volta e venceu.

Eric Grayson, ela se corrige. Não o Velho Policial.

O homem tem um nome.

"Viva, Ema. E não olhe para trás. Se você fizer isso, estará deixando Howard vencer."

Após a recuperação, Emma Carpenter caiu em profunda depressão.

Ela recusou-se a falar com os meios de comunicação, mesmo quando o massacre trouxe a pacata cidade de Strand Beach à proeminência nacional. O autor que virou serial killer dominou o ciclo de notícias por semanas e, em uma reviravolta irônica, vários de seus e-books chamaram a atenção para listas de best-sellers on-line antes que os fornecedores os excluíssem. Eventualmente, os próprios arquivos de origem foram quebrados, e até hoje os arquivos PDF de H. G. Kane circulam na dark web como fitas de rapé – a visão de mundo cínica de Howard, pelo menos parcialmente, justificada. Ele chegou ao alcance da fama que tanto cobiçava, mesmo que apenas postumamente.

Os nomes de suas vítimas desapareceram da memória pública.

Como sempre acontece.

Mesmo assim, Emma retirou-se dos seus contactos no Strand. Suas declarações à polícia tornaram-se cada vez mais vagas e concisas. Ela insistiu em teorias da conspiração — que Howard tinha um cúmplice secreto naquela noite terrível, ou mesmo que ele estava sendo manipulado por uma mão invisível. Ela se recuperou do tiro de Howard, mas seus verdadeiros ferimentos eram mais profundos e mais difíceis de ver. A batalha que ela travou a alterou de alguma forma, profunda, silenciosa, invisível e invisível para todos, exceto Emma.

Essa é a realidade do trauma.

Perturbadoramente, Emma se recusou a entrar em contato com seus amigos e familiares em Salt Lake City. Suas ligações, mensagens de texto e e-mails ficaram sem resposta. Apesar da insistência de enfermeiras, médicos e do conselheiro de saúde mental designado, ela permaneceu isolada. Ela se recusou a comer. Seus hábitos negativos intensificaram-se em queda livre. Dias depois de receber alta do Hospital Regional Sagrada Família, ela tomou uma decisão preocupante: voltar sozinha para a casa dos Kline. O local onde aconteceu, onde quatro vidas terminaram violentamente.

Em sua mente, ela não tinha outro lugar para ir.

Ela voltou a entrar no longo caminho sob um céu de inverno escurecido por nuvens de chuva. As ondas atingiram a costa e o vento ondulou as dunas gramadas. O primeiro trovão ressoou, anunciando a tempestade que se aproximava.

A luz do sol rompe a neblina quando ela retorna, uma visão rara em janeiro. O céu se abre, duro e claro e de um azul perfeito. Emma sente o calor do sol em seu rosto através do para-brisa enquanto estaciona na calçada de cascalho. Ela olha para o banco de trás.

“Animado por estar de volta?”

Laika se diverte. Claro que sim.

“Mesmo que você quase tenha morrido aqui?”

Ainda é praia, mãe.

Eu amo a Praia.

"Justo." Ela olha para a casa de praia e sente um estranho emaranhado de emoções. A tristeza e a euforia estão tão profundamente entrelaçadas que ela não

consegue separá-las.

A casa Kline levou uma surra. Três janelas estão fechadas com tábuas e lonas. Paredes foram serradas para extrair balas perdidas. Seções do piso foram destruídas por equipes forenses e de limpeza. Mas Emma suspeita que o desconforto persistente irá desaparecer e talvez o espírito de Laura Birch possa finalmente seguir em frente. Seus dentes e brincos não estão mais selados dentro das paredes, sua família está fechada e seu assassino está morto.

Emma deixa as muletas no carro e caminha até a praia sem ajuda. A trilha arenosa é difícil para seus músculos ainda em recuperação, mas a dor pode ser um progresso.

À beira do oceano, ela joga um frisbee e observa Laika, de sete anos, disparar, abaixar-se e girar em redemoinhos de pêlo branco e areia levantada, toda presas e orelhas batendo, movendo-se de uma maneira que ela não fazia desde que era criança. cachorrinho frenético no tapete do primeiro apartamento de Emma e Shawn juntos. É como voltar no tempo. Ela pensa no sorriso tímido de Schmendrick do marido, no odor químico da pintura de modelo, nas noites em que observava as estrelas no telhado, deitada sob um cobertor e rindo até as bochechas doerem, em todos os momentos que agora ela se permitiu revisitar e aproveitar.

Ela percebe que estou rindo.

Na verdade, estou feliz.

Ela estava profundamente infeliz.

Essa dor a seguiria como uma sombra. A vida que ela levou naquele trágico acidente de carro meses atrás continuou a assombrá-la. Por mais que tentassem, ninguém que conhecesse Emma poderia compreender a profundidade ou a imensidão de sua dor particular ou saber que ela já havia feito os preparativos finais para acabar com sua vida em Strand.

Ela nunca iria embora.

“Partimos amanhã”, ela diz a Laika. “Aproveite a praia enquanto pode.”

Ela aprendeu, depois de uma vida inteira, a ignorar os pensamentos negativos dentro de sua cabeça. Como a voz imaginada de Shawn, como a de Laika, como tudo o mais, é tudo autogerado.

Esse é o truque.

Nunca é fácil. Mas é surpreendentemente simples.

Ela está no controle de sua vida. Não há narrador. E ela é mais do que a pior coisa que já fez. É tudo ela, tanto o bom quanto o ruim, porque não podemos escolher os pedaços de quem somos. E juntas todas essas peças a trouxeram até aqui. Eles a tornaram forte o suficiente para derrotar Howard Grosvenor Kline.

"Quase esqueci." Ela amarra algo no pescoço de Laika. “Aí está, Cão Espacial.”

Laika sai correndo com renovada exuberância, um borrão de tecido na gola.

Não pare de recuperar.

De volta à casa dos Kline, enquanto Emma arruma seus pertences para a longa viagem de volta para Utah no dia seguinte, ela finalmente chega à sua mochila Osprey verde. Esta matilha desgastada viu o Grand Canyon, os tubos de lava do Monte Santa Helena, na primeira vez que fez amor com Shawn. É uma parte dela, uma de suas partes favoritas, e ela está recuperando isso. Lá fora, ela abre o zíper das costas, vira-o de cabeça para baixo e despeja as pedras. Cada um deles. Isso lhe dá uma sensação de alegria, como se ela tivesse carregado essas pedras pesadas durante meses e finalmente estivesse livre de sua carga.

Antes de partir, ela aceita a oferta de longa data de um amigo.

"Desculpe por ter esfaqueado você com uma chave de fenda."

Ele dá de ombros. “Poderia ter sido pior.”

Ela serve uma caneca de chá de gengibre para ele e eles se sentam à mesa de jantar em um silêncio suave, observando o pôr do sol desaparecer atrás das ondas injetadas de sangue.

“Eu nunca disse obrigado”, acrescenta. “Por salvar minha vida.”

“Achei que Howard tivesse matado você.” Emma dá de ombros. “Voltei para salvar meu cachorro.”

Ele ri.

No final das contas, Deek sobreviveu ao ataque com uma fratura no crânio e uma grave concussão, cortesia do cabo rombudo da katana de Howard. A polícia teoriza que Howard pretendia apenas desferir um nocaute misericordioso em seu ídolo de longa data - embora o inchaço cerebral resultante quase o tenha matado de qualquer maneira.

Emma odeia dizer adeus. Suas coisas estão guardadas no porta-malas e amanhã ela deixará Strand para sempre. Mas tão certo quanto ambos sobreviveram à violência de Howard, ela sente que agora é hora de cada um deles enfrentar seus respectivos demônios.

Deek parece sentir isso também. Ele suspira, respirando fundo. Ele não tocou no chá. "Eu sou . . . Vou ligar para minhas filhas amanhã.

"Bom para você."

"Eu tenho . . .” Ele observa as ondas quebrarem sob o sol poente. “Eu tenho sido um pai de merda.”

“Você nunca me disse os nomes deles.”

“Annie e Alexis.”

"Que idade?"

"Gêmeos. Vinte e dois agora. Ele pisca, como se estivesse ouvindo isso em voz alta pela primeira vez. “Minha ex-esposa. . . ela os levou para Boston depois que ficou claro que eu nunca iria limpar. Annie está numa escola de enfermagem lá. Alexis faz algo com animais. E serei honesto, Emma. Joguei minhas garrafas na pia, sabe, tentei chegar lá com uma trajetória clara, e ainda não tenho ideia do que vou dizer a elas. Estou com medo do amanhã.”

“A antecipação é pior que a realidade”, diz Emma.

Ele olha para ela.

“Algo que meu marido costumava dizer”, acrescenta ela.

"Nem sempre."

"Quase sempre." Ela sorri sem mostrar os dentes. “Não edite sozinho. Não duvide. Você pode polir as palavras no papel o quanto quiser. Mas não o discurso. Falar tem uma honestidade especial e imediata. As falhas tornam isso real.

“É por isso que sou escritor.”

Emma termina o chá e observa a maré. “Escritores de merda, cara.”

Ele ri e bufa. “Nós somos os piores.”

“Eu nunca disse parabéns. Para o contrato do seu livro.

Ele encolhe os ombros modestamente.

“Acha que vai ser grande?”

“Minha editora faz. Eles já compraram.

“Mesmo que você ainda não tenha escrito?”

“Estou quase terminando o primeiro rascunho, que é basicamente a essência do manuscrito. O passado de Howard, as ações de Howard enquanto ele perseguia você, na noite do ataque. Todos tecidos juntos. Mas haverá muito mais pesquisas. Transcrições. Declarações. Coisas mais secas que meus amigos do centro serão liberadas gradualmente. E você, se não se importa. Ele olha diretamente para ela. “Emma, eu... . . teremos a honra de entrevistá-lo nos próximos meses. Cada detalhe que você consegue lembrar. Se você estiver confortável, é claro.

"Eu sou." Ela sorri. “Cansei de me esconder do passado.”

Mais do que você sabe.

Deek se abaixa e coça as orelhas de Laika. "O nome dele era Shawn?"

"Sim."

“Ele parece um bom homem.”

Ela assente.

"Eu desejo . . .” Deek suspira. “Eu gostaria de poder conhecê-lo.”

É hora de encarar a verdade, Emma sabe. Não há mais negação. Mortais como Howard Grosvenor Kline podem levar um tiro no rosto. Mas algumas coisas não podem ser eliminadas tão bem. Apenas considerado.

Como se fosse uma deixa, o telefone dela toca na mesa entre eles. Um zumbido irregular e de ranger os dentes. Ela estremece, apenas ligeiramente.

Deek percebe. “Emma?”

Ela pousa a caneca vazia. Ela olha para o telefone, esperando o código de área local – a polícia novamente, solicitando o zilionésimo depoimento – mas seu coração aperta quando ela reconhece o número de quem ligou. Não é de Washington.

“Emma? Você está bem?"

Seu estômago se contrai como uma bola. Sua garganta seca. Porque ela já viu esses dígitos muitas e muitas vezes antes.

É o número de Shawn.

"Sim."

“Ele parece um bom homem.”

Ela assente.

"Eu desejo . . .” Deek suspira. “Eu gostaria de poder conhecê-lo.”

É hora de encarar a verdade, Emma sabe. Não há mais negação. Mortais como Howard Grosvenor Kline podem levar um tiro no rosto. Mas algumas coisas não podem ser eliminadas tão bem. Apenas considerado.

Como se fosse uma deixa, o telefone dela toca na mesa entre eles. Um zumbido irregular e de ranger os dentes. Ela estremece, apenas ligeiramente.

Deek percebe. “Emma?”

Ela pousa a caneca vazia. Ela olha para o telefone, esperando o código de área local – a polícia novamente, solicitando o zilionésimo depoimento – mas seu coração aperta quando ela reconhece o número de quem ligou. Não é de Washington.

“Emma? Você está bem?"

Seu estômago se contrai como uma bola. Sua garganta seca. Porque ela já viu esses dígitos muitas e muitas vezes antes.

É o número de Shawn.

35

Howard cometeu vários erros na noite de seu ataque.

Ele não conseguiu antecipar a entrega de sua mãe na Amazon e a verificação de bem-estar da polícia. Ele caiu na emboscada de Emma no porão, onde sua katana era muito pesada para balançar e ela recompensou sua arrogância com dois dedos quebrados. E o mais fundamental é que ele entendeu mal a verdadeira natureza do passado de Emma. Enquanto estudava a mulher em seu quarto nas noites anteriores, ele a ouviu sussurrando o nome do marido durante o sono. Ele observou que ela ainda usava aliança de casamento. E ele raciocinou, logicamente, que o marido dela, Shawn, estava morto, talvez no horrível acidente de carro que deixou Emma cheia de culpa e quebrada.

Mas isso não era verdade.

Na verdade, Shawn Carpenter estava bem vivo. De volta a Salt Lake City.

Emma e Shawn ainda eram casados, embora separados. Eles não se falavam há meses. Na época, Shawn nem sabia que sua esposa estava em Washington.

Naquele mês de julho, depois de uma discussão desconhecida, mas presumivelmente acalorada, Emma fez as malas, pegou Laika e desapareceu. Ela cortou todos os fios sociais de sua vida em Utah. Ela deixou o emprego e esvaziou sua conta bancária. Ela abandonou seu iPhone. Ela sempre foi uma mulher solitária e extremamente inteligente, e saiu da rede com habilidade profissional. Ela se retirou para seus livros e se tornou inalcançável, impossível de ser encontrada.

E para ser sincero: fiquei pensando se deveria incluir esse detalhe. É de partir o coração. É indescritível. Francamente, também não é da conta de ninguém. Mas é fundamental para compreender a profundidade da dor de Emma. Não quero que os leitores a julguem.

Emma e Shawn tiveram uma filha pequena.

O nome dela era Shelby.

Ela tinha quatro meses.

E no dia 2 de julho, Emma e Shawn estavam dirigindo para ver a família em Denver. Shawn estava no banco do passageiro; A cadeirinha de Shelby estava atrás. Quando Emma tirou os olhos da estrada para olhar seu telefone, por um momento, um caminhão de dezoito rodas mudou de faixa na sua frente. Seu tempo de reação foi atrasado. Aos setenta anos, Emma pisou no freio e perdeu o controle.

Mesmo assim, a colisão foi milagrosamente pequena. Ela diminuiu significativamente no momento do impacto. Nenhum airbag foi acionado. O dano total ao veículo de Emma foi uma única tampa do farol rachada e um painel frontal amassado; tecnicamente um pára-lama dobrador. O semirreboque também estava quase totalmente intacto.

Emma saiu ilesa.

Shawn saiu ileso.

No banco de trás, Shelby morreu instantaneamente.

Está bem documentado que as crianças enfrentam o maior risco de morte em acidentes automobilísticos, mas esta tragédia em particular foi descrita como “uma em um milhão”. Só pode ser um infortúnio inconcebivelmente cruel que a cabecinha de Shelby estivesse virada exatamente assim, que o assento do carro estivesse posicionado exatamente assim, que a colisão lateral enviasse um choque cinético para viajar exatamente assim através do veículo, de modo a cirurgicamente fraturar os ossos ainda em desenvolvimento dentro do pescoço.

E como professora de matemática, Emma teve de compreender — de forma precisa — que cada elemento desta complexa equação física era diretamente responsável pelo resultado. Mude um número inteiro e Shelby teria sobrevivido. A posição do sol no céu. O peso da gasolina no tanque. A banda de rodagem dos pneus. A fina camada de poeira arenosa no pavimento.

A decisão de Emma de desviar o olhar da estrada para verificar o telefone.

Exatamente assim.

Deek aponta uma arma para o peito de Emma. “Não atenda seu telefone.”

Ela para com a mão estendida. Na mesa entre eles, o telefone continua tocando em silêncio, vibrando forte contra a madeira.

Sua boca fica subitamente seca.

Zumbido.

“Sinto muito”, sussurra Deek.

Zumbido.

"Eu desejo . . .” Sua voz falha. “Eu gostaria que houvesse outra maneira.”

O medo gelado sobe pela garganta de Emma. Ela reconhece a arma na mão dele – é a mesma Smith & Wesson .38 Special prateada com a qual ela matou Howard, a arma que quase tirou sua vida. Ele ainda deve estar ensacado sob custódia policial. Como é aqui?

Zumbido.

Ela coloca a palma da mão para baixo. A quinze centímetros do telefone dela.

“Se você tocar no seu telefone”, sussurra o velho sem piscar, “eu atiro em você. Juro pela vida das minhas filhas, Emma.”

Zumbido.

Ela respira fundo e diz isso. “Howard deveria me matar, não era?”

Deek não diz nada.

Zumbido.

“É por isso que você encontrou suas balas convenientemente naquela noite.”

E por que o velho esperou tanto antes de intervir para “ajudar”. Somente depois que o assassino empunhando a katana encurralou Emma no porão e sua morte parecia certa...

Zumbido.

“Eu gostaria que isso não tivesse que acontecer.” Ele respira fundo. “Por favor, acredite em mim, Emma. Eu venderia minha alma por isso. Sempre gostei de nossas conversas.

“Eu considerava você um amigo”, ela sussurra.

"Eu ainda estou."

"Eu confiei em você."

"Não. Você não fez isso. Ele estremece. "Esse é o problema."

Ela não entende.

“Três palavras”, diz ele. “Você disse isso naquela noite. Você não se lembra?

Ela . . . não pode.

"É por isso que estou aqui." Ele esfrega os olhos com dedos nodosos. “Não vou para a prisão, Emma, e não vou viver o resto da minha vida na paranóia. Poderíamos ter seguido caminhos separados, você e eu, como sobreviventes, se não fosse por três malditas palavras.

Ela se lembra agora.

Quando Deek capturou Howard sob a mira de uma arma e Emma estava

prestes a sair com as chaves de Jules, ela confessou que nem sempre confiou nele: eu suspeitava que você estivesse trabalhando com Howard de alguma forma. Ela se lembra da sombra triste que caiu sobre os olhos do velho, da profunda mudança sísmica que ela não conseguia compreender, enquanto pronunciava aquelas últimas três palavras.

Algo que Howard disse.

Agora uma ponta solta.

Sua própria sentença de morte.

“Você estava certo. Durante todo esse tempo." Ele sorri severamente, mantendo a arma apontada para ela. “Você deveria ter seguido seu instinto.”

“É isso”, diz ela. "Eu fiz."

Ele pisca.

Ele não esperava por isso.

Entre eles, o telefone parou de vibrar – a ligação de Shawn foi para o correio de voz. O coração de Emma dispara e ela sabe que o fim está próximo. Ela está tão perto. Ela endurece e compartimenta tudo o que sente, porque tem mais uma coisa para fazer. Uma última coisa crucial.

Diga, Em. Não se atreva a autoeditar.

“Deek, tenho uma pergunta para você.”

Silêncio.

Ele está ouvindo.

“De todos os milhões de e-books disponíveis para download em todo o mundo, acabei de ler Murder Mountain. E o autor simplesmente cresceu nesta mesma casa. Quais são as chances, certo?

Ele a observa.

“Essa é uma coincidência alucinante. Totalmente insano. Distrair, até. Eu daria uma estrela a um thriller por essa lacuna de credibilidade. E não me interpretem mal – é perfeitamente possível. As pessoas são atingidas por um raio e ganham na loteria várias vezes. E depois do que aconteceu com minha filha, sei muito bem como a vida pode ser aleatória, improvável e uma merda. E a polícia está bem com isso. Eles amam você. Você é uma celebridade local, então até recuperou sua arma chique mais cedo. Eles reviraram cada pedra e me disseram para não pensar demais nas coisas, que eu estava deixando Howard vencer. Mas ainda é uma coincidência.”

Deek não diz nada.

“Coincidências são boas na vida real. Mas na ficção, eles escrevem mal.”

Seus olhos se estreitam.

“Até que percebi que não foi uma coincidência.” Ela abaixa a voz. “Porque eu não li Murder Mountain por acaso, não é?”

Mesmo assim, ele não diz nada.

"Você não se lembra?" Ela se inclina para frente, sua voz é um sussurro áspero. “Você me recomendou o livro de merda de Howard.”

Ao longe, as ondas atingem a costa, trazendo milhares de toneladas de água do mar. Em. Então sai.

Em. Então sai.

Finalmente o diácono Cowl dá de ombros. Ele não está acostumado a ser confrontado, mas está se adaptando, inclinando-se para frente para combinar a posição dela com o dedo no gatilho. O remorso foi apenas um ato e agora desaparece, substituído por uma astúcia reptiliana. Ele abre um sorriso enrugado revelando dentes amarelos, e ela sente cheiro de uísque e café.

“Então como é que eu ainda tenho vantagem sobre você, Emma?”

Ela sorri de volta. “Você não fez isso.”

Com a mão esquerda ainda escondida debaixo da mesa – onde esteve o tempo todo – ela pressiona os dentes da arma de choque nas bolas do velho e libera quarenta mil volts.

Mesmo assim, ele não diz nada.

"Você não se lembra?" Ela se inclina para frente, sua voz é um sussurro áspero. “Você me recomendou o livro de merda de Howard.”

Ao longe, as ondas atingem a costa, trazendo milhares de toneladas de água do mar. Em. Então sai.

Em. Então sai.

Finalmente o diácono Cowl dá de ombros. Ele não está acostumado a ser confrontado, mas está se adaptando, inclinando-se para frente para combinar a posição dela com o dedo no gatilho. O remorso foi apenas um ato e agora desaparece, substituído por uma astúcia reptiliana. Ele abre um sorriso enrugado, revelando dentes amarelos, e ela sente cheiro de uísque e café.

“Então como é que eu ainda tenho vantagem sobre você, Emma?”

Ela sorri de volta. “Você não fez isso.”

Com a mão esquerda ainda escondida debaixo da mesa – onde esteve o tempo todo – ela pressiona os dentes da arma de choque nas bolas do velho e libera quarenta mil volts.

36

Deek se contorce e se debate, com os olhos cheios de veias esbugalhados, saltando da cadeira e espalhando um arco de chá de gengibre quente contra a parede. Ele emite um barulho estranho e estrangulado por entre os dentes. Sua caneca se estilhaça no chão ao lado dele.

Emma se levanta, girando a arma de choque na mão. “Estou começando a amar essa coisa.”

Obrigado, Júlio.

Talvez ela estivesse certa, e os testículos são realmente o pior lugar possível para receber quarenta mil volts. Visto em primeira mão, com certeza não parece divertido. Howard pode ter lutado contra o choque paralisante, mas este velho frágil já caiu no chão. Emma não se importa se as bolas dele explodiram como pipoca, mas ela espera não ter causado danos cardíacos nele. Ela precisa do Diácono Cowl vivo.

Laika observa com os olhos arregalados. Puta merda, mãe.

Não esperava por isso.

Emma dá a volta na mesa e pega a arma de Deek. Ele se contorce dolorosamente, agarrando o tornozelo dela...

"Não." Ela bate a mão dele.

Ele grita.

“Você pensou que eu estava em sua armadilha? Filho da puta, você estava na minha.” Sua boca está seca, suas palavras vêm quase tão rápido quanto seus pensamentos: “Sua carreira estava morta. Você ajudou a polícia a pegar um homem mau no Texas, mas isso foi há duas décadas e sua família te abandonou, você é alcoólatra e não vendeu um livro para sua editora desde então. Suas palavras."

Deek geme no chão.

“Mas e se um assassino atacasse seu vizinho? E se você interviesse heroicamente para atirar nele? Esse é o seu best-seller de retorno. E não qualquer assassino. Há milhares de assassinatos por ano e o seu precisa se destacar, como

fez o Stockyard Slayer. Ainda bem que você conhece Howard Grosvenor Kline, aspirante a escritor com um histórico de invasões domiciliares, que finalmente foi derrotado após anos de ridículo e está enfrentando seu mais recente crítico de teclado. Essa é uma premissa nova. Inferno, eu li esse livro. E você conhece Howard há anos, vendo-o crescer – como ele é volátil, suas inseguranças, seus gatilhos. Você tem uma história de fundo em primeira mão. Diácono Cowl, você nasceu para cobrir esta verdadeira história de crime. O único problema: o verdadeiro crime ainda não tinha acontecido."

Ele choraminga.

Ela aponta o revólver para o rosto dele.

"Você encorajou Howard a me matar, certo? Para pesquisa? Para melhorar sua ficção de terror de merda, tentando a coisa real, assim como você acidentalmente o enviou atrás de Laura Birch. Mas desta vez você o manipulou de propósito. Porque você o mataria depois.

Ela estuda os olhos dele em busca de uma reação. Temer. Vergonha. Culpa.

Qualquer coisa.

"Você me serviu para Howard. Uma mulher suicida e de luto vivendo sozinha na casa de sua infância, sem testemunhas, sinal de celular ou armas. A vítima perfeita.

Em vez disso, eu chutei a bunda dele.

"Enquanto você secretamente se apresentava como o vizinho heróico, aparecendo para trair Howard com uma bala no rosto."

E em vez disso, eu apunhalei você com uma chave de fenda.

Há algo visceralmente gratificante em ser subestimada, em destruir os planos diabólicos traçados ao seu redor. Sobrevivendo à morte planejada, matando o suposto vilão, ferindo o suposto herói. Emma não pode ser controlada. Ela é uma maldita bola de demolição.

Toda a sua paranóia. Vindicado.

"E depois que Howard se rendeu, você não poderia atirar nele na frente de testemunhas, por mais que quisesse. Tinha que ser legítima defesa. É por isso que você insistiu que Jules e eu partíssemos juntos.

Ele não diz nada.

É como se ela finalmente tivesse ganhado um jogo da Forca com o velho bastardo engenhoso. Ela o superou. Ela derrotou seu olhar ampliado, suas observações penetrantes. Ainda assim, ela deve reconhecer e dar crédito a quem o merece.

"Você foi inteligente em vir atrás de mim." Ela ergue o revólver em uma mão e a arma de choque de Jules na outra. "Só não é inteligente o suficiente."

Estremecendo, ele se senta no chão.

“Talvez seja assim que você se sentiu há dez anos, quando Laura Birch desapareceu?” Ela tenta ver dessa forma. “A polícia não acreditou em mim sobre as palavras de Howard, não importa o quanto eu implorei para que investigassem você mais de perto. Eles me chamaram de paranóico. Disseram que eu estava deixando Howard vencer. Mas acho que eles vão acreditar em mim agora.”

Ela aponta para o outro lado da sala, para o gravador de áudio colocado na estante. Ouvindo silenciosamente, registrando cada palavra condenatória.

“Quer dizer oi?”

Ele olha carrancudo para o chão.

“Confie em mim, Deek, eu gostaria que pudéssemos seguir caminhos separados também. Mas eu ficaria olhando por cima do ombro pelo resto da vida, assim como você, e colocaria a vida de Shawn em perigo. Eu não poderia arriscar que você viesse atrás de nós dois. Ela o empurra com o pé. "Agora deite-se."

Ela enfia a pistola na cintura e pressiona os dentes da arma de choque no pescoço dele. Com a mão livre ela vasculha os bolsos da capa de chuva, encontrando a carteira de couro. Suas chaves.

“Não vou precisar disso.”

Em seguida, feche os laços. Fita adesiva.

"Para mim? Você não deveria ter feito isso.

Luvas cirúrgicas azuis.

Ela assobia. "Apavorante."

No bolso mais fundo do velho, ela encontra uma pequena garrafa de vidro. Uma tintura? As letras miúdas do rótulo são difíceis de ler. Demora um pouco; seus olhos não conseguem focar. Entre muitos nomes químicos, ela reconhece um.

Propofol.

A primeira palavra do Hangman de Deek, meses atrás. Tudo se completou.

“É assim, hein?” Emma sacode a pequena garrafa. “Você veio aqui para me envenenar. Com a fórmula do Stockyard Slayer.”

Finalmente, Deek fala. Sua voz é um coaxar seco.

"Eu já fiz."

“Talvez seja assim que você se sentiu há dez anos, quando Laura Birch desapareceu?” Ela tenta ver dessa forma. “A polícia não acreditou em mim sobre as palavras de Howard, não importa o quanto eu implorei para que investigassem você mais de perto. Eles me chamaram de paranóico. Disseram que eu estava deixando Howard vencer. Mas acho que eles vão acreditar em mim agora.”

Ela aponta para o outro lado da sala, para o gravador de áudio colocado na estante. Ouvindo silenciosamente, registrando cada palavra condenatória.

“Quer dizer oi?”

Ele olha carrancudo para o chão.

“Confie em mim, Deek, eu gostaria que pudéssemos seguir caminhos separados também. Mas eu ficaria olhando por cima do ombro pelo resto da vida, assim como você, e colocaria a vida de Shawn em perigo. Eu não poderia arriscar que você viesse atrás de nós dois. Ela o empurra com o pé. "Agora deite-se."

Ela enfia a pistola na cintura e pressiona os dentes da arma de choque no pescoço dele. Com a mão livre ela vasculha os bolsos da capa de chuva, encontrando a carteira de couro. Suas chaves.

“Não vou precisar disso.”

Em seguida, feche os laços. Fita adesiva.

"Para mim? Você não deveria ter feito isso.

Luvas cirúrgicas azuis.

Ela assobia. "Apavorante."

No bolso mais fundo do velho, ela encontra uma pequena garrafa de vidro. Uma tintura? As letras miúdas do rótulo são difíceis de ler. Demora um pouco; seus olhos não conseguem focar. Entre muitos nomes químicos, ela reconhece um.

Propofol.

A primeira palavra do Hangman de Deek, meses atrás. Tudo se completou.

“É assim, hein?” Emma sacode a pequena garrafa. “Você veio aqui para me envenenar. Com a fórmula do Stockyard Slayer.”

Finalmente, Deek fala. Sua voz é um coaxar seco.

"Eu já fiz."

37

O mundo parece oscilar sob os pés. Sua boca está seca como papel. Ela coloca a garrafa na beirada da mesa, mas erra.

Deek observa.

Ela tenta pensar em outra coisa para dizer, para repreendê-lo, porque sabe que é impossível. Ela teria sentido a picada de uma seringa. Ela nem sequer permitiu que ele chegasse perto o suficiente para tocá-la. Durante vinte minutos, ela persuadiu cuidadosamente o homem perigoso a cair em sua armadilha enquanto o gravador de áudio ouvia. Ela está observando suas mãos, estudando sua respiração. Segurando sua arma de choque escondida debaixo da mesa a poucos centímetros de sua virilha, as presas gêmeas prateadas prontas para morder.

Mas ela não pode negar o terror lento e tonto que agora a domina. É como estar bêbado de repente e desconfortavelmente.

Eu estava te observando o tempo todo, ela quer rosnar.

Como você fez isso?

Sua voz sai fraca. Infantil, quase petulante: “Não acredito em você”.

Deek não diz nada.

"Eu disse, não acredito em você."

Ele sorri.

"Dizer algo."

Ele não precisa.

Só agora ele se levanta como um monte de ossos velhos se juntando, só cotovelos e joelhos e juntas estalando. Perto de sua garganta, ela vê os pontos de Frankenstein e o tecido cicatricial rosado onde sua chave de fenda não atingiu a artéria carótida por menos de um centímetro. Ele a observa enquanto se levanta, apenas observando desapaixonadamente, uma inteligência fria e antipática. Ela sentiu aqueles olhos nela através das janelas. Na praia. Ele conhece cada detalhe da vida dela. Ele sabe sobre Shawn. Sobre Shelby. Seu isolamento. Sua autodestruição. Sua fuga para os livros, seus cigarros diários secretos, sua dieta

de novecentas calorias, seu chá de gengibre...

Meu chá, ela percebe com uma onda de medo.

Ele envenenou meu chá de gengibre.

Ela passou quase duas semanas na Sagrada Família. Deek poderia ter entrado na casa dos Kline a qualquer noite e dosado seus saquinhos de chá ou sua água engarrafada ou mesmo seu creme e açúcar. Exatamente como ele fez isso não importa.

Ela olha para sua caneca.

Vazio. Ela terminou minutos atrás.

“Sinto muito”, diz o velho. “Não vai doer.”

Ele tem pouco mais de um metro e meio de altura, mas ela parece menor. Ele parece crescer enquanto ela encolhe, enquanto ela sente seus pensamentos retrocederem. Seu coração está desacelerando. Seus músculos estão ficando pesados, moles, começando a formigar.

Aqueles olhos frios a observam desaparecer.

Não tenho nenhum prazer em escrever este capítulo final. A história deveria acabar. O monstro está morto. Mas no final das contas, e tragicamente, Emma Carpenter ainda perdeu a vida. Não ao ataque sangrento de Howard Grosvenor Kline naquela noite agora infame.

Duas semanas depois.

Pouco depois de sua alta da Sagrada Família.

É de partir o coração que esta jovem notável tenha conseguido lutar contra Howard com tanta tenacidade e até mesmo sobreviver a um tiro à queima-roupa, apenas para sucumbir aos seus próprios demônios poucas semanas depois. Emma improvisou e adaptou. Ela usou o layout da casa de infância do assassino contra ele. Mesmo enquanto fazia sua suada fuga em um veículo roubado, com as luzes seguras da cidade de Strand Beach a poucos quilômetros de distância, Emma decidiu parar, arrancar uma arma de choque da embalagem e voltar para o perigo para salvar seu amado. golden retriever.

E talvez seja isso.

Ela lutou pela vida de seu cachorro. Ela lutou pela vida de um funcionário da FedEx cujo nome ela não sabia e dos dois policiais de Strand Beach que responderam na porta. Não menos importante, ela também lutou para salvar minha vida, enquanto eu estava sangrando e inconsciente no chão da sala. Não há como dizer que zombaria horrível do samurai seppuku Howard poderia ter planejado me impor. E eu

realmente acredito, de coração, que estou vivo hoje para escrever este livro por causa das ações de Emma naquela noite. Eu gostaria de poder agradecer a ela.

Mas quando não sobrou ninguém para salvar e ela foi abandonada à própria sorte na nebulosa solidão de Strand, isso finalmente aconteceu no dia 12 de janeiro.

Emma Carpenter tirou a própria vida.

Ela enfia os dedos na garganta. Seu reflexo de vômito é alarmantemente retardado – mas finalmente ela se sente mal, seus olhos lacrimejam e cospe um líquido leitoso marrom. Chá, creme, ácido estomacal.

“Não importa”, diz Deek. “Já está no seu sistema nervoso.”

Ela tosse e cospe.

“Emma. Pare de lutar contra isso...”

Ela balança a cabeça, a garganta áspera. Seu estômago está vazio. Ela purgou o que pode. Mas, ao contrário das bolinhas de veneno de Laika, ela já absorveu a dose fatal, porque os líquidos entram na corrente sanguínea muito mais rápido do que os sólidos.

"É tarde demais."

Ela o ignora. A casa está inclinada. Ela quase se dobra.

"Sentar-se. Está quase pronto." Ela sente a mão ossuda dele em seu ombro. Aquele anestesista perturbado no Texas pode ter feito coisas impensáveis com suas vítimas paralisadas, mas Deacon Cowl é uma alma mais gentil. “Você deveria saber, você estava errado sobre Howard...”

Ela se afasta. Recusando-se a olhar para ele.

“Ele não suportava a ideia de tirar uma vida inocente. Mas eu encontrei nele o compromisso perfeito: uma mulher prestes a tirar a própria vida. Você estava morto de qualquer maneira, e sua vida seria desperdiçada ou não.

Isso lhe dá um arrepio nauseante. A frieza do que ele diz, como ele diz.

“Ele estava observando você há semanas. Muito antes de você ler seu livrinho de merda. Morando em seu SUV estacionado à beira-mar, entrando e saindo livremente na casa grande. Acho que ele até dormiu algumas noites em seu antigo quarto. Você já se sentiu assombrado? Laika se comportou de maneira estranha? Provavelmente cheirava a Howard, como um colega de quarto fantasma.”

O quarto. Os odores fétidos de suco de vapor de manteiga e suor. O vaso sanitário que parecia dar descarga de forma autônoma. Tudo isso.

“E ele estava desenvolvendo uma queda por você. Como Laura Birch de novo.”

Arranhar.

Mesmo desaparecendo, dá a Emma um arrepio repulsivo.

“Ele simplesmente gostava de viver perto de você, eu acho. Aproxime-se de uma mulher. Acho que é por isso que ele se ressentia tanto da sua cadela: ele tinha ciúmes da atenção que você dava a ela. E mesmo que você estivesse cada dia mais perto de se afogar, Howard não teve coragem de acabar com você. Ele não era realmente um monstro, por mais que gostasse de escrever sobre eles. Ele era apenas um garoto solitário e invejoso, sem habilidades sociais, desejando fama, desejando validação, talvez acima de tudo desejando uma namorada.”

Ela sente algo novo. Uma facada de simpatia, cristalina em seu poder.

“E, finalmente, ele me disse que mudou de ideia, que afinal não iria matar você. Isso me deixou com um problema. Eu precisava que ele te odiasse. De alguma forma."

Ela pode sentir os músculos do rosto dele se movendo ao lado de sua orelha.

Um sorriso enrugado.

“Então eu agitei as coisas. Eu recomendei que você lesse seu mais novo incêndio em uma lixeira, Murder Mountain. Só para você falar sobre isso.

Sua conversa online com Howard ainda está martelando em sua memória. A traição em suas palavras. O que fez suas críticas doerem tão intensamente, tornando-a uma perfeita estranha entre milhões? Agora ela sabe que é porque ela não era uma estranha. Howard a observava, talvez até da sala ao lado. Perto o suficiente para identificar a espécie de pássaro que atingiu sua janela e inserir seu nome na conversa como uma dica sutil e assustadora.

Não vou perguntar de novo.

Bom.

“Você não tinha ideia de que seu assassino estava prestes a fazer as malas e deixar a cidade”, sussurra Deek. “Até você digitar sua própria sentença de morte na Amazon.”

De certa forma, o destino de Emma era inevitável.

Ela se isolou em Strand. Ela fugiu do trabalho, do marido e da vida.

A praia pode ser um local de renovação espiritual – foi por isso que me mudei para Strand Beach, depois que o sucesso de Silent Screams me abençoou com os meios para escapar da agitação de Dallas. A chance de minhas filhas gêmeas crescerem em uma cidade costeira idílica, de minha esposa encontrar seu próprio segundo ato e de eu me concentrar

em melhorar. Mas a triste verdade é que Emma não estava aqui para se recuperar.

Ela estava aqui para desaparecer.

E cada dia a aproximava do momento em que desapareceria sob aquelas ondas cinzentas. Ela começou essa trajetória sombria meses antes do ataque de Howard. A morte dela não ocorreu por causa dele nem apesar dele. Eu só queria ter falado com ela primeiro.

Eu desejo isso, muito.

Apenas uma simples conversa. Ou mais um jogo de quadro branco do Hangman. Ou aquele encontro cara a cara para tomar chá de gengibre (ela adorava chá de gengibre) que sempre havíamos prometido um ao outro. É difícil não ficar emocionado enquanto escrevo isso. Sou um homem solitário com falhas profundas. Nunca fiz amizades com facilidade, nem Emma, mas daria tudo para falar com essa mulher extraordinária pela última vez.

Meu querido amigo, a quem devo minha vida.

Emma, se você pudesse falar comigo, o que diria?

"Foda-se."

Ela pressiona a arma de choque no peito de Deek para desferir outro tiro de fritar os nervos, mas ele a arranca. A outra mão dele agarra seus bíceps com uma força surpreendente, prendendo-a. Ela sente seu próprio desespero aumentando, um pânico animal. Ela precisa ir embora.

“Pare”, ele sussurra. “Isso também é difícil para mim.”

Ela fecha a outra mão em punho e balança – um roundhouse bêbado que atinge seu ombro. Ele mal reage.

Fugir.

Ela luta contra o aperto dele, caindo, batendo os joelhos na madeira. Ela tenta acertar Deek novamente, mas erra completamente. Seu braço parece feito de pão molhado.

“Emma. Por favor pare."

Fugir.

Ela se solta.

“Emma—”

Ela está no chão, machucando os cotovelos, chutando para longe das mãos dele como uma criatura marinha desajeitada em terra. Ela rola de costas. Em suas mãos está um objeto que ela tirou da cintura. Algo que ela tem certeza que

o velho esqueceu.

Sua arma.

Agora apontado para sua testa.

Ela vê um flash de surpresa no rosto de Deek. Apenas um piscar de olhos. Então aquele julgamento gelado está de volta. Mesmo olhando para o cano de uma arma, a voz do velho mal vacila. “Você ainda está morto.”

"Sim." Emma consegue sorrir, suas bochechas se transformando em borracha, sua língua grossa e estranha dentro de sua própria boca, enquanto ela puxa o gatilho.

"Mas você primeiro."

O martelo bate.

Um clique vazio.

“Isso não é um assassinato”, diz Deek. “É um suicídio.”

O horror incrédulo toma conta dela. Ela continua puxando o gatilho de qualquer maneira, disparando contra o rosto dele enquanto o cilindro gira — clique, clique, clique — e ele arranca a arma. Ela mal consegue segurá-lo. Seus dedos estão alarmantemente fracos.

“Sinto muito, Emma.”

Ele estuda seu revólver à luz do lampião, como se estivesse verificando se há arranhões. Depois ele a coloca de volta na capa de chuva, satisfeito por a arma descarregada ter servido ao seu propósito. Um impedimento, ela percebe sonolenta. Caso eu tenha lutado enquanto as drogas faziam efeito...

"Apenas deixe acontecer. Vou esperar com você.

Cale a boca, ela quer dizer. Mas ela não consegue falar.

“E não vou machucar Laika.” Ele coça as orelhas do retriever. “Ela é uma garota adorável. Nomeado em homenagem ao primeiro cão cosmonauta da história em 1957, certo? É um bom nome.

Claro que ele sabe o ano exato.

“Eu cuidarei de tudo.” O velho se aproxima. "OK? Dentro de alguns dias, depois que considerarem que sua morte foi suicídio, levarei Laika para Salt Lake City. Vou encontrar Shawn. E direi pessoalmente ao seu marido que você foi um herói. Que você salvou minha vida. Eu prometo que não vou machucar nenhum deles. Entendo por que você não pode confiar em mim, mas dou minha palavra. Como seu amigo."

A ideia do duende malvado sentado na sala de jantar, consolando o marido, revira seu estômago.

“Você queria morrer, Emma. É por isso que você está aqui.

Não.

“Honestamente, se eu matasse meu bebê, eu também mataria.”

Não não não-

A casa balança como um navio afundando e Emma se agarra ao chão para se segurar. Lá fora, as ondas são ensurdecedoras através da lona, um coro estrondoso preenche sua mente. A força bruta do mar. O tempo parece coagular. Ela tenta gritar, mas seus pulmões estão gelatinosos.

“O título provisório é Murder Beach.” Deek tira seu gravador de áudio da prateleira e o inspeciona. “É um título exagerado, mas os romances estúpidos de Howard são virais agora, e minha editora quer se alinhar claramente com isso. Honestamente, estou muito feliz por trabalhar novamente.”

Guardando o gravador dela no bolso, ele abre um sorriso triste.

"Mais do que você sabe."

Ele parece se teletransportar pela sala.

Piscando vertiginosamente, Emma luta para seguir a sombra humana. Primeiro . . . ele está olhando para ela enquanto calça as luvas cirúrgicas azuis: “No meu livro, estou tentando escrever para Howard ser mais assustador. Mais malvado, frio, calculista, algo como Michael Myers com uma katana. Quaisquer floreios extras que eu possa fazer não funcionarão. . . você sabe, contradiz suas declarações à polícia.

Então . . . ele está reorganizando os copos na mesa. "Eu tenho que."

Agora . . . ele está enxugando o chá derramado com toalhas de papel. “Você sabe tão bem quanto eu que o verdadeiro Howard era um idiota. Ele não conseguia mijar sem prender o pau no zíper.”

Ele está encenando a cena, ela sabe.

Suicídio por overdose.

“Esse é o grande segredo”, ele grunhe enquanto limpa. “Na vida real, a maioria dos assassinos é chata demais. Sente-se e entreviste um deles através do vidro da prisão e, depois de cinco minutos, eu desafio você a se importar com qualquer coisa que eles tenham a dizer. Eles também nunca são inteligentes. Eles são os mais baixos e inferiores de nós, pervertidos, sociopatas ou xixi na cama que não conseguem controlar seus sentimentos. Monstros verdadeiros, como o Stockyard Slayer? Um em cem milhões.”

Facas, ela se lembra com dificuldade.

O suporte para facas.

Atrás dela.

Ela levanta o corpo e estende a mão em direção ao balcão da cozinha. Sua mão estendida parece estar a um quilômetro de seu rosto. Ela dá uma patada no porta-facas até que ele caia no chão. As lâminas deslizam pelo ladrilho.

Do outro lado da sala, Deek olha para cima e franze a testa. Ele foi teletransportado para o laptop dela agora. “Vamos, Ema. Você sabe que vou apenas limpar.

Com os dedos dormentes, ela agarra a faca mais próxima. Ela o levanta em direção ao velho com um aperto trêmulo, com a lâmina em punho. Se ele a tocar ela o abrirá. Mas ele não precisa tocá-la e sabe disso. Ele só precisa esperar que ela morra.

Ele olha de volta para o laptop. Digitando com luvas cirúrgicas azuis.

Uma nota de suicídio.

“Não se preocupe”, diz ele. “Vou fazer com que seja respeitoso.”

O diácono Cowl pensou em tudo. Ela pode ter desviado a história do curso quando matou o vilão e sobreviveu à noite, mas a autora tem uma mente cruel e engenhosa. Howard sempre gostou de dizer algo sobre isso.

Um ditado estúpido.

Ela não consegue se lembrar disso.

E ela não quer desperdiçar inteligência valiosa nisso. Porque há uma última coisa que ela pode fazer. Ela leva o fio serrilhado da faca até o antebraço e corta. Sua pele se abre e seu sangue escorre, escuro e alcatroado. Para seu horror, ela nem consegue sentir.

Ela esculpe uma letra de cada vez. Enquanto Deek digita uma mensagem falsa do outro lado da sala, ela escreve uma mensagem genuína. Ultrapassando sua própria consciência enfraquecida, suas cartas desajeitadas e infantis — mas ela sabe que o médico legista descobrirá.

A amizade à distância sempre foi sobre mensagens escritas à mão, certo? Aqui está mais um para a estrada.

DEEK ME MATOU

Ela deixa a faca cair e cai de costas.

Divirta-se, ela pensa para Deek, que agora está limpando meticulosamente a mesa em busca de impressões digitais. Você passará por todo esse trabalho e ainda será pego.

Ela está caindo em seu próprio crânio agora. É uma sensação perturbadora, totalmente diferente de adormecer. Ela pode sentir as células do seu cérebro desaparecendo, murchando, transformando-se em pequenas passas azuis. Antes que a escuridão vença, uma última constatação. Uma pontada de dor no coração, até sua alma.

Correio de voz de Shawn.

Ela nunca vai ouvir isso.

ID da T-Mobile 20775392

12/01/24 08:02:15 PST

Correio de voz

Olá, Em. Sou eu. EU . . . (INAUDÍVEL) então consegui seu novo número da polícia. Disseram que você está em Washington e que algumas coisas ruins aconteceram na outra semana. Eles não vão me contar por telefone. Eu acabei de . . . Espero em Deus que você esteja bem. Sinto sua falta. Onde quer que você esteja. Por favor, me ligue ou me mande uma mensagem ou algo assim. Eu te amo muito. Tchau.

Espere.

Há, ah. . . há mais uma coisa que tenho a dizer. Já disse isso antes, eu sei, mas estou dizendo de novo. Estou sentado no telhado agora, onde costumávamos observar as estrelas, e eu simplesmente... . . Estou com um mau pressentimento esta noite. Estou preocupado que você esteja em uma situação especialmente ruim agora, e talvez você precise ouvir isso antes de fazer algo drástico.

Escute-me. O que aconteceu com nossa filha não é culpa sua.

Eu te amo muito, Em.

Por favor volte para casa.

12/01/24 08:02:15 PST

Correio de voz

Olá, Em. Sou eu. EU . . . (INAUDÍVEL) então consegui seu novo número da polícia. Disseram que você está em Washington e que algumas coisas ruins aconteceram na outra semana. Eles não vão me contar por telefone. Eu acabei de . . . Espero em Deus que você esteja bem. Sinto sua falta. Onde quer que você esteja. Por favor, me ligue ou me mande uma mensagem ou algo assim. Eu te amo muito. Tchau.

Espere.

Há, ah. . . há mais uma coisa que tenho a dizer. Já disse isso antes, eu sei, mas estou dizendo de novo. Estou sentado no telhado agora, onde costumávamos observar as estrelas, e eu simplesmente... . . Estou com um mau pressentimento esta noite. Estou preocupado que você esteja em uma situação especialmente ruim agora, e talvez você precise ouvir isso antes de fazer algo drástico.

Escute-me. O que aconteceu com nossa filha não é culpa sua.

Eu te amo muito, Em.

Por favor volte para casa.

38

Ela está em um carro.

O zumbido de um motor. O rangido da suspensão.

Ela está percorrendo uma costa negra, em algum lugar frio e úmido e longe de casa. Sem faróis. O motorista deve estar navegando ao luar. Estrelas picadas, areia e ondas correm para fora. Ela está enfiada no banco de trás. O cinto de segurança a mantém em pé.

Um homem está sentado ao lado dela.

É Howard.

Seu peito se contrai de terror, mas ele é apenas um passageiro. Ele também está afivelado. Seu pescoço se torce para encará-la – um osso estalando nos nós dos dedos – e em seu hálito ela sente cheiro de suco de vapor, Mtn Dew e um novo odor de terra. Decair.

Ela se prepara para mais ódio, para vitríolo. Você não pode criar, Emma. A única coisa que você criou em toda a sua vida, você matou.

Isso nunca acontece.

Em seu colo, Howard segura punhados brilhantes de aço. Os fragmentos de sua katana. Ele olha para seu brinquedo quebrado e depois para ela com olhos leitosos. “Sinto muito”, diz ele.

Ela não consegue falar. Sua boca está muito seca.

Eles não estão sozinhos. Na fileira de assentos atrás deles, Emma reconhece Jules Phelps sentado em silêncio com o rosto enterrado nas mãos. E um homem cujo nome ela não consegue lembrar. Seus olhos e nariz estão cortados. Seus pulsos são cotos brilhantes.

Emma fecha os olhos.

O jipe continua navegando pela praia escura.

O rosto de Howard se aproxima dela, seus ossos rangendo, agora desconfortavelmente perto, com a barba fazendo cócegas em sua bochecha. “Você não recebeu a dose completa. Você vomitou um pouco. Ele olha para frente, para o motorista. Então ele sussurra em seu ouvido: “Você ainda

consegue, Emma. Se você quiser muito.

Ela o ignora. Ela está farta de Howard. Ela está em um carro cheio de cadáveres caídos rumo à eternidade e, claro, a única pessoa que ela quer ver não está aqui. Shawn está a mil milhas de distância.

Ela chama o motorista com uma voz estridente. "Ei."

Deek olha para o espelho retrovisor.

“Você pode, por favor, acrescentar algo a essa nota de suicídio?” ela pergunta, lutando contra a calúnia sonolenta em suas palavras. “Uma mensagem para Shawn. EU . . . Eu desapareci quando ele mais precisou de mim. Depois que Shelby morreu, eu não sabia como ficar de luto. Eu simplesmente desliguei. Eu estava com medo de sentir isso com ele, e isso não é desculpa. Preciso que Shawn saiba. . .”

Ela engasga. Mesmo com o rosto entorpecido, ela sente as lágrimas chegando.

“Eu só preciso que ele saiba que sinto muito.”

Silêncio. A suspensão balança sobre uma elevação arenosa.

Deek assente.

Ele olha para o horizonte escuro e depois para ela pelo retrovisor. “Não”, ele diz finalmente. “Gosto mais do que escrevi.”

Aí está.

Sua mochila Osprey verde está no centro do caminho rochoso. Ela pode ver que está cheio de novo, repleto de trinta ou trinta quilos de pedras. O diácono Cowl, em sua meticulosidade, embalou-o com mais peso do que ela jamais fez.

Talvez a versão dele seja realmente melhor.

Ela está vagamente consciente das mãos enrugadas dele em seu corpo, tirando-a do jipe e jogando-a no cascalho compactado. Eles estão a cem metros do paredão rochoso na ponta mais ao norte da ilha — até onde ele consegue dirigir seu equipamento com segurança — e o céu está sem nuvens, um vazio vasto e estrelado. Ela pode ver galáxias. Ela se lembra de apontar constelações para Shawn, bêbados e rindo juntos no telhado. Aquilo, bem ali, aquele grande aglomerado, é Cygnus. O cisne.

Esse é o Serpens.

E Sagitário.

Agora Deek está guiando a mochila pesada sobre os ombros – primeiro a alça direita, depois a esquerda – e apertando bem as fivelas. Ela está fraca demais para resistir. Seus músculos parecem lama. Ela nem consegue levantar a cabeça. Deek tira os tênis, um de cada vez, e os coloca cuidadosamente em cima

de uma pedra ao lado do telefone e da aliança de casamento. Um belo toque.

"Quase esqueci."

Ao lado, ele coloca o medalhão de prata de Emma, aberto para revelar o rosto de Shelby Lynne Carpenter, de bochechas vermelhas e bocejando, com menos de seis horas de vida.

“Eu menti sobre ligar para minhas filhas amanhã.” Deek suspira. “Sinto muito, mas não adianta. Quebrei a maçã do rosto da mãe deles quando eles tinham quatorze anos. Eu nem me lembro de ter batido nela. Ou por que fiz isso. Só me lembro de pedir desculpas freneticamente, tentando levá-la ao pronto-socorro, mas estava bêbado demais para perceber que Alexis havia escondido minhas chaves. Então Annie me trancou do lado de fora. Como um animal. Sentei-me na entrada da garagem e chorei enquanto a ambulância chegava. Foi o pior momento da minha vida, o maior erro que já cometi, e um único telefonema, uma década depois, não mudará isso. Eles nunca, jamais, me perdoarão, e eu fiz as pazes com isso.” Ele olha para ela. “Eu sei que você vai entender...”

Ele para.

Então ele franze a testa. Ele levanta bruscamente o antebraço de Emma e afasta o sangue seco para revelar suas letras esculpidas. A mensagem gravada em sua carne.

Ela resmunga: “Surpresa, idiota”.

Ele estuda isso.

Então ele deixa o pulso dela cair. “Não importa. Você será comida de peixe.”

Ela sente outra pontada de ódio por esse homem, entorpecido pela anestesia. Ela entende agora que o coquetel cuidadosamente preparado não tem a intenção de matar por overdose. É apenas para paralisá-la, para deixá-la indefesa e incapaz de se libertar da mochila pesada quando está debaixo d’água. Uma nova versão do Stockyard Slayer. Afinal, Deacon Cowl estuda assassinos em série para viver.

Quando os seus restos mortais chegarem à costa – dentro de semanas, meses ou talvez nunca – estarão irreconhecíveis. Ela se tornará o espectro com cara de barro que costumava imaginar nos espelhos; seus olhos e boca desapareceram, sua pele encharcada e cinza. Sua mensagem esculpida desaparecerá. Todos os vestígios dos produtos químicos em seu sistema também desaparecerão. Ele planejou tudo.

A mente astuta e precisa que a desmantelou no Carrasco, que sabia o nome de Emma muito antes de ela o revelar.

Ele a senta ereta agora. Olho no olho à luz das estrelas.

“Estou terminando meu primeiro rascunho esta noite.” Ele beija a testa dela.

Ela mal sente seus lábios de papel e se concentra no céu acima.

Órion.

Touro.

Mensa.

“Eu gostaria que terminasse de forma diferente para você.”

Ela está drogada demais para sentir pânico ou medo. Ela já passou disso de qualquer maneira. Tudo o que resta é uma tristeza densa que enche seu peito como cimento molhado, desgosto pelo que ela está deixando para trás.

E essa. Vê aquele grupo de estrelas? Esse é o meu favorito, o Andrômeda Galax—

Ela não tem certeza de como exatamente o velho a deixou cair na beira do cais. Talvez ele a tenha empurrado. Talvez ele a tenha largado como se fosse lixo. Ela só sabe que de repente está sem peso, com o ar frio assobiando em seus ouvidos. Então ela bate em uma pedra incrustada de cracas. Depois outra, e ela vira uma boneca de pano para o lado, caindo esparramada, e então uma escuridão gelada surge de todos os lados e ela percebe que agora está debaixo d’água.

Já.

Aconteceu tão rápido.

Ela nem teve tempo de respirar fundo. E ela está afundando. A mochila pesada vira sua face para cima e ela observa as estrelas aquosas desaparecerem enquanto ela é arrastada cada vez mais fundo na escuridão. Seus dedos estão dormentes, lentos na água gelada do mar. Ela puxa as alças da mochila, mas elas estão apertadas demais. Suas unhas dobram. E ela está ficando sem oxigênio.

Ela agora entende: seu pesadelo recorrente de afogamento no oceano era real. Sempre foi real. Todo o resto foi o sonho. De uma forma doentia, ela finalmente acordou, no lugar frio e escuro para o qual sempre foi destinada.

Mesmo sem ar nos pulmões, ela quer gritar com a injustiça disso. Ela lutou tanto. Tão difícil.

Ela luta, se debate, chuta.

Não há diferença. Ela ainda está afundando.

Mas ainda . . . puxando, puxando, ela solta uma alça da mochila. Ela se abre – sim! – e ela torce o ombro esquerdo para fora.

Meio livre – mas não realmente. O ombro direito é o problema; a fivela de plástico está enrolada sob a axila. Inacessível. Muito escuro para ver. Ela está agora muito abaixo da superfície, em algum lugar no cemitério do Pacífico, a luz das estrelas diminuindo, a mochila arrastando-a ainda mais fundo.

Ela tenta. Ela não pode.

Ela está desaparecendo.

Acima, as estrelas desapareceram. Até eles morrerão algum dia.

Sua boca e seios nasais estão cheios de água salgada, mas de alguma forma ela sente o cheiro acre de fumaça de borracha. Pastilhas de freio queimadas. A água negra se abre e a luz do sol incandescente arde em seus olhos. Ela se lembra de se debater para a direita, colocando a mão protetora na borda do assento do carro de Shelby no banco de trás enquanto eles derrapavam, apenas um instinto de fração de segundo, e ela está plenamente consciente de que esse pequeno reflexo acrescentou mais um número inteiro à terrível equação.

Seu telefone cai virado para cima. Seu aplicativo Outlook aberto.

O cinto de segurança aperta sua garganta.

No silêncio surreal após o impacto, Shawn agarra o ombro dela. “Puta merda. Essa foi por pouco."

E ele está certo. Parecia uma colisão fatal, mas tornou-se apenas um golpe superficial. Quase um pára-choque dobrador. E agora Emma espera ouvir Shelby em meio à desorientação, rudemente arrancada de seu cochilo, começando a chorar - mas ela não ouve nada do banco de trás. Nada mesmo.

O ar parece rarefeito.

“Shelby?”

Suas palavras estão cheias de sangue acobreado. Não importa quão pequena foi a colisão – não existe algo menor quando você tem um bebê a bordo.

Por favor Deus.

Tudo o que importa é Shelby.

Por favor-

Ela tira o cinto de segurança, um batimento cardíaco mais rápido que o marido, e abre a porta para o calor sufocante de julho, e o motorista do caminhão já está saindo da cabine e perguntando se eles estão bem, e ela ignora. ele, escorregando com os pés trêmulos e agarrando a maçaneta da porta traseira, abrindo-a...

Por favor por favor por favor-

Ela desafivela a cadeirinha do carro, agarra o corpo frágil de Shelby, tão leve e terrivelmente flácido, e a levanta e a tira do carro, caindo no acostamento de cascalho e segurando a filha, sabendo o que ela sempre soube, que a inércia, a gravidade e a cinética força e seu próprio desejo egoísta de evitar a família de Shawn se alinharam exatamente assim—

Os olhos de Shelby estão abertos.

Ela está viva.

Emma percebe isso quando cai com força sobre o cóccix. Ela não consegue acreditar. Os olhos de Shelby são do azul mais claro, as pupilas procurando e fixando-se nos dela, cheias de vida e curiosidade. É impossível. Não foi assim

que aconteceu. Mas é real.

Ela pressiona a filha contra o peito.

"Estou aqui."

Ela respira através de um redemoinho de cabelos finos. Loira, assim como a de Shawn. Ela não sente aquele cheiro doce e ensaboado de caspa há meses. Ela estava tão certa de que nunca mais sentiria o cheiro. Ela sente o corpinho se agitar novamente em seu abraço com dedos ávidos, daquele jeito especial que é ao mesmo tempo dolorosamente fraco e alarmantemente forte, e Emma olha para o duro céu azul e solta um suspiro estranho e sufocado. Isso explode dentro dela, cinco meses de agonia comprimida, tudo desaparecendo em um instante quando Shelby toca seu rosto com dedos macios e em desenvolvimento.

"Estou aqui." Emma sabe que é impossível. Ela não se importa. Em algum lugar distante, em um cofre frio e escuro, suas unhas permanecem presas na última alça de plástico da mochila, que segura outra pessoa debaixo d'água.

Shelby está viva.

Shelby está bem.

Está tudo bem.

"Eu estou aqui, baby."

Em seus momentos finais, espero que ela tenha encontrado paz.

Há um consolo que todos podemos encontrar na memória de Emma Carpenter: o conhecimento de que, onde quer que ela esteja agora, ela não está mais sofrendo. Meu coração se parte profundamente por ela, porque na imensidão de sua dor silenciosa e incessante, o suicídio realmente parecia ser a única saída. Como pai, não consigo imaginar como deve ter sido perder uma filha pequena dessa forma. Tal culpa deve ser sísmica, devastadora. Emma lidou com o impensável da única maneira que conhecia: abandonando o marido, isolando-se em um ambiente controlado e tentando processar um pequeno pedaço de cada vez. Como comer uma montanha. Às vezes simplesmente não é possível sozinho.

Este relato de Howard Grosvenor Kline seria negligente se não incluísse a corajosa mulher que o deteve – e o seu próprio destino trágico nas semanas que se seguiram. Dessa forma, é tanto a história de Emma quanto de Howard. Para mim, ela não era apenas uma jovem extraordinária que lutou para salvar a vida de estranhos e também de seu golden retriever.

Ela também era minha amiga.

Espero que ela soubesse o quanto eu a admirava. Sempre me lembrarei de nossos jogos da Forca de longa distância, jogados através de um telescópio durante muitas tardes preguiçosas em Strand. Ela sempre me batia! Ela adivinhava minhas palavras com intuição sobrenatural, todas as vezes. Até hoje não sei como ela fez isso. E nossas inúmeras conversas no quadro branco, discutindo livros que lemos, filmes que amamos. Ela era tão afiada. Incisivo. Opinativo. Ela pode ter
a sido uma mulher quieta, relutante em falar, mas quando colocou seus
, pensamentos por escrito? Atenção. Às vezes, até hoje, enquanto preparo meu café da manhã, ainda olho pela janela para a casa dos Kline e meio que espero ver uma mensagem no quadro branco com a letra de Emma. Eu desejo.

Deus, eu mataria por uma chance de falar com ela novamente.

Só mais uma vez.

Eu diria a ela o seguinte: o que aconteceu com sua filha não foi culpa sua.

Mas — e isto é difícil de dizer — talvez eu compreenda a dor dela. Porque a verdade é que uma parte de mim sempre me culpará pelo que aconteceu com Emma. Sim, sempre me sentirei pessoalmente responsável pela morte dela. Tenho certeza de que fiz tudo o que pude como vizinho e amigo dela - e salvamos a vida um do outro várias vezes naquela noite - mas ainda assim gostaria de tê-la ajudado mais. Se ao menos eu soubesse.

Se apenas.

Dizem que as maiores batalhas que travamos são internas. E é verdade. Durante o massacre de Strand Beach, ela venceu todas as batalhas externas com Howard Grosvenor Kline – tanto a lâmina quanto as balas – mas naquela noite quase gelada de janeiro, duas semanas depois, sob um céu claro e estrelado, Emma Carpenter perdeu sua maior batalha dentro de si mesma.

O fim

Espero que ela soubesse o quanto eu a admirava. Sempre me lembrarei de nossos jogos da Forca de longa distância, jogados através de um telescópio durante muitas tardes preguiçosas em Strand. Ela sempre me batia! Ela adivinhava minhas palavras com intuição sobrenatural, todas as vezes. Até hoje não sei como ela fez isso. E nossas inúmeras conversas no quadro branco, discutindo livros que lemos, filmes que amamos. Ela era tão afiada. Incisivo. Opinativo. Ela pode ter sido uma mulher quieta, relutante em falar, mas quando colocou seus pensamentos por escrito? Atenção. Às vezes, até hoje, enquanto preparo meu café da manhã, ainda olho pela janela para a casa dos Kline e meio que espero ver uma mensagem no quadro branco com a letra de Emma. Eu desejo.

Deus, eu mataria por uma chance de falar com ela novamente.

Só mais uma vez.

Eu diria a ela o seguinte: o que aconteceu com sua filha não foi culpa sua.

Mas — e isto é difícil de dizer — talvez eu compreenda a dor dela. Porque a verdade é que uma parte de mim sempre me culpará pelo que aconteceu com Emma. Sim, sempre me sentirei pessoalmente responsável pela morte dela. Tenho certeza de que fiz tudo o que pude como vizinho e amigo dela - e salvamos a vida um do outro várias vezes naquela noite - mas ainda assim gostaria de tê-la ajudado mais. Se ao menos eu soubesse.

Se apenas.

Dizem que as maiores batalhas que travamos são internas. E é verdade. Durante o massacre de Strand Beach, ela venceu todas as batalhas externas com Howard Grosvenor Kline – tanto a lâmina quanto as balas – mas naquela noite quase gelada de janeiro, duas semanas depois, sob um céu claro e estrelado, Emma Carpenter perdeu sua maior batalha dentro de si mesma.

O fim

Intersticial

Agradecimentos

Todos os livros ocupam uma vila, e Murder Beach não é exceção.

Em primeiro lugar, a minha eterna gratidão aos excelentes homens e mulheres do Departamento de Polícia de Strand Beach pela sua cooperação, assistência e amizade ao longo de muitos anos. À equipe administrativa: não posso agradecer o suficiente pela ajuda. Ao meu velho amigo e colega conhecedor de uísque, o promotor público Ted Wilcox: obrigado pelo acesso privilegiado a esta investigação multifacetada e em constante evolução. Ao veterano cabo Eric Grayson: você é um excelente homem da lei, um verdadeiro amigo, e sempre guardarei com carinho minhas lembranças dos churrascos noturnos com você e sua esposa, a indomável Star Grayson (que ela descanse em paz). Meu trabalho como jornalista muitas vezes me colocou ao lado das autoridades policiais, onde testemunhei e apreciei o perigo que enfrentam todos os dias. Eles são realmente os melhores entre nós. Obrigado, mais uma vez, a todos os oficiais de todas as jurisdições, pelo seu trabalho incansável em nos manter protegidos de criaturas como Howard.

Devo enfatizar novamente aqui que não sinto nenhuma justificativa ou satisfação em ter sido provado que estava certo sobre as circunstâncias da morte de Laura Birch em 2011 – apenas uma dor renovada e profunda por ela e sua família. Nunca a conheci pessoalmente, mas lembro-me de ter visto Howard e Laura juntos para estudar depois da escola, e mesmo à distância sei que testemunhei uma jovem dinâmica, brilhante e promissora. Após o massacre de dezembro, o coração da comunidade ficou novamente partido por Laura Birch.

Um grande obrigado às minhas editoras Sara Paulson e Haley Bradford, e às minhas equipes jurídica e de publicidade enquanto embarcamos na aventura de dar forma a este rascunho. E à minha nova

agente Lauren Michaelson, por me contratar em tempo recorde enquanto assinavamos este grande acordo.

Dizem que um escritor nunca escolhe o livro – o livro escolhe você. Como um eremita divorciado de 66 anos que (até recentemente) se considerava aposentado, não posso deixar de concordar. Nunca esperei escrever uma continuação de Silent Screams em meus anos de crepúsculo, nem poderia imaginar que desta vez testemunharia as atrocidades em primeira mão. Sempre soube que meu vizinho era um indivíduo problemático, mas ninguém poderia ter previsto tais profundezas ocultas. Às vezes, o mal mais negro não está rondando na floresta do mito da fogueira. Às vezes é ao lado. Às vezes ele mora lá há anos.

Cuidado com seus vizinhos, queridos leitores.

Nunca se sabe.

Quinze por cento dos rendimentos deste título irão para as famílias das vítimas de Howard Kline. Dez por cento a mais para o grupo de defesa das vítimas, The Way Forward, com sede em Dallas. Os últimos quinze por cento – bem como a primeira parcela do meu próprio adiantamento – irão para vários grupos de prevenção e conscientização sobre suicídio em todo o país, em nome de Emma. Espero que ela aprove.

E, finalmente, com um coração compassivo, este livro é dedicado à memória daqueles que perderam a vida pelas mãos de Howard Grosvenor Kline. A Jules Phelps, Jake Stanford e Laura Birch. E, por último, minha querida amiga Emma Carpenter.

Sua dor acabou.

Você pode descansar agora.

agente Lauren Michaelson, por me contratar em tempo recorde enquanto assinavamos este grande acordo.

Dizem que um escritor nunca escolhe o livro – o livro escolhe você. Como um eremita divorciado de 66 anos que (até recentemente) se considerava aposentado, não posso deixar de concordar. Nunca esperei escrever uma continuação de Silent Screams em meus anos de crepúsculo, nem poderia imaginar que desta vez testemunharia as atrocidades em primeira mão. Sempre soube que meu vizinho era um indivíduo problemático, mas ninguém poderia ter previsto tais profundezas ocultas. Às vezes, o mal mais negro não está rondando na floresta do mito da fogueira. Às vezes é ao lado. Às vezes ele mora lá há anos.

Cuidado com seus vizinhos, queridos leitores.

Nunca se sabe.

Quinze por cento dos rendimentos deste título irão para as famílias das vítimas de Howard Kline. Dez por cento a mais para o grupo de defesa das vítimas, The Way Forward, com sede em Dallas. Os últimos quinze por cento – bem como a primeira parcela do meu próprio adiantamento – irão para vários grupos de prevenção e conscientização sobre suicídio em todo o país, em nome de Emma. Espero que ela aprove.

E, finalmente, com um coração compassivo, este livro é dedicado à memória daqueles que perderam a vida pelas mãos de Howard Grosvenor Kline. A Jules Phelps, Jake Stanford e Laura Birch. E, por último, minha querida amiga Emma Carpenter.

Sua dor acabou.

Você pode descansar agora.

Intersticial

Departamento de Polícia de Strand Beach

Incidente nº: 000197-1C-2024
9h05 PST

Recepção: Polícia de Strand Beach.

Chamador: Olá. Bom dia. Esta é a linha não emergencial, certo?

Recepção: Sim, senhor.

Chamador: Meu nome é Deacon Cowl e sou. . . bem, estou preocupado com meu vizinho.

Recepção: O que aconteceu?

Chamador: Fui vê-la ontem à noite, mas ela não atendeu a porta. E já é de manhã, já passa das nove, e ainda não vi as luzes dela acenderem. Posso solicitar uma verificação de bem-estar?

Recepção: Talvez ela esteja fora da cidade?

Chamador: Eu só tenho um arquivo . . . pressentimento. Algo está errado.

Recepção: Podemos fazer uma verificação de bem-estar para você, senhor. Qual é o endereço dela?

Chamador: 937 Wave Drive.

Recepção: OK. E a que horas você bateu na porta dela ontem à noite?

Chamador: Cerca de oito ou nove. Eu queria alcançá-la agora que ambos tínhamos saído do hospital. Além disso, eu tinha alguns papéis que precisava que ela assinasse.

Recepção: papelada?

Chamador: Sim. Eu sou o diácono Cowl. Autor local. Estou aposentado há algum tempo, mas estou cobrindo os assassinatos de Howard Kline para meu próximo livro. E esta

mulher é uma heroína. Espero entrevistá-la extensivamente—

Recepção: Quando você a viu pela última vez?

Chamador: É por isso que estou preocupado. EU . . . Eu sei que ela está lutando contra a depressão. Mesmo antes do ataque. Ela estava de luto pela morte de sua filha pequena. Lembro-me de como costumava vê-la fazer essas caminhadas diárias na praia. E eu notava que ela ficava na altura do tornozelo ou da cintura, às vezes mais fundo, como se ela estivesse pensando em ir mais longe, e quando eu perguntava a ela sobre isso, ela era sempre tão evasiva, envergonhada. Estou preocupado que ela possa estar lutando contra... . . (INAUDÍVEL)

Recepção: Lutando com o quê?

Chamador: Você sabe. Pensamentos suicidas. E outro dia, eu a vi no quintal com uma mochila verde. Parecia que ela estava coletando pedras pesadas de seu jardim. E enfiá-los nele.

Recepção: Você está dizendo que acha que ela pode ter se afogado?

Chamador: Tenho medo disso. Sim. Estou tão preocupado que Emma tenha feito algo terrível. Ela é tão inteligente. Tão resistente. Tão corajoso. Mas eu sei que ela sempre lutou com seu próprio interior...

Recepção: Espere. O nome dela é Ema?

Chamador: Sim.

Recepção: Emma Carpenter?

Chamador: Sim. Por que?

Recepção: Ela está aqui.

Chamador: O quê?

Recepção: Ela está em nossa estação. Agora mesmo. Ela entrou há apenas alguns minutos...

Chamador: Ela está viva?

Recepção: Sim.

Chamador: Você é. . . você tem certeza?

Recepção: Acabei de ligar para ela, pouco antes de você ligar. Ela simplesmente passou pela porta do saguão – sem sapatos, sem carteira, sem telefone – e pediu para falar com um policial.

Chamador: Não.

Recepção: Ainda estamos descobrindo o que aconteceu com ela ontem à noite, mas sim, senhor, posso confirmar que sua vizinha Emma Carpenter está viva e segura conosco no centro da cidade agora. Você deve estar tão aliviado.

. . . Senhor, você ainda está aí?

. . . Senhor?

CHAMADA DESCONECTA

Recepção: Ainda estamos descobrindo o que aconteceu com ela ontem à noite, mas sim, senhor, posso confirmar que sua vizinha Emma Carpenter está viva e segura conosco no centro da cidade agora. Você deve estar tão aliviado.

. . . Senhor, você ainda está aí?

. . . Senhor?

CHAMADA DESCONECTA

39

Quando ela dá seu depoimento à polícia, com os olhos vermelhos e de ressaca, com os pés descalços em carne viva e cortados depois de caminhar onze quilômetros até o centro de Strand Beach, ela é deliberadamente vaga sobre o que consegue se lembrar nos momentos depois que Deacon Cowl a jogou do paredão rochoso. Ela foi drogada, sofreu uma concussão e quase ficou inconsciente, com uma mochila pesada prendendo-a bem abaixo das ondas. A perda de memória é esperada.

Mas a verdade é que Emma se lembra de ter abraçado a filha sob o sol forte de julho.

"Eu te amo muito."

Ela se lembra de cada detalhe. As lágrimas nublando seus olhos, a maneira como os dedinhos de Shelby agarraram os cachos do cabelo de Emma, tão fortes e fracos, confiantes e curiosos.

“Papai e eu temos”, disse ela. “Você é nossa garotinha milagrosa. Você nos ajudou a vencer as adversidades. Você deve saber o quanto sentimos sua falta. Não consigo nem colocar isso em palavras, querido. Você é meu coração. Todo o meu coração. E algum dia verei você novamente, Shelby. Eu prometo. Algum dia estarei com você para sempre. Mas . . .”

Beijando o couro cabeludo da filha, ela baixou a voz.

Apenas um sussurro.

"Mas ainda não."

Quando a segunda e última alça da mochila se soltou entre as pontas dos dedos de Emma. Um fecho de plástico sob a axila. Como algemas sendo liberadas, uma força poderosa foi desencadeada.

Ela sentiu seu corpo correr para cima.

Ainda não.

E então explodindo para a superfície sob galáxias de estrelas imaculadas, o céu noturno mais claro e mais bonito que ela já viu, Caelum, Taurus e Andrômeda e até mesmo a poeira cósmica vermelho-rubi da Nebulosa de Orion

antes que a corrente a dominasse e a levasse para terra.

Adeus, meu coração.

antes que a corrente a dominasse e a levasse para terra.

Adeus, meu coração.

Epílogo

Um arco passa por cima como o pescoço de um dinossauro de concreto.

W_LCOME PARA STRAND BEACH

Emma sempre sentiu uma estranha mistura de emoções ao voltar para casa depois de longas viagens, uma espécie de melancolia feliz. A casa liga calorosamente, mas os dias que passamos aqui acabaram. Quando você voltar, você estará mais velho. Talvez você não volte de jeito nenhum.

Ao atravessar a fina ponte de concreto, Strand encolhe no espelho retrovisor, passando de um lugar para uma ideia. Ela não olha para trás. Ela abre uma janela para que Laika possa deslizar o rosto para fora e aproveitar a rajada de ar chuvoso, sua língua batendo descontroladamente, a alegria flutuante de ir rápido Não é exatamente uma órbita, mas servirá.

Estamos indo rápido, mãe.

"Sim. Nós somos."

A estrada é longa. Subindo colinas cobertas de sempre-vivas gotejantes, em torno de estuários salobros e lodaçais arenosos. A terra sobe. As árvores ficam mais espessas. A névoa do mar se dissipa e o mundo parece ficar mais nítido.

Estamos indo tão rápido.

Na rodovia, os quilômetros passam e Laika descansa com as patas cruzadas no banco de trás. Com um cochilo revigorante planejado para a meia-noite, Emma estima que chegará a Salt Lake City ao amanhecer. Em algum lugar perto de Port Swanson ou Port Hanson ou talvez de Tortland (as cidadezinhas chuvosas ficam todas confusas), ela vê cervos na beira da estrada. Uma corça de cauda branca e um pequeno cervo malhado escalam juntos a berma gramada.

O cervo segue timidamente a mãe com pernas ainda novas - mas olha para Emma.

Como se a reconhecesse.

Então as duas formas marrons passam rapidamente e, quando Emma olha para o espelho retrovisor, elas já desapareceram.

A trezentos metros acima do nível do mar, em uma passagem nas montanhas de Cascades, ela finalmente reuniu coragem para ligar para o marido. Ela fica do lado de fora do centro de visitantes, na beira do estacionamento, observando o pôr do sol tornar as camadas de neve alaranjadas.

No quarto toque, ele atende.

“Emma?”

Ela ainda não está pronta para isso. O som de sua voz aperta seu coração.

"Você está aí?"

Ela tenta falar, mas seus pulmões estão vazios.

“Emma? Você está bem?"

"Sim. Eu sou." Ela engole em seco, segurando o telefone, firmando a voz. “Algumas coisas aconteceram. Eu vou explicar mais tarde. Apenas saiba que estou bem e que Space Dog também está.

Silêncio.

Ele diz: “Você não parece bem”.

“Pela primeira vez em meses, acho que estou.” Ela olha de volta para seu Corolla, para o rosto branco de Laika na janela. “E eu estou voltando para casa.”

Seu marido suspira.

Uma respiração instável e crepitante. Uma emoção que ela não consegue ler.

Ela repete: “Estou voltando para casa”.

Seu mantra, sussurrado mil vezes para a pista de corrida. Estou voltando para casa. Ela está perguntando a ele? Ela está contando a ele? Ela ainda tem uma casa para onde voltar? Talvez as coisas dela estejam guardadas em um depósito. Talvez eles tenham sido doados. Talvez Shawn e sua família já tenham ficado de luto por ela também, e se despediram de Shelby e Emma e seguiram em frente. Talvez ela seja apenas seu próprio fantasma e já seja tarde demais. Ela não sabe. Ela não pode saber. E há mais a dizer, muito mais, mas tudo está dolorosamente coagulado dentro do seu peito. Ela está tentando formar as palavras.

diz!

Ela não pode.

“Emma? Você ainda está aí?"

diz!

Sem auto-edições.

“Emma, eu não entendo o que você está...”

"Desculpe." Sai como uma veia cortada: “Sinto muito, Shawn, pelo que fiz você passar. E eu entendo por que você está com raiva. Você deveria estar. Deveríamos ser uma equipe. Eu fiz uma promessa sobre isso. Devíamos ter sofrido juntos e apoiado um ao outro e, em vez de fazer isso, entrei no carro, fug

e forcei você a sofrer sozinho a morte de nossa filha. Tornei tudo muito mais difícil para você. Para nós dois. E você não precisa me perdoar. Esse é o seu direito. Eu magoei-te."

Ela para para respirar.

Ele fareja. Um estalo de estática.

"Shawn, eu abandonei você quando você precisou de mim."

Ele não diz nada.

A luz escura incide sobre o centro de visitantes. Ela está sozinha aqui. Ela verifica a tela do telefone – sim, a chamada ainda está completa. O cronômetro de chamada ainda conta em segundos.

Emma sente de novo, o inexorável puxão para baixo. A enormidade das coisas não ditas, indizíveis. Talvez isso tenha sido um erro. O sol está escurecendo atrás do pico mais próximo, a passagem da montanha sombreada por um lago frio de escuridão. Mesmo assim, o marido não diz nada.

Ela dá um tapinha na bolsa por instinto, desejando um cigarro. Antes de sair de Strand Beach, ela fumou o último de seu maço amassado, também prometeu ser o último, com o Velho Policial em um banco no calçadão com vista para as ondas.

Malditos escritores, cara. Ela deu uma longa tragada. Talvez eles sejam todos malucos.

O velho policial — não, o nome dele é Eric — riu até tossir. O que mais você pode fazer? E então ele suavizou e tocou seu ombro.

Lembre-se, Ema. Tempo. Lágrimas. E conversando.

Ela assentiu.

Naquele dia, ela também visitou os pais de Jake Stanford. Na varanda da frente, ela lhes disse que a última entrega do filho naquela noite, o pacote que lhe custou a vida, foi um item que ajudou a salvar a de Emma. Ela sentiu que eles mereciam saber disso.

Por último, ao sair, ela parou no sebo de Strand Beach e comprou um livro amarelado de Silent Screams. Na contracapa, um Deek preto e branco, duas décadas mais jovem e claramente no ápice de sua vida, acena conscientemente com a mão levantada até a aba de seu chapéu de feltro. Um gesto que ela já viu antes.

Senhora.

Howard estudou seu ídolo, tudo bem.

O rosto ainda lhe dá arrepios. O cabelo prateado. A mandíbula quadrada. Os olhos penetrantes. Esse rosto sempre existirá na história – mesmo que a polícia encontre o próprio homem morto em sua poltrona reclinável, com as entranhas liberadas e seu revólver honorário ainda na boca. Em seu quadro branco, um

boneco totalmente desenhado estava pendurado em um laço.

O antebraço de Emma ainda coça enquanto cicatriza. A cicatriz, por mais sutil que seja, permanecerá em sua pele para sempre: DEEK ME MATOU. Como uma tatuagem, uma lembrança do que ela quase perdeu.

Quase.

Ela estremece no ar da montanha e verifica a tela do telefone novamente – já faz mais de um minuto. O marido dela ainda não falou. Ela pode ouvir suas respirações distantes, um ritmo fraco na estática. “Shawn?”

Silêncio doloroso.

Ela teme a resposta.

Quando finalmente chega, sua voz é quase inaudível acima do zumbido da rodovia: “Emma. . . onde você está?"

Ela lê uma placa. “Cimeira Glaciar.”

“A estação de esqui?”

"Não. Um centro de visitantes.

Silêncio novamente.

Seu peito aperta.

“Tudo bem”, ele diz. “Parece que o ponto médio exato entre aquele centro de visitantes e nossa casa é. . . uh, uma pequena cidade chamada Brighton. Está em Idaho. Cinco horas e quatorze minutos de mim. Cinco horas e onze minutos de você. Estou entrando na minha caminhonete agora mesmo. . .” – ao fundo, ela ouve uma porta se fechar – “e te encontro no meio do caminho. OK? Sinto muito, mas mal posso esperar até amanhã. Eu simplesmente não posso, Emma. Sua ligação foi a melhor coisa que me aconteceu em não me lembro quanto tempo, e preciso ver você e Space Dog o mais rápido possível. Hoje. Essa noite. Em cinco horas e quatorze minutos.”

Lágrimas nublam os olhos de Emma e ela ri com um arrepio. Ela desliza e se agacha contra a parede de tijolos do prédio.

Ele faz uma pausa. "É aquele . . . tudo bem?"

"Sim." Ela balança a cabeça com força, enxugando os olhos. "Sim Sim Sim-"

"Eu te amo muito."

"Eu também te amo."

“Brighton”, Shawn promete. “Encontro você lá.”

boneco totalmente desenhado estava pendurado em um laço.

O antebraço de Emma ainda coça enquanto cicatriza. A cicatriz, por mais sutil que seja, permanecerá em sua pele para sempre: DEEK ME MATOU. Como uma tatuagem, uma lembrança do que ela quase perdeu.

Quase.

Ela estremece no ar da montanha e verifica a tela do telefone novamente – já faz mais de um minuto. O marido dela ainda não falou. Ela pode ouvir suas respirações distantes, um ritmo fraco na estática. “Shawn?”

Silêncio doloroso.

Ela teme a resposta.

Quando finalmente chega, sua voz é quase inaudível acima do zumbido da rodovia: “Emma. . . onde você está?"

Ela lê uma placa. “Cimeira Glaciar.”

“A estação de esqui?”

"Não. Um centro de visitantes.

Silêncio novamente.

Seu peito aperta.

“Tudo bem”, ele diz. “Parece que o ponto médio exato entre aquele centro de visitantes e nossa casa é. . . uh, uma pequena cidade chamada Brighton. Está em Idaho. Cinco horas e quatorze minutos de mim. Cinco horas e onze minutos de você. Estou entrando na minha caminhonete agora mesmo. . .” – ao fundo, ela ouve uma porta se fechar – “e te encontro no meio do caminho. OK? Sinto muito, mas mal posso esperar até amanhã. Eu simplesmente não posso, Emma. Sua ligação foi a melhor coisa que me aconteceu em não me lembro quanto tempo, e preciso ver você e Space Dog o mais rápido possível. Hoje. Essa noite. Em cinco horas e quatorze minutos.”

Lágrimas nublam os olhos de Emma e ela ri com um arrepio. Ela desliza e se agacha contra a parede de tijolos do prédio.

Ele faz uma pausa. "É aquele . . . tudo bem?"

"Sim." Ela balança a cabeça com força, enxugando os olhos. "Sim Sim Sim-"

"Eu te amo muito."

"Eu também te amo."

“Brighton”, Shawn promete. “Encontro você lá.”

Agradecimentos

Obrigado a todos que tornaram este livro possível.

A Jaclyn e aos meus pais, obrigado por suas leituras iniciais extremamente importantes e por seu apoio e paciência contínuos enquanto eu frequentemente ficava sentado em transe, num silêncio zumbi, tentando resolver problemas em minha cabeça. Este foi um romance divertido de escrever - com que frequência você escreve uma página de falsos agradecimentos para o vilão da sua história? - mas também foi um quebra-cabeça desafiador que eu não conseguiria resolver sozinho.

Um enorme obrigado ao meu agente, David Hale Smith, e a Naomi Eisenbeiss da Inkwell Management por orientar este projeto desde a ideia até a conclusão, e ao meu gerente, Chad Snopek, pela leitura inicial extremamente valiosa do rascunho.

Minha infinita gratidão à editora Jennifer Brehl, da William Morrow, por ajudar a esculpir esta história (particularmente seu terceiro ato) e por me dar todo o feedback certo em cada etapa. E muito obrigado a toda a equipe da William Morrow e da HarperCollins, incluindo Nate Lanman e Danielle Bartlett e à editora Nancy Inglis por levar este livro aos leitores na melhor forma possível.

E um grito para a verdadeira Laika, a golden retriever que se sentou fielmente ao meu lado enquanto grande parte deste romance era escrita, junto com nossa chihuahua Clementine.

Por último, um agradecimento aos meus leitores pelo apoio e entusiasmo. Se que, dado que este reconhecimento está num romance sobre um autor malvado que aterroriza um leitor, isso pode soar como uma ameaça, mas prometo que nãc é! Obrigado a todos pela leitura. Tenho muita sorte de poder fazer isso.

Agradecimentos

Obrigado a todos que tornaram este livro possível.

A Jaclyn e aos meus pais, obrigado por suas leituras iniciais extremamente importantes e por seu apoio e paciência contínuos enquanto eu frequentemente ficava sentado em transe, num silêncio zumbi, tentando resolver problemas em minha cabeça. Este foi um romance divertido de escrever - com que frequência você escreve uma página de falsos agradecimentos para o vilão da sua história? - mas também foi um quebra-cabeça desafiador que eu não conseguiria resolver sozinho.

Um enorme obrigado ao meu agente, David Hale Smith, e a Naomi Eisenbeiss da Inkwell Management por orientar este projeto desde a ideia até a conclusão, e ao meu gerente, Chad Snopek, pela leitura inicial extremamente valiosa do rascunho.

Minha infinita gratidão à editora Jennifer Brehl, da William Morrow, por ajudar a esculpir esta história (particularmente seu terceiro ato) e por me dar todo o feedback certo em cada etapa. E muito obrigado a toda a equipe da William Morrow e da HarperCollins, incluindo Nate Lanman e Danielle Bartlett, e à editora Nancy Inglis por levar este livro aos leitores na melhor forma possível.

E um grito para a verdadeira Laika, a golden retriever que se sentou fielmente ao meu lado enquanto grande parte deste romance era escrita, junto com nossa chihuahua Clementine.

Por último, um agradecimento aos meus leitores pelo apoio e entusiasmo. Sei que, dado que este reconhecimento está num romance sobre um autor malvado que aterroriza um leitor, isso pode soar como uma ameaça, mas prometo que não é! Obrigado a todos pela leitura. Tenho muita sorte de poder fazer isso.

Sobre o autor

TAYLOR ADAMS é autora de vários thrillers aclamados, incluindo Hairpin Bridge e No Exit. No Exit foi publicado em trinta e dois idiomas e recentemente lançado como um filme Hulu Original. Adams mora no estado de Washington.

Descubra grandes autores, ofertas exclusivas e muito mais em hc.com.

Sobre o autor

TAYLOR ADAMS é autora de vários thrillers aclamados, incluindo Hairpin Bridge e No Exit. No Exit foi publicado em trinta e dois idiomas e recentemente lançado como um filme Hulu Original. Adams mora no estado de Washington.

Descubra grandes autores, ofertas exclusivas e muito mais em hc.com.

Também por Taylor Adams

Ponte em gancho

Sem saída

Nossa última noite

Visão

Também por Taylor Adams

Ponte em gancho

Sem saída

Nossa última noite

Visão



Sign up for Bookperk and get e-book bargains, sneak peeks, special offers, and more—delivered straight to your inbox.

SIGN UP NOW

direito autoral

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia e não devem ser interpretados como reais. Qualquer semelhança com eventos, locais, organizações ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

a última palavra. Copyright © 2023 de Taylor Adams. Todos os direitos reservados pelas Convenções Internacionais e Pan-Americanas de Direitos Autorais. Mediante o pagamento das taxas exigidas, você recebeu o direito não exclusivo e intransferível de acessar e ler o texto deste e-book na tela. Nenhuma parte deste texto pode ser reproduzida, transmitida, baixada, descompilada, submetida a engenharia reversa ou armazenada ou introduzida em qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, agora conhecido ou futuramente inventado. , sem a permissão expressa por escrito dos e-books da HarperCollins.

primeira edição

Arte © brickrenna/Shutterstock, Inc.

Design da capa por Elsie Lyons

Fotografias da capa © Yannik Willing/Arcangel Images (casa); ©Shutterstock

Os dados de catalogação na publicação da Biblioteca do Congresso foram solicitados.

Edição Digital ABRIL 2023 ISBN: 978-0-06-322291-5

Imprimir ISBN: 978-0-06-322289-2

direito autoral

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia e não devem ser interpretados como reais. Qualquer semelhança com eventos, locais, organizações ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

a última palavra. Copyright © 2023 de Taylor Adams. Todos os direitos reservados pelas Convenções Internacionais e Pan-Americanas de Direitos Autorais. Mediante o pagamento das taxas exigidas, você recebeu o direito não exclusivo e intransferível de acessar e ler o texto deste e-book na tela. Nenhuma parte deste texto pode ser reproduzida, transmitida, baixada, descompilada, submetida a engenharia reversa ou armazenada ou introduzida em qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, agora conhecido ou futuramente inventado. , sem a permissão expressa por escrito dos e-books da HarperCollins.

primeira edição

Arte © brickrenna/Shutterstock, Inc.

Design da capa por Elsie Lyons

Fotografias da capa © Yannik Willing/Arcangel Images (casa); ©Shutterstock

Os dados de catalogação na publicação da Biblioteca do Congresso foram solicitados.

Edição Digital ABRIL 2023 ISBN: 978-0-06-322291-5

Imprimir ISBN: 978-0-06-322289-2

Sobre a editora

Austrália
HarperCollins Publishers Australia Pty.
Nível 13, Rua Elizabeth 201
Sydney, NSW 2000, Austrália
www.harpercollins.com.au

Canadá
HarperCollins Editora Ltda
Bay Adelaide Centre, Torre Leste
Rua Adelaide, 22 Oeste, 41º andar
Toronto, Ontário, M5H 4E3
www.harpercollins.ca

Índia
HarperCollins Índia
A 75, Setor 57
Noida
Utar Pradesh 201 301
www.harpercollins.co.in

Nova Zelândia
Editora HarperCollins Nova Zelândia
Unidade D1, 63 Apollo Drive
Rosedale 0632
Auckland, Nova Zelândia
www.harpercollins.co.nz

Reino Unido
HarperCollins Publishers Ltd.
1 Rua da Ponte de Londres
Londres SE1 9GF, Reino Unido
www.harpercollins.co.uk

Estados Unidos
HarperCollins Publishers Inc.
195 Broadway
Nova York, NY 10007
www.harpercollins.com

